



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“AS VIDAS DE ZUZU”
AS MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS SOBRE ZUZU ANGEL NOS JORNAIS FOLHA DE
SÃO PAULO E O GLOBO (1985-1998)

ANA PAULA MOREIRA PINTO DUARTE

BRASÍLIA

2018

ANA PAULA MOREIRA PINTO DUARTE

“AS VIDAS DE ZUZU”
AS MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS SOBRE ZUZU ANGEL NOS JORNAIS FOLHA DE
SÃO PAULO E O GLOBO (1985-1998)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como requisito necessário para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: História Cultural, Memórias e Identidades.

Orientadora: Prof^a. Dra. Eloísa Pereira Barroso.

BRASÍLIA

2018

ANA PAULA MOREIRA PINTO DUARTE

“AS VIDAS DE ZUZU”

**AS MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS SOBRE ZUZU ANGEL NOS JORNAIS FOLHA DE
SÃO PAULO E O GLOBO (1985-1998)**

Brasília, 19 de março de 2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Eloísa Pereira Barroso

PPPGHis/Universidade de Brasília - UnB

Prof. Dr. Daniel Barbosa Andrade de Faria

PPPGHis/Universidade de Brasília - UnB

Prof^ª. Dr^ª. Maria Helenice Barroso

SEDF

Prof^ª. Dr^ª. Neuma Brilhante Rodrigues (Suplente)

Departamento de História/Universidade de Brasília

À Ana, à Gentila e ao Paulo, meus amores.
À minha vó Joana Pinto de Serqueira, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos é gratificante, pois significa que concluímos mais uma etapa, e mais do que isso, demonstra que uma pesquisa de mestrado não é feita individualmente, mas em coletividade, a partir da contribuição de várias pessoas.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Professora Dra. Eloísa Pereira Barroso, que me acolheu nessa jornada com inúmeras contribuições e elucidações didáticas. Lembro-me do nosso primeiro encontro, você sempre tão acolhedora e apesar das minhas limitações, acreditou na realização desse trabalho. Serei sempre grata.

Às Professoras Dras. Maria Helenice Barroso e Ione de Fátima Oliveira, pelas contribuições realizadas na Defesa do Projeto.

Ao Professor Ms. Antônio Luiz de Souza e à Professora Dr. Maria Cristina Nunes Neto, os primeiros a me ouvirem e me incentivarem a estudar as memórias de Zuzu Angel. O período da graduação em história foi enriquecedor, pois tive vocês como professores.

Aos Professores do PPHGis-UnB, que durante as aulas das disciplinas apresentaram discussões fundamentais para a elaboração da presente dissertação. E aos funcionários da Administração do PPHGis-UnB, Jorge e Rodolfo, sempre atenciosos e gentis comigo.

À toda equipe da Fundação Aroeira por permitir a conciliação entre o trabalho e o desenvolvimento da pesquisa. Em especial, agradeço aos meus colegas de sala, Wesley Moura Fernandes, José Luiz Lopes Garcia, Fabiana Dourado e Saulo Ferreira de Jesus, que me ouviram falar tantas vezes do Mestrado.

Às minhas amigas “Divas da História”: Heloísa, Meire, Karla e Késia. Obrigada pelas mensagens de motivação e apoio.

Aos meus pais, Gentila Moreira Pinto Duarte e Paulo Martins Duarte. Vocês são o meu alicerce, a força que preciso para seguir sempre.

À minha irmã querida, Ana Caroline Moreira Pinto Duarte. Sou grata por você ter escutado inúmeras vezes as minhas dúvidas, minhas ideias, meus argumentos. Como sou feliz por tê-la como irmã.

Ao meu noivo, Antônio Ludekrystyan Gomes da Silva, por ouvir um assunto tão distinto do seu e por compreender as minhas ausências.

Agradeço a todos que de certa forma contribuíram com a produção da dissertação.

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo analisar as memórias constituídas da vida de Zuzu Angel pelos jornais Folha de São Paulo e o Globo entre 1985 a 1998. Para o referencial teórico foram utilizados conceitos da História Cultural, como representação, imaginário social e identidade. Publicações dos jornais Folha de São Paulo e O Globo que citavam o nome de Zuzu Angel entre os anos de 1985 a 1998 foram selecionadas, tendo estas sido analisadas a partir de pressupostos e contribuições do Paradigma Construcionista, que compreende que a mídia faz uma seleção dos acontecimentos e constrói a notícia, construção essa permeada pelas questões culturais e sociais dos jornais e dos próprios jornalistas. Zuzu Angel foi uma importante estilista durante o Brasil Republicano, reconhecida em âmbito nacional e internacional por apresentar uma moda “genuinamente brasileira”. Seu filho, Stuart Angel Jones (1945-1976), militante político, exerceu atividades de resistência durante o regime ditatorial, sendo preso, torturado e assassinado pelos órgãos de segurança nacional. Com o desaparecimento, posteriormente a comprovação da morte de Stuart, Zuzu Angel, utilizando-se de sua profissão e das suas influências internacionais, buscou meios de cobrar do governo brasileiro, esclarecimentos sobre o paradeiro de seu filho, no entanto, sua “luta” de cinco anos (1971-1976) encerrou-se em um acidente automobilístico, tendo os militares como os mentores. Foi construída uma memória da mãe-coragem, que enfrentou um regime autoritário para ter o direito de enterrar seu filho. Na dissertação analisamos como ocorreu a construção da memória da mãe-coragem durante o período de redemocratização por meio da análise de discursos jornalísticos. Percebemos que as representações da estilista nos jornais Folha de São Paulo e O Globo não se desassociaram da ditadura militar, inclusive foram produzidas de acordo com um lugar de fala e um espaço temporal.

Palavras-chave: Zuzu Angel, ditadura militar, memória, representação, O Globo, Folha de São Paulo.

Abstract

The present dissertation aimed to analyze the memories constituted of the life of Zuzu Angel by the Folha de São Paulo and Globo newspapers from 1985 to 1998. As theoretical reference were used concepts of Cultural History, such as representation, social imaginary and identity. Publications of the newspapers Folha de São Paulo and O Globo were selected for the research, which cited the name of Zuzu Angel between the years of 1985 and 1998, which were analyzed from the assumptions and contributions of the Constructivist Paradigm, which understands that the media does a selection of events and builds the news, construction permeated by the cultural and social issues of newspapers and the journalist himself. Zuzu Angel was an important stylist during the Republican Brazil, recognized nationally and internationally for presenting a "genuinely Brazilian" fashion. Her son, Stuart Angel Jones (1945-1976), political activist, exerted activities of resistance during the dictatorial regime, being arrested, tortured and murdered by the organs of national security. With the disappearance, later evidence of Stuart's death, Zuzu Angel, using her profession and international influences, attempted to find ways to charge the Brazilian government for clarification of the whereabouts of her son, however, her five years "struggle" (1971-1976) ended in an auto accident, with the military as the mentor. It was built a memory of mother-courage, who fought an authoritarian regime to have the right to bury her child. In the dissertation we analyze how the memory-building of the mother-courage occurred during the period of the Brazilian redemocratization through the analysis of journalistic discourses. We noticed that the representations of the stylist in the Folha de São Paulo and O Globo newspapers were not disassociated from the military dictatorship point of view or conception, they were even produced according to a place of speech and a temporal space.

Palavras-chave: Zuzu Angel, military dictatorship, memory, representation, O Globo, Folha de São Paulo.

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Candidatos às eleições de 15 de novembro de 1989 (Presidência da República)..	75
Tabela 2 - Tabela dos Candidatos às eleições de 03 de outubro de 1994 (Presidência da República).....	84
Tabela 3 – Quantidade de Matérias Jornalísticas do Jornal Folha de São Paulo que citaram a Zuzu Angel entre 1985 a 1998	131
Tabela 4 – Quantidade de Matérias Jornalísticas do Jornal O Globo que citaram a Zuzu Angel entre 1985 a 1998	132
Tabela 5 – Matérias Jornalísticas Publicadas no Jornal Folha de São Paulo que citaram Zuzu Angel entre 1985 a 1998.....	156
Tabela 6 – Matérias Jornalísticas Publicadas no Jornal O Globo que citaram Zuzu Angel entre 1985 a 1998	206

ABREVIATURAS

- AI** Ato Institucional
- ANC** Assembléia Nacional Constituinte
- ARENA** Aliana Renovadora Nacional
- BIRD** Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento
- CGT** Comando Geral dos Trabalhadores
- CPI** Comissão Parlamentar de Inquérito
- CUT** Central Única dos Trabalhadores
- ESG** Escola Superior de Guerra
- FAF** Fundo de Aplicações Financeiras
- MDB** Movimento Democrático Brasileiro
- MR-8** Movimento Revolucionário Oito de Outubro
- FMI** Fundo Monetário Internacional
- FMP** Frente de Mobilização Popular
- FSP** Folha de São Paulo
- IOF** Imposto sobre Operações Financeiras
- IPI** Imposto sobre Produtos Industrializados
- PAEG** Programa de Ação Econômica do Governo
- PCB** Partido Comunista Brasileiro
- PCdoB** Partido Comunista do Brasil
- PCN** Partido Comunitário Nacional
- PEC** Proposta de Emenda à Constituição
- PDC** Partido Democrático Cristão
- PDS** Partido Democrático Social
- PDT** Partido Democrático Trabalhista
- PFL** Partido da Frente Liberal
- PL** Partido Liberal
- PLF** Partido do Levy Fidélis
- PMB** Partido Municipalista Brasileiro
- PMDB** Partido do Movimento Democrático Brasileiro
- PMN** Partido da Mobilização Nacional
- PN** Partido Nacionalista
- PND** Plano Nacional de Desenvolvimento

PNRA Plano Nacional de Reforma Agrária
PP Partido Popular
PPB Partido do Povo Brasileiro
PPR Partido Progressista Reformador
PRONA Partido da Reedificação da Ordem Nacional
PRN Partido da Reconstrução Nacional
PSD Partido Social Democrático
PSDB Partido da Social Democracia Brasileira
PSP Partido Social Progressista
PT Partido Trabalhista
PTB Partido Trabalhista Brasileiro
PV Partido Verde
SNI Serviço Nacional de Informações
TRD Taxa Referencial Diária
UDR União Democrática Ruralista
URV Unidade Real de Valor
USI União Sindical Independente

Sumário

Introdução	8
Capítulo 1. As vidas de Zuzu	19
1.1 Quem foi Zuzu Angel?	19
1.2 Zuzu Angel no campo Acadêmico.	32
Capítulo 2. As diversas narrativas: o tempo vivido por Zuzu Angel e o tempo da pesquisa	45
2.1 O tempo vivido por Zuzu Angel: A ditadura militar (1964-1985).....	45
2.2 O tempo da pesquisa (1985-1998): redemocratização e governos neoliberais	59
Capítulo 3. Memória, Representação, Identidade e Mídia: os percursos teórico- metodológicos da pesquisa	88
3.1 Memória, Identidade e Representação: a memória como construção	88
3.2 “Por que estudar a mídia?”	102
3.3 A construção do acontecimento.....	111
Capítulo 4. O lugar de fala dos jornais e as representações de Zuzu Angel	119
Considerações Finais	139
Referências Bibliográficas	144
Anexos	152
Anexo I – Matérias Jornalísticas Publicadas no Jornal Folha de São Paulo que citaram Zuzu Angel entre 1985 a 1998.....	152
Anexo II – Matérias Jornalísticas Publicadas no Jornal O Globo que citaram Zuzu Angel entre 1985 a 1998	157

Introdução

A presente dissertação tem como objeto de estudo a análise da memória de Zuleika Angel Jones, ou apenas Zuzu Angel (1921-1976) construída pelos jornais Folha de São Paulo e O Globo durante os anos de 1985 a 1998. A escolha desse objeto deu-se por meio de vários questionamentos, que surgiram a partir da minha subjetividade e do meu lugar de fala, ou seja, das permissões e interdições possibilitadas pela Instituição Educacional a qual pertencço (Universidade de Brasília) e das questões culturais e sociais que permitiram a escrita da dissertação. Como Certeau¹ destacou, a produção historiográfica parte de um tempo e de um espaço, que conduz as indagações e as seleções realizadas pelo historiador.

O meu primeiro contato com as representações de Zuzu Angel ocorreu em 2012, quando precisei escolher um personagem político para a elaboração de um projeto de Iniciação Científica na área de conhecimento da Nova História Política. O projeto visou um estudo da biografia da estilista e como sua vida esteve associada ao seu tempo, especificamente à ditadura militar. Fiquei encantada com a vida de Zuzu, uma mulher que alcançou o auge profissional como modista e mesmo diante de um regime repressivo, lutou por seus ideais. Descobri que foi lançada em 2006 uma produção fílmica da Rede Globo sobre sua vida², que na cidade do Rio de Janeiro tem um Instituto de Moda com o seu nome, e, até uma música foi composta por Miltoninho e Chico Buarque (Angélica). A partir de sua vida foram criadas inúmeras representações.

Representação, como apontado por Chatier³, de um modo geral, consiste em repor um objeto em imagem e fazê-lo presente. No caso, da vida de Zuzu Angel, percebemos que houveram inúmeras representações; midiáticas, fílmicas, livros memorialísticos, dentre outros. Essas representações trouxeram ao presente uma determinada realidade sobre a vida da *designer*, bem como construíram memórias.

No decorrer da análise das fontes da Iniciação Científica e depois na produção da monografia do curso de História, percebi o quanto as representações de Zuzu seguiam uma linearidade e uma ordem. Sua vida era apresentada de forma cronológica, primeiramente na década de 1960, quando alcançou o auge como *fashionista*, com suas roupas alegres, consideradas “genuinamente brasileiras”; segundo, no papel da mãe que precisou lutar contra a

¹ CERTAU, Michel. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

² ZUZU ANGEL, Arquivo N, **Globo News**, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lbc8qmYPav0> Acessado em 11 de fev. 2018, às 09h.

³ CHATIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 5, nº 11, p. 184.

repressão para ter o direito de enterrar seu filho, e por fim, uma Zuzu completamente diferente na década de 1970, a “costureira intelectual”⁴. Diante de tal cronologia, comecei a indagar como se dava a construção dessas memórias.

Zuzu teve sua vida associada à ditadura militar (1964-1985), por reivindicar entre os anos de 1971 a 1976 explicações ao governo brasileiro sobre o desaparecimento e posteriormente da morte de seu filho, Stuart Angel Jones, além de denunciar as arbitrariedades daquele governo à imprensa e aos órgãos internacionais. Seu filho, Stuart Angel era militante do MR-8, foi preso em 1971 pelos militares devido às suas práticas de oposição à ditadura. Antes da prisão de Stuart, Zuzu havia alcançado o auge de sua carreira como *fashionista*, uma vez que costurava para pessoas influentes da sociedade, como a primeira-dama Iolanda Barbosa da Costa e Silva (1967-1969), no Brasil e, nos Estados Unidos costurou para atrizes como Liza Minelli, Kim Novak e Joan Crawford. É considerada como a primeira estilista brasileira que valorizou as características nacionais, inclusive exportou suas produções para o exterior.

O interesse por estudar Zuzu, desde as minhas primeiras pesquisas, correspondeu à possibilidade de analisar não somente uma biografia ou um personagem, mas como a construção das suas representações está associada à ditadura militar (1964-1985). Não presenciei a ditadura, mas conheci pessoas que foram torturadas e tinham em sua fala a angústia e a tristeza de terem vivenciado práticas de supressão dos seus direitos humanos. Conheci também outras pessoas, a exemplo dos meus pais e avôs que não chegaram a enfrentar a repressão, e que, questionadas por mim, sobre seu sentimento em relação aos governos militares, consideraram-nos como um momento de “ordem”.

Na Universidade, os estudos sobre a ditadura sempre me interessaram e diversas indagações surgiram, principalmente a forma como se fizeram legítimos os discursos dos presos políticos ou de seus familiares, através de produções jornalísticas, literárias, fílmicas, gravações de especiais televisivos, dentre outros. Recentemente, com as manifestações em prol do “*impeachment*” de Dilma Rousseff, vimos suscitar a legitimação de uma memória de que durante a ditadura houve ordem e o progresso, que não havia corrupção e por isso o país poderia passar novamente por uma intervenção militar, inclusive, na primeira década dos anos 2000, um dos editoriais da Folha de São Paulo referiu-se à ditadura brasileira como “ditabranda”⁵.

Durante a ditadura militar brasileira o governo assumiu uma postura autoritária, ou seja, cassou mandatos, prendeu e torturou aqueles que tomaram uma prática de oposição, censurou a imprensa, estabeleceu uma política de segurança nacional, enfim, tornou-se um Estado

⁴ VALLI, Virgínia. **Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

⁵ Termo utilizado no editorial da Folha de São Paulo em 17 de fevereiro de 2009.

altamente repressor que suprimiu as liberdades individuais. Apesar de completar no ano de 2018, 54 anos do golpe e 33 anos do seu fim, como apontado por Frederico Celso⁶, questões “que estiveram presentes e ocasionaram o movimento golpista de 1964 continuam sendo de uma desagradável atualidade”⁷, a exemplo das reformas de base, da problemática da economia, e dos embates entre a “esquerda” e a “direita”. Percebemos que além desses fatores, há uma disputa pela memória do regime militar, tanto por aqueles que tenham presenciado a ditadura, ou não.

A construção da memória do regime militar é algo em movimento, até porque como nos demonstrou Benjamin⁸, a memória são como fragmentos, estilhaços de um passado representado no presente a partir das demandas sociais e culturais. Hoje, devido à criação da Comissão Nacional da Verdade⁹, foi possível analisar os casos de vários desaparecimentos e assassinatos de presos políticos, bem como investigar acidentes ocasionados pelos militares, como por exemplo, o acidente que levou a óbito Zuzu Angel. Além disso, existe uma vasta documentação disponível para análise. Esses fatores influenciam na memória da ditadura, que desde o período de redemocratização está associada a um regime autoritário.

Compreendemos que a memória é algo construído, que de acordo com o lugar e o tempo de sua produção, influencia na forma como determinado acontecimento deve ser lembrado. No período de 1985 a 1998, nomeado de redemocratização, os governos brasileiros tinham como plataformas políticas a inserção na sociedade de práticas de respeito à liberdade de expressão, direito ao voto, direito de opinar nas questões políticas do país, enfim, havia uma clara pretensão de construção de um Estado democrático. Obviamente, as mudanças geradas na nova conjuntura política interviam na produção das memórias, principalmente de Zuzu Angel, que vivenciou o regime e foi vítima dele.

Dessa forma, no início da pesquisa tínhamos duas indagações: como a memória de Zuzu Angel como mãe-coragem foi construída? A sua memória está relacionada a uma memória da ditadura militar? Para responder a essas questões a escolha das fontes foi fundamental. Os jornais Folha de São Paulo e O Globo, atualmente os maiores periódicos de circulação nacional, publicaram ao longo do século XX e início do século XXI inúmeras matérias jornalísticas que

⁶ FREDERICO, Celso. 40 anos depois, *in*: **O golpe e a ditadura militar**: 40 anos depois. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

⁷ *Ibid.*, p. 103

⁸ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-234. (Obras Escolhidas, v. 1).

⁹ Comissão Nacional da Verdade foi criada pela Lei 12528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012. A CNV tem por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988.

citavam Zuzu Angel. Essas publicações influenciaram na construção da memória, pois foram discursos proferidos ainda que de maneira não claramente intencional, mas que revelaram alguns propósitos, principalmente o de não se fazer esquecer a importância da estilista para o campo da moda, bem como apresentar a repressão do regime.

O recorte temporal da pesquisa corresponde a 1985 a 1998, período pós-ditadura militar. Nesse período, diversas produções foram elaboradas destacando as memórias do regime de exceção, principalmente livros memorialísticos, pesquisas acadêmicas, editoriais de jornais, filmes, documentários. Também houve a promulgação da Constituição de 1988, a criação da Comissão de Mortos e Desaparecidos Políticos pela Lei nº 9.140, de 04 de dezembro de 1995, uma das primeiras conquistas dos familiares de mortos e desaparecidos políticos no Brasil e, a abertura dos arquivos da ditadura. A construção da memória da ditadura militar esteve presente na mídia brasileira, que escreveu sobre diferentes guerrilheiros e suas lutas pelo reestabelecimento da democracia. Assim, analisamos como os dois jornais impressos, situados em duas cidades de grande importância nacional, construíram diversas representações e memórias de uma única trajetória do regime de exceção.

Esta pesquisa insere-se na linha de pesquisa História Cultural, Memórias e Identidades. A partir dos estudos da História Cultural, não se busca a verdade definitiva de um acontecimento, até porque sabemos que o passado não pode ser analisado em uma totalidade, pois recebemos fragmentos de uma realidade. Esse passado histórico é dado por construções entre a cultura, a sociedade e o sujeito, que individualmente e coletivamente, em um lugar social e em um espaço temporal, constroem representações de um passado, que são permeadas pelas relações de poder. Com a História Cultural o historiador pode trabalhar com diferentes linguagens; o cinema, a literatura, as sensibilidades, o urbanismo, a história oral, dentre outras.

Na pesquisa trabalhamos com os jornais, pois eles possibilitam compreender como as sociedades construíram suas representações em determinado período de tempo. Como Lapuente destacou¹⁰, os jornais não são homogêneos, como se o processo de construção das representações fossem algo interno e sem quaisquer conflitos. Eles são produzidos a partir das relações de poder, de questões internas da Instituição e de outros fatores externos, como a censura, o público alvo que espera-se atingir. Nesse sentido, as representações de Zuzu Angel em O Globo e na Folha de São Paulo não se deram como algo isolado, sem interferências da cultura e da política. Inclusive, essas representações geradas foram construídas de acordo com

¹⁰ LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: **10º Encontro Nacional de História e Mídia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

mudanças ideológicas dos próprios jornais, sendo perceptível, na década de 1990, a construção de uma memória que desassociasse os jornais da imagem de apoiadores do Golpe de 1964.

Os jornais são representações subjetivas que evidenciam diferentes experiências atreladas aos interesses dos jornalistas, dos donos dos jornais, bem como do público que se espera atingir, como argumenta Eliezer Felix Souza¹¹, “o texto é uma produção coletiva, haja vista que sofre a interferência de ideias de muitos agentes sociais”¹². O jornal impresso, no presente trabalho, teve papel principal como fonte historiográfica, já que permite uma análise da constituição das memórias da Zuzu Angel, memórias essas que são múltiplas.

Para a análise dos jornais recorreremos aos conceitos da teoria do Jornalismo e utilizamos como pressuposto teórico as contribuições do Paradigma Construcionista. Essa perspectiva compreende que a mídia faz uma seleção dos acontecimentos e constrói a notícia. Essa construção está permeada pelas questões culturais e sociais dos jornais e do próprio jornalista. Nesse sentido, as publicações da Folha de São Paulo e do O Globo resultam das demandas do seu tempo de produção. Assim, chegamos à compreensão de que não há como falar das representações dos jornais sem discutir ditadura militar e sem entender os principais eventos ocorridos entre 1985 a 1998.

As fontes selecionadas estão disponíveis nos sites do O Globo¹³ e da Folha de São Paulo¹⁴, e a partir da aba de busca da página, pesquisamos por matérias que citaram o nome de Zuzu Angel entre 1985 a 1998. Ao total foram 369 jornais selecionados, 50 da Folha de São Paulo e 319 do O Globo. O jornal carioca produziu mais matérias do que a FSP, até porque as principais homenagens e eventos ocorreram no Rio de Janeiro, cidade onde Zuzu viveu nos últimos anos da sua vida. Além disso, Hildegard Angel, filha de Zuzu, trabalhou como colunista social no O Globo durante anos, o que contribuiu para a publicação de matérias sobre sua mãe. Não realizamos uma discussão comparativa entre os jornais, até porque esse não foi um de nossos objetivos. Como já dito, buscamos compreender como dois jornais de cidades importantes no contexto nacional, construíram memórias de uma personagem da ditadura militar.

Os jornais foram organizados em uma tabela do Excel, em que foram inseridos os seguintes dados: ano, mês e dia da publicação, caderno e página, autor, título e principal assunto. Esses dados recolhidos estão anexados ao final da dissertação. Com a sistematização

¹¹SOUZA, Eliezer Felix. A imprensa como fontes para a pesquisa em história e educação. In: **VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas: História, Sociedade e Educação no Brasil**. Unicamp, Campinas, 2009.

¹²Ibid, p. 3.

¹³ Acervo O Globo, disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/>.

¹⁴ Acervo Folha de São Paulo, disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>

das fontes foi possível selecionar as principais matérias que permitiram a problematização da construção da memória de Zuzu Angel. Em um âmbito geral, poucos trabalhos na historiografia buscaram analisar a construção da memória de personagens que vivenciaram a ditadura militar durante o período de redemocratização. Dessa forma, acreditamos que há uma contribuição para os estudos do Brasil da Nova República.

A dissertação foi organizada em quatro capítulos. O primeiro dedicou-se a uma explanação sobre a vida de Zuzu Angel e as representações construídas acerca dela ao longo dos anos. Na primeira parte apresentamos a sua vida por meio do livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho*, escrito por Virgínia Valli. Essa obra é composta por vários textos de pessoas que conviveram com a estilista entre 1971 a 1976 e presenciaram a sua luta em prol de Stuart. Além de um capítulo intitulado *My of the dead*, escrito por Valli em primeira pessoa, como se Zuzu estivesse narrando. O livro teve como inspiração algumas laudas manuscritas da *designer*. Na segunda parte do primeiro capítulo, discorremos a respeito dos trabalhos acadêmicos produzidos acerca de Zuzu. Ela foi tema de diversos trabalhos acadêmicos na área do *Design*, da história, das ciências sociais e humanas. Apresentamos como a memória de uma mãe-coringem foi construída não somente nos discursos jornalísticos, mas em diversas áreas.

No segundo capítulo problematizamos o tempo vivido por Zuzu Angel, a ditadura militar (1964-1985), e o tempo da pesquisa; o período de redemocratização e a instauração dos governos neoliberais (1985-1998). Discorremos, em um primeiro momento, sobre os principais eventos ocorridos entre 1964 a 1985 e a relação com a vida da estilista, principalmente entre os anos de 1971 a 1976. No segundo momento do capítulo, tratamos da reinstauração de um governo democrático e como isso influenciou na produção de matérias jornalísticas sobre Zuzu Angel e a ditadura militar.

No terceiro capítulo as discussões centralizaram-se nos percursos teórico-metodológicos da pesquisa. Primeiro abordamos os conceitos de memória, identidade e representação. Entendemos que os discursos jornalísticos criaram representações que deram conta de uma realidade vivenciada por Zuzu durante a ditadura militar, esta concepção e estes conceitos nortearam o desenvolvimento da pesquisa. Posteriormente, discutimos sobre a mídia e as suas possibilidades de análise.

Por último, no terceiro capítulo, problematizamos o lugar de fala e as representações de Zuzu Angel. O lugar que os jornais ocupam autorizam que sejam construídos discursos compreendidos pela sociedade como legítimos, e, que produzem memórias. No entanto, esse lugar é permeado por questões sociais e políticas, que de acordo com o tempo de produção das

matérias influenciam no que deve ser publicado. As representações de Zuzu Angel, assim, não se desassociam das permissões de escrita e indagações da ditadura militar.

Por fim, a dissertação em tela foi organizada de maneira que apresentasse a complexidade de construção das memórias de Zuzu Angel pelos jornais Folha de São Paulo e O Globo. Não pretendemos apresentar uma totalidade da vida de Zuzu ou comprovar a veracidade das notícias publicadas, mas discorrer sobre como os discursos jornalísticos influenciam na construção de memórias de um período recente da história brasileira. Como mencionado, esse trabalho tem o intuito de contribuir para a historiografia na medida em que existem poucas problematizações nesse âmbito, e instiga para se pensar sobre a construção da memória da ditadura durante o período de redemocratização.

Capítulo 1. As vidas de Zuzu

1.1 Quem foi Zuzu Angel?

Em 5 de junho de 1921 nasceu Zuleika de Souza Netto no município de Curvelo (MG). Após seu nascimento, sua família mudou-se para Belo Horizonte (MG), cidade onde viveu por alguns anos. Aos 22 anos, Zuleika se casou com o canadense, naturalizado estadunidense, Normam Angel Jones. O casal morou durante quatro anos em Salvador, onde nasceu o primeiro filho, Stuart Edgar Angel Jones. Em 1947, mudaram-se para o Rio de Janeiro, nascendo logo em seguida suas duas filhas, Hildergard Beatriz Angel Jones e Ana Cristina Angel Jones. A partir dos anos 1957, Zuleika começou a vender algumas peças de roupas que costurava. Nesse mesmo período passou a ser conhecida apenas como Zuzu. Em 1960, com o fim do casamento e por meio de seu trabalho como *fashionista*/figurinista, ela utilizou da costura como meio para sustentar seus filhos. No final de década de 1960, tornou-se conhecida nacionalmente e internacionalmente por apresentar uma moda “genuinamente brasileira”. Quando Zuzu alcançou o auge de carreira, seu filho primogênito Stuart desapareceu em 1971, sendo comprovado posteriormente, sua prisão, tortura e assassinato pelos órgãos de segurança nacional¹⁵. Durante cinco anos Zuzu assumiu uma postura contra o governo ditatorial, cobrando explicações sobre o paradeiro de seu filho. Entretanto, na noite do dia 13 de maio de 1976, a *fashionista* sofreu um acidente automobilístico, que ocasionou o seu falecimento.

A vida de Zuzu Angel pode ser descrita somente em um parágrafo? A vida da estilista perpassou por momentos distintos da história brasileira e internacional. O século XX caracterizou-se por diversos conflitos e embates econômicos e sociais. Em âmbito internacional, ocorreu a crise econômica de 1929, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Guerra Fria. No cenário nacional, aconteceu a Revolução de 30, seguida de uma ditadura durante o governo de Getúlio Vargas, o Estado Novo (1937-1945). Posteriormente, os governos de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), Getúlio Vargas (1951-1954), Café Filho (1954-1955), Carlos Luz (1955), Nereu Ramos (1955-1956) e Juscelino Kubitschek (1956-1961).

Zuzu Angel, enquanto profissional, obteve seu apogeu, principalmente, no governo de Kubitschek. O presidente mineiro, durante seu governo, se mudou para o Rio de Janeiro e diante

¹⁵Stuart Edgar Angel Jones (1945-1971), pertencia a organização política Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8). Stuart consta na lista de desaparecidos políticos do anexo I, da Lei nº 9.140/95. Seu caso recebeu o nº 197/96 na CEMDP. Seu nome também consta no *Dossiê ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)*, organizado pela Comissão de Familiares de Mortos e Desaparecidos Políticos. No relatório da Comissão da Verdade, reconhece-se a prisão, tortura e assassinato de Stuart pela ditadura militar.

das alianças políticas da família da *designer*, Zuzu e seu esposo, também passaram a morar na capital do país. No grupo Pioneiras Sociais, coordenado pela primeira dama Sarah Kubitschek, várias senhoras costuravam uniformes para crianças carentes, dentre elas Zuzu. Após a separação de Normam, e por meio da experiência no grupo de obras sociais, Zuzu iniciou a produção de saias, comercializando-as.

Na década de 1960 Zuzu Angel alcançou o auge de sua carreira, produzindo roupas para importantes personagens internacionais, principalmente modelos dos Estados Unidos da América. Nesse período, ocorreu o golpe de estado que destituiu o então presidente João Goulart, instaurando-se um regime de exceção comandado pelos militares com o apoio de civis. A *fashionista*, durante os seis primeiros anos da ditadura militar não praticou ou exerceu nenhuma atividade contra o regime vigente. As práticas contra a ditadura iniciaram-se após o desaparecimento de Stuart Angel Jones, em 1971, momento no qual ela buscou explicações e cobrou do governo os motivos pelos quais seu filho encontrava-se desaparecido.

Stuart era membro do grupo de oposição ao governo MR-8 (Movimento Revolucionário Oito de Outubro), na época, comandado por Carlos Lamarca. Sua apreensão pelos militares sucedeu-se no dia 14 de julho de 1971, no Grajaú (Rio de Janeiro), onde foi levado para a Base Aérea do Galeão para interrogatório. A partir dos depoimentos de outros presos que estavam na mesma cela e a carta de Alex Polari de Alverga¹⁶ entregue a Zuzu Angel em 1972, foram comprovadas as práticas de torturas sofridas por Stuart, que o levaram à morte.

Durante cinco anos Zuzu cobrou do governo brasileiro o reconhecimento da morte de seu filho, bem como a localização de seus restos mortais, com o intuito de enterrá-los. Ela utilizou de sua profissão para denunciar nos Estados Unidos às torturas praticadas pelo regime de exceção. Em 1971, realizou em Nova Iorque, o desfile Internacional *Dateline Collection III – Holiday and Resort*, consagrado como o primeiro desfile de moda política do mundo. Também reuniu-se com autoridades políticas dos EUA, uma vez que Stuart possuía nacionalidade estadunidense. Durante a visita do Secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger ao Brasil em 1976, Zuzu Angel entregou um dossiê com provas do assassinato de Stuart. No Brasil distribuiu diversas cartas denunciando as práticas opressivas da ditadura militar; participou de encontros com outras mães de desaparecidos políticos; encontrou-se com

¹⁶ Alex Polari de Alverga foi um militante político durante a ditadura militar. Ficou preso juntamente com Stuart Angel Jones e presenciou as torturas e a sua morte pelos órgãos de Segurança Nacional. Em uma carta, destinada a Zuzu Angel, descreveu como seu filho foi assassinado. Esta carta foi utilizada pela estilista para denunciar o crime cometido pelos militares.

artistas, jornalistas, historiadores, que como ela; eram contra o governo vigente. A “luta” de Zuzu Angel encerrou-se em 1976 em decorrência de seu falecimento¹⁷.

Uma das fontes utilizadas na dissertação para o estudo da vida da estilista refere-se ao livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho*, escrito por sua irmã Virginia Valli e lançado em 1986. Conforme uma entrevista concedida por Virgínia Valli em 1986 ao jornal *O Globo*, o livro foi produzido a partir de seis laudas escritas a mão por Zuzu Angel¹⁸ e foi redigido na primeira pessoa dando a sensação de que o texto foi escrito ao todo pela estilista. Tal obra também contém os discursos de indivíduos que conviveram com Zuzu Angel durante a ditadura militar. Nos anexos do livro foram inseridos documentos, cartas, registros de óbito, fotografias, etc; percebe-se que esses recursos lá estão com a intenção de legitimar a biografia apresentada.

No livro, principalmente no capítulo nomeado *My of Death*, escrito na primeira pessoa, como se fosse Zuzu Angel, ela é representada como uma mineira jeca, que somente após o desaparecimento e morte de seu filho passou a refletir sobre a política do seu país e precisou virar militante¹⁹.

Eu sou uma mineira jeca. Agora virei uma negociista (nisto puxei meu tio e padrinho Oscar). Só penso em trabalhar e ganhar dinheiro para dar o melhor aos meus filhos, principalmente depois que o pai deles me deixou e foi fundar um orfanato para criar os filhos das outras. Agora tenho que entrar nessa política e virar militante. Que jeito? A procura do meu filho, e depois dos filhos das outras, me envolveu completamente.²⁰

É interessante observamos como Zuzu é definida nesse trecho, pois até 1971, ano do desaparecimento de Stuart, não existia por parte dela nenhum questionamento em relação à ditadura militar instaurada em 1961. O seu principal objetivo era produzir as suas roupas e entrar para o ramo dos negociistas. Inclusive, por causa das roupas produzidas em forma de protesto, ela é considerada uma “costureira intelectual”;

Começo a me sentir uma costureira intelectual. A transar com artistas, escritores, jornalistas, tudo aquilo que chamam de intelectual. Às voltas com papéis, lendo nas entrelinhas dos jornais para ver se entendo esse pesadelo que é morar num país em

¹⁷ Em 1998 a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos reconheceu que o acidente automobilístico sofrido por Zuzu Angel no ano de 1976 foi ocasionado pelos militares.

¹⁸ O livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho*, foi utilizado por diferentes pesquisadores como um livro memorialístico ou autobiográfico escrito ao todo por Zuzu Angel. No entanto, como podemos verificar, foi escrito por sua irmã, sendo utilizado apenas algumas páginas manuscritas da estilista.

¹⁹ Zuzu Angel, tanto no jornal *O Globo*, quanto na *Folha de São Paulo*, não é nomeada de militante, uma vez que as memórias construídas não estão relacionadas ao seu papel desempenhado enquanto uma pessoa da esquerda, filiada a um partido, mas como uma mãe, que utilizou da sua profissão para denunciar o desaparecimento e morte de seu filho pelos órgãos de segurança nacional.

²⁰ VALLI. 1986, p. 31.

que nada se informa, nada se sabe, nada pode ser transmitido. Copio tudo que me mandam e passo adiante.²¹

Nos jornais, assim como no livro, as representações construídas acerca de sua vida são definidas a partir de dois aspectos: a estilista renomada da década de 1960 e a mãe estilista, que utilizou da sua profissão na década de 1970 para cobrar do governo militar explicações sobre a morte de seu filho. No entanto, as publicações jornalísticas, diferentemente do livro, não representam Zuzu com uma mulher que tornou-se engajada somente em 1971, mas que sempre se preocupou com a cultura e a história de seu país. Na matéria do jornal *O Globo*, assinada por Patrícia Albuquerque, intitulada *O ‘debut’ da renda nordestina e da roupa protesto: ternas de mostra no MNBA, a inovação nos materiais e o tom político de Zuzu Angel ainda influenciam a moda brasileira*²², foi destacado que na década de 1970 não houve uma ruptura na produção das roupas, mas ambas as estampas e os materiais utilizados são peculiares e instigam a moda brasileira.

Não chegou a ser uma onda, apenas fruto de uma circunstância pessoal, mas o fato é que Zuzu Angel foi a primeira a ocupar a passarela com algo mais do que belas mulheres bem vestidas. Suas estampas de tanques e anjos atrás de grades eram um grito mudo denunciando a morte e o sumiço do filho Stuart nos porões do regime militar. ‘Foi a única mãe da Praça de Maio Carioca’, diz Elke Maravilha, manequim favorita da estilista. [...] Se Ipanema ficou conhecido como o bairro lançador de moda por excelência, a estilista teve muito a ver com isso. Em sua casa-atelier na Rua Nascimento Silva, novos materiais estavam sempre sendo testados. – Antes de Zuzu a moda brasileira não gostava do Brasil. Ela foi a primeira a usar a renda do Nordeste em suas criações. E não cedia mesmo, sendo muito criticada por isso – lembra Elke. [...] Mesmo antes de perder Stuart, Zuzu já tinha uma estamparia muito peculiar. Usava frutas e flores multicoloridas e adorava misturar estampas em roupas com barrados – lembra Maria Augusta. – Nunca vi outra cabeça tão criativa. Zuzu era apaixonada por moda. Fazia tudo no atelier. Ela mesmo cortava o pano no corpo das clientes. E se fosse preciso, ela ia entregar os pedidos.²³

Assim, devido às circunstâncias pessoais e por seus interesses, Zuzu elaborou sua moda, considerada como autêntica. No entanto, o livro, do ponto de vista biográfico, não apresentou as produções e as aspirações da estilista na década de 1960, mas destacou as angústias e as incertezas vivenciadas por ela entre os anos de 1971 a 1976, momento no qual buscou por explicações do paradeiro de Stuart. Foi ressaltada sua busca nos órgãos de segurança nacional,

²¹ VALLI, 1986, p. 85.

²² ALBUQUERQUE, Patrícia. *O ‘debut’ da renda nordestina e da roupa protesto: ternas de mostra no MNBA, a inovação nos materiais e o tom político de Zuzu Angel ainda influenciam a moda brasileira*. *O Globo*, Matutina, Ela, 23 de nov. 1996, p. 3.

²³Ibid., p. 3.

conversas com militares, tentativas de *habeas corpus*, leituras para entender a ditadura, nomeada por ela como uma “guerra suja”²⁴.

E eu tenho que sofrer? E meu filho? Morto na tortura? Isto acontecendo no Brasil desde 1964? Eu, na minha santa ignorância. Fazendo moda, vestidinho com flor e passarinho. Moda alegre, descontraída. Moda e liberdade. [...] Começo a colecionar tudo em pastas... Será que isto é comigo? Como pode ser se há esta guerra no Brasil. Brasileiro contra brasileiro. E eu tenho que entrar nela.²⁵

Desta forma, a consciência política de Zuzu Angel, iniciou-se com o desaparecimento de seu filho, pois antes não existia a necessidade de entender ou questionar o governo, até porque a ditadura não havia ocasionado nenhum problema a ela. Mas, quando o regime atingiu Stuart de forma brutal, com torturas e uma morte violenta, Zuzu passou a questionar e cobrar do governo explicações. Lúcia Maria Murat de Vasconcelos²⁶, militante política e amiga de Stuart, em um documentário produzido pelo Globo News²⁷, relatou que a estilista não concordava que seu filho participasse do movimento estudantil, não tendo empatia pelos colegas de Stuart que compartilhavam dos mesmos ideais. Mas, quando Stuart desapareceu, segundo Lúcia, Zuzu teve uma mudança de postura radical, sendo solidária com os militantes. A sua luta, nesse sentido, ocorreu a partir de interesses individuais, por uma causa individual.

Valli, menciona que as práticas contra o regime de exceção tornaram-se presentes na vida da *designer*. Ler os panfletos, escutar as dores de outras mães, buscar nos jornais informações, colecionar todos os documentos sobre a ditadura militar, e principalmente substituir a figura de seu filho.

Mais um trabalho para mim: substituir meu filho nesta guerra. Falo mal da ditadura, copio e multiplico tudo que mandam contra Eles. E distribuo como posso. Não há censura contra mim. O correio entrega tudo. Com certeza, abrem, lêem, copiam, depois fecham e me mandam direitinho. Um jogo de gato e rato? Às vezes me divirto, rio, como sempre fiz toda a vida. Mas o desespero não me larga. Tenho que sair, mesmo cansada, depois de trabalhar o dia inteiro na loja ou na oficina. Para procurar amigos, políticos, pessoas que tem alguma influência.²⁸

A ditadura militar foi definida por Zuzu Angel, de acordo com Valli, como uma guerra suja. Um crime cometido contra a humanidade, em que a imprensa foi censurada, os indivíduos que realizavam práticas de oposição foram torturados, embates entre os militantes e os militares

²⁴ ALBUQUERQUE, 1996, p. 33.

²⁵ VALLI. 1986, p. 34-35.

²⁶ Era membro do grupo MR-8 e amiga de Stuart Angel Jones. Durante a ditadura foi presa e torturada.

²⁷ ARQUIVO N: Zuzu Angel. Globo News, 12 de abr. de 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lbc8qmYPav0> Acessado em 26 de jan. de 2017, às 19h.

²⁸ VALLI, op. cit.

como a Guerra do Araguaia, além dos tiroteios, que causaram a morte de vários militantes. Apesar de apresentar eventos importantes e da organização da ditadura militar, o livro constituiu-se como um relato de toda a busca de Stuart, sendo o principal objetivo para Zuzu denunciar o crime cometido ao seu filho.

Na maioria das páginas do capítulo *My Of Death* a descrição sobre a vida de Stuart se fez presente. Esse capítulo descreve os pormenores da vida do filho da estilista, o seu nascimento, o interesse por esportes, o envolvimento com os movimentos revolucionários, o casamento com Sônia Angel Jones. Valli, com a narração na primeira pessoa, como se fosse Zuzu Angel a autora, enfatiza a “pureza” de Stuart, um jovem que desde criança apresentou características de bondade e amor. Assim, questiona-se porque um rapaz tão gentil passou por momentos de tanta crueldade. É utilizada a fala de outros indivíduos para justificar as qualidades e para afirmar que as práticas de tortura não poderiam ter sido realizadas com Stuart. Como mencionado no livro: “ela [professora de Stuart] disse que os senhores da farda não podiam fazer isto com meu filho. ‘Não com este, que é um santo’”²⁹.

No livro é justificada a participação de Stuart na oposição à ditadura militar, uma vez que foram violados os direitos de vários jovens brasileiros;

Se Stuart até morreu por suas idéias, é que eram justas. Ele foi um menino bom, estudioso, manso, uma doçura de pessoa. Sempre pedindo perdão de tudo, em suas cartinhas, em cartões de aniversário, ou no dia das mães. Com 8 anos, ele me escreveu: “Sei que tudo que fiz não foi boa coisa, mas por isso resolvi dar-lhe um presente que, talvez apague um pedaço das minhas artes. Espero que este humilde presente lhe proporcione grande alegria. Do filho Stuart”. [...] Ele entrou na luta porque a violência foi imposta aos infelizes jovens desta época negra. A violência das leis, a violência da PM nas Faculdades, eles apanhando, passando pelo corredor polonês aos pontapés, todo mundo espichado no chão de barriga para baixo e mãos na nuca.³⁰

Os momentos vivenciados por Zuzu entre 1971 e 1976 são descritos por Valli em dois aspectos: primeiro, apresenta suas práticas em prol de reencontrar Stuart; em segundo em denunciar as práticas do regime de exceção com o intuito de acabar com ele. No início do livro verificamos essa busca em publicizar o desaparecimento de Stuart. No final da obra, a vontade de “derrubar” o governo militar torna-se mais explícito. Não há uma oposição entre esses dois momentos, mas evindencia-se como os interesses individuais de Zuzu a levaram a combater o regime ditatorial, em uma causa coletiva.

Uma das possibilidades para denunciar a ditadura militar apresentada no livro consistiu na utilização da mídia internacional, uma vez que os jornais brasileiros não informavam sobre

²⁹ VALLI, 1986, p. 34.

³⁰ Ibid., p. 107.

os desaparecimentos devido à censura. Assim, Zuzu usou da sua profissão, como *designer* reconhecida nos EUA, e da nacionalidade estadunidense de Stuart, para estabelecer relações com pessoas influentes desse país com o objetivo de cobrarem do governo brasileiro satisfações pelo desaparecimento de seu filho. As suas roupas foram utilizadas como protesto, como Valli salientou: “anunciarei ao mundo, através da minha moda, o que está acontecendo no Brasil. Se for necessário. É esta a minha arma”³¹. No final do ano de 1971, na cidade de Nova York, Zuzu Angel realizou o primeiro desfile político da história.

Há quatro meses, quando comecei a pensar nela (a coleção), eu me inspirei nas flores coloridas e nos belos pássaros do meu país. Mas, então, de repente, esse pesadelo entrou em minha vida e as flores perderam o colorido, os pássaros enlouqueceram e produzi uma coleção com um enredo político. É a primeira vez, em toda a história da moda, que isto acontece. [...] É que eu tinha muitos amigos lá na América que admiravam meu trabalho. Achei que o prestígio de toda essa gente me apoiando ia abrir a boca dos militares.³²

A relação entre Zuzu Angel e os Estados Unidos é ressaltada no livro, pois ela acreditava que os EUA cobriam do governo brasileiro explicações da morte de seu filho. Além disso, nos Estados Unidos, conforme descrito no livro, os jornais noticiavam as atrocidades cometidas contra os jovens. No final da obra, o país norte-americano continua sendo a esperança de Zuzu Angel para encontrar e enterrar o seu filho. Para tal, os militares, em determinado momento, explicariam a morte de Tuti; “a ação dos parentes de Stuart na América e a minha, paralelamente, conversando com Senadores e Congressistas americanos, me dão pelo menos uma esperança de que algo se fará para esclarecer as circunstâncias em que meu filho foi morto”.

Mas, em sua fala, a euforia ao escrever sobre sua busca diminui-se. As palavras soam como se Zuzu Angel estivesse deprimida e as ameaças se intensificavam. Questiona-se “por que martirizar tanto uma pobre mãe? Será a minha atividade *abroad* que está incomodando?”³³. Nas últimas páginas da autobiografia é mencionada a necessidade de montar um *dossier*, como forma de comprovar a prática de tortura do governo brasileiro. Assim, quando o Secretário de Estado Americano, Henry Kissinger chega ao Brasil, Zuzu invade o Hotel e entrega o *dossier* a ele. A organização dos documentos apresenta-se como a última alternativa de pressionar os órgãos de segurança brasileiro.

³¹ VALLI, 1986, p. 53.

³² *Ibid.*, p. 51.

³³ *Ibid.*, p. 188.

Nelson Werneck Sodré³⁴, historiador e militante durante a ditadura civil-militar (1964-1985), escreveu a apresentação do livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho*, nomeada de *Os fatos e as palavras*. Para Sodré só restaria as palavras para descrever todo o sofrimento da mãe que batalhava na busca pelo seu filho. Porém, mesmo utilizando dos termos mais variados, estes não seriam capazes de descrever como os fatos se sucederam na vida de Zuzu Angel.

A vida da *designer*, na fala de Sodré, caracteriza-se como um drama, que se perpetuou, repetindo-se em muitos casos. Outras mães também bateram em portas, procuraram respostas, ouviram as mesmas mentiras, sentiram as mesmas dores. O historiador aponta a ditadura militar como os “vinte anos da mais insana violência contra a criatura humana”³⁵. A tortura, o “regime vergonhoso” não era presente somente na história recente do Brasil; desde o período da Colônia, de acordo com Sodré, crimes são cometidos, como, por exemplo, a Tiradentes, dentre outros. Essas práticas adquiriram aspectos da barbárie, indivíduos são assassinados em nome da manutenção de uma “ordem”. Para o historiador;

O que aconteceu a Tiradentes – esquartejado e os pedaços de seu corpo espalhados pelas estradas – como que aconteceu com Frei Caneca – a quem os próprios sentenciados se recusaram a executar – foram fatos singulares. Mais tão ignomínias, e muitas outras, aconteceram no Brasil, em pleno século XX, a dezenas de criaturas humanas, presas, sequestradas, torturadas, assassinadas com requintes de barbárie. Uma dessas pessoas: Stuart Angel Jones.³⁶

O desaparecimento de Stuart torna-se um crime que desencadeia toda a luta e resistência de Zuzu Angel, caracterizada, pelo historiador, como extraordinária. Após a nomeação de um adjetivo para as práticas desenvolvidas pela *fashionista*, Sodré narra como tal insere-se em uma posição contra o regime ditatorial. Isto é, quando Zuzu Angel constata o desaparecimento de seu filho e ouve de indivíduos sobre a sua prisão e tortura, procura-o de todas as formas, “sem descanso, sem pausa, sem temor”³⁷. A *designer* conversa com autoridades internacionais, indivíduos notórios da sociedade brasileira e militares, com o objetivo de encontrar respostas. Utilizou da moda como forma de protesto. Para Sodré, Zuzu Angel não desistiu, buscou exacerbadamente maneiras de encontrar seu filho.

Entretanto, as “peregrinações”, segundo Sodré, foram inúteis. O silêncio midiático imposto pela repressão, não permitiram a divulgação de toda a luta de Zuzu Angel no Brasil,

³⁴ SODRÉ, Nelson W. *Os fatos e as palavras*. In: VALLI, Virginia. *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho*. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

³⁵ *Ibid.*, p. 14.

³⁶ *Ibid.*, p. 14.

³⁷ *Ibid.*, p. 14.

somente na mídia internacional, isto é, nos Estados Unidos. Assim, com o fim do regime de exceção e com o início do processo de redemocratização, é que a vida de Zuzu Angel tornou-se conhecida para a sociedade brasileira, que de acordo com Sodré, rompe com o bloqueio da informação. Para Sodré, a vida da estilista é marcada pelo sofrimento de uma mãe que lutou durante cinco anos para encontrar seu filho. No entanto, seu caráter revolucionário não destinou-se apenas na procura de Stuart, mas na luta por todas as mães, que também tiveram seus filhos desaparecidos.

Outro texto que compõe as representações acerca da vida de Zuzu Angel foi escrito por sua filha Hildegard³⁸, em que, apresentou-se uma narrativa de caráter biográfico. Hildegard inicia seu discurso abordando a data de nascimento da *designer*, a família que pertencia e como começou sua carreira como costureira;

Mamãe nasceu em Curvelo, foi criada em Belo Horizonte, numa família de classe média; gente boa e por sinal intelectualizada. Começou a profissão de costureira (e depois designer) na cidade grande e que, para um empurrão inicial, contou muito com as boas amizades que tinha das mineiras do governo JK, que formaram seu time inicial de freguesas. Com os tecidos que papai lhe trouxera de uma viagem (que ela, por sinal, julgara muito feios) e mais alguns metros de panos de colchão, misturando-os a fitas de gorgorão, ela fez suas primeiras criações (saias ballonées).³⁹

Na fala de Hildegard observamos que Zuzu Angel cresceu ao redor de indivíduos intelectualizados, que resultou em sua boa educação e objetivos. Sua carreira profissional foi marcada pela ousadia de suas criações. Posteriormente, Hildegard menciona que a *designer* tornou-se costureira através das obras sociais implantadas durante o Governo JK, isto é, ao participar do grupo, Pioneiras Sociais, de Sarah Kubitschek. Criando uniformes, surgiu-lhe a ideia de trabalhar confeccionando roupas. Zuzu Angel, assim, em seu apartamento, improvisou um ateliê no quarto de seus três filhos, vendendo as suas saias.

Hildegard construiu uma narrativa com o desejo de apresentar as duas faces de Zuzu Angel: a profissional e a mãe. Em determinados momentos discorreu sobre a sua bondade e ingenuidade, posteriormente abordou seu rigor enquanto profissional. Houve necessidade de apontar que Zuzu Angel, como uma mulher generosa, no entanto, extremamente exigente, como cita Hildegard;

Ela era boa, generosa, amiga dos empregados, mas quando nervosa, “soltava os cachorros”. [...] Ela era boa dona de casa, sabia fazer pratos gostosos e até algumas

³⁸ JONES, Hildegard A. Seu objetivo se sobrepunha a tudo. In: VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuero Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

³⁹ Ibid., p. 18.

receitas da minha avó “americana” [...] Mamãe trabalhava muito e, para dar conta de tudo [...] Era muito inteligente e rápida, mas tinha boa fé muito grande.⁴⁰

Para Pollak⁴¹, a memória é algo construído, no sentido de que se fazem seleções, enquadramentos, que vão dá significados a um determinado acontecimento. No livro houve uma construção de memória, no intuito de dá sentidos a vida de Zuzu Angel, que alcançou o auge profissional, mas entrou em uma “guerra” devido ao seu amor materno. Na narrativa da Hildegard, por exemplo, Zuzu foi denifida como uma mulher de personalidade “forte”, que consagrou-se como uma “grande” *fashionista* por meio de seu rigor e exigência. Assim, sustentou seus filhos, proporcionando a eles uma boa educação e perspectivas de futuro. Sua obstinação e persistência a fez lutar incansavelmente por seu filho. Todo o texto foi escrito com a intenção de justificar a importância da autobiografia de Zuzu Angel, principalmente sua relevância diante um momento da história brasileira, em que precisava ser evidenciado e estudado.

Zuenir Ventura (1931)⁴², jornalista brasileiro atualmente colunista do jornal O Globo, também escreveu um pequeno texto publicado no livro, em que relacionou sua experiência com a de Zuzu Angel. O seu texto tem o seguinte título: Quem é essa Mulher?. A proposta inicial consiste em discutir quem foi e qual influência a estilista exerceu durante o regime de exceção, as características de sua personalidade e objetivos que desejava alcançar. Ventura expõe duas faces da *designer* em seu discurso datado de 1986: a mãe que luta por seu filho incansavelmente e a profissional que faz moda e consagrou-se como uma figura ícone para representar a cultura brasileira. Como citou o jornalista: “há 10 anos morreu Zuzu Angel, a mulher que, como figurinista, inventou uma moda brasileira e que, como mãe, virou símbolo pungente de um tempo de horror”⁴³.

Ventura, indaga sobre a morte de Zuzu Angel e as possíveis causas do acidente automobilístico. O jornalista comenta sobre as rosas vermelhas que cobriram o caixão da *designer* e a foto de seu filho no peito, que simbolizou sua luta e procura por Stuart. Posteriormente, faz menção ao documento deixado por ela com Chico Buarque uma semana antes de sua morte. Nesse documento ressaltou que se algo acontecesse, colocando a sua vida em risco, os mentores seriam os mesmos que causaram a morte de seu filho. O interessante

⁴⁰ JONES, 1986, p. 19-20.

⁴¹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

⁴² VENTURA, Zuenir. Quem é essa mulher?. In: VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

⁴³ *Ibid.*, p. 23.

desse último capítulo é que se deixou em aberto a questão da morte de Zuzu, que até então não havia sido reconhecida a culpabilidade dos militares na causa do acidente.

Antonina Murat Vasconcellos⁴⁴ também escreveu sobre a estilista no livro e destacou a cumplicidade que ambas possuíam, uma vez que ambas tiveram seus filhos presos pelo regime de exceção. As duas se conheceram na 2ª Auditoria da Marinha, no interrogatório de um processo da organização MR-8, em 1971. Assim, se tornaram amigas e lutaram pelo o mesmo desejo, de reencontrarem seus filhos. Como cita Antonina;

A partir daí, ficamos muito amigas. Muitas coisas tínhamos em comum. Nossos filhos tinham estudado na mesma Faculdade – Economia, da UFRJ. Além disso, eu também admirava seu dinamismo e força de viver. Passamos a nos encontrar sistematicamente em seu atelier no Leblon, ao termino do expediente comercial.⁴⁵

Vasconcelos menciona que ela e Zuzu compartilhavam as mesmas angústias e conversavam com outras mães que estavam em situação semelhante. Suas vidas estavam marcadas pela prisão de seus filhos e a inquietude de não obterem informações sobre o bem estar deles. Antonina, abordou a profissão de Zuzu Angel enquanto uma forma de protesto, que utilizou todo o seu lucro para a confecção de material de divulgação para elucidar o desaparecimento de seu filho. O trabalho transformou-se no respaldo que permitiu a estilista denunciar a ditadura militar, especificamente na narrativa de Antonina, a morte de Stuart.

Posteriormente, Antonina, cita que ela entregou a carta de Alex Polari de Alverga a Zuzu Angel, que descrevia as torturas realizadas pelos militares em Stuart Angel Jones, bem como o seu falecimento após ser arrastado por um jipe na Base Aérea do Galeão. O recebimento da carta causou dores à estilista, que ainda tinha esperanças de encontrar o seu filho vivo.

Nilo Baptista⁴⁶, advogado de Zuzu Angel, utiliza-se de uma página para falar sobre a trajetória da *designer*. O título “Sabia que estava ofendendo um morto”, faz referência aos três processos de acusação contra Stuart, que foram defendidos por Baptista, que na época, tinha a certeza, devido à carta de Alex Polari, que Stuart estava morto. Nesse sentido, os julgamentos dos processos se configuraram como uma ofensa a um morto.

A vida de Zuzu Angel, para Nilo Baptista, está marcada por sua persistência em denunciar internacionalmente o martírio de Stuart;

⁴⁴ Mãe de Lucia Maria Murat Vasconcellos. Sua filha foi militante durante a ditadura militar, do grupo MR-8, juntamente com Stuart Angel Jones, foi presa em 1971. VASCONCELLOS, Antonio M. Como conheci Zuzu Angel. In: VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuero Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

⁴⁵ VASCONCELLOS, op. cit., p. 59-60.

⁴⁶ BAPTISTA, Nilo. Sabia que estava defendendo um morto. In: VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuero Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

Ela sim, formulava, em seu silêncio, uma formidável acusação de tortura e de morte, que remarcava toda a discussão do processo. A última vez em que estive com ela foi uma semana antes de sua morte, em minha casa. Sua tenacidade se desdobrava, então, na denúncia internacional do martírio de Stuart.⁴⁷

De acordo com Nilo Baptista, a forma da *designer* se vestir e sua postura dominavam as audiências. Para tal, Zuzu Angel deixou como legado a importância de manifestar-se, de não tolerar os regimes autoritários, de fomentar a liberdade, a vida e a felicidade. O advogado construiu um texto que definiu a vida de Zuzu Angel, como bem planejada e que apesar de não ter encontrado seu filho vivo, lutou para ter o direito de enterrá-lo.

Nas narrativas houve um enquadramento da memória, no intuito de dar linearidade à vida de Zuzu, bem como demonstrar a importância de suas práticas durante a ditadura militar. Esse enquadramento, como destacado por Pollak, visa manter a coesão dos grupos sociais, no intuito de legitimar uma memória nacional ou oficial. Em âmbito geral, todas as pessoas que escreveram sobre Zuzu Angel no livro, utilizaram-se de uma mesma sequência, para dizer que ela era uma “grande mãe”, que sempre lutou para sustentar seus filhos, constituindo, desta forma, uma profissão. Mas quando seu filho desapareceu, o sentimento de mãe junto da sua criatividade e reputação como estilista, fomentaram sua luta na busca de Stuart.

Os últimos dois textos do livro questionam o acidente de Zuzu e deixam em aberto se realmente foi algo que ocorreu imprevisivelmente ou propositalmente.

No texto de Ana Cristina Angel Jones⁴⁸, a filha mais nova de Zuzu Angel, pode verificar esse enquadramento da memória. Ela escreveu uma carta direcionada a sua mãe contida no decorrer do livro. Nela ressalta a saudade que sente de sua mãe, bem como pediu desculpas por seus filhos não compreenderem ou não apoiarem a busca por Stuart;

Minha mãe querida, escrevo esta carta em tua homenagem, pelas memórias que sempre voltam ao meu espírito e que reclamam de mim um constante retorno ao passado, para que eu possa, talvez um dia, compreender o importante significado de tua vida. Você, uma mulher que sempre batalhou energicamente para que nada faltasse a nós, teus filhos [...]. Tudo se harmonizava com tua personalidade [...]. a vida é sempre imprevisível já estava te preparando um golpe cruel, mais que doloroso, a perda do único filho, Stuart. Deste dia em diante iniciou-se uma luta desigual, desumana, entre você e o resto do mundo.⁴⁹

⁴⁷ BAPTISTA, 1986, p. 68.

⁴⁸ JONES, Ana Cristina A. Carta a minha mãe. In: VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobliblion, 1986.

⁴⁹ Ibid., p. 167.

O último texto do livro é da irmã de Zuzu Angel e escritora da obra, Virginia Valli, com o título *A morte encerra a busca*. Nesse capítulo é narrado o momento em que os familiares e amigos são informados do acidente automobilístico que causou a morte da estilista. Valli destaca os últimos momentos com a irmã, mas o principal enfoque corresponde ao questionamento dos motivos que levaram ao falecimento de Zuzu Angel;

Como podia estar morta, numa estrada que percorria diariamente na maior segurança? Aquelas conversas sobre ameaças de morte, pessoas suspeitas paradas em frente da loja, uma tentativa de assalto, os bilhetes que Zuzu deixou com alguns amigos avisando que ia sofrer um acidente... Os fatos confirmariam essas versões?⁵⁰

Apesar de ter lutado durante cinco anos, segundo Virginia Valli, sua irmã não conseguiu realizar seu desejo, que era enterrar o corpo de seu filho. No entanto, alcançou outra conquista, “ela [Zuzu Angel] se foi como sempre viveu, desde pequena, desafiando todo mundo”⁵¹. Com a fala de Virginia Valli, existem indagações dos reais motivos para a morte de Zuzu Angel, fazendo com que o leitor questione-se, se realmente foi um acidente ou um assassinato.

Apesar de Zuzu Angel ter denunciado nacional e internacionalmente a ditadura militar, não é considerada como militante nas narrativas do livro. Ela era mãe, que também lutava pelas outras mães que se encontravam em situação semelhante. Seu objetivo, diante dos discursos, não basei-se na intenção de colocar um fim ao regime de exceção, mas em denunciar, em um primeiro momento o desaparecimento e posteriormente a morte de seu filho.

Zuzu Angel recebeu diversas homenagens, dentre elas pode-se citar: a composição da música “Angélica”; em 1993 sua família fundou o Instituto Zuzu Angel, localizado no Rio de Janeiro; o estilista Ronaldo Fraga em sua coleção 2001/2002, no *São Paulo Fashion Week*, apresentou o tema “Quem matou Zuzu Angel?”, no qual destacou a trajetória de Zuzu Angel; em 2003 o programa de TV Linha Direta - Justiça, TV da Rede Globo, exibiu o Caso Zuzu Angel; já em 2006 lançou-se a peça filmica “Zuzu Angel”, de Sérgio Rezende; no ano de 2014 realizou-se no Itaú Cultural (SP) a exposição intitulada “Ocupação Zuzu Angel”; também em 2014 foi transmitido no Arquivo N, do canal Globo News, um documentário, organizado e elaborado pela emissora de TV, sobre Zuzu Angel.

Construiu-se uma memória de Zuzu Angel como a “mãe-coragem”, que lutou contra a ditadura militar a fim de reencontrar o corpo de seu filho. Desenvolveu-se o caráter de uma mulher envolvida publicamente com pessoas influentes do Rio de Janeiro; uma *socialite* que

⁵⁰ VALLI, 1986, p. 196.

⁵¹ *Ibid.*, p. 197.

no auge de sua carreira deparou-se com uma nova maneira de entender seu meio. Uma mãe, que apesar de todas as dificuldades, não se cansou de buscar por seu filho. Cabe destacar, que Zuzu Angel foi transformada em um “ícone” de resistência do regime de exceção, mencionada em reportagens jornalísticas como exemplo de determinação e coragem.

No próximo tópico apresentamos as principais pesquisas acadêmicas que tiveram Zuzu Angel como objeto de estudo.

1.2 Zuzu Angel no campo Acadêmico.

No campo acadêmico Zuzu Angel tornou-se objeto de estudo em diversas áreas, são elas, a história, a Comunicação Social e no campo do *Design* ou da Moda. O primeiro trabalho acadêmico foi elaborado em 2006 por Silva⁵² e correspondeu a uma Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em *Design*. A dissertação possui como objetivo principal reconstituir a vida Zuzu Angel, seja em caráter político, econômico, social e cultural, subdividido em três etapas, década de 50, 60 e 70. Essa análise pautou-se principalmente em compreender a produção social da *fashionista* a partir de suas experiências pessoais.

De acordo com Silva, os discursos elaborados em torno de Zuzu Angel seguem sempre uma mesma lógica e sequência; “ênfatizam os mesmos aspectos sobre sua personalidade e realizações pessoais e ainda apresentam uma grande semelhança na própria construção formal. Parecia que todas as narrativas eram combinadas”⁵³. Dessa forma, Zuzu Angel, segundo Silva, foi consagrada como um mito, uma heroína romântica. Esse mito estabeleceu-se a partir de diversos aspectos. O primeiro, apontado pela pesquisadora, referiu-se a busca pelas origens para explicar o talento de Zuzu, enquadrando-se em uma biografia que além de expor a origem, também enfatiza as qualidades. Outra característica correspondeu ao papel desempenhado pela *designer* na edificação da narrativa mitológica, a Zuzu Angel “que desenvolve uma espécie de personagem dramática para melhor expressar sua dor”⁵⁴. A morte da protagonista também tornou-se um fator para a exaltação do seu mito, ou seja, quando uma trajetória exemplar chega ao fim, rapidamente alcança maior notoriedade, atraindo interesse para mídia. Para Silva (2006);

⁵²SILVA, Priscila A. **A moda de Zuzu e o campo do design**. Dissertação (Programa de Mestrado em Design) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

⁵³Ibid, p. 11.

⁵⁴Ibid, p. 11.

Progressivamente as narrativas produzidas sobre Zuzu conferiram forma à sua imagem e paralelamente ela com suas atitudes e criações foi correspondendo e alimentando novas narrativas. Enquanto isso a narrativa mitológica sobre ela foi ganhando maior força. Além disso, segundo James N. Gree: [...] a imagem de Zuzu como mulher sofrida e combativa ganhou tanta força porque ela representava uma série de símbolos de que o imaginário da oposição poderia se apropriar.⁵⁵

Silva abordou primeiramente os discursos de Zuzu Angel que a qualificam enquanto um mito, posteriormente propôs uma análise da vida da *designer* além das narrativas mitológicas. Assim, a pesquisadora salientou a vida de Zuzu Angel não somente durante a ditadura militar, mas durante as décadas de 50 e 60. Evidenciou-se o caráter criativo, político e ousado de Zuzu Angel antes do regime de exceção. Seguindo uma cronologia linear Silva apontou os momentos de maior relevância da vida de Zuzu Angel que a edificam como uma *designer* de notoriedade nacional e internacional. No último capítulo da dissertação, com uma teoria sociológica, Silva mencionou o simbolismo nas roupas produzidas por Zuzu Angel. Tais produções referem-se as que são consideradas “genuinamente brasileira”; “prática e feminina”; e “política”. No último capítulo fez-se um diálogo com o segundo, isto é, as roupas produzidas refletem os momentos vivenciados pela *designer*.

Silva apresentou os diversos discursos que qualificam o mito em torno de Zuzu Angel, no entanto não o desconstrói, mas amplia a trajetória da *designer*. Para a pesquisadora, para desconstruir as narrativas mitológicas faz-se necessário uma abordagem sobre Zuzu Angel a partir da década de 50. Desta forma, expõe-se suas qualidades enquanto profissional, sendo sua produção entrelaçada ao seu engajamento político em diversas épocas. A pesquisadora não consagrou Zuzu somente como uma “grande mãe”, mas como uma “grande mulher”, que “suas preocupações consideravam a imagem da mulher, a valorização do trabalho artesanal feminino e a representação da identidade brasileira”⁵⁶. A pesquisa analisou Zuzu Angel além da ditadura militar, porém, apesar de suas inúmeras contribuições em relação aos documentos, ampliou a narrativa mitológica.

Em 2011 teve-se a produção de duas monografias tendo como objeto de estudo Zuzu Angel, ambas na área do curso de design. São intituladas “Moda como forma de protesto em desfile de Zuzu Angel: Nova York, setembro de 1971”, de Carla Cristina Delgado Lacerda⁵⁷ e; “Zuzu Angel e Ronaldo Fraga: Uma relação entre a moda, política, protestos e atualidade”, de

⁵⁵SILVA, 2006, p. 33.

⁵⁶ Ibid., p. 117.

⁵⁷LACERDA, Carla Cristina D. **Moda como forma de protesto em desfile de Zuzu Angel**: Nova York, setembro de 1971. 2011. Monografia (Especialização) Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes e Design. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

Paola Flores Della Pasqua Zanette⁵⁸. Os dois trabalhos apresentaram metodologias semelhantes, abordando questões que determinaram problematizações homogêneas.

As monografias tiveram como objetivo salientar a produção de Zuzu Angel durante a ditadura militar, desta forma, ambas demonstraram a importância de “contextualizar” o período vivido pela *designer* para compreender sua moda política. Assim, os trabalhos salientaram o regime de exceção, evidenciando principalmente a tortura e a resistência. Zanette, em sua monografia, mencionou diversos autores para citar tal período. Lacerda utilizou-se de inúmeros adjetivos para explicar o período da ditadura militar, não se preocupou com a citação de autores e fontes no momento da elaboração do texto. A presença de um discurso sobre os anos de 1964 a 1985 nas monografias tem o propósito de justificar as atitudes de Zuzu Angel, especificamente em legitimar suas produções como políticas. Após a exposição sobre o regime de exceção, as pesquisas preocuparam-se com a exposição da trajetória da *designer*. Ambas utilizaram a Dissertação de Mestrado de Silva para a escrita da biografia de Zuzu Angel.

Lacerda construiu seu trabalho com o objetivo de explicar porque o desfile de 1971, *Internacional Dateline Collection III – Holiday and Resort*, consagra-se como o primeiro desfile político do mundo. Desta forma, utilizou-se da análise das roupas, das reportagens e da postura de Zuzu Angel para identificar o motivo de tal afirmação. O texto proporcionou uma imagem positiva da *designer*, “que apesar de todas as adversidades não se silenciou”; como expressa Lacerda;

[...] Zuzu Angel consegue se impor enquanto profissional de destaque da moda nacional. Ela fez e deixou História! Deu importantes colaborações à moda brasileira ao tentar, ao seu modo, realçar aspectos tidos como características brasileiras. Trabalhou com afinco e produziu, criou moda até que, da designação de costureira transformou-se em uma designer, ou seja, uma criadora de moda e estilo. [...] e até os últimos dias de sua vida, embrenhou-se em luta aguerrida contra forças opostas do regime militar e em nome de seu filho Stuart Angel, que, como ela, tinha o anjo também no próprio nome.⁵⁹

Zanete também abordou o desfile político, no entanto, dialogou com o também desfile político de Ronaldo Fraga, nomeado Quem matou Zuzu?. Para a pesquisadora os dois *designers* viveram em épocas diferentes, mas interligam-se, seja pela moda política, pela valorização dos materiais brasileiros e a paixão pelas roupas. Por meio da análise dos desfiles tem-se, assim, a compreensão de como é a moda política atualmente mediada por referências passadas.

⁵⁸ZANETTE, Paola Flores. **Zuzu Angel e Ronaldo Fraga**: Uma relação entre a moda, política, protestos e atualidade. Monografia. Departamento de Design de Moda e Tecnologia, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2011.

⁵⁹LACERDA, 2001, p. 48-49.

Observou-se que os três trabalhos mencionados referiram-se à área do design e o papel de Zuzu Angel na moda brasileira. Durante a narrativa, encontraram-se pontos semelhantes, como, por exemplo, da biografia e dos significados que foram apropriados acerca das roupas produzidas de Zuzu. Os discursos elaborados contribuíram para compreender sobre a vida de *fashionista*.

Também foram escritos diferentes artigos sobre a moda brasileira que fizeram citações a respeito de Zuzu Angel. Bernadete Lenita Susin Venzon e Adriana Job Ferreira Conte⁶⁰, ambas especialistas em moda, escrevem o trabalho “Narrativas Poéticas de uma Moda Brasileira”, com o objetivo de apresentar trajetórias distintas, protagonistas que “estão escrevendo a história da moda nacional”⁶¹. No artigo, as autoras ressaltaram Zuzu Angel como uma *designer* que soube utilizar a ecologia e a brasilidade durante os anos de 1960. Para as autoras, Zuzu “apresentou uma moda autêntica brasileira, em busca de uma identidade cultural na moda”⁶². No artigo “A moda brasileira – uma avaliação sobre a busca pela essência nas criações internacionais”, de Jaqueline Morbach Neumann e Tais Rissi⁶³, apresentaram-se as criações de Zuzu Angel como originais e diferenciadas, em que se destacou as características da cultura brasileira. As autoras também salientaram a importância do desfile político de Zuzu. Os artigos mencionados apropriaram-se de Zuzu Angel para comprovar que existiu/existe uma moda brasileira.

Em 2003 o programa televisivo Linha Direta – Justiça, da Rede Globo, transmitiu o Caso Zuzu Angel, abordando a luta da mãe sofredora, que através de ousadia e criatividade lutou para reaver o corpo de seu filho. Desta forma, Kornis⁶⁴ escreveu o artigo “As ‘revelações’ do melodrama: a Rede Globo e a construção de uma memória do regime militar”, em que analisou os parâmetros definidos pela reconstrução histórica através da emissora de TV Globo.

Kornis em seu artigo problematizou três minisséries da Rede Globo, Anos Dourados (1986), Anos rebeldes (1992) e Hilda Furacão (1998) e o programa Linha Direta – Justiça, principalmente os casos de Zuzu Angel, Vladimir Herzog e Frei Tito. Abordando especificamente o episódio destinado a Zuzu Angel, Kornis iniciou sua discussão citando os objetivos do programa Linha Direta – Justiça, que pretendeu reconstituir os “crimes de

⁶⁰CONTE, Adriana. VENZON, Bernadete Lenita S. Narrativas poéticas de uma moda brasileira. In: **3º Colóquio de Moda**, Minas Gerais, 2007.

⁶¹Ibid., p. 8.

⁶²Ibid., p. 4.

⁶³NEUMANN, Jaqueline. RISSI, Tais. A moda brasileira: uma avaliação sobre a busca pela essência nas criações internacionais. **4º Colóquio de Moda**, Rio Grande do Sul, 2008.

⁶⁴KORNIS, Mônica A. As “revelações” do melodrama, a Rede Globo e a construção de uma memória do regime militar. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**. Volume 28, nº 36, 2011.

assassinato, estupro e sequestro de desconhecidos, que, com apelo sensacionalista, mesclava jornalismo e dramaturgia”⁶⁵. Para Kornis;

Os casos de Zuzu Angel, Vladimir Herzog e Frei Tito, exibidos pelo programa em 2003, 2004 e 2006 respectivamente [...], possuem características singulares, de acordo com suas histórias pessoais, transformadas em histórias heroicas na narrativa dos fatos. Há em todos eles uma valorização da virtude desses personagens, preferencialmente destacada pelos familiares e amigos próximos; narrativas cujo desfecho apela para essa dimensão pessoal, com viés evidentemente emocional, pela perda de uma pessoa de boas intenções.⁶⁶

A Rede Globo, assim, estabeleceu uma história nacional a respeito da ditadura militar, apresentando personagens contrários ao regime, singularidades que são destacadas por suas lutas. Zuzu Angel, de acordo com Kornis, representa a “mãe coragem”, que lutou cegamente para encontrar seu filho, no entanto, também é assassinada pelos mesmos que o mataram.

Com a produção do filme *Zuzu Angel* (2006), de Sérgio Rezende, diversos artigos foram publicados com o propósito de analisar a peça fílmica. Em 2012, a graduanda em Comunicação Social, Lauren Steffen⁶⁷, escreveu o artigo “Zuzu Angel, o Filme”, em que propôs o entendimento dos mecanismos da produção cinematográfica como processo de representação de um período histórico do Brasil, ou seja, a realidade fílmica construída. Steffen salienta que a realidade presente no filme construiu-se a partir de diversos aspectos, como por exemplo: o figurino; a montagem do cenário dos anos 60 e 70 que transmitiram ao espectador o juízo de existência, como a crença de que a história narrada realmente aconteceu; os flashbacks, que são intensos durante o longa; a ditadura militar, que como momento político e social proporciona uma função metafórica ao representar a relação entre Zuzu e Stuart. O artigo também apresentou o filme *Zuzu Angel* como biografia, especificamente como cinebiografia.

Claúdia Schemes (Doutora em História), Denise Castilhos de Araujo (Doutora em Comunicação Social), e Paula Regina Puhl (Doutora em Comunicação Social)⁶⁸, escreveram o artigo “As manifestações femininas na tela: Zuzu Angel e a moda-protesto”, em que analisaram as representações e manifestações da personagem Zuzu Angel no filme de Sérgio Rezende. Utilizando-se da metodologia da Hermenêutica da Profundidade, de John B. Thompson, as autoras concluem que obteve-se a realidade fílmica, pois a vida de Zuzu Angel entrelaçou-se com a produção fictícia.

⁶⁵KORNIS, op. cit., p. 188.

⁶⁶Ibid., 2011, p. 190.

⁶⁷STEFFEN, Lauren. *Zuzu Angel, o filme*. **Revista Anagrama**. Ano 5, Edição 4, Junho-Agosto, 2012.

⁶⁸ARAUJO, Denise. PUHL, Paula. SCHEMES, Claúdia. *As manifestações femininas na tela: Zuzu Angel e a moda-protesto*. **Revista Labore**. Volume 11, nº 2, abril-junho, 2012.

A metodologia de John B. Thompson consiste em uma tríplice análise, a sócio-histórica, formal/discursiva e interpretação/re-interpretação. A primeira análise busca identificar o momento histórico definido no filme, ou seja, a ditadura militar. A segunda análise preocupa-se com o caráter simbólico da organização do longa-metragem, assim, as autoras apresentaram duas cenas que concretizam a ideia central do filme: as sequências do discurso de Zuzu Angel em frente ao tribunal do julgamento de seu filho e o desfile realizado em Nova York, que caracteriza neste trabalho, a afirmação da *designer* ter o direito de enterrar seu filho. Desta forma, as cenas escolhidas expressam o amor de mãe, a coragem, o sofrimento e o desejo de justiça e quando mescladas encontra-se a representação dos sentimentos Zuzu Angel. Na última análise, as autoras salientaram as dificuldades de se estabelecer uma biografia, como, por exemplo, a busca pela coerência na vida do sujeito biografado, presente no filme. O longa-metragem, segundo as autoras, em seu desfecho afirmou que a vida de Zuzu Angel é repleta de imprevisibilidade, apesar de a produção cinematográfica constituir-se por uma sequência linear e coerente. Para Araujo, Puhl e Schemes;

Mesmo que o filme tende a passar uma ideia de linearidade e coerência, é justamente na imprevisibilidade de sua trajetória que podemos compreender a dimensão da importância de Zuzu Angel, pois ela conseguiu unir os papéis de mãe, mulher, ativista política e estilista, criando uma personagem plural, paradoxal e, por vezes, contraditória, que não diminuiu em nada sua relevância para a história brasileira.⁶⁹

Ao proporem discutir a realidade fílmica as autoras indicam as cenas e objetos utilizados para alcançar tal afirmação. Entretanto, no final fazem uma crítica, dizendo que Zuzu Angel deve ser analisada além da linearidade e coerência proposta pelo longa-metragem. Para tais, a *fashionista* constituiu-se como uma grande mulher, uma grande mãe, uma mulher ousada, que enfrentou os órgãos de repressão para por fim ao regime de exceção.

No artigo de Magno⁷⁰, intitulado Sérgio Rezende, Zuzu Angel, Chico Buarque de Hollanda, Lamarca, Charles Dickens: saberes interligados na narrativa cinematográfica, propôs-se a possibilidade de problematizar as inter-relações existentes nos filmes de Sérgio Rezende, Lamarca (1994) e Zuzu Angel (2006), sejam entre as informações, memória, documentos, pesquisa histórica, linguagens, pontos de vistas, ficções. Magno aponta que ao adaptar-se os discursos históricos para o cinema, utilizando-se de uma montagem na linguagem cinematográfica, especificamente uma linguagem literária, se produz por meio de imagens e

⁶⁹ARAÚJO; PUHL; SCHEMES, 2012, p.127.

⁷⁰MAGNO, Maria Ignês Carlos. Sérgio Rezende. Zuzu Angel. Chico Buarque de Hollanda. Lamarca. Charles Dickens. Saberes interligados na narrativa cinematográfica. **Revista Eca**. Volume 12, nº 2, 2007.

textos um movimento, uma ficção e uma narrativa. Assim, Sérgio Rezende, usou os documentos e a memória acerca de Zuzu Angel para representar sua vida, alcançando uma não linearidade, tempos descontínuos e simultâneos;

[...] introduziu a memória como recurso de linguagem e montagem. Recurso que, longe de empobrecer, comprova que o movimento de imagens e a descontinuidade temporal permitidos pela literatura e ficção enriquecem a narrativa e promovem ao historiador e professor um exercício com tempos simultâneos, descontínuos e não-lineares.⁷¹

Através da literatura, neste caso o cinema, estabelece-se o acesso a linguagens diferentes, “as vozes da história” podem ser apreendidas de diversas formas. A proposta de Magno é analisar através da poesia, da narrativa literária e do cinema as cinebiografias, isto é, como indivíduos em suas singularidades expressam importância para a construção do discurso histórico.

Os trabalhos produzidos em relação ao filme Zuzu Angel apresentaram a construção da trama e informaram ao leitor quem era a *fashionista*, bem como sua importância para a história nacional. O filme, a partir das leituras realizadas nos trabalhos acadêmicos, tornou-se uma linguagem histórica, mais propriamente uma cinebiografia, que representa a trajetória da Zuzu Angel.

Em 2012 o historiador Vanderlei Machado ⁷², escreveu o artigo, Lembranças do pai: por uma história da paternidade nas memórias dos que lutaram contra a ditadura civil militar brasileira, em que discute a presença paterna nas memórias (livros, diários) de indivíduos que viveram ao lado de integrantes da resistência durante a ditadura militar (1964-1985). Machado aponta que até o período de sua pesquisa não existia nenhum livro escrito por pai que relata o desaparecimento de seu filho ou filha durante a ditadura militar, ocorrendo assim, um silenciamento em relação a paternidade durante o regime de exceção. Sua proposta referiu-se em problematizar por meio da História Oral e análise dos livros de memórias o papel do pai e suas influências.

⁷¹MAGNO, 2007, p. 126.

⁷²MACHADO, Vanderlei. Lembranças do pai: por uma história da paternidade nas memórias dos que lutaram contra a ditadura civil militar brasileira. **XI Encontro de História Oral: memória, democracia e justiça**. Rio de Janeiro, 2012.

Machado analisou três livros de memória, o de Zuzu Angel e de Dona Elizita⁷³, ambos escritos por familiares e amigos, e o livro de Maria Rosa Leite Monteiro⁷⁴, o único, que foi escrito pela própria mãe. Para o historiador ao ler-se as memórias de Zuzu Angel e os textos de amigos e familiares que compõem o livro, não encontra-se comentários sobre as relações de Normam Angel Jones com seus filhos/as. No entanto, quando Zuzu escreveu cartas e as enviou juntamente com documentos que denunciam o desaparecimento de Stuart para os EUA, não deixou de mencioná-lo como filho de cidadão estadunidense, com o objetivo de obter a atenção das autoridades para sua luta. Segundo Machado, apesar da *designer* referir-se a Normam enquanto pai de Stuart, fica evidente que não houve sua participação nas buscas e denúncias da ausência de seu filho. De acordo com o historiador;

Ao longo do livro [Eu, Zuzu Angel, Procuo meu Filho] fica claro que o pai de Stuart não participou nas buscas ou denúncias do desaparecimento e morte de seu filho pelos órgãos de repressão da ditadura civil militar brasileira. Nenhum documento assinado por Normam Angel Jones foi anexado ao livro, nem mesmo um depoimento seu sobre o filho foi publicado.⁷⁵

A ausência de Normam justifica-se pela própria Zuzu Angel. A *designer* mencionou o pai de Stuart como pacifista, escolheu para sua vida a não participação de movimentos relacionados à violência e luta armada. Seu desprendimento na busca pelo filho, segundo Machado, não se estabeleceu devido a um constrangimento social ou ato de perseguição política, mas por sua decisão pessoal. O trabalho desenvolvido por Machado apresentou os afetos e atitudes tomadas pelos pais diante a militância política, da prisão e morte e do desaparecimento de seus filhos. Problematizou como a figura paterna foi importante para a luta desempenhada por Zuzu Angel e o seu silenciamento.

No início de 2014 a historiadora Ivana Guilherme Simili⁷⁶ publicou o artigo “Memórias da dor e do luto: as indumentárias político-religiosas de Zuzu Angel”, evidenciando o desfile político realizado pela *designer* em 1971. Para Simili, a moda de Zuzu Angel, também direcionou-se a um caráter religioso, em que as roupas “são orações e pedidos endereçados aos céus”⁷⁷.

⁷³ Escreveu o livro “Onde está meu filho? História de um desaparecido político”, publicado em 1985. Nessa obra D. Elizita de Santa Cruz Oliveira narrou a sua busca para encontrar o seu filho, Fernando de Santa Cruz Oliveira, que desapareceu em 1974.

⁷⁴ Era a mãe de Honestino Guimarães, desaparecido durante a ditadura militar. Escreveu o livro “Honestino, o bom da amizade é a não cobrança”.

⁷⁵ MACHADO. 2012, p. 12.

⁷⁶ SIMILI, Ivana Guilherme. Memórias da dor e do luto: as indumentárias político-religiosas de Zuzu Angel. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VI, volume 06, nº 18, Janeiro de 2014.

⁷⁷ Ibid., p. 179.

As análises sobre Zuzu Angel são inúmeras, uma vez que sua vida pode ser abordada de diferentes formas e perspectivas. Apesar dos pesquisadores citarem sua vida predominantemente na ditadura militar, as discussões em torno de como edificou-se o caráter de “mãe coragem” tornaram-se mais explícitos. Preocuparam-se em entender como ela tornou-se importante para a história brasileira e como os discursos a ressignificam.

Após a análise dos trabalhos acadêmicos produzidos acerca de Zuzu Angel, percebemos a necessidade de uma pesquisa detalhada sobre a construção de sua memória, principalmente pelos fatores que levaram a *fashionista* a ser abordada em tantos campos científicos. Problematizar como a mídia ressignificou e elaborou reportagens enaltecidas de Zuzu Angel possibilitou compreender não apenas uma vida, mas como os meios de comunicação estabelecem memórias de um período tão conturbado da história brasileira.

A memória construída pelos jornais Folha de São Paulo e O Globo em relação a Zuzu Angel pautou-se principalmente no período de 1971 a 1976, momento no qual ela assumiu uma postura contra o regime de exceção no intuito de obter informações sobre o paradeiro de seu filho. No recorte temporal escolhido para a presente pesquisa, percebemos que a memória de Zuzu não foi linear, mas que no período de 1985 a 1998 sofreram alterações, ocorrendo, principalmente uma sistematização de sua vida, a inserindo em um acontecimento, tempo e espaço. Em uma publicação do jornal Folha de São Paulo, assinada por Ruth Joffily Bezerra, “Entre Bordados e Moda Política”, de 16 de março de 1986, foi destacado principalmente a profissão de Zuzu como modista, que devido ao desaparecimento e morte de seu filho, passou a produzir uma moda política. O texto de Bezerra não teve como principal objetivo apresentar a vida de Zuzu Angel ou evidenciar sua luta em busca de esclarecimentos do desaparecimento e morte de Stuart, mas discutiu a possibilidade de existir uma moda baseada em produtos e personagens brasileiros, como as rendas e os bordados, Lampião e Maria Bonita, bem como a inserção de questões políticas.

Fiel a si mesma, pouco chegada a concessões, Zuleica Angel Jones era uma mineira natural de Curvelo, que sabia costurar muito bem. Foi a primeira e mais original exportadora-criadora de uma linha brasileira de aceitação e sucesso nos grandes centros mundiais da moda. Sua fonte de inspiração foram os inúmeros aspectos geográficos do Brasil. Sabia explorar a riqueza dos trajes típicos nacionais, sem cair no ridículo: em suas peças o exotismo nunca era mais importante do que a silhueta. Sem temer o exercício da criatividade, ela se negava a seguir ao pé da letra as tendências europeias.⁷⁸

78BEZERRA, Ruth Joffily. Zuzu Angel: entre bordados e moda política. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 mar. 1996. Casa e Companhia, p. 5.

A matéria está dividida em tópicos, “Sucesso Internacional”, no qual destaca o sucesso das roupas produzidas pela *fashionista* nos EUA; “Uma Guerreira”, apresenta o discernimento de coragem de Zuzu por apresentar no exterior uma moda genuinamente brasileira; “A morte de Stuart”, sobre a denúncia do desaparecimento de seu filho e a realização do primeiro desfile de moda política realizado em Nova York em 1971, que conseqüentemente deu origem a marca Anjo e; “Mulher Imortal”, que aborda o acidente automobilístico sofrido pela *fashionista* em 1976, bem como sua busca em denunciar a ditadura militar. Bezerra, apresenta a luta de Zuzu contra o regime de exceção como resultante de sua profissão, uma vez que ela sempre foi uma “guerreira” e utilizou de sua criatividade para quebrar estereótipos.

Cabe destacar, que a inserção da vida da *fashionista* destacando sobremaneira sua profissão deveu-se ao fato de onde a matéria foi inserida, nesse caso, no Caderno Casa e Cia. Tal caderno era publicado especificamente aos domingos, abordando temas como moda, decoração da casa, peças de roupas, como meias e lingerie, esportes, etc. Ruth Joffily Bezerra atua na área da moda⁷⁹, o que influenciou na forma como o texto foi construído pela experiência e compreensão da jornalista. As matérias foram elaboradas a partir das experiências da subjetividade e do coletivo, além dos próprios interesses dos jornais e o público que visava atingir. Essa matéria foi a única publicada pelo jornal Folha de São Paulo em 1986 que mencionou a vida de Zuzu Angel. Como percebemos, até então a memória da *fashionista* não estava associada apenas à ditadura militar, mas sobretudo à década de 1960 e seu reconhecimento profissional nos Estados Unidos, inclusive a foto utilizada na reportagem apresenta Zuzu Angel sorridente, vestida com uma de suas peças com a marca do anjo. Nos próximos anos, em consequência da abertura dos arquivos, eventos, amostras culturais, exposições, publicações de livros e realizações de pesquisas, a memória da *fashionista* sofre alterações, criando-se novas identidades e representações.

Em outra publicação de 11 de maio de 1996, assinada por Carlos Heitor Cony, foi ressaltada a mudança de comportamento de Zuzu Angel quando Stuart desapareceu, buscando explicações no Congresso Internacional e questionando políticos importantes, como Juscelino Kubitschek, com o intuito de exigir “justiça para a memória de seu filho”⁸⁰. A partir de sua experiência e os momentos vivenciados com a estilista, introduz pela primeira vez, nas publicações do jornal Folha de São Paulo, o termo mãe-coragem: “São 20 anos da morte

79Informação retirada do Currículo Lattes

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4138213H8>

80CONY, Carlos Heitor. Zuzu Angel. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 11 maio. 1996. Primeiro Caderno. p. 2.

daquela que, entre nós, assumiu o papel de mãe-coragem, mãe do martírio de um filho trucidado durante os anos de chumbo”⁸¹.

Nessa reportagem, a vida da estilista não está fundamentada na sua profissão, como na publicação de Bezerra, mas sobretudo no seu papel desempenhado como mãe-coragem, que lutou pelo direito de reaver o corpo de seu filho. Cabe destacar, que o dia 11 de maio de 1996, data da publicação, correspondeu a véspera do dia das mães e na página onde encontra-se o artigo, tem-se uma outra matéria de Luciano de Mendes de Almeida, que ressaltou a importância de existir mais o amor de mãe, que perdoa e ensina aos seus filhos o caminho correto. Apresentar um texto sobre Zuzu Angel não ocorreu de forma intencional, o jornal e os autores, a partir de seus textos, possibilitou aos leitores a produção de representações, associando-as a datas específicas, como o dia das mães.

Em outra matéria do jornal O Globo, de 05 de abril de 1996, de autoria de Leticia Helena, novamente foi utilizado o termo mãe-coragem, e a vida de Zuzu Angel ficou relacionada diretamente ao seu papel desempenhado como mãe. O motivo da reportagem correspondeu a exigência da família em inserir o nome da estilista na lista da Comissão Especial sobre os Mortos e Desaparecidos Políticos, que até então não havia aceitado o pedido, uma vez que a sua morte não ocorreu dentro das dependências militares.

A reportagem, inicialmente, apresentou a possibilidade de por fim a luta de Zuleika a partir do reconhecimento de seu assassinato pelo regime de exceção, no entanto, para que isso acontecesse, a Comissão Especial precisaria aceitar o pedido da família;

Das duas décadas após a morte de sua protagonista, o drama da estilista Zuleika Angel Jones pode ter, ainda este ano, um final surpreendente: a família de Zuzu já enviou à comissão especial sobre desaparecidos políticos do Ministério da Justiça um pedido para que ela seja incluída na lista oficial de vítimas da repressão do regime militar. A estilista morreu aos 54 anos num acidente de carro, no Rio, em 14 de abril de 1976 – no auge de sua luta para recuperar o corpo do filho Stuart Edgar Angel Jones, que morreria na madrugada de 15 de maio de 1971, após ser submetido a torturas no Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica (Cisa).

Teoricamente Zuzu não poderia fazer parte da lista, já que a lei que regulamenta o assunto reconhece apenas as mortes ocorridas em dependências militares ‘ou assemelhados’. Mesmo assim, as filhas de Zuzu – a jornalista Hildegard Angel e Ana Cristina – tentam abrir uma exceção. Além do caso de Zuzu, elas enviaram a documentação de Stuart, para que a família tenha direito a indenização pela sua morte. Fazemos isso como reconhecimento à luta dos dois – conta Hildegard, a caçula dos três filhos de Zuzu.⁸²

Posteriormente, Leticia Helena apresentou “provas” que sustentavam a possibilidade de um acidente ocasionado pelos militares. O primeiro subtítulo, “De estilista a ‘mãe coragem’:

81 CONY, 1996, p. 2.

82 Leticia Helena. Zuzu: o que aconteceu a essa mulher. **O Globo**. Rio de Janeiro. 05 abril. 1996. Matutina. p. 3.

começa a peregrinação nos quartéis”, a jornalista discutiu a luta de Zuzu Angel na procura de explicações sobre o paradeiro de seu filho, como a realização do desfile de moda política e a entrega de um dossiê ao Secretário de Estado norte- americano.

Zuzu não apenas falava: fazia. No fim de 1971, lançou em Nova York, a primeira coleção de moda de protesto político na história. Os bordados exibiam tanques de guerra, quepes, canhões atirando em anjos e crianças desfiguradas. Um mês antes de morrer, a estilista driblou o esquema de segurança da visita ao Brasil do secretário de Estado dos EUA, Henry Hissinger, para entregar a ele um dossiê sobre Stuart.⁸³

Diferentemente do texto de Bezerra, publicado na década de 1980, Leticia Helena não salientou a profissão de Zuzu antes de 1971, ou sobre suas peças consideradas genuinamente brasileiras, a preocupação da matéria consistiu em evidenciar a luta da mãe coragem, bem como o seu provável assassinato pela ditadura militar. Nesse sentido, no segundo tópico, “Em carta, a denúncia antecipada de seu assassinato”, a jornalista mencionou a carta escrita pela estilista citando que caso acontecesse algo com ela os culpados seriam os mesmos que torturaram e mataram seu filho.

Temendo ter destino semelhante ao de Stuart, Zuzu entregou a amigos uma carta, na qual dizia que, caso algo lhe acontecesse, seria culpa dos ‘mesmos assassinos’ do filho. Por isso, quando se soube do acidente com seu carro, os parentes e amigos não acreditaram que fosse uma fatalidade. Zuzu dirigia seu Karman-Ghia 1972, por volta das 3h:30m da madrugada, quando, na saída do Túnel Dois irmãos, o veículo colidiu com a mureta de proteção, caindo na Estrada da Gávea. Ela teve morte instantânea.⁸⁴

Logo após a descrição sobre a carta escrita pela estilista e divulgada por seus amigos, a vida dela foi associada à de Chico Buarque, que compôs, juntamente com Milton, a música Angélica na década de 1970. A letra da canção foi descrita na publicação, no último tópico, “Censura impediu a divulgação da carta da figurinista pelos jornais”, que apesar da repressão sofrida, Zuzu Angel não pode ser esquecida, principalmente por Chico Buarque. A matéria também descreveu a biografia de Stuart Angel Jones e a sua militância contra o regime de exceção. No entanto, o principal objetivo consistiu em apresentar a mãe coragem e toda o seu discernimento para cobrar das autoridades brasileiras uma resposta para o paradeiro de seu filho. O interessante das publicações é que a memória e as representações constituídas não apresentam Zuzu como militante, ou que sua luta busca o estabelecimento da democracia, mas sobretudo, o papel de mãe, que luta contra todos a fim de preservar a memória de seu filho. Nesse sentido as imagens utilizadas nessa publicação, uma fotografia da *fashionista* ao lado de

83 LETÍCIA HELENA, 1996, p. 3.

84 Ibid., p. 3.

seus filhos e outra destacando a modelo vestida com uma de suas roupas de protesto, destacam o caráter de mãe, que sempre esteve a disposição de seus filhos.

Essas matérias, a partir de uma realidade, constroem representações simbólicas, utilizando-se da linguagem para expressar e conferir sentido a realidade de Zuzu Angel. De forma alguma esse processo deve ser entendido como algo simples, como mencionado por Stuart Hall⁸⁵, a representação, “processo pelo qual o sentido é produzido e trocado entre os membros de uma cultura [...] é um processo longe de ser simples”⁸⁶. Vários elementos, como as imagens, o texto produzido, o *layout* da página, a maneira como os membros de uma mesma cultura passam a estabelecer sentidos a um objeto ou pessoa devem ser estudados. A representação, assim como a memória e a identidade é entendida como algo construído, que perpassa por questões subjetivas e coletivas.

As memórias de Zuzu Angel nos periódicos encontravam-se em movimento, uma vez que os estudos e a própria compreensão da ditadura militar ainda estava se constituindo na década de 1980, assim, sua vida não foi associada a uma identidade da ditadura militar. Porém, com a abertura dos arquivos, publicações de pesquisas e livros memorialísticos, a organização de Comissões e a busca em comprovar o assassinato da estilista tendo os militares como mentores, proporcionaram mudanças na memória sobre ela, utilizando-se de novas representações, bem como criando novas identidades. Zuzu é identificada como mãe-coragem e buscam em datas comemorativas, como o dia das mães, associá-la como exemplo de mãe, que seu amor a fez enfrentar os militares em um momento de grande repressão. Essas identidades, muitas vezes conflituosas, acabam por fim, definindo a *fashionista* não como mulher ou militante, mas, sobretudo como mãe, tornando-se referência às outras mães. Essas três publicações demonstram a construção da memória de Zuzu Angel a partir da subjetividade e da coletividade, pois o interesse dos jornalistas e dos jornais não foi desassociado, principalmente ao buscar nas representações um sentido e coerência para a vida da estilista.

⁸⁵ HALL, Stuart. O papel da representação. In.: HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO, 2016, 31-113p.
⁸⁶Ibid., p. 31.

Capítulo 2. As diversas narrativas: o tempo vivido por Zuzu Angel e o tempo da pesquisa

2.1 O tempo vivido por Zuzu Angel: a ditadura militar (1964-1985)

Atualmente existem diversas obras e pesquisas que se preocupam em explicar e compreender a ditadura militar. Esses trabalhos concentram-se em várias áreas do saber, tais como, a comunicação social, a literatura, a história, as ciências sociais, entre outras. A pesquisa que propomos também se insere nas discussões sobre a ditadura militar, no entanto não analisaremos cada evento desse momento ou tentaremos explicar de forma global todas as doutrinas e leis implantadas pelo regime de exceção. Nosso principal objetivo consiste em entender como construíram-se diferentes memórias desse período, ou seja, como a mídia, especificamente os jornais impressos Folha de São Paulo e O Globo, estabeleceram entre 1985-1998 memórias da vida de Zuzu Angel.

O Brasil vivenciou, antes do golpe de 1964, um período de instabilidade política e utilizando-se da ameaça da implantação do comunismo, militares defenderam o estabelecimento do regime. Assim, os favoráveis e defensores do golpe, o designaram como “Revolução de 1964”. Na historiografia recente são apontados diferentes fatores que culminaram no golpe de Estado, uma vez no início da década de 1960 instaurou-se no Brasil uma crise institucional. Apresentamos, dessa forma, no presente tópico, os principais acontecimentos que levaram ao Golpe de Estado em 1964 e da institucionalização do regime de exceção.

O governo de Jânio Quadros, empossado em 1961, foi caracterizado como demagógico, “com uma linguagem arrevesada, uma gestualidade teatralizada, uma imagem intencionalmente popularesca e uma retórica moralista”⁸⁷. Durante seu mandato, tomou providências caracterizadas como “descabíveis”, como a proibição do uso de biquínis em concurso de belezas, corridas de cavalos durante a semana, a ilegalidade da briga de galos, instaurou a política externa independente, que defendia os setores nacionalistas, rejeitando a obediência à política exterior norte-americana. Além da implantação de tais leis, Jânio Quadros foi acusado de ser simpático a Revolução Cubana (1959) devido à sua política externa independente e por ter condecorado Ernesto Che Guevara.

⁸⁷NETTO, José Paulo. **Pequena História da Ditadura Brasileira** (1964-1985). São Paulo: Cortez, 2014.

Em 1961, Jânio Quadros renunciou à Presidência da República. Para Jorge Ferreira e Angela de Castro Gomes⁸⁸, mesmo sem provas documentais, alguns pesquisadores das Ciências Sociais e da História afirmam que Jânio desejava dar um golpe de Estado, inclusive chegou a se encontrar com os três ministros militares (da Guerra, Aeronáutica e Marinha) a fim de criarem uma junta militar. A sua renúncia seria o fio condutor para que ele reassumisse a presidência com plenos poderes. Jânio acreditou que a oposição conservadora se reagruparia, os militares o defenderiam e que haveria uma mobilização popular pedindo o seu retorno ao cargo. Ocorreu o contrário, o Congresso acatou a renúncia mesmo sem realizar uma votação, as massas não se organizaram a favor de Jânio Quadros e os ministros militares formaram uma Junta Militar; mas não para auxiliá-lo e sim para impedir a posse do vice-presidente João Goulart.

Com a renúncia quem deveria ocupar o cargo era o vice-presidente, o petebista João Goulart. Porém, Jango encontrava-se em uma missão oficial na República Popular da China, devido aos conflitos da Guerra Fria. Segundo Ferreira e Gomes, a renúncia de Jânio durante a viagem de João Goulart foi estratégica, pois o então presidente não esperava que o Congresso e os militares aceitassem a posse do vice-presidente, uma vez que era apoiador das reformas de base e lutou pelos direitos trabalhistas.

A proibição do retorno de Jango ao Brasil e conseqüentemente o seu impedimento em assumir a Presidência da República, gerou uma crise política, influenciando conflitos entre o Congresso Nacional e os militares⁸⁹, além de outros políticos que se organizaram em prol do vice-presidente. Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, por exemplo, mobilizou vários oficiais militares, inclusive Machado Lopes, então comandante do Estado-Maior do III Exército, a fim de impedir um golpe de estado e reivindicar a posse de João Goulart. Em Porto Alegre (RS) foram organizadas barricadas e Brizola, com o intuito de quebrar a censura de imprensa determinada pela Junta Militar, interligou a Rádio Guaíba a “150 outras rádios no Rio Grande do Sul e, por ondas curtas, chegou a outros estados do país e a outros países”⁹⁰.

Apesar do apoio do parlamento ao Jango, os militares continuavam firmes em sua decisão de não aceitarem a posse de deste, uma vez que, na concepção deles, culminaria no caos e em um governo comunista. O Congresso, dessa forma, propôs o parlamentarismo, que

⁸⁸FERREIRA, Jorge. GOMES, Angela de Castro. **1964**: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

⁸⁹O Congresso Nacional apoiou a posse de João Goulart, com receio de perderem seus poderes e autonomia caso fosse instaurado um novo regime.

⁹⁰Ibid., p. 34.

retiraria os poderes do presidente, sendo o primeiro-ministro, o chefe de estado. A Junta Militar aceitou a proposta e assim, no dia 1º de setembro, Jango chegou à Porto Alegre (RS).

A Celebração Solene de posse de João Goulart ocorreu no dia 07 de setembro de 1961, às 15 horas, no Congresso Nacional. Ao total foram três primeiros-ministros nomeados: Tancredo Neves, Francisco Brochado da Rocha e Hermes Lima. O parlamentarismo encerrou-se no dia 6 de janeiro de 1963 após a realização de um plebiscito, em que a população brasileira deveria optar entre o regime vigente ou o presidencialismo. Com 83%, o presidencialismo voltou a ser instituído no Brasil. Segundo Ferreira e Gomes, a realização do plebiscito se deu por meio de várias questões políticas, inclusive a tentativa de um golpe da esquerda e a pressão dos militares para a restauração do presidencialismo.

O artigo 25 da Emenda Constitucional nº 4, que instaurou o parlamentarismo, autorizou-se, a partir da aprovação do Congresso, a realização de um plebiscito para que a população brasileira decidisse sobre a continuação ou o encerramento do regime. No entanto, só poderia ser convocado o plebiscito nove meses antes do término do mandato de João Goulart. Assim, o objetivo de Jango consistiu em convencer o Congresso a votar a favor da antecipação e realização do plebiscito, formando alianças políticas. Porém, a partir da bibliografia pesquisada, o Congresso não queria perder a sua influência, uma vez que ao retornar ao presidencialismo diversas decisões seriam tomadas pelo presidente. Assim, Leonel Brizola em setembro de 1962 pediu o apoio do Exército para fechar o Congresso e recuperar os poderes de Goulart, inclusive o comandante do III Exército, sediado no Rio Grande do Sul, General Jair Dantas Ribeiro, enviou uma carta direcionada à Jango com cópias ao primeiro-ministro e o ministro da Guerra, General Nelson de Melo, sugerindo a aprovação no Congresso do Plebiscito. Os militares, que antes organizaram a Junta Militar para impedir a posse de Goulart, exigiam que o Congresso votasse a favor do plebiscito com o intuito de restaurar o presidencialismo.

Com a realização do plebiscito e o retorno ao presidencialismo, a chance de haver um golpe da esquerda foi descartado. Entretanto, Jango enfrentou vários problemas durante o seu governo, principalmente na questão econômica, a radicalização da esquerda e da direita e a insatisfação norte-americana. Para enfrentar os problemas econômicos, Goulart nomeou novos ministros, conseguiu um empréstimo no FMI (Fundo Monetário Internacional) e lançou o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social. Este último foi elaborado por Celso Furtado e San Tiago Dantas e foi acusado pela esquerda de ser conciliatório e não focar nas medidas necessárias e fundamentais para o Brasil, como as reformas de base. As críticas da direita se deram porque o primeiro momento do plano baseou-se em políticas econômicas conservadoras, ditadas pelo FMI. Somente após a estabilização da economia ocorreria a segunda etapa focada

nas reformas fiscal, bancária, administrativa e agrária. Como aponta Paulo Netto, “o plano significava, de fato, um esforço para fomentar uma retomada da acumulação, numa tentativa de segurar o reformismo conservador na base de apoio de Jango”⁹¹.

Nesse período, para Ferreira e Gomes, as esquerdas radicalizaram-se, principalmente após a constituição da Frente de Mobilização Popular (FMP). Em janeiro de 1963, sob o comando de Leonel Brizola, juntamente com várias instituições, também de esquerda, reivindicaram a João Goulart um posicionamento político a favor das reformas de base. Outro grupo importante também aderiu tais reivindicações; o Partido Comunista Brasileiro, liderado na época por Luís Carlos Prestes. Leonel Brizola, Carlos Prestes e Miguel Arraes, fizeram duras críticas a Goulart, principalmente por não atender as propostas do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT) que reivindicou o aumento salarial de 70%. Segundo Ferreira e Gomes, os dois grupos compatibilizavam as duas maiores organizações de esquerda do período e após o plebiscito unificaram os diferentes grupos favoráveis a um regime comunista no país.

A radicalização não se consolidou apenas nos grupos de esquerda, mas a direita passou a tomar providências e posicionamentos intransigentes, alegando o risco de o Brasil tornar-se um país comunista, como ocorreu em Cuba. A Escola Superior de Guerra (ESG), na década de 1960 teve papel central na institucionalização da Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, e a partir dos seus cursos voltados não apenas aos militares, mas aos civis, conseguiu formar aliados para o golpe de 1964, como Castelo Branco, Golbery do Couto e Silva, Ernesto Geisel, dentre outros. De acordo com Maria Helena Moreira Alves⁹², a ESG influenciou os currículos de outras escolas militares brasileiras e propagou a doutrina de segurança contra o comunismo, “o inimigo interno”.

Outro problema enfrentando por João Goulart referiu-se ao governo estadunidense. Nesse período os conflitos entre o comunismo e o capitalismo abarcava todo o ocidente, e devido à sua posição geográfica, o Brasil deveria ser um aliado dos Estados Unidos da América. No entanto, após a posse de Goulart, as relações entre os estadunidenses e os brasileiros foram modificadas. Devido a aprovação, em 1962, do controle de envio dos lucros às empresas estrangeiras e sobretudo a negativa de enviar tropas brasileiras ao território de Cuba, com o intuito de forçar os soviéticos a retirarem os mísseis que estavam na ilha, o presidente John Kennedystava insatisfeito com o governo brasileiro.

⁹¹NETTO. 2014, p. 57-58.

⁹²ALVES, Maria Helena Moreira. **O Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)**. Trad. Clóvis Marques. Petrópolis: Vozes, 1987.

O Plano Trienal durou apenas quatro meses, pois, Goulart, diante das pressões das organizações de esquerda e da direita, autorizou o reajuste salarial dos funcionários públicos em 70%, aumentou o preço do aço em 20% e expandiu o crédito para a compra de veículos. O Presidente, “para não desgastar e não desagradar seus aliados de esquerda, sobretudo o movimento sindical, abriu mão do plano”⁹³, em consequência enfraqueceu as possibilidades de conseguir empréstimos nos bancos internacionais e a negociação com o governo estadunidense para sanar a dívida externa. Os grupos empresariais brasileiros que apoiavam o Plano, pois consideravam-no como uma solução ao combate da inflação, se juntaram as organizações oposicionistas após as atitudes tomadas por Goulart.

A possibilidade de uma reforma agrária no Brasil agravou a instabilidade política. Na Constituição vigente, as indenizações pelas desapropriações das terras deveriam ser pagas em dinheiro, o que comprometeria a realização dessa reforma, uma vez que a situação econômica do país não possibilitaria, diante da crise, a restituição em dinheiro. Assim, para a viabilização da reforma era preciso uma mudança constitucional, que ocorreria somente com a aprovação do Congresso.

O problema era que uma reforma constitucional exigia a votação de dois terços dos parlamentares do Congresso. O PTB não tinha esse número de votos. [...] era o indispensável apoio do PSD para a votação de qualquer reforma no Congresso. Goulart sabia que o PSD exigiria algum tipo de indenização. Assim, em sua proposta, os grandes proprietários de terras teriam três opções. As duas primeiras previam a indenização do imóvel pelo valor declarado: no imposto de renda ou no imposto territorial. Nesses dois casos, os valores a serem pagos seriam sabidamente irrisórios, devido ao baixo valor atribuído aos imóveis, por seus proprietários, em ambos os impostos. Como essas duas possibilidades com certeza encontrariam barreiras entre os pessedistas e parlamentares de outros partidos. Goulart propôs uma terceira opção como alternativa de negociação: a avaliação judicial.⁹⁴

Todas as propostas de pagamento das indenizações seriam sanadas em título de dívida pública com reajustes de 100% ao ano e as desapropriações também ocorreriam em propriedades urbanas. O PSD (Partido Social Democrático) afirmou que concordaria com a reforma, porém, destinar-se-ia apenas as terras improdutivas e os juros seriam corrigidos conforme a inflação. Segundo Ferreira e Gomes, o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) não concordou com as mudanças e a Comissão Parlamentar em maio de 1963 rejeitou a mensagem do Presidente e recusou em outubro de 1963 o projeto de lei das reforma.

O PSD também elaborou um projeto de reforma agrária, só que, diferente da proposta de Jango, os juros seriam reajustados em 30% a 50% da inflação anual, as indenizações pagas

⁹³FERREIRA. GOMES. 2014, p. 139

⁹⁴Ibid, p. 173.

como dívidas públicas, a desapropriação ocorreria apenas para os latifúndios considerados improdutivos. O PTB não concordou. De acordo com a bibliografia pesquisada, a questão da reforma agrária ocasionou o fim da aliança entre os pessedistas e os petebistas e aproximou Goulart das esquerdas, na busca pela aprovação e consolidação das reformas de base.

Considerando o ano de 1963, pode-se dizer que o presidente chegou a setembro em situação política muito fragilizada. Seu plano de governo, o Plano Trienal, foi bombardeado por todos os lados e abandonado pelo próprio Goulart. A reforma agrária, mesmo a mais moderada, que poderia ser aprovada por acordos políticos no Congresso Nacional, foi inviabilizada pela incapacidade dos partidos de chegar a acordos políticos. Assim, a oportunidade de aprovação da reforma agrária foi perdida.⁹⁵

Em setembro de 1963, Jango enfrentava críticas da direita e da esquerda, a inflação encontrava-se altíssima e o crescimento do país em baixo índice. Além disso, alguns eventos agravaram a situação do Presidente e fortaleceu a ideia dos grupos de direita que o país caminhava para o comunismo. Dentre esses acontecimentos podemos citar: a revolta dos sargentos em setembro de 1963; a solicitação de estado sítio; greves constantes promovidas pelo CGT; oposição da mídia; realização do Comício Central do Brasil em 13 de março de 1964 e; a Revolta dos Marinheiros em março de 1964.

Dentro desses acontecimentos citados, o Comício da Central do Brasil, que contou com a presença do Presidente, causou o descontentamento dos empresários brasileiros e dos grupos pertencentes à extrema direita, que afirmou a possibilidade de realização de um golpe organizado e articulado pela esquerda, no qual teria o apoio de Goulart. Em oposição ao Comício, alguns civis participaram de diversas manifestações pelo país, nomeada de Marcha pela Família, com maciço apoio da direita. No entanto, segundo a bibliografia recente, o que causou o descontentamento dos militares a ponto de articularem um golpe de estado, referiu-se à Revolta dos Marinheiros.

Ferreira e Gomes argumentam que os militares não haviam se organizado durante meses para o estabelecimento do golpe. A decisão em depor João Goulart ocorreu após a Revolta dos Marinheiros, que se reuniram na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro no dia 25 de março de 1964. A reunião tinha como intuito comemorar o segundo aniversário da Associação dos Marinheiros e Fuzileiros Navais, na época considerada ilegal pelo governo. Nesse sentido, solicitaram o reconhecimento da Associação, melhores condições para os marinheiros, além de terem demonstrado apoio às reformas de base.

⁹⁵FERREIRA; GOMES, 2014, p. 164.

A reunião dos marinheiros foi considerada ilegal e o então Ministro da Marinha, Sílvio Mota, decretou a prisão dos principais líderes da Revolta, enviando inclusive uma tropa de fuzileiros para prender os marinheiros, só que muitos aderiram ao movimento, permanecendo na sede do Sindicato dos Metalúrgicos. Os marinheiros chegaram a ser presos após um acordo entre o Ministro do Trabalho, porém, horas depois, foram anistiados por Jango. Essa postura do presidente foi considerada como uma afronta aos militares, que preservavam acima de tudo a disciplina. Para alguns historiadores, esse evento foi a gota d'água para o início do golpe.

No dia 31 de março várias tropas marcharam com destino ao Distrito Federal com o objetivo de depor João Goulart. O golpe teve o apoio de vários civis brasileiros, bem como do governo estadunidense. Jango, não resistiu ou montou uma luta armada para impedir a instauração do novo regime, e, para Ferreira e Gomes, o Presidente não desejava uma luta civil. Foram 25 anos de regime militar, que a partir de uma lógica de doutrina de segurança nacional, cassou votos, censurou, torturou e prendeu os contrários aos ideais do governo.

O primeiro Presidente foi o então Presidente da Câmara dos Deputados Ranieri Mazzili (02 de abril de 1964 à 15 de abril de 1965). Posteriormente, foram ao total cinco generais-presidentes e uma Junta Administrativa que sucederam no poder: Humberto Castelo Branco (1964-1967), Artur da Costa e Silva (1967-1969). Aurélio de Lira Tavares, Augusto Rademaker e Marcio de Sousa Melo formaram os três a Junta Administrativa Provisória de 1969; depois vieram Emílio Garrastazu Médici (1969-974); Ernesto Geisel (1974-1979) e por fim João Figueiredo (1979-1985).

O governo militar tinha como metas organizar a economia e a política brasileira, proporcionando o crescimento e desenvolvimento econômico, bem como eliminar a “ameaça comunista”. Assim, por meio dos Atos Institucionais e a promulgação da Constituição de 1967, aumentou o poder do Executivo, fechou o Congresso Nacional, decretou Estado de Sítio, a realização de eleição indireta para o cargo presidencial, o bipartidarismo, dentre outros.

Com efeito, como já se disse, formara-se, para derrubar o governo de Jango, uma ampla e diferenciada frente, com denominadores comuns muito genéricos: salvar o país da subversão e do comunismo, da corrupção e do populismo. E restabelecer a democracia. Funcionando como cimento, unindo a todos, o medo de que um processo radical pudesse sair dos controles e levar o país à desordem e ao caos.⁹⁶

O Ato Institucional número 1, promulgado em 9 de abril de 1964, afirmou que seriam mantidas a Constituição de 1946 e as Constituições estaduais e suas respectivas emendas, no

⁹⁶REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Pg. 33-34.

entanto, com modificações significativas: a realização de eleição para Presidente por meio do voto do Congresso, cujo mandado terminaria em 31 de janeiro de 1966; o executivo poderia, a partir do ato, enviar propostas de emenda constitucional e projetos de lei sobre qualquer matéria; o presidente estava liberado para decretar o estado de sítio ou prorrogá-lo por no máximo trinta dias; o estabelecimento de inquéritos e processos àqueles que cometerem crimes contra o Estado, além da suspensão de direitos políticos pelo prazo de 10 anos e a cassação de mandatos legislativos federais, estaduais e municipais. As eleições presidenciais ocorreram no dia 11 de abril de 1964 pelo Colégio Eleitoral, vencendo o militar Humberto de Alencar Castelo Branco. Segundo o AI-1, Castelo Branco governaria apenas por 18 meses, seria o prazo necessário para o reestabelecimento da ordem e da democracia, porém seu mandato prolongou-se até 15 de março de 1967.

Nos primeiros dias do regime, vários políticos considerados de esquerda, inclusive sindicalistas, foram cassados e perderam seus direitos políticos. Alguns historiadores nomeiam esse período como “operação limpeza”, ou seja, os militares expurgaram todos aqueles que comprometiam a ordem e o estabelecimento da democracia brasileira. Para o avanço da economia, em agosto de 1964 Castelo Branco lançou o Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG), que “visava principalmente a retomada do crescimento econômico e a redução da inflação”⁹⁷. No entanto, o Plano criado pelo regime não alcançou os resultados esperados.

De acordo com Daniel Aarão Reis⁹⁸, as medidas tomadas por Castelo Branco concentraram-se no mercado internacional e na possibilidade de conseguir empréstimos com o FMI, só que, o fluxo de capital esperado não chegou a acontecer. Dessa forma, a inflação manteve-se praticamente na mesma porcentagem. Outro problema enfrentado referiu-se ao controle de crédito, uma vez que causou quebras no comércio e na indústria, proporcionando o descontentamento de comerciantes e industriais. Já os assalariados se sentiram “lesados” com as propostas de reajuste salarial anual sem levar em consideração a inflação vigente.

Outro fator que causou o descontentamento de uma parcela da sociedade brasileira em relação ao regime de exceção ocorreu após as eleições de 1965, em que foram escolhidos o prefeito de São Paulo e onze governadores. As eleições, diante da repressão e censura, tornaram-se um ato político contra as medidas tomadas pelo governo militar. Assim, com o

⁹⁷SILVA, Vanderli Maria. **A construção da política cultural no regime militar**: concepções, diretrizes e programas (1974-1978). Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia. São Paulo, 2001.

⁹⁸ REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Pg. 33-34.

apoio de personagens políticos importantes, como Juscelino Kubitschek, a oposição conseguiu significativas vitórias, vencendo em cinco estados. Os militares, por sua vez, logo após as eleições, editaram o Ato Institucional número 2.

A partir do AI-2 aboliu-se os partidos políticos, criou-se o bipartidarismo, tendo apenas a ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) como partidos reconhecidos. O Ato Institucional também permitiu ao executivo editar decretos-leis que interferiam na segurança nacional, além do estabelecimento de eleições indiretas para presidente, vice-presidente e governadores. Alguns políticos importantes do período romperam suas alianças com o governo militar, como a exemplo de Carlos Lacerda, que esperava concorrer à presidência nas próximas eleições. Segundo Reis, com o AI-2 reinstaurou-se o estado de exceção e a ditadura aberta, ou seja, ficou evidente que o país encontrava-se em uma ditadura.

Com o novo Ato, reinstaurou-se o estado de exceção, a ditadura aberta. Com ele na mão, Castelo Branco cometeu arbitrariedades que lhe pareceram necessárias: milhares de cassações (no fim de seu governo, mais de 3.500 pessoas haviam sido punidas pelos atos de exceção), deposição de governantes legalmente eleitos, recesso do Congresso Nacional, extinção dos partidos políticos tradicionais, imposição de eleições indiretas para governadores e presidente da República, entre muitas outras decisões de caráter tradicional.⁹⁹

O sucessor de Castelo Branco foi Artur da Costa e Silva (1967 a 1969). Durante a administração de Costa e Silva houve um significativo crescimento da economia, porém as insatisfações advindas do mandato de Castelo Branco transformaram-se em manifestações políticas e na criação de grupos políticos contrários ao regime, como a Frente Ampla, organizada por Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e João Goulart. As práticas de oposição fizeram-se presentes e o governo, em julho de 1968, acreditava que o Brasil avançava para um estágio de “guerra revolucionária”¹⁰⁰. Dessa forma, articulou-se uma maneira de diminuir e legitimar a proibição de manifestações contra o regime de exceção. Alves salienta que a partir da consolidação do Ato Institucional número 5 (AI-5), de 13 de maio de 1968, introduziu-se um novo ciclo de repressão.

O aparelho repressor utilizou-se da prática da tortura para desintegrar as organizações clandestinas e obter informações que levassem a prisão de outros militantes e a fragmentação de grupos de apoio à guerrilha. A tortura institucionalizou-se como método de interrogatório e

⁹⁹REIS, 2000, p. 43-44.

¹⁰⁰O pressuposto de tais afirmativas, deve-se ao aumento de passeatas, principalmente seguido pela Passeata dos Cem Mil, ocorrida em 28 de junho de 1968.

controle político. É importante ressaltar, que com o AI-5 a repressão, a censura, a tortura, os interrogatórios e as prisões se tornaram mais evidentes, porém, como salienta Carlos Fico¹⁰¹, a tortura e a censura não foram praticadas somente após 1969, estiveram presentes desde o início da ditadura militar.

Durante o mandato de Costa e Silva diversos grupos sofreram repressão, como a Frente Ampla, o movimento estudantil, os grupos e movimentos de esquerda. Iniciou-se o período conhecido como de maior repressão da ditadura militar. No entanto, apesar da forte repressão, segundo Reis, a promulgação do AI-5 intensificou a luta armada da esquerda, uma vez que passaram a acreditar que somente por esse meio se restabeleceria a democracia.

A situação criada favoreceu, aparentemente, as propostas radicais e ofensivas de luta. Chegara a hora das organizações de *esquerda revolucionária*? No estado de exceção construído pelo AI-5, com as margens de liberdade e de críticas reduzidas a zero, era como se estivessem realizando as condições da utopia do impasse. O advento do tudo ou nada. Ou, como se dizia entre os revolucionários, socialismo ou barbárie, sem nuances ou meios-termos.

Assim, entre 1969 e 1972, desdobraram-se ações espetaculares de guerrilha urbana: expropriações de armas e fundos, ataque a quartéis, cercos e fugas, seqüestros de embaixadores. Na sequência, entre 1972 e 1975, seria identificado, caçado e também destruído um foco guerrilheiro na região do Araguaia, na fronteira do Pará, Maranhão e Goiás, reunindo algumas dezenas de guerrilheiros, na tentativa mais consistente da esquerda revolucionária.¹⁰²

Em 1969, devido aos problemas de saúde do então presidente, uma junta militar composta pelos Ministros do Exército, Aeronáutica e Marinha foi composta para administrar o país até que se realizassem as eleições presidenciais a fim de impedir que o vice-presidente; Pedro Aleixo, assumisse o cargo. Desde a promulgação do AI-5 o Congresso Nacional ficou fechado, sendo reaberto somente 1969 para a escolha do novo Presidente da República. O Colégio Eleitoral elegeu o militar Emílio Garrastazu Médici. O governo de Médici, diferente de seu antecessor, conseguiu o apoio de uma parcela significativa da sociedade brasileira, devido ao período conhecido como Milagre Econômico.

As representações da vida de Zuzu foram situadas principalmente no governo de Médici, uma vez que foi o momento de maior repressão da ditadura militar, devido à instauração do AI-5. Além disso, correspondeu ao período de prisão de Stuart e de sua esposa Sônia. No livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho*, no capítulo *My Of Death*, Valli nomeia o Presidente como “Carrascu Medici” e descreve a campanha feita por ele para comemorar o Sesquicentenário da

¹⁰¹FICO, Carlos. Versões e Controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**. Volume 24, n° 47, p.29-60, 2004.

¹⁰²REIS. 2000, p. 52.

Independência, que tentou apresentar uma imagem feliz da política e economia brasileira. Sobre o Milagre Econômico, destacou que somente uma minoria poderia aproveitar da política dos homens milagrosos.

Mas o milagre continua multiplicando os pães, transformando a água em Champagne Moët-Chandon, os cruzeiros em dólares, as redes vazias em grandes pescarias para uma minoria que aproveita a política dos homens milagrosos: Roberto Campos, Delfim Neto, et. Caterva.¹⁰³

O Milagre Econômico promovido na década de 1970 propiciou à classe média a compra da casa própria e o primeiro automóvel; aos funcionários públicos, principalmente das estatais, a receber novos auxílios e; algumas indústrias cresceram consideravelmente devido aos empréstimos internacionais. Apesar do avanço econômico, grande parte não recebeu os benefícios do Milagre Econômico, principalmente os pequenos proprietários de terra e aqueles que não possuíam qualificação para adequarem-se ao mercado de trabalho. A dívida externa aumentou, e o Brasil, que experimentou um dos maiores crescimentos dos países subdesenvolvidos da América do Sul nesse período, também alcançou o maior valor de dívida do continente sul-americano.

De acordo com Silva, com o AI 5, a Emenda Constitucional de 1969, a repressão, a censura e uma propaganda intensa que apresentava o êxito econômico, Médici conseguiu governar, agradando boa parte dos brasileiros. Porém, nesse período, ocorreram diversos desaparecimentos e assassinatos de pessoas contrárias ao regime. Casos como o de Stuart, desaparecido em 1971, que até hoje não se sabe onde foram enterrados ou “jogados” seus restos mortais, além de Zuzu Angel, que foi assassinada em 1976.

Para Valli, Zuzu Angel, tinha ciência das práticas de tortura realizadas com os presos políticos, uma vez que ao saber o que ocorreu com seu filho, lutou para que outras mães não passassem por sofrimento semelhante ao seu. Para tal, as torturas se intensificaram com o AI-5, pois fez com que um número maior de pessoas entrasse na clandestinidade.

O AI-5 varreu literalmente o Brasil de ponta a ponta de qualquer garantia mínima que a gente tivesse como cidadão. Fez cada brasileiro um participante da guerra suja. Já haviam os cassados, seguiram-se os caçados e castrados, os perseguidos, os negros fugidos. Tirou de circulação os descontentes, os que pensavam por conta própria, isto é, sem o auxílio dos Meira Mattos, dos teóricos da ESG e alguns Clausewitz de algibeira.¹⁰⁴

¹⁰³ VALLI, 1986, p. 89.

¹⁰⁴ Ibid, p. 90.

Na década de 1970, as publicações jornalísticas do jornal O Globo e Folha de São Paulo, destacaram o papel desempenhado por Zuzu Angel no campo da moda, uma vez que rompeu com os padrões da alta costura ao inserir tecidos e características tipicamente brasileiras, como a renda e as estampas coloridas. Devido a censura aos órgãos de imprensa, e inclusive ao apoio de alguns meios de comunicação ao governo ditatorial, as publicações não ressaltaram as práticas de oposição realizadas pela estilista. As memórias de Zuzu Angel, enquanto uma mãe que lutou contra o regime, foi construída, principalmente quando restabeleceu-se a democracia, com o fim da censura.

Sobre o Desfile *International Dateline Collection III – Holiday and Resort*, realizado em setembro de 1971, em Nova York, na residência de Soutelo Alves, na época Cônsul do Brasil, em que a estilista apresentou roupas com estampas de passarinhos engaiolados e tanques de canhão, definido como um desfile de moda política pela imprensa internacional, no jornal O Globo, por exemplo, não foi mencionado de forma explícita o caráter político desse evento. Duas publicações do mês de setembro fizeram referência ao desfile. A primeira, sem autor identificado, intitulada *Quem falou que andorinha não faz verão?*, destacou que Zuzu lançaria no dia seguinte a sua nova coleção, com roupas de cores fortes e quentes ideais para o verão brasileiro e além disso, as pessoas interessadas nas novas produções poderiam adquirir uma “gaiola caprichada”.

[...] O mais moderno dêles, isto é, passarinhos, é a estamparia com os ditos cujos, especialmente bolada pela Zuzu Angel, e feita pela fábrica Dona Izabel, em polybel. É a International Dateleine Collection III, que Zuzu agora lançará amanhã em Nova York, para logo em seguida colocar ao alcance das brasileiras. As cores são quentes e ficará ideal para nosso verão. Se você quiser levar ao auge a mania dos passarinhos, vá até a Scal, na cidade, e adquira o bicho que mais lhe agrada, pois lá tem de tudo, desde o nosso papagaio até o passarinho mais complicado. Como toque final, encomende uma gaiola caprichada, meio na base da ‘art nouveau’ e pode ter certeza que está dentro do ‘grito’.¹⁰⁵

Em outra matéria publicada uma semana após o desfile, em 22 de setembro de 1971, com o título *Zuzu Angel e a sua passarinhada*, falou-se a respeito do desfile, principalmente das roupas alegres e das cores fortes, bem como da participação de personagens políticos estadunidenses, como a filha do prefeito de Nova York, Cathy Lindsay. Não foi realizada nenhuma referência a moda protesto, como a exemplo da vestimenta de Zuzu, que usou um vestido preto e um cinto com vários crucifixos, representando o seu luto, além das estampas de passarinhos engaiolados, canhões, dentre outros.

¹⁰⁵ QUEM DISSE QUE ANDORINHA NÃO FAZ VERÃO? *O Globo*, Matutina, Geral, 14 de set. 1971, p. 4.

Desfile, de Zuzu Angel, semana passada, na residência do nosso cônsul em Nova York, Soutelo Alves. Na passarela, manequins negras, orientais, louras e mais uma brasileira, a Ulda, levada por Zuzu para o desfile. Entre elas, desfilou Cathy Lindsay, filha do prefeito de Nova York e mais uma forte candidata à sucessão da Casa Branca e Tacy Swope, atriz de teatro, estrela de ‘Quarenta Quilates’, sobrinha de Helen Hayes. Três salões repletos de compradores, o corpo diplomático, e mais o Beautiful People nova-iorquino, Mrs. Theodore Newhouse, Sandra Feign, Maureen Mccluskey, Muffy Amory e Stephanie Wrightsman, algumas das presenças vips locais, citadas depois na coluna de Eugênia Shepard. O Women’s Wear Daily cita a presença das brasileiras locais, ‘as mais lindas da colônia brasileira’, que debutaram na coluna. Entre elas, Adalgisa Colombo Flores. A música de fundo era ‘Ana Cristina’, filha de Zuzu, cantando suas composições. O desfile foi dividido em duas partes. As roupas do dia-a-dia, de férias e as mais importantes. Nelas, o reflexo de nosso Brasil. Estampados vivos de flores e pássaros brasileiros coloridos, em Polybel da Dona Isabel. Short sob saia envelope. E um destaque imenso aos detalhes: do corte, do estampado, dos acessórios de couro. Tangerina e turquesa, vermelho vivo e verde, lilás e azul, as cores se misturando. Os vestidos da primeira série, em preços acessíveis. E mais o branco, um show de branco, às vezes em renda, algodões, lisos ou bordados com desenhos ingênuos de livros de histórias.

Como verificamos durante a ditadura militar as notícias sobre as práticas realizadas por Zuzu em busca de seu filho foram escassas nos jornais Folha de São Paulo e O Globo. Quando publicadas, não faziam referência direta ao seu desfile ou as cartas distribuídas às outras mães no intuito de destituir o regime de exceção. Apareceram apenas pequenas frases que faziam menção às suas características como mãe, a exemplo da publicação do dia 14 de abril de 1976, de Perla Sigaud, pseudônimo de Hildegard Angel, que noticiou a morte da estilista por meio de depoimentos de indivíduos que conviveram com ela, que destacaram a admiração que tinham por Zuzu ter lutado por seu filho.

Uma ironia, talvez, mas sua última coleção, em vez de intitular-se, como as outras, ‘International Datelline Collection’- esta seria a oitava – foi chamada, por ela, de ‘Once Zuzu, Always Zuzu’ (‘Uma vez Zuzu, sempre Zuzu’). E mais uma vez, sua enorme Instituição se fez presente. A seu respeito, ouvimos opiniões quality. Que aí estão:

Guilherme Guimarães: ‘Admirava Zuzu como mulher, colega. Dona de uma criação e estilo próprios. Criou uma moda que admirei nas vitrines da Quinta Avenida de Nova York. Porém a minha maior admiração era por sua luta. Conversávamos muito e o que mais me impressionava era o seu sentido de renovação. Nada a abatia. Enfim, uma vencedora!’ [...]

Senador Magalhães Pinto: ‘Conhecia Zuzu Angel há muito tempo e nesse momento ressaltou dois aspectos de sua personalidade: a de artista criadora desejosa de ajudar o seu país a ser conhecido no exterior e a mulher de grande têmpera, mãe que lutou permanentemente pelo seu filho.’

Carlos Drummond de Andrade: ‘Conheci uma Zuzu Angel pelos jornais: a criadora de moda, cheia de inventividade, que levou o nome do Brasil ao estrangeiro, pela graça e estilo original de seu trabalho. Conheci outra Zuzu Angel, por assim dizer num relâmpago, bastante para dar a dimensão do admirável ser humano que ela foi – a mulher forte que a dor e a sede cristã de justiça elevaram a um alto grau de bravura e

beleza moral. As duas, numa só imagem, merecem ser lembradas com respeito e ternura.¹⁰⁶

As memórias de Zuzu Angel foram construídas, de acordo com o contexto social e cultural do período. Entre 1971 e 1976 ocorreu a intensificação da censura, das torturas, das prisões, o que influenciou na produção midiática a respeito da vida da *designer*. Nesse primeiro momento é destacado sobretudo a sua profissão, a *fashionista* que conseguiu levar para o exterior uma moda com características brasileiras. Essa representação era autorizada pelo grupo dominante, pois não foi censurado, não demonstrava riscos ao governo, inclusive promovia a ideia de que era preciso amar o seu país, buscar suas origens e preservá-las. No entanto, ao noticiar acontecimentos como o desfile político ou quando Zuzu invadiu o hotel onde estava hospedado o Secretário de Estado dos Estados Unidos, Henry Kissinger, em 1976, para entregar um dossiê sobre o desaparecimento e morte de Stuart, iria contra a proposta dos militares, de criar um imaginário sobre a ditadura, de um regime que alcançaria o crescimento econômico, respeitando a democracia.

Manter sob controle a mídia brasileira, significaria ser o detentor do imaginário social, como Backzo¹⁰⁷ destacou, os meios de comunicação fabricam e emitem os imaginários sociais, constroem imagens e ideias do que devem ser as representações, de como estabelecer as relações sociais. Ao censurar os meios de comunicação, os governos militares, estabeleceram um imaginário e por meio da propaganda difundiram uma ideia de um país rico e justo. No entanto, não quer dizer que não houve nenhuma matéria sobre a morte de Stuart ou o acidente “misterioso de Zuzu”.

Na Folha de São Paulo em 1979¹⁰⁸ Zuzu Angel foi capa de um editorial, nele foi inserida na íntegra a carta escrita por Alex Porlari de Alvergas e um depoimento cedido pela estilista ao historiador Hélio Silva. Foi explícito que os militares torturavam os presos políticos, e Zuzu Angel, baseada na carta de Alex, denunciou no exterior e no Brasil o assassinato de seu filho. Diferentemente das matérias mencionadas anteriormente, em 1979, na Folha de São Paulo, é evidente o caráter de denúncia, de que a ditadura torturava e assassinava seus opositores.

Zuzu Angel, figurinista morta em circunstâncias ainda não esclarecidas em 1976, relata em depoimento inédito ao historiador Hélio Silva, agora divulgado, o desaparecimento de seu filho, Stuart Edgar Angel Jones, estudante e professor, que – segundo suas denúncias – foi sequestrado no dia 14 de julho de 1971 por agentes

¹⁰⁶ SIGAUD, Perla. Zuzu Angel. **O Globo**, Matutina, Ela, 14 de abr. 1976, p. 28.

¹⁰⁷ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In.: **Enciclopédia Einaudi**. V. 5. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

¹⁰⁸ CASTRO, Tamar de. “Seu filho está sendo morto agora”. **Folha de São Paulo**, Primeiro Caderno, Nacional, 2 de set. 1979, p. 1, 8, 9.

ligados ao Centro de Informações da Aeronáutica (CISA), e - ainda segundo as denúncias – torturado e morto na Base Aérea do Galeão.

As torturas teriam sido presenciadas por outro preso político. Alex Polari de Alverga que, através de uma carta, informou Zuzu Angel das circunstâncias da morte de Stuart. Alex Polari cumpre atualmente a pena de prisão no presídio da Frei Caneca, no Rio.

Baseada na carta de Alex e em outras evidências, Zuzu denunciou o assassinato de Stuart, de dupla cidadania brasileira e norte-americana ao senador Edward Kennedy, que levou o caso ao Congresso dos Estados Unidos.¹⁰⁹

Essas matérias jornalísticas aparecem no período nomeado de abertura política, que iniciou-se com a posse de Ernesto Geisel, em 15 de março de 1974 e se acentuou no governo de João Figueiredo em 1979. Nesse período houve a suspensão do AI-5 em 1978 e o retorno do habeas corpus. No mandato de João Figueiredo foi criada a Lei de Anistia, que perdoou os crimes políticos e diversos brasileiros exilados retornaram ao Brasil. Esse período também ficou marcado pelos movimentos sociais, como as *Diretas Já*, que tiveram o apoio da mídia brasileira.

Com as eleições e a posse de Tancredo Neves, o Brasil inseriu-se em um novo período histórico. Os crimes cometidos pelos militares nos 21 anos de regime de exceção passaram a ser evidenciados em livros memorialísticos, peças de teatros, músicas, novelas televisas, publicações jornalísticas, ou seja, construíram-se memórias desse momento político. Com a abertura política, especificamente a reinstauração da democracia, como se deu a construção da memória de Zuzu Angel? As relações políticas, sociais e culturais influenciaram na memória sobre a vida da estilista?

2.2 O tempo da pesquisa (1985-1998): redemocratização e governos neoliberais

Como apontado por Reis¹¹⁰, os anos de chumbo precisam ser revisitados, pesquisados e analisados, uma vez que foi um período marcado pela repressão e a luta de várias pessoas em prol do estabelecimento da democracia. Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida não dedica-se exclusivamente ao período de 1964 à 1985, mas desenvolvemos análises que objetivam compreender como essa memória foi construída durante os 12 anos após o fim do regime de exceção, utilizando especificamente os discursos elaborados sobre a Zuzu Angel nos jornais Folha de São Paulo e O Globo.

O retorno aos governos civis ocorreu em praticamente todos os regimes ditatoriais da América Latina ao longo das décadas de 1970 e 1980, visto a necessidade de inserir nos países

¹⁰⁹ CASTRO, 1979, p. p. 1, 8, 9.

¹¹⁰ REIS, 2000.

um Estado de Direito. Para Francisco Carlos Teixeira Silva¹¹¹, existiram fatores decisivos que impulsionaram a abertura política:

Vemos, assim, desde já os principais atores em presença no longo jogo político denominado abertura: a pressão exterior, representada principalmente pelo governo Carter e, também, os condicionantes da economia mundial; o projeto de abertura do poder militar, traduzido na estratégia Geisel-Golbery, e a ação autônoma, porém condicionada, da oposição. Estes são os principais atores em presença, embora não necessariamente únicos, ao longo dos anos 1970 e 1980, em torno da ampla luta sobre a forma, objetivos e ritmo da abertura, ou transição, do regime militar implantado em 1964 em direção a um Estado de Direito.¹¹²

O ator externo, segundo Silva, influenciou na abertura política nos governos de Ernesto Geisel (1974-1979) e de João Figueiredo (1979-1985), principalmente na pressão externa em relação aos direitos humanos. Essa mudança de perspectiva, de que a hegemonia norte-americana poderia se recuperar não apenas pelo viés militar, ocorreu durante o governo de Jimmy Carter nos EUA (1977-1981), que visou “a recuperação do prestígio mundial americano”¹¹³, visto que saiu como perdedor da Guerra do Vietnã (1959-1975) e buscou retomar sua hegemonia conciliando a política externa às questões dos direitos humanos e a criação de “condições suficientes para retornar ao enfrentamento com a União Soviética”¹¹⁴, expandindo sua influência global. Nessa perspectiva, ao serem denunciadas as violações dos direitos humanos cometidos pela União Soviética, os Estados Unidos não poderiam apoiar governos que se utilizavam de práticas semelhantes, como os governos militares latino-americanos, pois isso comprometeria sua hegemonia e seus valores universais, morais e éticos.

Como menciona Silva, o Governo Geisel (1974-1979) enfrentou os Estados Unidos, denunciando os acordos de cooperação que fez com o país norte-americano, bem como realizou medidas comprometendo sua hegemonia global, como firmar um Acordo Nuclear com a Alemanha. O aumento dos juros da dívida externa, a crise do petróleo e o Brasil deixando de exportar para importar também influenciou no fim do regime. A bibliografia sobre o processo de abertura política analisa sobretudo o contexto interno que levou às eleições de 1985, no entanto não aborda a importância da pressão externa para o esgotamento do regime militar. Para o autor é fundamental, compreendermos essa necessidade de inserção de um Estado de Direito nos países ditatoriais da América Latina, visando o aumento da hegemonia estadunidense.

¹¹¹ SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 242-282.

¹¹² Ibid., p. 247.

¹¹³ Ibid., p. 251.

¹¹⁴ Ibid., p. 251.

Os atores internos da redemocratização brasileira, para Silva, podem ser divididos em dois grupos: os militares que apoiavam o projeto de Geisel-Golbery, que buscavam a reconstitucionalização do regime militar e; os civis que eram os políticos concentrados no MDB (Movimento Democrático Brasileiro), como Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, José Richa, Fernando Henrique Cardoso, Franco Montoro, entre outros. Cabe destacar também, que a oposição, apesar da política de Segurança Nacional, cresceu consideravelmente ao longo dos 21 anos do regime, pressionando o governo a restaurar a democracia e setores que antes apoiavam os militares, ao presenciarem a crise econômica também passaram a reivindicar as eleições diretas.

O processo de redemocratização brasileira, de acordo com Maria D'Alva Kinzo¹¹⁵, é singular, podendo ser dividido em três fases de 1974 a 1982, de 1982 a 1985 e de 1985 a 1989. A primeira fase iniciou-se com o governo de Ernesto Geisel em 1974, que ficou reconhecida de distensão, lenta e segura. Durante o seu mandato foram implementadas diferentes práticas consideradas “liberalizantes”, como as mudanças nas eleições de 1974, em que o MDB conseguiu vitórias significativas; o fim do Ato Institucional nº 05, um dos atos mais repressivos do regime e; a questão do conflito interno em que Geisel enfrentou os militares considerados conservadores, os quais não cogitavam o retorno à democracia. Para Geisel o governo deveria ser devolvido aos civis, antes que o regime implodisse. Era necessário que os militares voltassem aos quartéis enquanto possuíssem prestígio.

Para Silva, a transição para o regime democrático provavelmente ocorreria ao fim do governo Médici (1969-1974), pois alcançou grande preponderância e reconhecimento de uma parcela da sociedade brasileira, devido ao Milagre Econômico, a excitação da vitória da Copa do Mundo de Futebol em 1970 e a propaganda *Brasil Potência (Brasil, ame-o ou deixe-o!)*. Apesar de todo um contexto favorável à transição do regime, o Brasil permaneceu mais um longo período sob os auspícios da ditadura militar. O principal motivo para que não houvesse o reestabelecimento da democracia, segundo o depoimento dos militares, tanto nos mandatos de Médici, quanto no de Geisel, deveu-se aos guerrilheiros e militantes. Os militares apontaram a necessidade da volta do Estado de Direito, mas não objetivavam que a oposição assumisse papel de destaque.

Podemos, assim, perceber claramente que o projeto de abertura representava uma volta ao Estado de Direito, a reconstitucionalização do regime, mas não exatamente a redemocratização do país. Ao contrário de outros processos de abertura, no Brasil os

¹¹⁵ KINZO, Maria D'Alva G. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. *Revista São Paulo em Perspectiva*, número 15, 2001.

militares liberalizantes não contaram com o apoio da oposição – pelo menos da chamada oposição autêntica – na sua luta pela reconstitucionalização. Em suas origens, o alcance e o ritmo da abertura ficam muito aquém do que a oposição desejava.¹¹⁶

O auge econômico alcançado com o Milagre Econômico impulsionou o projeto de abertura de Geisel, bem como acordos e obras importantes foram realizadas, a exemplo do Acordo Nuclear com a Alemanha e a construção das hidrelétricas de Itaipu e Tucuruá. Porém, quando o modelo econômico se esgotou, a economia sofreu um processo de estagnação de tal monta que não trouxe os resultados esperados. Diante da crise instaurada, o governo lança o II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), mas mesmo assim não conseguiu alavancar a economia brasileira, a crise agravou-se. Segundo Silva, um dos motivos para o fracasso dos PNDs de Geisel foi ter ignorado a crise do Petróleo, de 1973, por dois anos, “mantendo o governo no mesmo ritmo de endividamento e expansão monetária, lançando as bases de uma grave crise futura”¹¹⁷. O esgotamento econômico, foi também um dos motivos para que não se concretizasse a transição política ainda no governo Geisel, o que resultou em uma crise institucional e o aumento de grupos não favoráveis ao regime.

João Batista Figueiredo tomou posse em 15 de março de 1979 e seguindo os ideais de Geisel, implementou ações voltadas para o processo de redemocratização do país. A principal medida adotada consistiu na promulgação da Lei nº 6.683, de 28 de agosto de 1979, nomeada popularmente de Lei da Anistia. Por meio dessa Lei, os militantes, os políticos e ativistas exilados puderam retornar ao Brasil. A anistia, mesmo com suas limitações, possibilitaria um maior apoio da oposição em relação ao projeto de abertura política. No entanto, devido aos atentados terroristas cometidos pelos militares, no intuito de desestabilizar a oposição, aumentaram as cobranças populares de investigação, principalmente após o atentado no Riocentro, tomando proporções enormes a ponto de comprometer a legitimidade do governo.

Tais atos terroristas anunciavam aquele que deveria ser o maior ato de intimidação da oposição: o atentado no Riocentro. Esse foi sem dúvida o ato mais audacioso e, se bem realizado, o mais cruel ato terrorista da história do país. Na noite de 30 de abril de 1981, no espaço do centro de convenções denominado Riocentro, Zona Oeste do Rio de Janeiro, foram colocadas diversas bombas durante um show promovido em comemoração ao Dia do Trabalho. Os acontecimentos do Riocentro, entretanto, não corresponderam aos planos traçados pelos militares que promoveram a ação, pois uma das bombas explodiu no interior do carro onde estavam o sargento Guilherme Pereira do Rosário, que faleceu no local, e o capitão Wilson Machado, ambos do Destacamento de Operações de Informação (DOI), órgão do I Exército sediado no Rio

¹¹⁶ SILVA. 2013, p. 263.

¹¹⁷ Ibid., p. 267.

de Janeiro. As pressões para a apuração severa dos acontecimentos uniram a sociedade civil e provocaram forte conflito no interior do próprio governo.¹¹⁸

Outra lei fundamental correspondeu à 6.767, de 20 de dezembro de 1979, que extinguiu o bipartidarismo e possibilitou a criação, reorganização e criação dos partidos. A ARENA (Aliança Renovadora Nacional) passou a ser nomeada de PDS (Partido Democrático Social), enquanto o MDB recebeu a nomenclatura de PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro). Foram criados o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), o PDT (Partido Democrático Trabalhista), o PT (Partido Trabalhista) e o PP (Partido Popular) que foi incorporado ao PMDB em 1980. Para Emir Sader¹¹⁹, a principal novidade realizada na nova organização partidária referiu-se a criação do PT, uma vez que era composto pelos sem-terra, os sindicalistas de base, as organizações comunitárias da Igreja e as minorias.

De acordo com Eli Diniz¹²⁰, o fim do bipartidarismo ocorreu devido ao enfraquecimento da ARENA em relação à oposição. Por meio de uma pesquisa realizada pelo Serviço Nacional de Informações (SNI), como apontado por Diniz, os militares perceberam que o MDB poderia ser maioria no Congresso Nacional, o que era extremamente preocupante, principalmente para a eleição de 1982, em que formar-se-ia o Colégio Eleitoral responsável pela escolha do Presidente da República. O governo esperava que com a criação de um novo partido de centro, o PP (Partido Popular), se acentuaria a fragmentação das oposições, funcionando “em nível nacional, como um aliado do governo e, no plano estadual constituísse um forte concorrente oposicionista”¹²¹.

Com as reformas eleitorais de novembro de 1981, nomeadas de Pacote de Novembro, o governo proibiu a realização de coalizões políticas e criou a vinculação de votos, ou seja, o eleitor deveria votar em todos os candidatos do mesmo partido.

As principais medidas instituídas foram a proibição de coalizões eleitorais para evitar a aliança entre partidos de oposição nas eleições de 1982, a obrigatoriedade de cada partido apresentar seus próprios candidatos em todos os níveis eleitorais e a vinculação de votos, um sistema pelo qual o eleitor é forçado a escolher candidatos do mesmo partido para todos e cada um dos níveis de representação, de vereador a governador.¹²²

¹¹⁸ SILVA. 2013, p. 270-271.

¹¹⁹ SADER, Emir. **A transição no Brasil**: da ditadura à democracia. São Paulo: Atual, 1990.

¹²⁰ DINIZ, Eli. A transição política no Brasil: uma reavaliação da dinâmica de abertura. In: SZWAKO, José; MOURA, Rafael; FILHO, Paulo D’Avila (orgs.). **Estado e Sociedade no Brasil**: a obra de Renato Boschi e Eli Diniz. Rio de Janeiro: CNPq, FAPERJ, INCT/PPED, Ideia D, 2016.

¹²¹ Ibid., p. 248.

¹²² Ibid., p.248.

Como reação a essa medida, o PP, que recebeu políticos pertencentes ao MDB e a ARENA, colidiu-se com o PMDB em 1980, aumentando o poder político do partido e influenciando nos resultados da eleição de 1982.

A segunda fase da transição, de acordo com Kinzo, iniciou-se em 1982, especificamente após as eleições para governadores, a primeira por voto direto desde o Golpe de 1964. O partido dos militares manteve sua liderança, preservando a maioria no Colégio Eleitoral, porém os outros partidos conseguiram vitórias consideráveis, a exemplo do PMDB, que elegeu governadores e senadores de nove Estados. Para Kinzo, apesar do PDS, antigo ARENA, ter mantido sua hegemonia, os candidatos de oposição eleitos influenciaram no processo político, desestabilizando o projeto dos militares em controlar a abertura política.

Em 1983 o deputado federal Dante de Oliveira (PMDB-PT) apresentou ao Congresso Nacional a Ementa Constitucional nº 05, que posteriormente ficou conhecida como Emenda Dante de Oliveira. A principal proposta da PEC correspondeu ao fim das eleições para Presidente da República por votação no Colégio Eleitoral, exigindo o reestabelecimento de eleições diretas. Devido a essa proposta, eclodiram em todo o território brasileiro uma série de manifestações favoráveis a Emenda, nomeado do movimento das *Diretas Já*. Segundo Lucília de Almeida Neves Delgado¹²³, foi o maior evento cívico/popular da história do Brasil, contando com a participação de diferentes grupos, classes e partidos.

Os comícios, marchas e passeatas transformaram-se em espetaculares festas cívicas, regadas por esperança e enfeitadas por bandeiras multicoloridas. Foi um contexto de confraternização republicana. Em um mesmo palanque reuniam-se políticos de posições diferenciadas como, Dante de Oliveira, Luís Inácio da Silva, Leonel Brizola, Miguel Arraes, Franco Montoro, Tancredo Neves e Ulysses Guimarães, que ficou conhecido como “senhor das diretas”. Todavia, naquela conjuntura, projetos diferentes e divergentes agregaram-se em torno de um objetivo primordial: a restauração da democracia no Brasil.¹²⁴

Os comícios em favor das eleições diretas para a presidência do Brasil eclodiram em 1983. O primeiro comício ocorreu em 15 de junho de 1983, no município de Goiânia (Goiás), que não chegou a atingir a grande proporção em comparação as outras manifestações realizadas no Brasil posteriormente, mas incentivou e convidou as pessoas a participarem, exigindo o retorno à democracia. Também há a menção de as *Diretas Já* terem iniciado somente com o Comício de Pacaembu, realizado em outubro de 1983. O primeiro comício, ocorrido em

¹²³ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. A campanha das Diretas Já: narrativas e memórias. Associação Nacional de História – **Anais do XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 2007.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 4.

Goiânia, teve a liderança do PMDB, enquanto o segundo foi organizado pelo PT. Para Delgado, ambos os partidos buscam legitimar a memória do início do movimento.

Em 25 de abril de 1984, a Emenda Constitucional Dante de Oliveira, proposta pelo PMDB, foi à votação. Ela não foi aprovada. No entanto, as *Diretas Já* representou “um rompimento radical com a abertura limitada e pactuada que o regime vinha implantando [...]”¹²⁵. Um novo arranjo político foi organizado e diante de todos os problemas enfrentados pelo regime, o reestabelecimento de um governo civil tornou-se mais próximo.

Apesar das manifestações populares, o governo militar prosseguiu com as eleições indiretas, no entanto, pela primeira vez, o presidente eleito não era militar e não pertencia ao PDS. O candidato dos militares foi o ex-governador de São Paulo, Paulo Maluf, tendo como vice Flávio Marcílio, enquanto a oposição anunciou a candidatura de Tancredo Neves e seu vice José Sarney¹²⁶. Tancredo Neves, apesar de ser oposição ao regime de exceção, inclusive ter sido o Primeiro Ministro de João Goulart, conseguiu constituir alianças partidárias, tendo o apoio de dissidentes do PSD. Segundo Daniel de Mendonça¹²⁷, a candidatura de Tancredo não significou uma ruptura entre o regime militar, mas ocorreu a partir de acordos entre o regime e aqueles que almejavam o retorno à democracia, uma vez que precisou negociar com os militares para que fosse eleito no Colégio Eleitoral.

Ainda, segundo os pressupostos de Mendonça, existem duas perspectivas de análises para compreender a candidatura de Tancredo Neves e, conseqüentemente, a sua vitória no Colégio Eleitoral por 480 votos à 180. Primeiro, correspondeu à característica anti-regime atribuída a Tancredo, ou seja, se não foi possível restaurar a democracia por meio dos movimentos das *Diretas Já*, com sua vitória o regime autoritário dos militares seria derrubado. A segunda perspectiva, referiu-se à ideia de que com Tancredo eleito a Nova República seria instaurada, representando uma transformação sócio-política no Brasil.

A primeira linha argumentativa identificou Tancredo Neves como o candidato ‘anti-Maluf’ e ‘anti-regime autoritário’. A segunda linha argumentativa buscou transformar o candidato da oposição no símbolo positivo de ‘uma verdadeira transformação sócio-política’ simplificada no termo ‘Nova República’.¹²⁸

¹²⁵ SILVA. 2013, P. 273.

¹²⁶ Sarney, pertencia ao PDS, no entanto antes da votação no Colégio Eleitoral, juntamente com outros políticos envolvidos com o governo militar, fundaram o PFL (Partido da Frente Liberal). Em acordo com o PMD, formaram a Aliança Democrática (AD).

¹²⁷ MENDONÇA, Daniel de. A vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral e a posição política dos semanários *Veja* e *Isto É*. **Revista Alceu**, Volume 5, nº 10 - p. 164 a 185 - jan./jun. 2005.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 176.

Além disso, Tancredo necessitava de dois fatores para vencer as eleições, sendo o apoio popular, visto que sua carreira política, para Mendonça, não tinha grande apoio da massa e; era preciso promover uma cisão no PDS, desestabilizando o partido a ponto de apoiar a oposição. Em relação ao primeiro fator, devido a característica de que Tancredo representaria um novo regime, rapidamente alcançou popularidade em várias regiões do país, principalmente com a realização de comícios. A pressão popular influenciou na votação no Colégio Eleitoral, pois muitos dos que participaram da eleição de 1985 se candidatariam em 1986, podendo ser coçados por não votarem em Tancredo.

O segundo fator, consistiu em desestabilizar o PDS, uma vez que significava um maior número de parlamentares a favor de Tancredo. A indicação de Paulo Maluf para a candidatura à Presidência da República causou descontentamentos no PDS. José Sarney chegou a propor à Executiva Nacional do Partido, “a realização de uma consulta partidária em todos os estados para apurar as preferências das bases pedessistas”¹²⁹. No entanto, não foi bem sucedido. José Sarney saiu do partido e posteriormente, com outros dissidentes, como a exemplo de Aureliano Chaves, formaram a Frente Liberal, que transformou-se no Partido da Frente Liberal. Tancredo Neves, conseguiu aliar-se a eles, formando a Arena Democrática que lançou a chapa Tancredo-Sarney.

Nesse momento da transição política brasileira era necessária a negociação entre a oposição e a base governista. Para Mendonça, isso significou uma “conciliação nacional”, que não dirigiu-se somente aos partidos ditos de esquerda, mas precisou do apoio dos militares. O único partido que absteve-se nas eleições foi o PT, “por julgar que o Colégio Eleitoral era um meio ilegítimo de eleição, que violava a vontade popular”¹³⁰. Tancredo foi eleito Presidente da República Federativa do Brasil em 15 de janeiro de 1985.

Para Kinzo as eleições de 1985 findaram o terceiro ciclo da transição democrática brasileira, perdurando-se até 1989. Com a vitória de Tancredo iniciou-se a Nova República, que apesar de não ter sido eleito diretamente, possuía o reconhecimento popular de um governo legítimo, que romperia com a ditadura militar. No entanto, Tancredo um dia antes da solenidade de sua posse, em 14 de março de 1985, foi internado, ficando hospitalizado por 38 dias. Durante esse período, José Sarney assumiu interinamente o cargo da Presidência da República. Tancredo, faleceu no dia 21 de abril de 1985.

Com a morte de Tancredo, inúmeras dúvidas surgiram em relação a democracia no Brasil, uma vez que Sarney não representava uma oposição aos militares ou o estabelecimento

¹²⁹ MENDONÇA, 2005, p. 167.

¹³⁰ SADER, 1990, p. 42.

de uma nova ordem sócio-política. Durante os 21 anos da ditadura, Sarney “serviu” aos militares, saindo do PDS, antiga ARENA, somente as vésperas das eleições de 1985. Ele “era encarado com desconfiança por muitos setores, sobretudo à esquerda, que o consideravam a continuação dos militares, a quem servia todos os anos da ditadura”¹³¹. Durante o seu governo buscou seguir o plano de governo de Tancredo Neves, lançado em fevereiro de 1985, conseguindo aliados, inclusive no PMDB, mantendo como objetivo principal o reestabelecimento da democracia. No entanto, desde o princípio, governou sobre a tutela militar, principalmente pela influência do Ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, com quem mantinha relação de amizade há anos. Segundo Maciel¹³², foi justamente nessa tentativa de manter o projeto de Tancredo e ao mesmo tempo governar sobre interferência dos militares que o mandato de Sarney foi “bastante limitado, exercendo muito mais um papel de contenção do que de aceleração de mudanças”¹³³.

No período em que Tancredo ficou internado, como apontado por Maciel, políticos pertencentes ao PMDB e outros partidos negaram a possibilidade de Sarney assumir definitivamente o cargo da presidência, propondo que caso o Presidente eleito falecesse era preciso convocar novas eleições. Outros, por sua vez, sugeriram que Ulysses Guimarães assumisse, pois como Presidente da Câmara de Deputados, estava em terceiro lugar na fila de sucessão e seria a pessoa mais adequada diante as circunstâncias. No entanto, os partidos que compuseram a Aliança Democrática afirmaram a legitimidade de Sarney ser nomeado Presidente, bem como a postura do então Ministro do Exército proporcionou um abafamento da oposição¹³⁴.

Como já mencionado, no seu primeiro ano de mandato Sarney, buscou por reconhecimento, manteve o plano de governo de Tancredo Neves, além de lançar reformas consideráveis. Em 15 de maio de 1985, foi promulgada a Emenda Constitucional nº 25, que extinguiu o Colégio Eleitoral e aprovou a realização de eleições para Presidência da República por voto direto, no entanto não foi apresentada uma possível data para que fosse escolhido o novo Presidente. Também houveram mudanças eleitorais significativas, como o direito de voto aos analfabetos, convocação das eleições municipais para as capitais de Estado e na área de

¹³¹ SANTI, Marcos Evandro Cardoso. **Comissões Parlamentares de Inquérito e Democracia no Brasil do Tempo Presente** (1985-2010). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2012. p. 59.

¹³² MACIEL, David. **De Sarney a Collor: reformas políticas, democratização e crise** (1985-1990). Tese. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2008, p. 387.

¹³³ Ibid., p. 68.

¹³⁴ Ibid., p. 66.

segurança nacional¹³⁵. Partidos que antes eram mantidos na ilegalidade, após a reformulação da liberdade de organização partidária, foram legalizados, a exemplo do PCB (Partido Comunista Brasileiro) e PCdoB (Partido Comunista do Brasil).

Em 1986, foi promulgada a Lei nº 7.508, de 04 de julho, que reestruturou a propaganda eleitoral no rádio e na televisão. Por meio dessa lei o tempo foi distribuído de acordo com o número de políticos eleitos em um partido, desfavorecendo aqueles que não conseguiram eleger muitos candidatos. Essa legislação, como apontado por Maciel, também ficou conhecida como a Lei Ulysses Guimarães, o seu principal mentor.

Em relação à questão sindical, Maciel aponta a importância da presença de Almir Pazzionatto no comando do Ministério do Trabalho, que implantou “a anistia para os dirigentes sindicais punidos pelo governo anterior, a revogação da portaria que proibia a formação de entidades intersindicais”¹³⁶. Organizações como a CUT (Central Única dos Trabalhadores), a USI (União Sindical Independente) e CGT (Central Geral dos Trabalhadores), foram legalizadas nesse período.

Na questão da Reforma Agrária, José Sarney, lançou em 1985 o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), que pretendia fazer a distribuição de terras por meio de assentamentos há mais de 1,4 milhões de famílias até 1989. Porém, o plano sofreu inúmeras críticas pelos proprietários de terras, inclusive membros do PMDB e da PFL. A elite agrária, insatisfeita com a proposta do PNRA, fundou a UDR (União Democrática Ruralista). Nos anos de 1986 a 1987 os conflitos agrários intensificaram, o que causou a morte de aproximadamente 200 trabalhadores. Ao final do mandato de Sarney, apenas 140 mil famílias foram contempladas com a PNRA.

O processo de democratização durante os primeiros anos do governo civil foi realizado em acordo com a direita e a esquerda. Era necessária essa aliança para que os projetos fossem aprovados, sem existir uma ruptura decisiva com os ideais militares, o que poderia comprometer o funcionamento do governo Sarney. Outras leis, consideradas como entulho autoritário¹³⁷, foram mantidas. Permaneceram intocáveis a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Imprensa e o Decreto nº 1.077.

O restante do chamado “entulho autoritário” continuou intocado pelo governo Sarney e pelos partidos da Aliança Democrática, que tinham a maioria do Congresso, como a Lei de Segurança Nacional, o instituto do Decreto-Lei, a Lei de Imprensa e o Decreto 1077, que autorizava a censura prévia nos órgãos de comunicação. Apesar de não

¹³⁵ MACIEL, 2008, p. 80.

¹³⁶ Ibid., p. 82.

¹³⁷ Ibid., p. 82.

abolir a censura prévia, o ministro da Justiça Fernando Lyra comprometeu-se publicamente, em março de 1985, a não utilizá-la, declarando a sua revogação prática. No entanto, a sua não revogação formal permitiu que em janeiro de 1986 o mesmo ministro censurasse a exibição do filme *Je vous salue, Marie*, de Jean-Luc Godard, seguindo orientação do presidente, que atendeu a pressões da cúpula da Igreja Católica. Quanto à LSN, Sarney optou por mantê-la, desprezando o projeto de uma nova lei tratando da questão, a Lei de Defesa do Estado, apresentado por Fernando Lyra é que deveria substituí-la.¹³⁸

Como destacado na citação acima, a censura à imprensa foi mantida pelo governo. Nesse sentido, nos primeiros anos do governo Sarney, as publicações jornalísticas sobre a Zuzu Angel nos jornais *Folha de São Paulo* e *O Globo* eram frequentes? Como essas mídias apresentaram a vida de Zuzu no decorrer do mandato de Sarney? Entender, essa construção da memória das pessoas que vivenciaram a ditadura militar torna-se extremamente importante, uma vez que está intrínseca às relações de poder e sobre o poder exercido pelo Estado em relação à comunicação no país. Durante os anos de 1985 a 1986 percebemos a institucionalização de um governo democrático e conseqüentemente da liberdade daqueles que vivenciaram o regime de exceção expressarem suas memórias, com a publicação de livros, lançamentos de produções cinematográficas e teatrais. No entanto, como ocorreu esse processo e principalmente qual é o papel da mídia?

Durante o governo de Sarney foram publicadas ao total seis matérias no jornal *Folha de São Paulo* e vinte e sete no *O Globo* que mencionaram o nome de Zuzu Angel. No ano de 1986, no caso do *O Globo*, teve-se um número maior de notícias relacionadas à estilista, devido ao lançamento do livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho* e por causa da influência de Hildegard Angel, na época colunista social do jornal carioca responsável por cobrir o evento do lançamento. Nesse ano, em específico, é aludido o caráter político das produções da estilista em prol do reconhecimento da morte de Stuart e citada a importância em investigar os desaparecimentos de políticos pelos órgãos de segurança nacional, como a exemplo do caso Rubens Paiva.

Otto Lara Rezende¹³⁹, em 19 de outubro de 1986, ao comentar sobre o Prêmio Nobel de Literatura ao nigeriano Wole Soyinka e o Prêmio Nobel da Paz ao judeu, de nacionalidade estadunidense, Elie Wiesel, comentou como ambos possuem um traço humanista. Soyinka ficou no exílio por dois anos na Nigéria, segundo Rezende, é um rebelde, um subversivo, uma voz livre contra as impunidades de seu país. Wiesel, por sua vez, é um sobrevivente do holocausto, que denunciou ao mundo “as forças da morte”. Ambos utilizaram da escrita para

¹³⁸ MACIEL, 2008, p. 83.

¹³⁹ REZENDE, Otto Lara. A cordialidade apunhalada. *O Globo*, Matutina, O País, 19 de out. 1986, p. 6.

denunciar a crueldade. A relação entre o Prêmio e a Zuzu Angel ocorreu ao final do texto, quando o autor discutiu que os livros dos ganhadores do Nobel poderiam deixar de atender um mercado, mas a luta deles jamais passaria, sempre seria lembrada. Rezende ressaltou que existem casos semelhantes no Brasil, de muitos que não se falavam mais, no entanto continuavam em aberto, como o caso de Zuzu Angel.

Por mais distantes que estejam um do outro, há um traço humanista de identidade entre o ioruba Soyinka e o judeu Wiesel, hoje naturalizado americano. Podem um e outro amanhã desaparecer na voragem do consumo cultural, como na sombra mergulharam tantos nomes que o Nobel por um momento trouxe à luz. Não passarão, porém, as causas por que ambos lutaram e lutam – como não passará o fundamento moral dessa luta incessante e quase sempre inglória. [...]

Entre tantos outros de que já não se fala, está aí aberto o inquérito para apurar a morte, pela tortura, de Rubens Paiva. Está aí, comovente, o livro que já li, de Virgínia Valli – ‘Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho’.¹⁴⁰

Nesse período, como podemos verificar, reivindicou-se uma memória da ditadura militar, no intuito de que apesar de não terem sido solucionados os desaparecimentos ou o acidente que levou ao falecimento da estilista, esses acontecimentos não seriam esquecidos, pois como abordou Otto de Lara Rezende, foram lutas em prol de um lugar melhor.

Em 1987, em outra publicação foi salientado que o Conselho da Defesa dos Direitos da Pessoa Humana estaria em aberto durante trinta dias para receber denúncias ou informações sobre pessoas desaparecidas por motivos políticos no início da década de 1970 e que há um ano alguns casos haviam sido investigados, como o de Stuart Angel Jones.

Essas matérias, em específico, preocuparam-se em ressaltar que os casos de desaparecimento e tortura no regime ditatorial não haviam sido esquecidos e que as lutas em prol de um país democrático não seriam esquecidas. Algumas publicações também preocuparam-se em divulgar a escrita e a encenação de uma peça em homenagem à estilista e a produção do filme, que teria, em um primeiro momento, Fernanda Montenegro como protagonista. Ou seja, as publicações, buscavam legitimar a vida da *designer*, bem como reivindicar que a sua memória não fosse esquecida.

Uma das principais mudanças na institucionalização democrática durante o governo de Sarney referiu-se à Constituição de 1988, já que a Carta Constitucional de 1969 era inviável para o projeto de redemocratização brasileira, vista como autoritária e limitada. As primeiras discussões sobre uma nova Constituição iniciaram-se em julho de 1985 quando foi criada a Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, composta por 50 indivíduos, a exemplo de

¹⁴⁰ REZENDE. 1986, p. 6.

Celso Furtado, Walter Bareli, Paulo Brossard, Luís Eulálio Bueno Vidigal, Antonio Ermírio de Moraes, Gilberto Freyre, dentre outros. A Comissão ficou responsável por criar um anteprojeto para orientar na formulação da nova Constituição¹⁴¹.

A Emenda Constitucional nº 26, de 27 de novembro de 1985, legitimou a criação de uma Assembleia Nacional Constituinte (ANC) a partir da Câmara de Deputados e do Senado Federal. Os deputados seriam eleitos em 1986, enquanto os senadores referiram-se aos eleitos em 1982, na ocasião com quatro anos de mandato. A primeira sessão da ANC ocorreu no dia 01º de fevereiro de 1987, sob a presidência do então ministro do Supremo Tribunal Federal, José Carlos Moreira Alves. Na ocasião a Assembleia foi composta por 559 constituintes de treze partidos, como o PMDB, o PFL, o PDT, o PTB, o PT, o PL (Partido Liberal), o PDC (Partido Democrata Cristão), o PCB, o PCdoB, o PSB (Partido Socialista Brasileiro), o PSC (Partido Social Cristão) e o PMB (Partido Municipalista Brasileiro).

O processo que envolveu a promulgação da Constituição de 1988 respaldou-se em um embate entre diferentes grupos, que a partir de seus interesses buscaram restringir, limitar ou aumentar os “limites do arranjo social, econômico e político a ser estabelecido”¹⁴². Esses grupos podem ser divididos entre aqueles que apoiaram o governo do regime militar e que buscavam assegurar sua autonomia na Nova República e aqueles que compunham os setores de esquerda e que apesar de ser minoria na Assembleia conseguiram ganhos importantes na Carta Constitucional. Além disso, durante a vigência da ANC ocorreram audiências públicas e diálogos com a comunidade no intuito de que a Constituição fosse redigida a partir dos interesses da população.

Ao invés de um trabalho a portas fechadas, houve ampla abertura para a sociedade, uma vez que foi um processo não só intensamente coberto, a cada passo, pela imprensa, mas que também contou com a participação dos grupos sociais organizados, seja diretamente, através de demandas e sugestões na fase de trabalho das subcomissões, seja indiretamente, por meio de pressão para que suas propostas fossem aprovadas pelo plenário.

A Constituição contribuiu significativamente para o reestabelecimento de um regime democrático, apesar de suas limitações. Por meio da sua promulgação foram garantidas as eleições diretas para todas as esferas políticas (deputados, senadores, prefeitos, vereadores, governadores e presidentes da república), significou avanços nos direitos trabalhistas, nos direitos sociais e culturais, bem como fortaleceu políticas voltadas para as minorias, a exemplo,

¹⁴¹ REZENDE, 1986, p. 6.

¹⁴² KINZO, 2001, p. 8.

das penalidades às discriminações contra as mulheres e os negros, o reconhecimento das terras indígenas e quilombolas. Por outro lado, deixou intocável as políticas públicas voltadas para a Reforma Agrária e manteve a “inclinação nacionalista e estatista de algumas de suas cláusulas econômicas e na preservação de muitos traços característicos da estrutura corporativa de representação de interesses”¹⁴³. No cenário militar, aprovou leis favoráveis ao Exército Brasileiro, o que demonstrou as relações entre os militares e o novo governo civil.

A questão econômica no governo Sarney passou por momentos de crises, principalmente quando o projeto da nova moeda brasileira não alcançou os resultados esperados. O Cruzado foi lançado e editado em 28 de fevereiro de 1986 e visava sobretudo resolver os problemas advindos com o crescimento da inflação, o déficit econômico e a dívida externa. Nesse sentido, as principais medidas tomadas foram a reforma monetária, o congelamento de preços e a implantação do seguro-desemprego. A reforma monetária retirou de circulação o cruzeiro e o substituiu por uma nova moeda, o Cruzado. Na conversão um cruzado (Cz\$1,00) correspondia a mil cruzeiros (Cr\$1000,00). No intuito de diminuir a inflação, houve o congelamento dos bens e dos salários, estes que apenas teriam o abono de 8%, enquanto o salário mínimo aumentaria 16%, “a lei ainda previa a escala móvel, ou seja, o reajuste automático dos salários quando a inflação acumulada após o plano atingisse o índice de 20%, funcionando como um ‘gatilho’ salarial”¹⁴⁴. Já, o seguro-desemprego garantiu o recebimento de 70% do salário aos trabalhadores desempregos durante quatro meses. A taxa de câmbio em relação ao dólar, às moedas europeias e à japonesa foram congeladas, bem como o congelamento do valor nominal por 12 meses das Obrigações do Tesouro Nacional.

Para Maciel, foram variadas as reações ao Plano Cruzado, mas, em âmbito geral, obteve forte apoio. A população, a partir do apelo do Presidente, foi incentivada a fiscalizar se as empresas estavam cumprindo o congelamento dos bens. O governo disponibilizou uma tabela de preços e muitas pessoas ao adquirirem um produto conferiam se o valor estava correto. Caso houvesse a violação do preço, a empresa era denunciada e obrigada a pagar uma multa. Nesse período houve uma grande comoção popular, principalmente na crença de que por meio do novo Plano seria restaurada definitivamente a democracia e estabilizada a economia. A popularidade de Sarney, devido ao Plano, cresceu rapidamente, como nunca havia se visto.

O clima de apoio generalizado, fabricado em grande parte pelo discurso fatalista e infalível de que a única e certa solução para o problema da inflação seria o choque heterodoxo deu a Sarney a popularidade e a legitimidade que ele nunca teve, antes ou

¹⁴³ KINZO, 2001, p. 6.

¹⁴⁴ MACIEL. 2008, p. 127.

depois. Logo surgiram os “fiscais do Sarney”, respondendo à convocação do próprio presidente (SARNEY, 1990, pp. 73-75), com as tabelas de preços emitidas pelo governo nas mãos, a denunciar os que infringiam o congelamento e a garantir o espetáculo televisivo diário das donas-de-casa e de pessoas comuns cheias de entusiasmo cívico a chamar a polícia ou os fiscais da Sunab para prender ou autuar algum gerente de loja ou supermercado. Como num passe de mágica, as críticas ao conservadorismo do governo e da reforma ministerial desapareceram por completo, o pacto social saiu da agenda política e Sarney se transformou no grande “cabo eleitoral” das eleições de 1986. A popularidade de Sarney subiu. Segundo pesquisa do Ibope, em 28 de fevereiro 27% dos entrevistados consideravam sua administração ótima, enquanto 26% consideravam regular; em 17 de abril, estes índices mudaram, respectivamente, para 38% e 18%. A peregrinação de políticos, principalmente do PMDB, ao Palácio do Planalto aumentou imensamente, todos querendo tirar uma foto com o presidente para elaborar seu material de campanha.

No entanto, a popularidade de Sarney e a ideia de uma nova ordem social e econômica instituídas pelo Plano Cruzado permaneceram apenas até as eleições de 1986. Em primeiro lugar, o governo não conseguiu controlar a fiscalização do congelamento dos preços em todos os setores, principalmente os de pequeno e médio porte, o que gerou o crescimento de apenas alguns. Em segundo lugar, no início do Cruzado, houve um significativo aumento dos empregos, uma vez que as indústrias passaram a produzir mais, devido a procura por bens. Muitas pessoas adquiriram inúmeros produtos com o receio de que ocorresse um aumento repentino. Porém, devido ao congelamento, a rentabilidade dos empresários caíram para perto de zero, o que ocasionou a paralisação de determinados produtos, como o leite e a carne. Por causa da grande procura e posteriormente a suspensão da produção de certos produtos, ocorreu o desabastecimento do país. Em terceiro lugar, as indústrias pressionaram o governo a retirar o congelamento dos bens. No entanto, Sarney, no intuito de não causar impopularidade ao seu governo, continuou mantendo a tabela fixa de preços.

Com apenas três meses de sua aplicabilidade era inviável a continuação do Plano Cruzado. Apesar do congelamento dos produtos impossibilitar o aumento da inflação, houve a existência de uma inflação oculta presente na cobrança de ágios. Além disso, ocorreu rapidamente a expansão da oferta da moeda e o aumento dos gastos do governo com “salários, subsídios a determinados produtos para manter o congelamento e transferências para estatais, estados e municípios, com óbvias finalidades eleitorais”¹⁴⁵. Sem contar, com o desequilíbrio fiscal, principalmente os juros nominais negativos e o déficit público.

A melhor alternativa, nesse sentido, seria descongelar os produtos, no entanto isso causaria o descontentamento popular, o que implicaria nas eleições de novembro de 1986.

¹⁴⁵ MACIEL. 2008, p. 147.

Assim, no intuito de não ter um aumento súbito da inflação, o governo promoveu algumas mudanças no Plano Cruzado, nomeado de “Cruzadinho”.

O ‘Cruzadinho’ foi uma modesta tentativa de desaquecer o consumo adotando-se elementos de receituário ortodoxo, bem aquém do que se imaginaria inicialmente. Originalmente, pretendia-se retirar 150 bilhões de cruzados de circulação através da criação de empréstimos compulsórios sobre vários produtos de consumo de massa, de combustíveis e automóveis, até energia elétrica, telefone e eletrodomésticos. Também pretendia-se promover uma reforma administrativa, com previsão de demissões no setor público; uma reforma bancária, visando reduzir os gastos dos bancos estaduais; uma reforma fiscal para controle do déficit público e o corte dos subsídios do trigo. No entanto, o impacto negativo destas medidas na estratégia eleitoral do governo e da Aliança Democrática determinou que apenas os empréstimos compulsórios fossem aprovados, porém atingindo muito menos produtos e com alíquotas mais baixas, o que permitiu que apenas 40 bilhões de cruzados fossem retirados de circulação.¹⁴⁶

O Cruzadinho ao invés de possibilitar uma melhora na economia brasileira e liquidar os problemas da inflação, do déficit público e da dívida externa ampliou os desequilíbrios do governo. A balança comercial, como destacado por Maciel, começou a deteriorar-se. O governo implementou outro plano econômico somente após as eleições, no dia 21 de novembro de 1986, nomeado de Plano Cruzado II, que liberou os preços dos produtos e serviços, como os combustíveis, energia elétrica, telefone e correios, açúcar, remédios, táxis e leite e aumentou 100% do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), sendo os automóveis, as bebidas alcoólicas e cigarros. Os bens controlados pelo governo também sofreram reajustes, como a gasolina, porém continuaria congelado. Além disso, ocorreu uma minidesvalorização para estabelecer um novo valor da taxa de câmbio e a reindexação de todos os contratos financeiros.

O Plano Cruzado II também não conseguiu estabilizar a economia brasileira. Durante sua vigência a inflação aumentou consideravelmente e as alianças que o governo mantinha com determinados partidos foram rompidos, como a exemplo do PCdoB. O apoio popular, mantido durante o Plano Cruzado I e o Cruzadinho foi rompido, principalmente com o aumento da inflação e conseqüentemente dos produtos. Assim, em 20 de janeiro de 1987 foi decretado moratória e a suspensão do pagamento da dívida externa.

O Ministro da Fazenda, Dílson Funaro, foi substituído por Luiz Carlos Bresser Pereira em abril de 1987. Uma das primeiras medidas consistiu na apresentação do Plano Bresser no dia 12 de junho de 1987, que para Maciel, combinou características heterodoxas e ortodoxas. As principais medidas foram: congelamento dos preços e salários para conter a inflação, retomada das negociações com o FMI, algumas obras de grande porte foram adiadas, como o Trem Bala entre São Paulo e Rio de Janeiro e a Ferrovia Norte Sul. Para solucionar a questão

¹⁴⁶ MACIEL. 2008, p. 149.

da dívida externa, Bresser propôs o aumento de impostos, o que gerou o descontentamento do empresariado. Em dezembro de 1987 ele foi afastado do Ministério da Fazenda.

Em dezembro Maílson da Nóbrega assumiu interinamente o Ministério da Fazenda. Sua política econômica ficou nomeada de “Feijão com Arroz”. O governo adotou uma política de “austeridade, de ‘administração’ da inflação, admitindo sua estabilização no patamar de 15% ao mês, e de redução do déficit público, com cortes nos gastos e investimentos públicos”. Em 1989, foi lançado o Plano Verão, a última tentativa do governo Sarney em controlar a inflação. Nesse novo Plano instituiu-se o Cruzado Novo (NCz\$), que valia Cz\$ 1.000. Os reajustes salariais podiam ser reajustados livremente até a elaboração de uma política salarial, aumentou-se a taxa de juros e a desvalorização do câmbio e ocorreu o ajuste fiscal.

O mandato de Sarney terminou em 1990, quando Fernando Collor, eleito por votos diretos, assumiu a Presidência do país. Para alguns autores, o governo civil estabelecido em 1985 não significou uma ruptura drástica com o regime militar, uma vez que o Ministro do Exército exerceu grande influência, sem contar nos discursos sobre um possível golpe pelos militares. No entanto, percebemos a relevância de leis instituídas nesse período que visaram o reestabelecimento da democracia, como a elaboração de uma nova Carta Constituinte, as eleições por voto direto, as normas direcionadas à criação de novos partidos, dentre outros.

Após 25 anos, em 15 de novembro de 1989, ocorreu no Brasil a eleição para a escolha do Presidente da República por voto direto. Isso significou a esperança de uma nova ordem social, política e econômica, já que o governo Sarney, não conseguiu estabilizar a economia, nem teve durante toda a vigência de seu mandato o apoio popular. Ao total foram 22 candidatos que concorreram as eleições, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – Candidatos às eleições de 15 de novembro de 1989 (Presidência da República).

Candidato	Partido
Affonso Camargo	PTB (Partido Trabalhista Brasileiro)
Guilherme Afif Camargo	PL (Partido Liberal)
Leonel de Moura Brizola	PDT (Partido Democrático Trabalhista)
Celso Teixeira Brant	PMN (Partido da Mobilização Nacional)
Fernando Collor de Melo	PRN (Partido da Reconstrução Nacional)
Armando Corrêa	PMB (Partido Municipalista Brasileiro)
Enéas Ferreira Carneiro	PRONA (Partido da Reedificação da Ordem Nacional)

Candidato	Partido
Eudes Mattar	PLF (Partido do Levy Fidélis)
Fernando Gabeira	PV (Partido Verde)
Lívia Maria	PN (Partido Nacionalista)
Luiz Inácio Lula da Silva	PT (Partido dos Trabalhadores)
Paulo Maluf	PDS (Partido Democrático Social)
Manuel Horta	PCdoB (Partido Comunista do Brasil)
Mário Covas Júnior	PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira)
José Alcides de Oliveira (Marronzinho)	PSP (Partido Social Progressista)
Paulo Gontijo	PP (Partido Progressista)
Antônio Pedreira	PPB (Partido do Povo Brasileiro)
Roberto Freire	PCB (Partido Comunista Brasileiro)
Ronaldo Caiado	PSD (Partido Social Democrático)
Ulysses Guimarães	PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro)
Zamir José Teixeira	PCN (Partido Comunitário Nacional)

(Fonte: <http://www.tre-pe.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1899/candidatos-1989> Acessado em 08 de out. 2017.)

Apesar dos inúmeros candidatos que participaram das eleições, o destaque ficou entre dois partidos, um dito conservador e o outro pertencente aos ideais da esquerda. Luiz Inácio Lula da Silva representou o PT, enquanto Fernando de Collor Melo concorreu filiado ao PRN. Collor, durante sua candidatura, anunciou-se como uma oposição ao governo Sarney¹⁴⁷, um político comprometido com a democracia, sem vínculos com os partidos conservadores e sem quaisquer possibilidades de se envolver em esquemas de corrupção. Conforme a pesquisa de Maciel, Collor soube aproveitar a mídia brasileira, conseguindo ser representado como um político honesto, capaz de enfrentar os problemas sociais e econômicos do Brasil. Durante sua campanha ficou conhecido como o “caçador de marajás”, ou seja, caçaria todos os corruptos da política brasileira. Além disso, prometeu que diminuiria a intervenção militar no governo.

[...] Collor se utilizou habilmente do novo papel assumido pela mídia brasileira, principalmente pela televisão, como espaço de exercício da política em lugar do

¹⁴⁷ Collor já foi filiado à Arena, PDS e PMDB. Para Maciel, ele fundou o PRN somente para candidatar-se à Presidência da República.

espaço público, polarizando a campanha eleitoral e assumindo a primeira colocação nas pesquisas de intenção de voto já em abril de 1989. A partir daí, começou a configurar-se como o único capaz de evitar a vitória da esquerda, ganhando a adesão progressiva do campo conservador e beneficiando-se diretamente da ausência de um candidato que unificasse o bloco no poder. Com um programa *neoliberal extremado*, Collor se comprometia a privatizar estatais; reduzir o tamanho do Estado fechando órgãos, cortando gastos e demitindo funcionários públicos; abrir a economia ainda mais ao capital externo e deixar a questão salarial para livre negociação entre patrões e empregados. No plano retórico, comprometia-se a reduzir o peso dos militares no governo, chegando a afirmar que fecharia o SNI, além de fazer uma devassa nas contas públicas e varrer a corrupção.

A proposta de governo de Lula, por sua vez, era antiautocrática e diferente de Collor, não previa o estabelecimento do neoliberalismo, mas “a criação de um modelo econômico que submeteria o grande capital à lógica distributivista imposta pelo Estado e pelos trabalhadores organizados”¹⁴⁸. Também foi proposto o pagamento da dívida externa e a extinção da tutela militar, com o fim do SNI. A possibilidade de Lula vencer as eleições causou o descontentamento dos setores mais conservadores, pois para muitos o Brasil se tornaria um país comunista, impossibilitando o seu crescimento. Assim, alguns partidos, após perceber que não ganhariam as eleições, começaram a apoiar Collor. Antes o “caçador de marajás como presidente, do que o Lula”. Para Maciel, havia uma desunião das esquerdas, o que fragilizou a campanha do PT.

A não-viabilização de uma aliança entre as forças de esquerda, que resultasse numa candidatura única, cobrou seu preço no 2º turno, pois, devido aos ataques e acusações recíprocas entre os candidatos durante a primeira fase da campanha, a adesão a Lula não se deu de modo inequívoco. Entre os candidatos derrotados, Roberto Freire e o PCB aderiram à campanha de Lula em nome da perspectiva democrática e do avanço das forças progressistas, conforme elaboração do partido, apesar de considerar que a candidatura Lula deveria ter um leque de apoio maior entre as classes dominantes. Já a adesão de Brizola foi mais complicada, pois, inicialmente, este questionou a vantagem de 500 mil votos de Lula no 1º turno, acusando a existência de fraude eleitoral. Mais tarde, já em fase de negociações, propôs a desistência de Lula e dele, 3º colocado, para disputar o 2º turno com Collor, em favor de Covas, o 4º colocado, em nome da união das forças de esquerda, revelando uma clara tentativa de deslegitimar a candidatura e a votação obtida pelo petista. Porém, após a adesão, Brizola orientou seus eleitores a votar no candidato do PT, transferindo-lhe nada menos que 15% do eleitorado.¹⁴⁹

No 2º turno Collor venceu as eleições com 50% dos votos, contra 44% atribuídos ao Lula. A vitória de Collor representou, segundo Maciel, a própria dinâmica conservadora do processo de transição, que apesar de substituir a institucionalidade autoritária por uma

¹⁴⁸ MACIEL. 2008, p. 337.

¹⁴⁹ Ibid., p. 339.

institucionalidade democrática, precisou de aspectos autoritários desde as eleições de 1985. O novo governo iniciou-se em 15 de janeiro de 1985.

Collor assumiu a presidência do Brasil com sérios problemas econômicos e sociais. Além da dívida externa, o país enfrentava problemas internos, principalmente relacionadas ao déficit público. Durante sua gestão, Collor não conseguiu a aprovação de boa parcela do Congresso, mas possuía o apoio do empresariado e de outros setores da sociedade, visto que sua política de governo direcionava-se ao neoliberalismo. Além disso, a vitória por meio de eleições diretas possibilitou ao presidente a legitimidade necessária para apresentar as reformas. Segundo Brasílio Salum¹⁵⁰, Collor não conseguiu realizar todos os seus objetivos devido ao seu *Impeachment* em 1992, mas isso não significou que tenha “fracassado” completamente. As ações realizadas no decorrer de seu mandato influenciaram na base econômica e social dos próximos anos, possibilitando a superação da crise de Estado.

Um dia após a posse do novo Presidente, foi lançado o Plano Collor¹⁵¹. Em uma coletiva de imprensa a Ministra da Fazenda, Zélia Cardoso de Melo, juntamente com dois economicistas, explicaram os objetivos do novo Plano, que promoveu: a mudança da moeda, substituiu o Cruzado pelo novo Cruzeiro, sem mudanças de zeros; congelamento dos preços e salários; demissão de funcionários públicos e extinção de certos órgãos públicos; privatização de estatais, principalmente as que não estavam dando lucros ao governo; liberação do câmbio para promover a importação e; o congelamento do saldo das cadernetas de poupança com saldo superior de 50 mil cruzados. Esta última medida foi entendida pela população como um confisco de sua poupança, o que gerou o descontentamento de boa parcela da sociedade brasileira. Muitas pessoas, foram aos bancos no dia seguinte ao pronunciamento do Plano e tentaram sacar o dinheiro que possuíam na poupança, no entanto, os bancos não estavam preparados e não tinham sequer dinheiro em espécie para entregar aos seus clientes. De acordo com Danilo Enrico Martuscelli¹⁵², o confisco das poupanças significou um “duro golpe” nos interesses da classe média brasileira, que utilizava dos seus investimentos na poupança para enfrentar os problemas advindos da inflação.

Nos primeiros meses de aplicação do Plano Collor houve uma considerável queda da inflação. Em março de 1990 a inflação ficou em 81,3%, enquanto no próximo mês correspondeu

¹⁵⁰ SALUM, Brasílio. Governo Collor: Reformismo Liberal e a Nova Orientação da Política Externa Brasileira. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Volume 54, nº 2, 2011, pp. 259-288.

¹⁵¹ Ele foi instituído por meio de uma Medida Provisória, iniciando-se somente em março de 1990.

¹⁵² MARTUSCELLI, Danilo Enrico. **A crise do governo Collor e a tática do PT**. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2005.

a 11,3%¹⁵³. Mas isso durou pouco tempo. O Brasil, logo entrou em uma crise econômica devido a diminuição dos salários, aumento do desemprego, falência de empresas, dentre outros fatores. Diante desse contexto, foi lançado em 31 de janeiro de 1991, o Plano Collor II, que reeditou algumas medidas com o objetivo de diminuir o crescimento da inflação. No novo Plano, foram extintas as operações em *overnight*, criou-se o Fundo de Aplicações Financeiras (FAF), o uso da Taxa Referencial Diária (TRD) com juros predefinidos e o aumento do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF)¹⁵⁴.

Apesar das medidas tomadas pelo governo no decorrer de 1990-1992, os salários continuaram desvalorizados, houve o crescimento do desemprego, ocorreu a imobilização da poupança, a economia brasileira ficou mais vulnerável devido à entrada de capitais estrangeiros, o que gerou o aumento da concorrência. Em 1992 a legitimidade de Collor entrou em crise, principalmente após as denúncias de que estaria envolvido em esquemas de corrupção. O seu irmão, Pedro Collor de Mello, o denunciou, afirmando a participação do Presidente, juntamente com o tesoureiro de sua campanha presidencial, Paulo César Cavalcante Farias, em um esquema de lavagem de dinheiro. Essa denúncia agravou a impopularidade de Collor. Assim, em junho de 1992, o Congresso Nacional aprovou a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar a denúncia.

A CPI do PC, como ficou intitulada, foi composta por 22 políticos, presidida pelo então deputado Benito Gama (PFL). O relatório foi divulgado em agosto de 1992 e comprovou a participação de Fernando Collor nos esquemas de corrupção. A Comissão solicitou o *Impeachment* do Presidente. A Câmara dos Deputados em 29 de setembro de 1992, afastou o Presidente, assumindo inteiramente o vice Itamar Franco, até que fosse julgado o processo de *Impeachment* pelo Senado Federal.

Sallum, ao analisar a bibliografia existente sobre o impedimento de Fernando Collor, salienta que existem diversas perspectivas que apontam as causas para sua ocorrência. A primeira refere-se à personalidade do Presidente, que não conseguiu formar alianças políticas e preferiu governar a partir de seus ideais. Em segundo, as análises compreendem que o *Impeachment* ocorreu pela incapacidade de Collor em estabilizar a economia brasileira. Em terceiro, corresponde às dificuldades de superar a crise política, principalmente em conseguir o apoio do Congresso. Além disso, o papel da mídia foi crucial para a realização do impedimento,

¹⁵³ MASTUSCELLI, Danilo. Enrico. Crise política e capitalismo neoliberal no Brasil: a crise do governo Collor (1992), **Anais do V Congresso Latinoamericano de Ciencia Política. Asociación Latinoamericana de Ciencia Política**, Buenos Aires, 2010. p. 4.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 5.

com matérias destinadas as denúncias de Collor e a exigência do estabelecimento de ações para a investigação da corrupção. Em relação aos favoráveis ao *Impeachment*, em agosto de 1992 iniciou-se o movimento dos “cara-pintadas”, que correspondeu às manifestações realizadas por jovens em favor do afastamento de Collor.

Com três meses afastado e diante da crise que se instalou em seu governo, Collor renunciou às vésperas da votação do *Impeachment* no Congresso Nacional. Inicialmente o julgamento ficou marcado para o dia 22 de dezembro, mas por uma manobra do advogado de Collor, foi adiado para o dia 29 de dezembro de 1992. Em mais uma tentativa de manter os seus direitos políticos, Collor renunciou ao cargo antes da votação. No entanto, o processo, mesmo com a renúncia, foi prosseguido. O “caçador de marajás” foi impedido e perdeu os seus direitos políticos por oito anos.

Em relação à produção jornalística da Folha de São Paulo e O Globo, no que se refere ao nome de Zuzu Angel, as representações foram construídas em conexão à investigação do desaparecimento de Stuart ou sobre a influência da estilista para a moda brasileira. No caso do jornal Folha de São Paulo houve apenas uma publicação entre 1990 a 1992, que noticiou uma mostra que abordaria os 100 anos de moda no Brasil, que no decorrer do evento, apresentaria a moda produzida por Zuzu. Nessa publicação não foi feita nenhuma referência à ditadura militar ou ao Stuart.

Com custo total estimado em US\$ 500 MIL, o Sesc/Senac inaugura hoje o projeto ‘Modos da Moda – 1880-1990’, com patrocínio da Rhodia. São cem anos de moda no Brasil, revistos através de seminários, workshops, performances, desfiles e vídeos, reunindo peças de vestuário, mobiliário, pintura e esculturas, fotografias, livros e revistas, provenientes de acervos públicos e coleções particulares. [...] O arquiteto e artista plástico Flávio de Carvalho é outra das atrações da mostra, com desenhos e seu ‘traje de verão’ de 1954, bem como a estilista Zuzu Angel, em modelos dos anos 60 e 70.¹⁵⁵

Em 1991, no jornal O Globo, uma mesma matéria apareceu dez vezes no jornal, com datas próximas ou no mesmo dia, no caderno Jornais de Bairro¹⁵⁶, inclusive foi única que abordou Zuzu Angel nesse ano. Nela falou-se sobre o lançamento do livro O Caso Janu, de José Louzeiro. Ao abordarem a vida do autor, mencionaram que ele já havia publicado outros livros, como por exemplo, ‘Em Carne Viva’, cuja história, um romance policial, teve como inspiração Zuzu Angel e Stuart.

¹⁵⁵ MOSTRA REVÊ CEM ANOS DE MODA NO BRASIL. *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 13 de out. 1992, p. 6.

¹⁵⁶ Eram cadernos destinados aos bairros específicos do Rio de Janeiro, como Tijuca, Copacabana, Niterói, Zona Oeste, dentre outros. O intuito consistia em tratar de assuntos específicos desses bairros e aproximar o jornal do leitor.

Antes de ‘O caso Janu’, Louzeiro já tinha escrito um livro sobre um jovem que fez oposição ao regime militar. ‘Em carne viva’ conta a história de Stuart Angel, desaparecido durante o regime. Stuart era filho de Zuzu Angel, grande amiga de Louzeiro.

- Eu tenho uma grande admiração por Stuart. Aliás, admiração não. Tenho verdadeira devoção.¹⁵⁷

Em 1992, Hildegard Angel, em sua coluna social, ressaltou os principais nomes do governo Itamar Franco, que assumiu a Presidência definitivamente após o *impeachment* do Collor, como Aureliano Chaves, José Aparecido, Pimenta da Veiga e Raul Belém. Apesar do título da matéria ter sido Eleitos de Itamar, ela utilizou esse espaço para divulgar o projeto da Casa de Cultura Zuzu Angel e solicitou àquelas que ainda possuíssem roupas da grife Zuzu, para entrarem em contato.

[...] Não só os mineiros Aureliano Chaves, José Aparecido, Pimenta da Veiga e Raul Belém formam o time ‘ministeriável’ de Itamar Franco. Inclua-se aí também o ex-governador paraibano Milton Cabral... Casa de Cultura Zuzu Angel, projeto em andamento, pretendendo ser centro de referência da história da moda brasileira. Aquelas que ainda possuam peças com grife Zuzu, o apelo da repórter para que a contatem no tel. 580-1273.¹⁵⁸

Entre 1990 a 1991, os jornais não relacionaram, em âmbito geral, a vida da estilista à ditadura militar, ou a representaram como símbolo de luta e coragem materna. Essas transformações nas representações ocorreram principalmente no governo de Fernando Henrique Cardoso, após a criação da Lei nº 9.140, de 04 de dezembro de 1995, que reconheceu como mortas as pessoas desaparecidas em razão de participação, ou acusação de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979. Os jornais, a partir da própria abertura promovida pelo Estado no intuito de investigar os crimes cometidos no regime militar, passaram a publicar matérias noticiando os julgamentos e a decisão da Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos.

Itamar Franco assumiu oficialmente à Presidência da República em 29 de dezembro de 1992, presidindo até 15 de janeiro de 1995. Para Matheus Nascimento Germano¹⁵⁹, o governo de Itamar Franco pode ser dividido em dois momentos: o período de sua composição política

¹⁵⁷ JOSÉ LOUZEIRO CONTA ‘O CASO JANU’. **O Globo**, Matutina, Jornais de Bairro, Madureira, 2 de jul. 1991, p. 36.

¹⁵⁸ ANGEL, Hildegard. Eleitos do Itamar. **O Globo**, Matutina, Ela, 29 de ago. 1992, p. 6.

¹⁵⁹ GERMANO, Matheus Nascimento. **Neoliberalismo e o Conflito Capital e Trabalho no Brasil** (1990-1996). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2013.

em outubro de 1992, até a nomeação de Ministro da Fazenda ao Fernando Henrique Cardoso em maio de 1993 e; da formação do Plano Real até as eleições de 1994.

As forças políticas, referidas por Germano em sua pesquisa, correspondem aos mesmos que participaram favoravelmente ao *Impeachment* de Collor, com uma ampla coalização do centro-direita. Itamar Franco buscou estabelecer alianças com diferentes partidos, a exemplo do PT, PMDB, PFL, PSDB, dentre outros. Também houve intensa participação dos militares, com a promessa de indicação de nomes ao Exército, Aeronáutica, Marinha, etc.. O autor, a partir dos pressupostos de Zaverucha, ressalta que o governo de Itamar Franco foi o que mais contou com a participação de militares em importantes cargos de primeiro e segundo escalão. Além disso, os militares tiveram participação na manutenção das leis e a repressão aos movimentos sociais.

Esse primeiro período, também caracterizou-se “por um esgotamento contínuo da ampla coalização política responsável pela legitimação de seu mandato ‘tampão’ e, sobretudo, pelo aprofundamento da crise econômica e política¹⁶⁰. Ou seja, Itamar Franco assumiu o país com um alto índice da inflação, sem contar na própria legitimidade da democracia. Como afirma Kinzo, o processo de democratização brasileira foi percorrido entre pedras e espinhos, marcado por diferentes cenários econômicos e sociais, como a mudança por quatro vezes da moeda e os problemas decorridos com as sucessões, o que gerou uma crise na governabilidade. Outra dificuldade enfrentada, correspondeu as CPI’s criadas para investigar denúncias de corrupção, fragilizando o governo.

Durante 1992 e 1993 foram nomeados quatro Ministros da Fazenda, Gustavo Krause, Paulo Haddad, Eliseu Rezende e Fernando Henrique Cardoso. Somente o último, a partir do Plano Real, conseguiu estabilizar a economia. Na questão política, o plebiscito realizado em 21 de abril de 1993, com vitória do presidencialismo, buscou antecipar as disputas que ocorreriam nas eleições de 1994. Aqueles que defenderam o presidencialismo tinham maior chance de serem eleitos nas eleições, como Maluf, Brizola e Lula e os que apoiaram o parlamentarismo objetivavam chegar ao poder indiretamente, como o PSDB e Ulysses Guimarães¹⁶¹. Para Germano, diante da crise, Itamar Franco chegou a cogitar a sua renúncia e antecipar as eleições, no entanto, alguns grupos o motivaram a mudar de ideia. Alguns militares, por sua vez, descontentes com a redução de seus salários e do orçamento, cogitaram a possibilidade de um golpe.

¹⁶⁰ GERMANO. 2013, p. 77.

¹⁶¹ Ibid, p. 87.

Apesar da crise que ocorreu nos primeiros meses de seu governo, Itamar Franco conseguiu, a partir de suas articulações políticas e a proposta da Reforma Constitucional de 1993, articular políticas voltadas ao neoliberalismo, como a privatização de empresas e abertura da economia ao mercado interno.

Foi durante o governo Itamar que se abriram as portas para que o capital financeiro internacional entrasse com mais liberdade na compra do patrimônio público ou dos recursos naturais (como adquiriu imensos pedaços de solos e subsolos do país com a venda das siderúrgicas), quando se aboliu a limitação de 40% do patrimônio líquido para o capital estrangeiro para a compra das empresas estatais. Assim, o capital financeiro internacional pôde, a partir de então, ter os mesmos privilégios que os demais grupos.¹⁶²

Embora a apresentação do Plano Real ter ocorrido em 1993, sua aplicação de fato iniciou-se em 30 de junho de 1994. A moeda implantada por este plano foi a única que conseguiu controlar a inflação e possibilitar a estabilização da economia brasileira, sendo utilizada até os dias atuais. Como já mencionado, o seu idealizador, então Ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, ganhou prestígio e o reconhecimento popular. O Plano, conforme apontado por Germano, possuiu duas matizes: o Consenso de Washington e a experiência do Plano Cruzado.

O Consenso de Washington referiu-se a uma reunião realizada na capital dos Estados Unidos em 1989, que contou com a participação de representantes do FMI e BIRD (Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento) e acadêmicos latino-americanos. A partir desse encontro foram criadas recomendações que visaram o estabelecimento do neoliberalismo em países subdesenvolvidos, principalmente os da América Latina. Foi proposta a criação de um rigoroso controle fiscal, controle dos gastos públicos, delimitação do regime cambial a partir da dolarização direta da moeda e a liberalização da economia e do setor financeiro¹⁶³. A partir desses ideais, FHC, ao elaborar o Plano Real, buscou a inserção de ações voltadas ao neoliberalismo, como a privatização das estatais e diminuição dos gastos públicos, passando para o setor privado algumas funções exercidas pelo governo.

O Plano Cruzado contribuiu para a elaboração do novo Plano na medida que possibilitou constatar as limitações da troca de moeda de forma abrupta, o que poderia gerar novamente o alto índice de inflação. Assim, o Plano Real foi instalado em três etapas distintas. A primeira fase ocorreu entre dezembro de 1993 à fevereiro de 1994, que consistiu nos “cortes de gastos,

¹⁶² GERMANO. 2013, p. 88.

¹⁶³ Ibid., p. 91.

reorganização do setor público e o fim da inadimplência dos Estados e municípios”¹⁶⁴. A segunda fase correspondeu à criação, em fevereiro de 1994, da URV (Unidade Real de Valor), que serviu como uma “espécie de moeda” que gradativamente fez a transição para a nova moeda, controlando os valores do padrão monetário. A terceira e última fase “foi com a transição de fato para a nova moeda em julho de 1994”¹⁶⁵.

Para Germano, o sucesso do Plano Real ocorreu devido à estabilidade econômica gerada, o que possibilitou a realização das medidas econômicas de cunho neoliberal, como a exemplo, “o fim do monopólio estatal nas áreas de exploração e refino do petróleo, nas telecomunicações e na distribuição de energia”¹⁶⁶. Dessa forma, FHC recebeu o apoio de grande parcela da comunidade brasileira, sendo um dos candidatos mais fortes para concorrer às eleições de 1994 contra Lula ou Brizola, estes últimos que também haviam conseguido popularidade em diferentes setores. Outro ponto, foi a capacidade de FHC em articular com outros partidos de grande influência, como o PFL e o PTB, sem contar que o seu partido PSDB, criado na década de 80 como uma dissidência do PMDB, era o que mais se aproximava das perspectivas conservadoras.

Diferentemente das eleições de 1989 que contou com a candidatura de 22 políticos, em 1994 houveram oito candidatos, conforme tabela abaixo:

Tabela 2 - Tabela dos Candidatos às eleições de 03 de outubro de 1994 (Presidência da República).

Candidato	Partido
Carlos Antônio Gomes	PRN (Partido da Reconstrução Nacional)
Eneas Ferreira Carneiro	PRONA (Partido da Reedificação da Ordem Nacional)
Esperidião Amin Helou Filho	PPR (Partido Progressista Reformador)
Fernando Henrique Cardoso	PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira)
Hernani Goulart Fortuna	PSC (Partido Social Cristão)
Leonel de Moura Brizola	PDT (Partido Democrático Brasileiro)
Luiz Inácio Lula da Silva	PT (Partido dos Trabalhadores)
Orestes Quercia	PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro)

Fonte: <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-1994/relacao-do-candidatos-a-presidencia-da-republica-eleicoes-1994> Acessado em 11 de out. 2017.

¹⁶⁴ GERMANO. 2013, p. 93.

¹⁶⁵ Ibid., p. 97.

¹⁶⁶ Ibid., p. 99.

A princípio acreditava-se que Lula poderia ganhar as eleições no primeiro turno, porém com a candidatura de FHC essa possibilidade diminuiu consideravelmente.

Quando se falava na eleição presidencial nos primeiros meses de 94 havia uma certeza comum a todas as análises: Lula estaria no segundo turno, ainda que não se soubesse contra quem. Ao longo de maio, por ocasião das convenções partidárias que definiram o quadro de candidatos, as intenções de voto em Lula atingiram o patamar dos 40% levando muitos a acreditar que o candidato do PT caminhava para uma vitória no primeiro turno.

Mas quatro meses depois, apuradas as urnas de 3 de outubro, foi Fernando Henrique quem liquidou a fatura com 34,4 milhões de votos, 5,5 milhões a mais do que a soma obtida por seus sete adversários e o dobro dos votos de Lula.¹⁶⁷

Fernando Henrique Cardoso venceu as eleições no primeiro turno. Seu governo iniciou-se em 01º de janeiro de 1995, sendo reeleito em 1998. Somando os dois mandatos foram oito anos de governo. O nosso recorte temporal, como já apresentado, é até 1998. Escolhemos esse período do primeiro mandato de FHC devido as mudanças realizadas, não apenas na questão econômica, com a inserção de ações de cunho neoliberal, mas também sobre a tutela e a autonomia militar, que comparada aos governos de Sarney, Collor e Itamar Franco, foi inferior. Na questão econômica, a nova moeda manteve sob controle a inflação, no entanto, como afirma José Carlos Martines Balieiro Júnior¹⁶⁸, os custos sociais e políticos foram altos. Durante o mandato de FHC ocorreu a privatização de empresas estatais importantes, mas significou o aumento da desigualdade social e do desemprego.

Maria Lygia Quartim de Moraes¹⁶⁹ salienta que Cardoso tem o “mérito histórico” de ter sido o primeiro a realizar a reparação oficial das denúncias contra o regime militar, organizando a Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos Políticos, por meio da Lei 9.140, de 04 de dezembro de 1995. Na análise das fontes, percebemos um grande número de publicação nos jornais Folha de São Paulo e O Globo sobre Zuzu Angel, principalmente no que concerne às discussões se ela realmente foi morta pelos militares e se caberia uma indenização à família. Entre 1996 a 1998 Zuzu foi representada como um dos principais personagens do regime de exceção, sendo reivindicada nas publicações a luta para a preservação da memória daquela que enfrentou o autoritarismo da ditadura militar na busca por seu filho.

¹⁶⁷ MENDES, Antônio Manuel; VENTURI, Gustavo. Eleição Presidencial: o Plano Real na sucessão de Itamar Franco. **Revista Opinião Pública**, Volume II, nº 2, dezembro, 1994, p. 60.

¹⁶⁸ JÚNIOR, José Carlos Martines Balieiro. Notas de Análises sobre a Era FHC (1994-2002). **Revista Tópos**, Volume 1, nº01, 2007.

¹⁶⁹ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Do direito à reparação. In: TELES, Janaína (org.). Mortos e desaparecidos políticos: reparação ou impunidade. São Paulo: **Humanistas** / FFLCH / USP, 2001. p. 105.

Em uma publicação do dia 14 de maio de 1997, devido ao processo de indenização à família de Zuzu na Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos, foi redigida uma notícia sobre a biografia da estilista, desde as suas roupas produzidas com estampas de Maria Bonita e Lampião, ao desfile protesto em 1971. Nessa matéria, destacou-se sobretudo as práticas realizadas por ela no intuito de cobrar informações do paradeiro de seu filho, que causaram o descontentamento dos militares.

A morte do filho Stuart Edgar mudou a vida da estilista Zuzu Angel. Transformada numa ‘Mater dolorosa’ (poema do português Gonçalves Crespo), dedicou os cinco últimos anos de vida à luta de recuperar o corpo do filho, morto em 15 de maio de 1971, após ser submetido a torturas no Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica.

Desde que Stuart foi preso, em 14 de maio, Zuzu peregrinou por quartéis e procurou ministros, políticos e militares. Uma carta eliminou sua esperança de rever o filho vivo: nela, outro militante de esquerda, Alex Polari de Alverga, contava ter testemunhado a morte de Stuart.

Começou então a sua luta para reaver o corpo do filho. No fim de 1971, Zuzu lançou, em Nova York, a primeira coleção de moda de protesto político da História. Os bordados exibiam tanques de guerra, queques, canhões atirando em anjos e crianças desfiguradas. Um mês antes de morrer, a estilista driblou o esquema de segurança da visita ao Brasil do secretário de Estado americano, Henry Kissinger, para entregar-lhe um dossiê sobre Stuart.

As ameaças se tornaram frequentes: os telefones sempre tinham ruídos esquisitos e Zuzu chegava a reconhecer pessoas que a seguiam nas ruas. Temendo ter destino semelhante ao de Stuart, Zuzu entregou a amigos uma carta, datada de 25 de abril de 1975, na qual dizia que, caso algo lhe acontecesse, seria culpa dos mesmos assassinos do filho. Por isso, quando souberam do acidente de carro que a matou, os parentes e amigos não acreditaram que fosse uma fatalidade.¹⁷⁰

Em 1996, 1997 e 1998 as matérias jornalísticas ressaltaram que a morte de Zuzu Angel não poderia ter sido simplesmente um acidente, diante das ameaças que ela havia sofrido, mas que foi ocasionado pelos mesmos que assassinaram seu filho. Assim, a família tinha o direito de receber a indenização a ser paga pelo Estado. Era uma forma de se redimirem pelos crimes cometidos. Os jornais legitimaram uma “verdade” e reivindicaram que as representações apresentadas fossem reconhecidas pelos membros da Comissão e por seus leitores.

As produções jornalísticas não estiveram desassociadas do contexto histórico. Elas foram escritas a partir da subjetividade dos jornalistas, do mercado a ser atingido e das Instituições. Dessa forma, nesse segundo capítulo, ao abordamos o momento vivenciado por Zuzu e o tempo da pesquisa, compreendemos como a construção de sua memória não está desassociada da ditadura militar e muito menos do momento de sua elaboração. Como

¹⁷⁰ EMBALAR O FILHO, OBSESSÃO DE MÃE FERIDA PELA DOR: NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS DE VIDA, ZUZU SÓ PENSAVA EM DENUNCIAR A TORTURA E O ASSASSINATO DE STUART E RECUPERAR O CORPO. **O Globo**, Matutina, O País, 14 de mai. 1997, p. 12.

apresentamos no próximo capítulo, a memória é um fragmento, um estilhaço construído e dado pelo presente e pelas as experiências individuais e coletivas de quem a transmite.

Capítulo 3. Memória, Representação, Identidade e Mídia: os percursos teórico-metodológicos da pesquisa

3.1 Memória, Identidade e Representação: a memória como construção

As discussões sobre memória, na historiografia, adquiriram ressignificações, ampliando sua concepção e uso para o campo historiográfico. A memória, a partir das diversas apropriações, foi consagrada de distintas formas, como por exemplo, individual e coletiva; histórica e autobiográfica. Segundo Barros¹⁷¹, a memória, na designação mais habitual, era compreendida como “vulgar e cotidiana”, como um processo de “lembrar fatos passados ou aquilo que o indivíduo representa no passado”¹⁷², apresentava ambiguidades, não permitia uma precisão, “uma vez que envolve esquecimentos, distorções, reconstruções, omissões, parciaisidades, hesitações”. A memória era o “lado pobre”, sendo raras as vezes que poderia ser utilizada pela historiografia como fonte. No entanto, após a Segunda Guerra Mundial e a necessidade dos indivíduos expressarem suas vivências, a memória constitui-se como fonte histórica. Deixou de significar apenas um universo estático e passivo, para adquirir complexidades, sendo um processo ativo, dinâmico, complexo, interativo, em que memória e esquecimento caminham juntos.

A historiografia atual utiliza a memória principalmente como fonte, criando metodologias e especificando os campos de sua atuação. Com sua crescente revalorização, tanto no âmbito individual, quanto no coletivo, as falas assumem papel fundamental na construção da narrativa histórica. No entanto, existem limitações, principalmente fragilidades teóricas. De acordo com Seixas¹⁷³, muito se pratica a memória histórica, porém pouco se reflete, ou seja, as discussões atuais conceituam a memória e a história em uma relação, em que a primeira enquadra-se nos preceitos teórico-metodológicos da historiografia, anulando e abandonando “pedaços” importantes que a caracteriza, proporcionando o efeito de que a memória espontaneamente se redefinisce.

As noções entre história e memória situam-se em raízes sólidas, desde a Antiguidade Clássica, afirmando que a memória apreendida não se define como evidente ou natural, mas profundamente histórica, supondo uma epistemologia específica, ou seja, uma trajetória.

¹⁷¹BARROS, José D’Assunção. Memória e História: uma discussão conceitual. In: **Revista Tempos Históricos**. Ano I, volume nº 1 – 1999 ao Ano VII – v.7 – 2005.

¹⁷²Ibid., p. 369.

¹⁷³SEIXAS, Jacy A. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas atuais. In: **Memória e (Res) Sentimentos**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004, p. 37-58.

Entretanto, a partir dos anos 1980 novas concepções emergiram. Segundo Seixas, a historiografia compreende que a memória não supõe somente o sentido de complementaridade, mas também de oposição. A história assume a função de senhora, produzindo as memórias. Para Seixas;

A memória, encontra-se, assim, prisioneira da história ou encurralada nos domínios do privado e do íntimo, transformou-se em objeto e trama da história, em memória historicizada. Esse movimento é inexorável e sem volta, toda memória hoje em dia é uma memória exilada, que busca refúgio na história [...].¹⁷⁴

A memória passa a servir a história e por fim, acaba-se por não reconhecer a distinção entre ambas. Metodologias, teorias, leituras e interpretações semelhantes aplicam-se nas análises da história e da memória. “Difícil, então, perceber quaisquer distinções entre memória e história [...], porque memória passa a identificar-se como história”¹⁷⁵. A apropriação da memória pela história possui dois efeitos. O primeiro efeito corresponde a operacionalidade e produtividade, especificamente o “frenesi de memória”, onde caracteriza-se por um fenômeno novo, favorecendo a origem de importantes movimentos identitários em âmbito social e/ou político e na afirmação de novas subjetividades e cidadanias. Também estabelece-se pelo “resgate” das experiências marginais ou traumáticas e na fundamentação de um debate historiográfico com desdobramentos de novas concepções. O segundo efeito apresenta ligações com o primeiro, elucidando as vulnerabilidades teóricas. Para Seixas, ao mesmo tempo em que qualificam as oposições entre memória e história, não discutem os mecanismos de produção e reprodução da memória. Existe a necessidade de abordar memória no plural, isto é, memórias constituídas pelas diferenças e de estatutos diversos, ocupando lugares distintos.

Diante desta discussão, como definir a (re)construção da memória? Para Seixas, ao pesquisar a relação entre memória e história deve-se compreender as distintas temporalidades existentes, os tempos múltiplos e diversos, as descontinuidades e principalmente incorporar “a atualização das experiências passadas inscritas no ato da memória”¹⁷⁶. Na escrita da dissertação buscou-se compreender como os jornais Folha de São Paulo e O Globo conciliam memória e história, legitimando a vida de Zuzu Angel. A intenção não é criar uma dicotomia entre memória e história, mas entender como ambas se interligam.

Além do diálogo entre história e memória, as fontes analisadas, estão intrínsecas às questões da mídia, principalmente como é construído um acontecimento. Os jornais Folha de

¹⁷⁴SEIXAS. 2004, p. 41.

¹⁷⁵Ibid., p. 42.

¹⁷⁶Ibid., p. 51.

São Paulo e O Globo ao publicarem notícias sobre Zuzu Angel apresentaram dados históricos, como a ditadura militar. A apresentação de informações históricas estão presentes em praticamente todas as matérias sobre Zuzu, no intuito de justificar a sua importância para um momento repressivo da história brasileira. Como a exemplo, de uma publicação do O Globo, do dia 13 de novembro de 1989, no qual foi feita uma descrição dos principais governos militares.

O Presidente Médici, herdeiro de uma economia que cresce à taxa ‘milagrosa’ de 12%, adora futebol e diz que Dadá Maravilha tem que ir à Copa do México, João Saldanha, que fez um time de ‘feras’ para tentar o tri, reage: ‘Ele não me chamou para escalar o Ministério’. Médici não gosta e Saldanha é substituído por Zagalo e uma junta de preparadores físicos militares (Coutinho, Carlesso e Camerino). Dario vai de qualquer jeito, como reserva. A Pátria calça as chuteiras e o dobrado de Miguel Gustavo, ‘Pra frente, Brasil’, é o segundo hino nacional. Com um erro grave: ‘Noventa milhões em ação!’. De acordo com o Censo, já éramos cem milhões no país ‘Ame-o ou deixe-o’. A dupla Dom e Ravel ganha aos tubos com ‘Eu te amo meu Brasil’!.

A Arena faz 41 senadores e 223 deputados federais, contra cinco senadores e 87 deputados do MDB. Mas havia um terceiro partido; o dos votos nulos e brancos, que somam 60%. O Presidente do Mobral e da Transamazônica não é contestado. A classe média joga na Bolsa. A euforia aumente com a conquista do tri por Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé.

Prosseguem os sequestros: em 11 de março, o Cônsul japonês em São Paulo, que acaba trocado por cinco presos políticos. Em 11 de junho, pegam o embaixador alemão, Von Holeben. Mais 40 exilados. Em 7 de dezembro, o suíço, Giovanni Bucher. Mais 70 exilados. [...]

Em 20 de janeiro de 1971, o ex-Deputado federal Rubens Paiva, levado de seu apartamento, na Avenida Atlântica, para prestar depoimento, nunca mais é visto pela família. Também em 71 desaparecem Stuart Angel, filho da estilista Zuzu Angel, e a esposa dele, Sônia. Como Stuart tem nacionalidade americana, Zuzu vai aos Estados Unidos e pede apoio. O Senador democrata Frank Church apela, mas é inútil. O historiador Hélio Silva apura que Stuart morreu arrastado por um jipe, aspirando o monóxido do cano de descarga.¹⁷⁷

Ao final dessa publicação foi ressaltada a eleição direta à Presidência da República, que ocorreria em dois dias. Também mencionou que os governos militares e os de José Sarney, não deveriam ser repetidos, uma vez que os brasileiros passaram por “poucas e boas”. O nome de Zuzu Angel foi utilizado para descrever os crimes cometidos aos indivíduos opositores ao regime, inclusive às pessoas que utilizaram de sua influência, como o caso da estilista, para cobrar explicações. Além disso, ela aparece como um personagem importante para a história brasileira, e pelo fato dela ter participado de forma oposicionista ao regime e ter morrido de forma trágica, ela deve ser lembrada.

A memória é construída pelo presente a partir da experiência, que proporciona a sensação da presença de algo que está ausente, ou seja, nos lembramos dos lugares, espaços,

¹⁷⁷ CEM MIL NA RUA, AI-5 NA CONTRAMÃO, *O Globo*, 13 de nov. de 1989, p. 11.

histórias que vivenciamos ou aqueles que nos foram transmitidos oralmente ou pela escrita, a partir do agora, do tempo e espaço que ocupamos. Assim, a memória, não é linear, sucessiva de acontecimentos cronológicos, que possui uma sequência, ela está pautada nas inspirações do presente, na subjetividade dos indivíduos, nos desejos e interesses.

Walter Benjamin, em seus textos “O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”¹⁷⁸ e “Sobre o conceito de história”¹⁷⁹, apresenta a necessidade da narrativa, ou seja, da memória, no sentido de transmitir as experiências, estas que não estão pautadas apenas nas experiências dos grandes heróis, mas aquelas memórias que não foram ditas e que a história não reconhece. Assim, Benjamin, ressalta a importância do historiador, cumprindo o seu papel de narrador, em apresentar as diversas memórias, em “transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda”¹⁸⁰.

Ao escolhermos como objeto a análise das memórias de Zuzu Angel nos jornais de Folha de São Paulo e O Globo, durante o período de redemocratização, buscamos apresentar não apenas a memória da estilista, mas da própria ditadura militar. Trazemos para discussão a construção de representações por parte da mídia, esta que influencia em quais narrativas devem aparecer ou não, qual acontecimento será evidenciado ou esquecido, em uma relação dialógica entre os jornais, enquanto instituições, os jornalistas a partir de sua subjetividade e o público alvo que eles esperam atingir.

A experiência, a partir das contribuições de Benjamin, é entendida como a capacidade dos indivíduos de se inserirem em uma tradição compartilhada, criando códigos e símbolos para compreender e ler o seu passado por meio do presente. Tal autor entende que a experiência encontra-se em crise, pois as pessoas estão perdendo a capacidade de narrar. Essa crise se dá por dois motivos: devido ao romance e à criação da informação, pois ambos impossibilitam a inserção e construção da experiência.

A principal diferença entre a narrativa e o romance, é que o primeiro funda-se na experiência do narrador, trazendo uma contribuição para a própria existência humana, enquanto o romance possui um final concretizado e constrói-se apenas na opinião do indivíduo que o escreve. O romance contém, segundo Benjamin, conotações psicologizantes, enquanto a narrativa é simples e direta, ocorrendo sua reprodução.

¹⁷⁸BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221. (Obras Escolhidas, v. 1).

¹⁷⁹BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-234. (Obras Escolhidas, v. 1).

¹⁸⁰GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história e testemunho. In: **Memória e (Res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004, p. 37-58.

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia as sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará a sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá a inclinação de recontá-la um dia.¹⁸¹

Assim, a narrativa, uma construção entre o narrador e aquele que ouve, possibilita a sensação da história. O romance, por sua vez, nessa construção solitária, não traduz uma história, pois a própria escrita é fragmentada, “ao invés do sentimento de continuidade do tempo, tem-se a sensação de se afogar na avalanche dos segundos”¹⁸².

Já a informação, outro motivo que tem contribuído para o fim da experiência e consequentemente da narrativa, não permite ao leitor interpretar a história como quiser, enquanto a narrativa é construída pela forma como os indivíduos a interpretam a ponto de repassá-las às outras pessoas. A informação não possui explicações, só tem importância no momento em que é produzida. A narrativa, por sua vez, contém explicações e “ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo é capaz de se desenrolar”¹⁸³.

Para Olgário de Matos¹⁸⁴, a mídia, tanto de entretenimento, quanto a informativa, visam um público consumidor, que vai consumir os valores produzidos apresentados devido à facilidade dada pelas informações, sem fazer grandes questionamentos ou relacionar os dados apresentados com sua experiência. É justamente isso que Benjamin criticava, o ato de receber essas informações sem explicações momentâneas, e que não se desenrolam, não se disseminam a prosperidade.

Atualmente, percebemos o quanto a mídia está próxima da sociedade, ao construir representações, dando sentidos e significados aos personagens e inclusive sendo Lugares de Memórias¹⁸⁵. A todo momento recebemos um avalanche de notícias, informações sobre acontecimentos pequenos, como a alteração do nome de uma via pública da nossa cidade, ou acontecimentos de amplitude global, como a cobertura jornalística da Guerra da Síria. Muitas dessas informações são recebidas por nós sem que haja qualquer questionamento, e após dois ou três dias é esquecida por boa parcela do grupo social a qual pertencemos. Outras, por sua vez, perduram, são lembradas constantemente, recebem uma monumentalização, datas

¹⁸¹ BENJAMIN. 1987, p. 204.

¹⁸²SELLIGMANN-SILVA, Márcio. Catástrofe, história e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória. In. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura na Era das Catástrofes**. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2003. p. 397.

¹⁸³BENJAMIN, op. cit., p. 204.

¹⁸⁴ MATOS, Olgária. **Discretas Esperanças**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2006.

¹⁸⁵ NORA, Pierre. Entre História e Memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, nº 10, São Paulo, EDUC/PUC-SP, 1981.

comemorativas são escolhidas para lembrar de um evento, é dada uma linearidade, e a sociedade começa a perceber aquele acontecimento, noticiado em um meio de comunicação, como pertencente a sua nação.

Essas informações, dadas em forma de notícias nos meios de comunicação de massa, possibilitam leituras sobre um período histórico, das inquietações e desejos de um grupo, bem como são produtos de uma sociedade, feitas a partir de uma seleção e hierarquização. Concordamos com Benjamin, quando diz que a informação e o romance impossibilitam a narrativa, devido a avalanche de segundos e a própria fragmentação do romance e da informação, que não permite que o receptor insira a sua experiência. No entanto, no decorrer da dissertação, percebemos que essas informações são construídas em uma relação dialógica entre o jornalista e o seu meio, e que influencia nos comportamentos, tendo informações que se perduram por décadas ou gerações.

No caso das matérias jornalísticas sobre Zuzu Angel, desde os anos 1960 constatamos publicações sobre ela, que destacaram suas roupas genuinamente brasileiras. Só que, devido às práticas realizadas durante 1971 a 1976, a estilista passou a ocupar um papel de destaque na mídia brasileira, como a mãe que lutou contra os governos militares no intuito de reaver o corpo de seu filho e que morreu sob circunstâncias suspeitas. Como foi mencionado em uma publicação do jornal Folha de São Paulo em 1998, diante a decisão negativa do pagamento da indenização à família da estilista;

A Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos do Ministério da Justiça rejeitou ontem por 5 votos a 2 o pedido de indenização da família da estilista Zuleika Angel Jones, a Zuzu Angel. Mãe do militante Stuart Edgar Angel Jones, desaparecido em 1971, na base aérea do Galeão (RJ), ela fazia denúncias contra o regime militar (1964-85) e morreu sob suspeita de ter sido vítima de atentado em um acidente de trânsito em 1976.¹⁸⁶

Nessa matéria, apresentada acima, Zuzu foi caracterizada como a mãe de um militante de esquerda da ditadura militar, que morreu em um acidente suspeito, sua vida é relacionada a ditadura militar. Essas publicações jornalísticas sempre relacionaram a estilista ao regime de exceção? As informações apresentadas contribuíram para a construção de um imaginário social ou para uma história da ditadura?

Segundo Benjamin, o narrador, no caso o historiador, deve buscar por rastros, reminiscências, fragmentos que possibilitem a narrativa. A memória, dessa forma, ocupa uma

¹⁸⁶ CASO ZUZU ANGEL TEM INDENIZAÇÃO REJEITADA. **Folha de São Paulo**, Primeiro Caderno, 08 de ago. de 1997, p. 8.

função primordial na teoria de Benjamin, pois permite a escrita da história a partir das leituras que o historiador faz do passado no presente, reabilitando a experiência. Assim, a escrita da história, segundo Selligmann-Silva, estabelece-se a partir de re-leituras e re-escrituras;

Contra o historicismo – que apenas reproduz a alienação entre a experiência e o indivíduo moderno –, Benjamin reafirmou a força do trabalho da memória: que a um só tempo destrói os nexos (na medida em que trabalha a partir de um conceito forte de presente) e (re)inscreve o passado no presente. Essa nova “historiografia baseada na memória” testemunha ante os sonhos não realizados e as promessas não-cumpridas como também as insatisfações do presente. Essa reescritura dá-se em camadas: ao invés da linearidade limpa do percurso ascendente da história (do “Ocidente”, do “Geist”) tal como era descrita na historiografia tradicional, encontramos um palimpsesto aberto a infinitas re-leituras e re-escrituras.¹⁸⁷

Benjamin, reivindicou uma escrita historiográfica não pautada em uma totalidade ou uma verdade absoluta, mas nas reminiscências de um passado construído pelo o agora. Assim, ao escolhermos como objeto de estudo a análise dos jornais Folha de São Paulo e O Globo, no que concerne às produções sobre Zuzu Angel, buscamos compreender como as representações produzidas pela imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro, legitimaram discursos, silenciaram determinados eventos e hierarquizaram acontecimentos. É trazer para discussão como a memória é composta por fragmentos, reminiscências de um passado, seleções, que influenciam na formação identitária.

A construção da memória da ditadura militar, por exemplo, ocorreu mediante diferentes momentos e embates políticos, como o período de redemocratização, a abertura dos arquivos, a organização de comissões, no caso mais recente, a Comissão da Verdade (2014), dentre outros. Dessa forma, o processo de rememoração não é isento das aspirações e interesses sociais e culturais do presente. Como Benjamin destacou a memória “é objeto de uma construção, cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’”¹⁸⁸.

As matérias jornalísticas da Folha de São Paulo e O Globo apresentaram as mesmas representações de Zuzu Angel no decorrer do recorte temporal (1986-1986)? Obviamente que não, até porque a forma de ler e compreender a ditadura militar e conseqüentemente a vida da estilista, ocorreu devido às questões políticas, culturais e sociais do seu tempo de produção. Em 1993, em O Globo, a maioria dos editoriais destacou a inauguração do Instituto Zuzu Angel e para legitimar a criação de uma instituição que levasse o nome da *designer*, era preciso criar discursos que a qualificavam enquanto profissional, a ponto de receber tal homenagem, bem

¹⁸⁷SELLIGMANN-SILVA. 2003, p. 393.

¹⁸⁸BENJAMIN, 1987, p. 229.

como apresentou personagens que legitimavam essa referência, como a participação da crítica de moda estadunidense Eleanor Lambert.

Quem for hoje ao Palácio da Cidade, na inauguração do Instituto de moda Zuzu Angel, deve seguir à risca a exigência do traje black tie, pois pode encontrar com Eleonor Lambert, que há 53 anos coordena a lista dos mais bem vestidos dos EUA. Convidada para presidir o conselho consultivo do Instituto, a jornalista americana está no Rio desde o dia 6 com outra missão: a de organizar a lista dos brasileiros mais elegantes. Para Mrs. Lambert, a criação do Instituto tem uma importância afetiva.
- Zuzu Angel, que conheci nos anos 60, foi o primeiro talento brasileiro a ser valorizado nos Estados Unidos – afirma Eleanor, que nos anos 70 levou para a França a moda americana.¹⁸⁹

A presença de Eleanor Lambert reconheceu a importância de Zuzu como estilista, pois é alguém dessa área específica que legitimou como verdadeiro a sua contribuição para a moda brasileira. Como Foucault destacou na produção dos discursos existem “vozes autorizadas” para falarem sobre determinado assunto, que vão proporcionar aos discursos a veracidade, a ponto de serem aceitos pela sociedade. Nesse sentido, em 1993 buscou-se esse reconhecimento de Zuzu enquanto profissional. Em 1986 e 1998, percebemos que os jornais não reivindicaram apenas a legitimação da profissão, mas das práticas de oposição realizadas por ela, devido ao lançamento do livro *Eu, Zuzu Angel Procuo Meu Filho* na década de 80 e a investigação da Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos na década de 98.

A memória, nesse sentido, pode ser definida como algo construído, invariante, imutável e definida individualmente e coletivamente a partir dos conflitos do presente. Esse processo de construção da memória ocorre por meio de dois elementos, que para Pollak¹⁹⁰, seriam os “acontecimentos vividos pessoalmente”, ou seja, as experiências do indivíduo em um espaço e tempo e; os “acontecimentos vividos por tabela”, um passado que não chegou a ser vivenciado, mas foi transmitido de tal forma, que a pessoa duvida se participou ou não, “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau”¹⁹¹. A memória nesse sentido, possibilita a sensação de ter presenciado um acontecimento sem mesmo estar nele. As reportagens produzidas sobre a vida de Zuzu Angel, por exemplo, representam uma realidade sobre a ditadura militar, dando a sensação aos leitores de terem presenciado esse momento.

¹⁸⁹ MARRA, Heloísa. Show de estilo na passarela dos anos 60. *O Globo*, Matutina, Segundo Caderno, 08 de dez. 1993, p. 4.

¹⁹⁰ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

¹⁹¹ *Ibid.*, p. 201.

A memória individual e coletiva confere sentidos às temporalidades vividas, às transformações do espaço e tempo, atribuindo sentidos e significados ao mundo onde vivemos. No entanto, esse processo não ocorre de forma “calma”, existem conflitos, seleções e uma dialética constante entre memória e esquecimento. O que deve ser lembrado, principalmente quando tratamos de uma memória política, está diretamente ligado às relações de poder, às demandas do presente, que legitimam e constroem as representações. Assim, segundo Pollak, a memória é seletiva e um fenômeno construído. É uma seleção devido ao seu caráter de escolha do que deve ser lembrado e construída por organizar-se, lembrar, excluir.

Ao publicarem sobre a vida da estilista, os jornais não apresentaram uma totalidade de sua vida, fizeram uma seleção do que é considerado importante e relevante para que as outras pessoas conheçam. Até porque é impossível a mídia noticiar tudo o que acontece a todo o instante, são milhares de acontecimentos em questões de segundos. Assim, como o historiador, que define o campo de sua pesquisa e realiza recortes, os meios de comunicação informam o que interessa à instituição e o contexto cultural no qual está inserido. Esses acontecimentos são selecionados de acordo com o interesse e repercussão que receberam do público leitor, como no caso de dois eventos que envolveram Zuzu Angel, um em 1995 e outro em 1998, ambos, homenagens promovidas por escolas de samba do Rio de Janeiro, porém com abordagens diferentes.

Em 1995, a Escola de Samba Independentes do Cordovil, de acordo com César Tartaglia e Tânia Neves, na coluna Pessoas de O Globo¹⁹², teria a estilista, como tema de enredo para o próximo carnaval (1996), prestando dessa forma, uma homenagem. Os jornalistas ainda ressaltaram que Hildegard Angel ficou muito feliz por ter recebido essa notícia e que não se importou da escola ser “pequena”.

Os 20 anos de morte de Zuzu Angel vão ser lembrados ano que vem na Avenida.
A estilista será o tema do enredo da Independentes de Cordovil, uma pequena escola do Grupo de Acesso.
Filha de Zuzu, a colunista Hildegard Angel vibra com a homenagem:
- Ela ia adorar ser enredo de uma escola pequena, pois costumava dizer que era mais emocionante sair no jornal de ‘Curvelo Notícias’, de sua cidade natal, do que no ‘New York Times’.¹⁹³

Não foi publicada nenhuma outra matéria sobre o tema enredo do Independentes do Cordovil relacionado à Zuzu Angel, até porque quem recebeu a homenagem em 1996 da escola de samba foi a cantora Sandra de Sá. De qualquer forma, não houveram explicações dessa

¹⁹² TARTAGLIA, César; NEVES, Tânia. Pessoas. **O Globo**, Matutina, Rio, 31 de mar. 1995, p. 12.

¹⁹³ POLLAK, 1992, p. 12.

mudança ou justificativas. Aqui houve um silenciamento da mídia. Diferente do que ocorreu em 1997, quando a escola do Grupo de Acesso A, Em Cima da Hora, escolheu a estilista como tema enredo. Nesse período o caso Zuzu Angel foi reaberto na Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos e a escola optou por um desfile que destacou a imagem da mãe-coragem, que foi silenciada quando cobrou dos militares assassinos de seu filho, o corpo para enterrá-lo. Devido à posição dessa escola de samba, pelas pessoas que participaram do desfile (socialites importantes da cidade do Rio de Janeiro), e por conta do julgamento, o fato se tornou notícia. O jornal fez uma seleção do que deveria ser informado à sociedade, a partir das demandas do presente e das implicações que isso interfere na sociedade, além disso não apresentou uma totalidade, mas fragmentos de um passado.

É justamente nesse sentido de construirmos e selecionamos a memória que insere-se a identidade, nessa relação de nos situarmos em um espaço e tempo, fazendo parte de uma unidade. Segundo Pollak, memória e identidade não devem ser analisadas separadamente, uma vez que ambas caminham juntas, complementam uma a outra. Os dois conceitos são construídos, instáveis, repletos de pluralidades e são formados pela experiência do homem individualmente e coletivamente em uma sociedade, por isso é impossível desassociar identidade e memória das demandas e disputas do presente.

O significado de identidade empregado por Pollak refere-se à “imagem de si, para si e para os outros”¹⁹⁴, ou seja, a imagem que o indivíduo constrói de si por meio do espaço e tempo que ele está inserido e que repassa às outras pessoas de seu meio. Essas identidades, em conjuntos com as memórias, são construídas por representações, sejam elas discursivas, imagéticas, textos, normas, leis, dentre outras, que vão conferir legitimidade para a compreensão das temporalidades vividas e a unificação de um coletivo. A construção da identidade, assim, possui três elementos essenciais: 1) de existir fronteiras físicas, como o corpo ou fronteiras de pertencimento no grupo; 2) de continuidade e; 2) de coerência, que apesar de todos os indivíduos serem constituídos de forma diferente há semelhanças, os unificando.

Nessa construção da identidade - e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise - há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida

¹⁹⁴ POLLAK, 1992, p. 204.

em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.¹⁹⁵

A formação da identidade recorrentemente é associada entre a diferença do eu e o outro, isto é, constrói-se a identidade por meio da alteridade. Porém, segundo Pollak, a identidade também constitui-se por meio de constante negociação e transformação em função dos outros, em poder ser aceito, pelas referências determinadas pelo outro. Assim a identidade, como a memória, está em constante conflito, em busca por uma continuidade e coerência para a experiência humana, em situar-se em um espaço.

A identidade, segundo Stuart Hall¹⁹⁶, é a forma como os indivíduos se identificam e percebem a si mesmos a partir da relação construída com os outros, tanto pelas diferenças, quanto pelas semelhanças. Hall, afirma que a concepção de sujeito elaborado pelo Iluminismo, em que o indivíduo é centrado e unificado não corresponde a identidade atualmente, uma vez que com o advento da modernidade e do sujeito pós-moderno as formas de identificar-se transformaram-se. O sujeito moderno será constituído por meio de um processo entre o indivíduo e a sociedade, “ela permanece sempre incompleta, está sempre em ‘processo’, sempre ‘sendo formada’¹⁹⁷. A identidade do sujeito pós-moderno é fragmentada, descentrada, deslocada, pois o indivíduo está inserido em diferentes culturas, inclusive o processo de globalização influencia nessa formação das identidades fragmentadas, visto que “nossas vidas podem ser facilmente afetadas por qualquer coisa que aconteça em qualquer lugar no mundo”¹⁹⁸.

A identidade deve ser entendida como uma construção e desconstrução, uma negociação entre o indivíduo e a sociedade, ou seja, entre a memória, a identidade, a experiência e a representação. Em relação à pesquisa sobre as memórias constituídas de Zuzu Angel nos jornais Folha de São Paulo e O Globo construiu-se uma identidade coletiva, nesse constante encadeamento entre memória e identidades, sentimentos de pertencimento e reconhecimento, construindo representações.

Por meio das matérias, criou-se a identidade de um momento da história brasileira, destacando-se principalmente a luta de uma mãe que buscou por seu filho. Em uma matéria de 23 de outubro de 1997, sobre uma apresentação de balé em homenagem a Zuzu Angel, pela

¹⁹⁵ POLLAK. 1992, p. 204.

¹⁹⁶HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11° ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

¹⁹⁷Ibid., p. 38.

¹⁹⁸TILIO, Rogério. Reflexões acerca do conceito de identidade. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. Volume VIII, Número XXIX, Abr-Jun, 2009. p. 111.

Cia. Moderna de Dança, sua vida foi relacionada à imagem da ditadura militar, criando uma identidade desse período, como podemos perceber no seguinte trecho:

A trajetória política e profissional da estilista Zuzu Angel estará sendo apresentada de hoje até domingo no palco do Teatro Villa-Lobos. A Cia. Moderna de Dança prestará uma homenagem à uma das personalidades mais atuantes durante o regime militar. As 13 coreografias que compõem o espetáculo ‘Balé Zuzu Angel’ – encenado por 30 bailarinos e atores e feito com músicas de Chico Buarque – mostrarão a luta de Zuzu para denunciar as perseguições políticas ocorridas nos anos de chumbo. Sua obstinação em provar que seu filho Stuart Angel, morto na Base Aérea do Galeão em 1971, foi uma vítima da ditadura, a transformou numa das mulheres mais importantes da recente história política brasileira – afirma Cristiane Regina, coreógrafa da Cia. Moderna de Dança. – O balé, que retrata a sua fase mais atribulada, mostrará além de seu empenho em descobrir a verdade sobre o desaparecimento de seu filho, também o pioneirismo do seu trabalho como estilista.¹⁹⁹

Ao falar de Zuzu e das homenagens para ela, os jornais construíram uma identidade da mãe que lutou em prol de seu filho em um regime autoritário. Segundo Enne²⁰⁰, a construção da memória, a partir das demandas do presente, ao buscar um passado e representar uma realidade, também constrói pertencimentos sociais, gerando ao indivíduo uma identidade como participante de um evento, transformando-se em agente dessas memórias.

Outro conceito fundamental para a análise da memória constituída da vida de Zuzu Angel pelos jornais Folha de São Paulo e O Globo (1985-1998), corresponde à pesquisa e problematização das representações sociais construídas pelos meios de comunicação. A representação, assim como a memória, evoca algo que está ausente, trazendo para o agora a presentificação de uma realidade. Por meio das experiências e das formas como o indivíduo lê e compreende o mundo no qual está inserido, as representações são construídas e transmitidas, criando elementos simbólicos que legitimam discursos e uma determinada realidade. As representações elaboradas pela mídia sobre Zuzu Angel substituem a realidade que ela representa, ou seja, novos sentidos e símbolos foram criados para entender a trajetória da *fashionista*, em uma constante reformulação e reconstrução do real.

Para Chatier²⁰¹ a representação assim é um “instrumento de um conhecimento imediato, que faz ver um objeto ausente, substituindo-lhe uma “imagem” capaz de repô-lo em memória e de ‘pintá-lo’ tal como é”²⁰². Já para Pesavento, o mundo é construído pelas representações, as

¹⁹⁹ A DANÇA ENCONTRA A POLÍTICA NOS PASSOS DE ZUZU ANGEL. **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 23 de out. 1997, p. 8.

²⁰⁰ENNE, Ana Lúcia S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. **Revista Fronteiras**. Volume VI, número 2, julho/dezembro 2004. p. 105.

²⁰¹CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, jan./abr. 1991.

²⁰²Ibid., p. 184.

ressignificações e elaborações sobre uma realidade, conferindo continuidade e coerência à existência humana.

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentidos ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.²⁰³

A elaboração das representações parte da própria experiência do indivíduo e dos sentidos que ele pretende conferir ao mundo em relação às suas demandas do presente e do grupo social a qual pertence. Segundo Jodelet²⁰⁴, as representações funcionam como uma maneira de ajustar-se, conduzir-se, localizar-se física e intelectualmente, formar suas identidades. Os significados e sentidos atribuídos a uma coisa, objeto ou pessoa, permite compreender o mundo, percebendo as diferenças e semelhanças, bem como possibilita aos grupos sociais estabelecerem uma visão sobre a realidade. Assim, as representações contribuem para o “desenvolvimento individual e coletivo, na definição das identidades pessoais e sociais, na expressão dos grupos e nas transformações sociais”²⁰⁵.

O ato de representar confere sentidos à uma realidade já não mais vivenciada, mas que constantemente é evocada por meio de símbolos, linguagens, lugares, objetos, pessoas. Essa construção da representação, de acordo com Jodelet, ocorre por meio de um pensamento que relaciona o sujeito com um objeto em específico, ou seja, o modo como o indivíduo interpreta determinada realidade, estabelecendo representações, está sempre ligado à sua trajetória, suas práticas e vivências em relação a uma “coisa”²⁰⁶. Dessa forma, torna-se imprescindível, em uma pesquisa sobre as representações, compreendê-las como uma construção individual, das percepções e símbolos construídos pelo sujeito.

Essa construção das representações a partir da subjetividade é perceptível nas matérias assinadas por Hildegard Angel no O Globo. Em 1997, ao noticiar sobre o laudo da morte do filho do então Presidente da Argentina, Carlos Menem, que comprovou o assassinato, foi destacado, no último parágrafo, a luta de Zulema Menem, na época primeira-dama, no intuito de que fosse feita a exumação do corpo de Carlito. Para Hildegard, Zulema assim como sua mãe, foi taxada de louca, mas lutou por suas convicções.

²⁰³PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 39.

²⁰⁴JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

²⁰⁵ Ibid., p. 5.

²⁰⁶Como “coisa”, entendemos os objetos, lugares, edificações, manifestações culturais, indivíduos, dentre outros.

Pensei na mãe, em Zulema. Seu desespero ao perder o filho. Suas denúncias. A liminar ganha por ela exigindo que fosse aberto o caixão. O filho aos pedaços. Rapidamente recolhidos e encaixotados depois que o helicóptero tombou. Talvez rapidamente demais... Zulema achou estranha a pressa. Estranhíssima. Queria constatar, queria verificar, apurar, esmiuçar. Desesperada. E coração de mãe não se engana. Brigou para conferir o corpo do filho. Detalhes de sua morte. Parecia louca. Como louca foi internada pela família num sanatório. Argentina, país de muitas mães loucas. E Zulema estava certa. As balas, dizia o laudo, teriam dois anos. Aquela não seria uma armação para provocar comoção no país, gerando golpe – houve especulação sobre isso.²⁰⁷

A relação subjetiva tornou-se mais presente na matéria quando Hildegard disse: “[...]no Brasil, também tivemos Zulemas. Outras Zu’s. Várias Zuzus. Lembrei-me da minha. Desesperada, buscando o corpo do filho, meu irmão. Também chamada de louca”²⁰⁸. Assim, a construção das representações, no intuito de apresentar simbolicamente como foi a vida da estilista, Hildegard utilizou de sua experiência com sua mãe e das possibilidades de trazer ao jornal a sua luta.

Como demonstrou Jodelet, é fundamental trazer a questão da subjetividade durante as análises das representações, porém esses estudos não devem apresentar a questão da individualidade em oposto ao coletivo, uma vez que as representações são formadas em uma relação contínua entre o homem, seu espaço e meio;

Mas é necessário dizer: as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando, ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideal sobre a qual elas intervêm.²⁰⁹

No caso das matérias jornalísticas publicadas nos jornais Folha de São Paulo e O Globo buscamos entender quem são os autores, e principalmente a relação entre esses indivíduos e Zuzu Angel. Como já mencionado, Hildegard Angel, filha de Zuzu, trabalhou durante anos como colunista social de O Globo, o que contribuiu para o estabelecimento de representações de sua mãe, além disso, outros jornalistas, como Zuenir Ventura, que conheceu a *fashionista*, escreveram sobre sua vida. Isto é, as representações construídas, foram elaboradas a partir de uma experiência dos jornalistas com suas instituições, em constante relação entre o objeto, no caso a Zuzu Angel, e suas acepções do passado por meio das demandas do presente, enquadrando as memórias.

²⁰⁷ ANGEL, Hildegard. Zulema, mais uma das “locas” argentinas: mãe não descansou na busca da verdade. **O Globo**, Matutina, O Mundo, 04 de jul. 1997, p. 33.

²⁰⁸ Ibid., p. 33.

²⁰⁹ Ibid., p. 8.

O enquadramento da memória, termo cunhado por Pollak, visa manter a coesão dos grupos sociais, dando credibilidade aos discursos e legitimando uma memória nacional ou oficial. O trabalho do enquadramento, depende de uma organização e de vários fatores, “um trabalho muito árduo, que toma tempo, e que consiste na valorização e hierarquização das datas, dos personagens e dos acontecimentos”²¹⁰. É possível afirmar que houve um enquadramento da memória da trajetória de Zuzu Angel nos jornais Folha de São Paulo e O Globo?

As representações, assim como as memórias, estão constantemente em conflitos, produzindo reconhecimento e legitimidade social. Como mencionado por Pesavento, aquele que tiver o poder simbólico vai impor sua maneira de entender as relações sociais, culturais e históricas, propondo valores e normas, autorizando os comportamentos sociais, quer dizer, as representações, as identidades e as memórias são construídas a partir das relações de poder.

Para Foucault, as relações humanas são pautadas no poder, mas não aquele exercido por uma instituição em específico, como o Estado, ou por leis e contratos jurídicos ou políticos, ou tão pouco definido exclusivamente pela economia e a política. Por não existir apenas um poder, mas vários, de acordo com Foucault, estamos inseridos em relações de micropoderes. A principal questão do poder é que ele cria e legitima a verdade, ou seja, o grupo detentor do poder consegue exercer sua verdade as outras instituições, de forma espontânea ou não, conferindo sentidos e símbolos à um objeto ou indivíduo. No caso dos jornais Folha de São Paulo e O Globo; considerados como importantes meios de comunicação dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, eles exercem poder, uma vez que legitimam uma verdade, validando sua fala e construindo a memória da ditadura militar.

No próximo tópico, a partir das discussões sobre memória, representação e identidade, apresentamos as concepções teóricas sobre a relação entre mídia e memória. Ao analisarmos como fontes os jornais Folha de São Paulo e O Globo é fundamental compreender a construção desses jornais e como a mídia constrói e enquadra as memórias.

3.2 “Por que estudar a mídia?”²¹¹

Para Silverstone²¹², a mídia é algo onipresente, ou melhor, está intrínseca na nossa experiência contemporânea. A todo momento concebemos nossa leitura de mundo a partir da

210 POLLAK. 1992, p. 205.

211 Pergunta feita por Silverstone, em seu livro: Por que estudar a mídia?”

212 SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

relação que construímos com o outro, com o nosso meio, com a comunicação. Para tal autor, “é impossível escapar da presença, da representação da mídia”. A procurarmos para nos entretermos, para conhecermos as notícias, nos informar sobre determinado acontecimento e inclusive para criticarmos opiniões, eventos. Nossa experiência, vivida hoje na contemporaneidade, não desassocia-se da mídia.

Quero mostrar que é por ser tão fundamental para nossa vida cotidiana que devemos estudar a mídia. Estudá-la como dimensão social e cultural, mas também política e econômica, do mundo moderno. Estudar sua onipresença e sua complexidade. Estudá-la como algo que contribui para nossa variável capacidade de compreender o mundo, de produzir e partilhar seus significados. Quero mostrar que deveríamos estudar a mídia, nos termos de Isaiah Berlin, como parte da ‘textura geral da experiência’, expressão que toca a natureza estabelecida da vida no mundo, aqueles aspectos da experiência que tratamos como corriqueiros e que vêm subsistir para vivermos e nos comunicarmos uns com os outros.²¹³

Na dissertação buscamos compreender a mídia, partindo de sua característica de ser algo corriqueiro que apresenta diariamente as notícias e a insere na experiência humana, constrói memórias de eventos, personagens, políticos, celebrações, dentre outros. Sabemos que essa construção parte do contexto social no qual as matérias jornalísticas estão inseridas, o lugar de fala dos jornais e o público alvo que espera-se atingir. A mídia não é algo homogêneo, tendo os mesmos interesses políticos e sociais do ano de sua fundação de um jornal, sendo alterados conforme os interesses e necessidades dos agentes sociais e do próprio contexto histórico-social no qual está inserido.

De acordo com Lapuente²¹⁴, além dos fatores internos dos jornais, como os interesses dos jornalistas, as hierarquias instituídas e as ideologias dos redatores, é preciso pensar em algumas questões externas: a censura política, a crise econômica, as mudanças políticas, e em fatores que podem pesar na escrita de um periódico. Segundo esse autor, os jornais se inserem em um jogo de interesses;

O pesquisador deve ter ciência de que um periódico, independente de seu perfil, está envolvido em um jogo de interesses, ora convergentes, ora conflitantes. O que está escrito nele nem sempre é um relato fidedigno, por ter por trás de sua reportagem, muitas vezes, a defesa de um posicionamento político, de um poder econômico, de uma causa social, de um alcance a um público alvo etc., advindos das pressões de governantes, grupos financeiros, anunciantes, leitores, grupos políticos e sociais, muitas vezes de modo dissimulado, disfarçado (por isso também o cuidado com

²¹³ SILVERSTONE. 2002, p. 13.

²¹⁴ LAPUENTE, Rafael Saraiiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: **10º Encontro Nacional de História e Mídia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

análises que focam exclusivamente nos editoriais para conhecer o posicionamento do periódico).²¹⁵

Ainda segundo Lapuente, existem outros elementos, tais como: o jornal como uma prática social, associado ao modo de vida de apenas algumas classes; o público que o periódico visa atingir; os interesses do mercado, que em determinadas situações determinam quais reportagens e assuntos devem ser publicados, etc.. O trabalho com jornais também requer certos cuidados, principalmente o embasamento teórico e metodológico a ser utilizado. Diversos autores que trabalham os jornais como fontes, como por exemplo, Sodré²¹⁶, Capelato²¹⁷ e Luca²¹⁸, criticam a falta de conhecimento teórico sobre os jornais, que em determinados trabalhos aparecem como ilustrativos, esquecendo suas complexidades e aspectos próprios. Em alguns trabalhos acadêmicos, soa como se os periódicos fossem homogêneos, esquecendo que todo o discurso é influenciado por questões coletivas e de interesses próprios.

O Brasil após 1985 passou por um período de redemocratização e isso implicou na produção de inúmeras obras literárias e fílmicas sobre a ditadura militar, tanto pela parte da direita, quanto pela esquerda. Sarney governou sobre uma tutela militar, até porque causar o descontentamento dos militares não era um dos objetivos do novo Presidente. Isso implicou na produção jornalística sobre Zuzu Angel?

No jornal Folha de São Paulo no ano de 1985 foram publicadas quatro matérias que mencionaram o nome de Zuzu Angel, uma delas assinada por Sérgio Augusto, intitulada o “Papel mais difícil de Fernanda”. O autor aponta que a atriz Fernanda Montenegro possivelmente abdicaria de gravar o filme sobre a “trágica morte de Zuzu Angel” para assumir o posto de Ministra da Educação no governo de José Sarney, um dos papéis mais difíceis que enfrentaria. Notamos que não foi utilizado o termo assassinato para referir-se à *fashionista*, sua morte soa como algo trágico, mas não está relacionada à ditadura, e aqui ela não aparece como principal personagem.

Em 1998, por sua vez, último ano do nosso recorte temporal, foram 21 matérias publicadas na Folha que apontam o nome de Zuzu Angel. Nesse ano, devido à Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos Políticos e o julgamento da culpabilidade do regime ditatorial sobre a morte da *fashionista*, fez com que ela aparecesse inúmeras vezes nos

²¹⁵LAPUENTE, op. cit., p. 6.

²¹⁶SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

²¹⁷CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

²¹⁸LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

editoriais. Aqui os jornais apresentaram informações que dariam a possibilidade de Zuzu ter sido assassinada pelo regime, como na matéria de Abnor Gondim, “Novas testemunhas serão ouvidas no caso Zuzu Angel”;

A Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos do Ministério da Justiça decidiu ontem ouvir novas testemunhas sobre a morte, em 1976, da estilista Zuleika Angel Jones, a Zuzu Angel.

A filha de Zuzu, Hildegard Angel, solicitou a reconsideração da decisão da comissão, que rejeitou, em agosto de 97, por 5 votos a 2, o pedido da família de indenização.

A solicitação se baseia em declarações escritas de novas testemunhas. Uma delas afirma que viu o carro de Zuzu Angel ser perseguido por dois outros veículos, provocando o acidente que a matou na estrada da Gávea, zona sul do Rio de Janeiro. Essa testemunha já teria sido ouvida pela comissão especial.

A outra testemunha afirma que chegou ao local minutos depois do acidente e estranhou a rápida mobilização de vários carros de polícia [...].

Mãe de Stuart Edgar Angel Jones, ativista político assassinado em 1971 na Base Aérea do Galeão (RJ), Zuzu Angel morreu sob suspeita de ter sofrido atentado porque acusava o regime militar pela morte do filho.²¹⁹

Nessa notícia, percebemos que Zuzu Angel, por sua luta para reivindicar o reconhecimento e o direito de enterrar seu filho, foi assassinada pelos militares. Nesse período falou-se mais sobre a repressão sofrida pelos “ativistas” (não foi empregado o termo militante) e principalmente pelas pessoas que tentaram cobrar alguma explicação da ditadura militar. Apresentamos essas notícias, apesar de fazer um salto temporal de treze anos, para explicarmos como a mídia constrói as notícias de acordo com o contexto histórico e cultural no qual está inserido. No caso em 1998, no governo de Fernando Henrique Cardoso, caracterizado por ser neoliberal, as discussões sobre os crimes cometidos nos 21 anos de regime tornaram-se mais intensos, influenciando o que deveria ser noticiado.

Para Silverstone, a mídia é uma coisa em curso, em que as pessoas, independentemente do local onde estejam, virtualmente ou no espaço real, estão ligadas pela comunicação. As pessoas se conectam umas com as outras por meio da mídia, se caracterizando como um processo social. Não é um fenômeno constituído apenas por um indivíduo, mas que está intrínseco à coletividade. O poder e o lugar de fala desses jornais também implicam na memória que será transmitida e construída, dando legitimidade e coerência ao personagem através dos discursos jornalísticos.

As publicações do jornal Folha de São Paulo são discursos construídos tanto por questões da subjetividade, quanto pela coletividade, uma vez que segundo Bakhtin²²⁰, a

²¹⁹ GONDIN, Abnor. Novas testemunhas serão ouvidas no caso Zuzu Angel. In: **Folha de São Paulo**, Primeiro Caderno, 10 de fev. de 1998, p. 7.

²²⁰ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

linguagem deve ser analisada em um princípio dialógico, constituída a partir do social, das relações com o outro e de como o sujeito, em seu espaço social, define e constitui as falas e os enunciados. Para tal filósofo é “preciso situar os sujeitos – emissor e receptor do som –, bem como o próprio som no meio social”²²¹, pois é justamente nas interações verbais com o outro em um determinado espaço que se produz os sentidos.

Assim, se faz importante, ao pesquisar sobre a linguagem, perceber quais são as relações sociais do autor e para quem sua fala dirige. Para Bakhtin, a palavra sempre se reporta a um interlocutor, e a própria enunciação corresponde ao produto de uma interação entre dois indivíduos ou um grupo social ao qual pertence o locutor.

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado.²²²

Os enunciados, dessa forma, são construídos em uma relação contínua entre o interlocutor e o locutor, que conferem sentidos e significados aos discursos. Nessa perspectiva, a legitimidade da linguagem ocorre a partir do social onde está inserido o sujeito, bem como as trocas entre o interlocutor e o locutor. Ao analisar os jornais Folha de São Paulo e O Globo, dessa forma, é preciso compreender o lugar de fala do jornalista e a quem ele se dirige, bem como o social, que permite a construção da linguagem. No entanto, o meio social, não é algo homogêneo, mas complexo, como Bakhtin salienta, comporta “relações de diversas naturezas e de múltiplas facetas”²²³. Nesse sentido, analisar historicamente e culturalmente o desenvolvimento da mídia no Brasil foi fundamental para a realização da pesquisa, principalmente para entender a quem a imprensa brasileira, em um âmbito geral, procura alcançar e o seu lugar de fala.

Para Azevedo²²⁴, a comunicação social brasileira possui características específicas, como a questão do “monopólio familiar e a propriedade cruzada nos meios de comunicação de massa, a pequena diversidade externa do ponto de vista político e o viés conservador, a baixa circulação dos jornais associada ao baixo número de leitores”²²⁵. A mídia impressa no Brasil é

²²¹ BAKHTIN, op. cit., p. 69.

²²² Ibid., p. 114.

²²³ Ibid., p. 70.

²²⁴ AZEVEDO, Fernando Antônio. Mídia e Democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 12, nº 1, Abril/Maio, 2006, p. 88-113.

²²⁵ Ibid., p. 89.

voltada, sobretudo, para as elites, mas obviamente isso não impede a influência de outros setores.

Azevedo em sua pesquisa e utilizando-se de Halim e Mancini (2004) realiza uma análise sobre os meios de comunicação de massa brasileiros, inserindo-o em um modelo nomeado de “pluralista polarizado”. Esse modelo tem como características a baixa circulação, a centralidade da mídia eletrônica, editoriais destinados a uma elite política, sendo recente o ano de fundação dos jornais e programas de TV e Rádio.

Tomando-se as características gerais dos três modelos resumidos nos parágrafos anteriores sugiro, por aproximação e a partir do confronto entre semelhanças e diferenças, enquadrar o caso brasileiro no modelo pluralista polarizado (mediterrâneo). Do ponto de vista do sistema político, que por economia de espaço não poderá ser examinado aqui, as similitudes são várias: um passado autoritário (que obviamente implicou na ausência, por longos períodos, da liberdade de imprensa), democratização relativamente recente, uma dinâmica de embates partidários polarizados nos pleitos presidenciais entre as forças de esquerda (1989, 1994 e 1998) ou centro-esquerda (2002) e centro-direita (de 1989 a 2002) configurando um nítido pluralismo polarizado, ainda que nos últimos anos de forma moderada. A estas características políticas soma-se a existência de um Estado com um inequívoco passado autárquico, estatizante e intervencionista (inclusive na área de comunicação) e a introdução tardia de um padrão burocrático-racional na ação governamental e nos processos de governança.²²⁶

O surgimento tardio da mídia impressa no Brasil, para tal autor, implicou também em um mercado industrial nos meios de comunicação. O primeiro jornal distribuído no Brasil correspondeu ao Correio Braziliense em 1808, no entanto o periódico foi ditado e impresso em Londres. Modrel²²⁷, destaca que desde 1778 outros jornais produzidos no Brasil foram circulados na América Portuguesa, como a exemplo do Gazeta de Lisboa. O que fundamenta o surgimento da imprensa brasileira em 1808 refere-se ao caráter de disseminação e divergência política presente no Correio Braziliense, pioneiro em apresentar a denominação de Império a então colônia portuguesa. Em 1808, com a instalação da Corte Portuguesa, passa a sair também a Gazeta do Rio de Janeiro²²⁸.

Nas primeiras décadas do século XIX a mídia do Império caracteriza-se pela opinião pública, ou seja, “era um recurso para legitimar posições políticas e um instrumento simbólico que visava transformar algumas demandas setoriais numa vontade geral”²²⁹. Os jornais

²²⁶ AZEVEDO. 2006, p. 91-92.

²²⁷ MODREI, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In.: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

²²⁸ Em estudos sobre a história da imprensa brasileira é comum encontrar análises que buscam legitimar a Gazeta do Rio de Janeiro como o primeiro meio de comunicação brasileira, inserindo a sua primeira circulação como o pico de origem da imprensa no Brasil.

²²⁹ Ibid., p. 33.

impressos pertenciam a pequenos grupos familiares, até porque nesse período não era tão dispendioso circular um periódico e a mídia ainda não possuía um caráter industrial no intuito de atender o mercado. A imprensa dispunha de um caráter político e de opinião. Segundo Modrel, isso poderia representar a instalação da liberdade de imprensa, porém não é isso que verifica-se posteriormente. Novos jornais surgiram, só que as correntes políticas dos redatores se “cruzariam” com os interesses governamentais e com um maior controle jurídico por parte do Estado. Ao longo do século XIX, a imprensa contava com a circulação de pequenas folhas, panfletos e pasquins. Os meios de comunicação estavam fortemente atrelados com os partidos políticos em meados de 1800, além de representar os interesses das famílias. O jornal demarcava “posições, ambições e lutas”²³⁰.

Nos últimos anos do século XIX e início do XX a imprensa passou por reformulações. Com o advento do capitalismo na América os jornais transformaram-se em um negócio e para isso, como salienta Luca²³¹, os donos precisaram adotar métodos racionais de distribuição e gerenciamento.

Se, por várias décadas, a luta política constituiu-se no modo fundamental do jornal-tribuna, razão mesma da sua existência, os horizontes alteraram-se e a posse de folhas diárias começou a se transformar em negócio, o que exigia de seus donos a adoção de métodos racionais de distribuição e gerenciamento, atenção às inovações que permitiam aumentar a tiragem e o número de páginas, baratear o preço dos exemplares e oferecer uma mercadoria atraente, visualmente aprimorada, capaz de atender o crescente mercado potencial de leitores, que, por sua vez, tornavam-se cada vez mais exigentes. As funções de proprietário, redator, editor, gerente e impressor, que antes, não raro, concentravam-se num único indivíduo, separaram-se e especializaram-se.²³²

Os jornais passaram a ser organizados em divisões e incorporaram outros gêneros, como notas, reportagens, entrevistas, crônicas, produções ficcionais. Os editoriais apresentavam as notícias aos seus leitores de forma objetiva, além de matérias de opinião pública. Em 1921 foi criado o jornal “Folha da Noite” e em julho de 1925 o jornal Folha da Manhã²³³. Também em 1925 foi lançado O Globo. Esses jornais, atualmente, estão entre os de maior tiragem no Brasil, acompanhados dos jornais Estado São Paulo e o Jornal do Brasil, formados no início do século XX. Conforme Azevedo, somente em 1930, após 10 anos do surgimento do rádio, que a

²³⁰ MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In.: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

²³¹ LUCA, Tania Regina. A grande imprensa da metade do século XX. In.: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

²³² LUCA, op. cit., 19-150.

²³³ Em 1949 foi lançado a Folha da Tarde. Os três editoriais tornam-se a Folha de São Paulo em 01º de janeiro de 1960.

imprensa entraria na “era da comunicação de massa”, completando-se entre 1950 a 1970 com a criação da televisão e a expansão das redes nacionais de rádio e televisão.

No Golpe de 1964 a grande mídia, em específico os jornais que analisamos, apoiou a instauração do novo regime. Os donos dos jornais foram beneficiados com incentivos por parte do Governo, o que possibilitou a modernização e a expansão do mercado. Para Abreu²³⁴, devido as reivindicações populares sobre o “perigo comunista”, os jornais preferiram apoiar a centralização do poder. Só que ao presenciar as violências cometidas pelos militares e denunciá-las, a mídia passa a ser censurada. Os assuntos sobre política são minuciosamente analisados antes de sua publicação. A mídia buscou “driblar” a censura, substituindo os temas censurados por receitas absurdas, espaços em branco, tarjas pretas, dentre outros.

Apesar de reprimir a imprensa, o militares financiaram a sua modernização. O objetivo consistia em implantar um sistema de informação em que o Estado ocuparia o centro e seria o responsável pelas atividades de cunho político²³⁵. Foi criada a Embratel (Empresa Brasileira de Telecomunicações), o Ministério das Comunicações, a Telebrás (Telecomunicações Brasileiras S/A). Formou-se nesse período oligopólios, uma vez que o investimento dos militares possibilitou o crescimento rápido de algumas empresas, como a exemplo, do grupo Globo, hoje uma das maiores redes de comunicação do país. No entanto, atualmente poucas empresas midiáticas associam sua imagem ao Golpe de 1964 ou o seu apoio ao regime durante os 21 anos de sua vigência. Até porque na década de 1980 e 1990 a mídia foi definida como a representação da justiça e da democracia.

Com a promulgação da Constituição de 1988, segundo Abreu, a imprensa recuperou a sua garantia de livre expressão e devido aos novos instrumentos de tecnologia inseridos nas redações, iniciou-se uma nova fase, nomeada de o “novo jornalismo”.

Embora não deva ser considerada o único agente de transformação da imprensa, a tecnologia foi seguramente um de seus principais instrumentos. Os avanços nessa área, com o desenvolvimento das telecomunicações, com a difusão da informática a partir dos anos 80, com as novas possibilidades de impressão e de registro audiovisual, ocorreram em escala mundial e afetaram a coleta da informação, a produção da notícia e sua distribuição.

Essa transformação na mídia brasileira significou também uma mudança no papel do jornalista, que começou a se especializar em economia²³⁶, moda, política, dentre outros. Ao jornalista também foi atribuído várias funções, não consistia mais em simplesmente escrever

²³⁴ ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

²³⁵ Ibid., p. 15.

²³⁶ Para Abreu as matérias sobre economia se intensificaram durante a ditadura militar, uma vez que a abordagem política era censurada.

sobre um determinado fato, mas coube a ele diagramar, indicar fotos, desenhos e gráficos. Entre 1985 a 1998 os jornais Folha de São Paulo e O Globo estavam presenciando a modernização e a maioria dos jornalistas que escreveram sobre Zuzu precisavam se adequar a uma nova mídia, esta que preocupava-se sobretudo com o mercado. Escrever sobre a trajetória de Zuzu Angel atendia ao mercado? Quem eram as pessoas que escreviam sobre ela?

No jornal O Globo a maioria das matérias sobre Zuzu é assinada por sua filha Hildegard Angel ou pelo seu pseudônimo Perla Sigaud. Além disso, outros jornalistas ao abordarem sobre luta, em âmbito geral, utilizam-se de falas e entrevistas cedidas por Hildegard. A presença dela é constante nos periódicos, tanto do jornal Folha de São Paulo, quanto no O Globo. No terceiro capítulo discorremos sobre essas matérias escritas por Hildegard e também sobre os outros jornalistas que escreveram sobre Zuzu. Buscamos compreender como a subjetividade está presente na escrita jornalística, algo que ocorre não devido exclusivamente aos interesses individuais, mas pelas relações construídas entre o jornalista com a sua cultura e com o seu presente.

Na segunda metade do século XX a circulação da mídia impressa concentrou-se no Rio de Janeiro e São Paulo, priorizando o leitor de centro, ou seja, os indivíduos pertencentes as classes AB. No intuito de atender ao mercado, pesquisas com os leitores começaram a ser realizadas. Agradar ao assinante do jornal tornou-se uma das prioridades da mídia brasileira, até porque agora os jornais utilizavam-se de marketing, propagandas, anúncios, responsáveis por garantir economicamente a circulação dos jornais.

No campo social e cultural a mídia exerce grande influência. Por representar um fato ou um acontecimento, a imprensa tem a característica de ser verídica, de representar o que realmente aconteceu, inclusive dando a sensação de que vivenciamos determinado fato. A mídia não cumpre a função de apenas informar, mas ela constrói memórias, dá sentidos e ressignifica as experiências, forma a nossa identidade, possibilita leituras do mundo onde vivemos. Retomando as propostas de Silverstone, a mídia atualmente é inerente ao homem.

Nesse sentido, os jornais pesquisados durante os anos de 1980 e 1990 construíram uma memória da ditadura militar, enquadraram suas notícias a fim de atribuir sentidos e significados aos diversos personagens que vivenciaram esse período. Esses jornais, com o crescimento da mídia impressa, passaram a exercer grande influência na vida de vários brasileiros. Zuzu Angel ao longo dos anos recebeu inúmeras homenagens, foi tema de enredo de uma escola de Samba do Rio de Janeiro, tornou-se protagonista de especiais de programas de TV e de uma peça fílmica, no entanto, as primeiras reportagens sobre sua vida surgiram nesses jornais, na

construção da memória de uma mãe, que por meio de sua profissão enfrentou os militares em um momento de forte repressão.

Nesse tópico procuramos apresentar a construção da memória por meio da mídia a partir de três questões: primeira; o contexto social no qual aparece as matérias, até porque o que vai ser publicado depende da relação estabelecida entre o jornalista e o seu meio e os interesses do jornal, segunda; o lugar de falar dos jornais, principalmente na questão de legitimar um discurso e torná-lo em algo real e verídico, terceira; o público alvo que a mídia deseja atingir, para quem os discursos se dirigem e porque se dirigem a essas pessoas.

3.3 A construção do acontecimento

A mídia, assim como a memória, faz uma seleção do que deve ser lembrado e principalmente do que deve ser noticiado. Para que algo torne-se notícia leva-se em conta, como afirma Sodré²³⁷, o nível de reconhecimento social das pessoas envolvidas, a importância pública do fato, as circunstâncias da ocorrência. A elaboração da notícia não é algo simples e não consiste simplesmente em informar ao leitor sobre determinado fato, mas parte de uma construção do sujeito, no caso o jornalista, com a sua realidade social. Esse processo inicia-se com o acontecimento.

Para Dias (2012), o acontecimento histórico não diferencia-se do acontecimento jornalístico. Ambos fazem uma seleção do passado e o insere no presente, com o objetivo de construir o real. No entanto, hoje é a mídia que tem o monopólio das narrativas históricas, uma vez que é nela que o acontecimento é reconhecido e compreendido pela sociedade.

Ainda sob o viés da historiografia, é fundamental a concepção que o historiador Pierre Nora realiza com relação ao “retorno do fato” na história contemporânea. Para ele, a atualidade e a rapidez gerada pela mídia fizeram com que se produzisse uma nova percepção sobre o sentido histórico inscrito no acontecimento. Nora acredita que a mídia é quem obtém o monopólio das narrativas históricas contemporâneas, sendo que é somente a partir dela que o acontecimento marca a sua presença na sociedade. A mídia, neste sentido, acaba por impor o vivido como história em uma inserção diária de novos acontecimentos que se repetem constantemente, sob uma espécie de “vulcões da atualidade”, tornando o acontecimento “monstruoso”, como coloca o autor.²³⁸

²³⁷ SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

²³⁸ DIAS, André Bonsato. O presente da memória: uso do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S. Paulo, entre o ‘golpe de 1964’ e a ‘ditabranda’. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual do Paraná. Curitiba, 2012, p. 92.

A materialização do acontecimento se dá por meio da narrativa jornalística, especificamente com a publicação da notícia. Durante o processo de construção o jornalista faz um enquadramento do acontecimento, atribuindo sentidos e significados. Esse enquadramento parte da relação que o indivíduo estabelece com o seu meio cultural e social. Essa perspectiva de que o acontecimento é algo construído, pertence ao Paradigma Construcionista, presente na teoria do jornalismo.

As discussões sobre a notícia ser construída socialmente e culturalmente surgiram na década de 1970²³⁹ a partir de estudos etnográficos. Essa perspectiva defende que a mídia seleciona os acontecimentos que merecerem ser evidenciados na sociedade, no entanto, eles estão externos ao sujeitos, uma vez que são fenômenos culturais. No Paradigma Construcionista, especificamente na Teoria Estruturalista²⁴⁰, o jornalista age de forma objetiva, pois os acontecimentos são produtos culturais da sua profissão e esses enquadramentos são realizados institucionalmente.

A interpretação a que se refere a interpretação jornalística é a realidade social. Nesse processo, o Jornalismo estabelece a noticiabilidade dos fatos que vão se submeter à cultura profissional, à pressão das organizações, às rotinas produtivas, aos processos produtivos, etc.

Tendo como pressuposto que o Jornalismo trabalha com o mundo real, cuja referência é a realidade, no complexo processo de produção da notícia, os jornalistas vão trabalhar uma série de enquadramentos dos acontecimentos, não como soberanos dos fatos jornalísticos, mas como parte de um processo muito maior do que eles, a partir da cultura profissional.²⁴¹

Concordamos que a narrativa jornalística é uma construção social e cultural, inerente às demandas das instituições. Até porque o que deve ser noticiado também depende do que os grupos detentores do poder “desejam” e “autorizam” ser de conhecimento da comunidade. Como Marilena Chauí²⁴² destaca, a mídia possibilita fazer conhecer sobre diferentes assuntos, como política, economia, entretenimento, moda, tornando público assuntos privados. No entanto, reduzir o papel do jornalista, como se ele estivesse cumprido apenas a função de

²³⁹ MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**: análise das características substantivas das notícias dos jornais Folha de São Paulo e O Globo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006, p. 15.

²⁴⁰ O Paradigma Construcionista possui duas ramificações, a teoria Estruturalista e a Interativista. A primeira defende que os jornalistas constroem a notícia por meio de uma interação entre a classe dominante, sendo esta que influencia nas publicações da imprensa e na construção da realidade. A Interativista, por sua vez, reconhece a autonomia do jornalista e as relações construídas por ele culturalmente e socialmente, mas também defende que o profissional está sujeito as demandas organizacionais e os enquadramentos das narrativas culturais.

²⁴¹ PEREIRA; Alfredo Eurico Vizeu Júnior; ROCHA, Heitor Costa Lima da. Jornalismo construtivista: algumas considerações epistemológicas. **Revista Famecos**, v. 18, n. 3, Porto Alegre, set./dez. 2011, p. 752.

²⁴² CHAUI, Marilena. **Simulacro e poder**: uma análise da mídia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

transmissor dos interesses de um grupo específico, acaba por desconsiderar a própria relação estabelecida entre ele e a sua cultura.

Partimos do pressuposto de que o jornalista, autorizado por uma instituição, enquadra os acontecimentos, transformando-os em notícia. Esse enquadramento dá-se por meio da subjetividade do jornalista. No caso específico dessa dissertação, observamos o quanto interesse e a experiência individual esteve presente durante o processo de construção da notícia. Hildegard Angel, por exemplo, na sua coluna social do jornal O Globo, que assinava como Perla Sigaud, ao abordar sobre os eventos sociais de figuras importantes da elite brasileira, destaca o nome de Zuzu. Em uma publicação de 29 de março de 1986, ao falar sobre a visita da Princesa Anne Elizabeth Alice Louise, relatou que durante um jantar, oferecido à nobreza britânica, encontrou Lígia Doutel de Andrade, que na ocasião estava sozinha, uma vez que seu esposo, Armindo Doutel de Andrade, na época Presidente do PDT, não pôde comparecer por conta de uma reunião do partido. Hildegard narra que Lídia comentou que há vinte anos, em um jantar oferecido pela Rainha Elisabeth aos brasileiros, utilizou um vestido da grife Zuzu Angel.

A mesa da Princesa, que estaria mais bem colocada se fosse ao centro do salão, foi posicionada lá no fundo e, como não havia microfones no local, foram poucos os que conseguiram escutar o *speech* de Sir John Tooley, Diretor da Royal Opera House, ao entregar a Dona Marly Sarney um cheque de 166 mil cruzados, contribuição em benefício da LBA...Naquela noite, havia uma reunião do PDT. Explicada aí a ausência do Governador Brizola. Por este motivo, também estava sozinha a Lígia Doutel de Andrade, já que seu marido é o Presidente do Partido. Muito bonita (como sempre) num tomara-que-caia de tafetá verde, Lígia comentou com Perla, que há vinte anos atrás, na recepção que a Rainha Elisabeth ofereceu aos brasileiros a bordo de seu navio Britania, usou um vestido grife Zuzu Angel... Foi a reunião pedetista, também, que levou o Vice Governador Darcy Ribeiro a retirar-se sem jantar com a Princesa.²⁴³

Em 1987, Perla Sigaud, ao noticiar sobre a festa promovida pela família Valladão para homenagem a sua filha Yara, relata que se encontrou com a então Secretária de Cultura de Minas Gerais, Angela Gutierrez, que afirmou ter interesse em realizar uma homenagem à Zuzu Angel.

Outra presença chez Celinha: a Secretária de Cultura de Minas, Angela Gutierrez. Falou-me de uma homenagem que pretende prestar à saudosa Fashion designer mineira Zuzu Angel. Falar em moda, a hostess Celinha usava um bonito vestido de veludo da Casa Colette.²⁴⁴

²⁴³ SIGAUD, Perla. Sóbria, elegante e com lista postura, a Princesa deu uma lição de elegância, **O Globo**, Ela, 29 de mar. 1986.

²⁴⁴ SIGAUD, Perla. Os Valladão festejam Yara, **O Globo**, Ela, 29 de ago. 1987.

Em ambas as publicações, Hildegard, a partir de seu pseudônimo, insere em suas narrativas a importância de Zuzu Angel no campo da moda. É importante observarmos que os eventos descritos não têm relações com a *fashionista*, mas pelo fato dos personagens encontrarem-se com Hildegard; filha de Zuzu, eles relatam-lhe as experiências que tiveram com sua mãe. Mas por que falar dela? Acreditamos que isso corresponde aos interesses individuais da jornalista, no intuito de demonstrar que a lembrança de Zuzu continua presente, além de que, como jornalista, ela tem a aval da instituição para qual trabalha de citar sua mãe.

É importante ressaltarmos que Hildegard Angel, como colunista social, teve grande influência na construção das memórias de Zuzu Angel, tanto no jornal O Globo, onde trabalhou durante anos, quanto em outras áreas. Em seu depoimento na Comissão da Verdade²⁴⁵, afirmou que deixou de ser atriz para ingressar no jornalismo, pois sabia que assim conseguiria respaldo para denunciar a morte de seu irmão e de sua mãe.

Quando mamãe foi assassinada, eu percebi que não poderia mais fazer teatro, que era minha sobrevivência. E eu parti para ser colunista social apenas. E assim que eu trabalhei. Eu resolvi sobreviver. [...]

Desde que minha mãe morreu, a partir da morte da mamãe, no mesmo mês da morte da mamãe eu inaugurei uma rua com o nome dela em Curvelo. No mesmo ano da morte da mamãe eu inaugurei uma rua com o nome dela em Belo Horizonte, o Prefeito era da Arena. E eu percebi que como colunista social eu tinha instrumentos para manter viva a memória da minha mãe. Através do meu trânsito e dos meus contatos eu tinha instrumentos para manter vivos as memórias de minha mãe e do meu irmão, numa amplitude, que se eu tivesse qualquer outra atividade, eu não teria.²⁴⁶

Em sua fala fica evidente que a sua prática jornalística não foi intencional, mas tiveram objetivos específicos, o intuito de se fazer conhecer, de não silenciar a vida de Zuzu Angel. Hildegard buscou no jornal a legitimidade para poder construir as representações de sua mãe, o transformou em um lugar de memória. Ao total foram 53 matérias assinadas por ela entre 1985 a 1998 que citaram o nome da estilista no jornal O Globo. A produção dessas publicações partiu das questões culturais, políticas e sociais no momento de sua elaboração e publicação.

Como afirma Alsina²⁴⁷, o acontecimento é um fenômeno social, sendo os fatores culturais que determinarão quais acontecimentos devem ser concretizados e quais devem passar despercebidos. Na narrativa jornalística é escolhido o que deve ser evidenciado, aproximando o indivíduo das memórias coletivas, tornando o leitor partícipe de uma memória. Atualmente existem acontecimentos que só chegam até as pessoas por meio da mídia, os situando em um

²⁴⁵ Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2013/04/zuzu-angel-30-anos-apos-sua-morte-familia-quer-esclarecimento-dos-fatos> Acessado em 15 de jan. de 2018, às 10h.

²⁴⁶ ANGEL, Hildegard. Depoimento cedido à Comissão Verdade. (Transcrição de áudio feita por mim).

²⁴⁷ ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Trad. Jacob A. Pierce. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

presente dado pelos acontecimentos do passado. Em relação a Zuzu Angel, as primeiras representações sobre sua vida surgiram no campo da imprensa e foi por meio dela que uma parcela da sociedade brasileira também construiu suas interpretações e memórias da ditadura militar.

Nesse sentido, ao noticiar um acontecimento a mídia constrói uma realidade, porém o jornalismo não cumpre a função de apenas informar, mas no intuito de ser verídico, concebe as notícias a partir de fatos factuais e proporciona a sensação de relatar os acontecimentos em sua totalidade, tal como se sucedeu. Na primeira metade do século XX os estudiosos do jornalismo compartilhavam a ideia de que os jornais eram um espelho do real, a partir dos pressupostos do positivismo, o jornalista seria capaz de reproduzir uma verdade, sendo objetivo e coerente na sua escrita. Sabemos que não é possível alcançarmos uma totalidade de um acontecimento ou fenômeno cultural e social, a produção da narrativa parte dos interesses individuais e coletivos. No entanto, isso não quer dizer que tanto a história, quanto o jornalismo não sejam capazes de construir uma realidade.

Para Azevedo, além de construir a realidade a mídia aproxima o indivíduo dela, por meio de suas representações;

Os meios de comunicação não só nos mostram acontecimentos nos quais não poderíamos participar, mas também, nos quais participamos, nos aproximam dos fatos de uma maneira diferente, mais completa, porque nos oferecem diversos pontos de vista [...]. A mídia também opera em outro sentido sobre os acontecimentos. Os acontecimentos, que por si mesmos se desvanecem, tornam-se, através de sua representação pela mídia, manifestações que perduram, documentos. A mídia torna os acontecimentos em um material de possível consumo repetitivo.

Ou seja, a memória construída de Zuzu Angel pelos jornais Folha de São Paulo e O Globo parte de representações de sua vida, dos momentos vivenciados por ela durante a ditadura militar, especificamente entre os anos 1971-1976, possibilitando uma validação da realidade. Cria-se a sensação de que Zuzu vivenciou totalmente o que é representado pela a imprensa, como se fosse uma verdade absoluta. Nosso objetivo não consiste em verificar a veracidade dos discursos dos jornais, mas compreender como isso ocorreu, a ponto de se tornar memórias.

Um dos principais autores que discutem a questão do acontecimento midiático é Muniz Sodré, especificamente na obra “A narração do fato”. Para tal autor, o acontecimento midiático ocorre por meio do fato, esse último caracterizado como um conjunto de coisas dadas pela experiência empírica, porém “não é a própria coisa, e sim uma objetivação conceitual da

realidade dos fenômenos”²⁴⁸. São pessoas, objetos, fenômenos, ocorrências, dados e instituições factuais que estão inseridas no cotidiano. Dessa forma, a mídia utiliza-se de objetos factuais para depois, por intermédio do acontecimento, obter alguma clareza sobre o fato sócio-histórico²⁴⁹. Como pensar a construção das memórias sobre Zuzu Angel nos jornais Folha de São Paulo e O Globo a partir dessa perspectiva?

No caso dos meios de comunicação analisados na dissertação, ao noticiarem sobre eventos que envolviam Zuzu Angel foi utilizado um dado factual, que é a própria existência da *fashionista*, para se construir socialmente e culturalmente o acontecimento, enquadrando sua vida em uma linearidade e sequência. É importante observamos que isso não ocorreu de forma tranquila, deu-se a partir de conflitos, relações de poder, interesses individuais e coletivos. Além disso, quando se constrói o acontecimento e ele é materializado pela notícia, também se constrói memórias, estas que influenciam na formação identitária e na leitura que fazemos sobre o passado e o presente.

Devemos nos atentar que o acontecimento, como aponta Sodré, não significa apenas uma sequência de coisas, entre o antes e o depois, mas é ressignificado na atualidade, sendo um movimento infinito. Essa construção ou produção também caracteriza-se por uma hierarquia, obviamente existem macroacontecimentos e microacontecimentos, alguns com maior destaque, outros que aparecerem, mas não recebem tanta notoriedade. Exemplos de macroacontecimentos são o ataque as Torres Gêmeas de Nova Iorque, a assassinato de John Kennedy, a operação Lava Jato, dentre outros. Microacontecimentos, por sua vez, como destacado pelo autor, referem-se ao assassinato de um homem comum, um terremoto de pequenas proporções, o roubo de um carro.

Partimos do pressuposto de que o acontecimento construído em torno da vida de Zuzu Angel é um macroacontecimento, claro que não na mesma proporção de outros acontecimentos, como o *impeachment* de Fernando Collor em 1992, já que os acontecimentos podem ser diferenciados em relação ao seu poder de afetar culturalmente a sociedade. Mas, no decorrer de 13 anos ela apareceu em diferentes matérias, destacando o seu papel como mãe que lutou para reaver o corpo de seu filho ou como uma estilista genuinamente brasileira. Zuzu tornou-se um dos símbolos de resistência do regime de exceção, produzindo-se memórias sobre sua vida, memórias estas que influenciaram na formação identitária da ditadura militar.

Assim, a pesquisa não investigou as produções jornalísticas sobre Zuzu Angel a partir de uma perspectiva de início e fim, ou seja, as matérias em 1985 e em 1998, mas como houve

²⁴⁸ SODRÉ. 2012, p. 29.

²⁴⁹ Ibid., p. 32.

transformações, embates, interesses institucionais e individuais durante a escrita. Cabe ressaltar que as matérias jornalísticas que destacaram a luta de Zuzu Angel não cessaram em 1998, no decorrer dos anos 2000 ela apareceu inúmeras vezes, uma vez que houve o lançamento em 2006 do filme “Zuzu Angel” e em 2014, com a criação da Comissão da Verdade e da Exposição “Ocupação Zuzu Angel”, novamente ela tornou-se notícia. O acontecimento acerca de Zuzu Angel continua em movimento.

No Paradigma Construcionista a noticiabilidade²⁵⁰ ocorre por meio de critérios e valores adequados. Esses valores são nomeados de valores-notícias e não correspondem apenas em um choque ou ruptura, mas aquilo que pode gerar interesse na sociedade, se inserindo no cotidiano do leitor. Mauro Wolf²⁵¹ divide os valores-notícias em cinco critérios: 1) substantivos; 2) relativos aos produto; 3) relativos ao meio; 4) relativos ao público; 5) relativos à concorrência. Nesse sentido, como apresentado por Sodré, os valores-notícias são a novidade, a imprevisibilidade, o peso social, a proximidade geográfica do fato, a hierarquia social dos personagens implicados, a quantidade de pessoas e lugares envolvidos, o provável impacto ao leitor.

Na rotina das pautas profissionais, destacam-se como valores-notícia a novidade (marca de atualidade), a imprevisibilidade (sinal para a singularização do relato), o peso social (sinal indutor de atenção coletiva), a proximidade geográfica do fato (índice contextual que facilita a identificação do público com os figurantes da notícia), a hierarquia social dos personagens implicados (sobrevvalor atribuído à identidade de famosos), a quantidade de pessoas e lugares envolvidos (magnitude do fato), o provável impacto sobre o público-leitor e as perspectivas de evolução do acontecimento. São valores-notícia na medida em que há algum consenso sobre eles como critérios de localização e descrição de fatos, marcados em respeito tanto ao real-histórico quanto ao imaginário social, o mesmo que dinamiza as narrativas.²⁵²

É importante destacarmos que existem notícias que não foram criadas a partir de um ou mais valores-notícias, mas visaram sobretudo atender as exigências do trabalho jornalístico. No caso da notícias sobre Zuzu Angel percebemos que as narrativas não buscaram apenas cumprir a rotina dos jornais, mas atenderam as normas de noticiabilidade. Zuzu tornou-se um acontecimento a ponto de virar notícia, pois representa o peso social, ou seja, ela lutou contra um regime opressor e autoritário, o que causou a sua morte.

A mídia é constituidora de memórias, principalmente por inscrever no cotidiano uma narrativa, uma vez, como salienta Alsina, é uma forma importante de experimentação do mundo, constituem a textura geral da experiência.

²⁵⁰ Ato de transformar um acontecimento em uma notícia.

²⁵¹ WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5 ed. Lisboa: Presença, 1999.

²⁵² SODRÉ. 2012, p. 76.

A meu ver, a narrativa jornalística é um caso exemplar de experimentação da realidade porque permite apreender rapidamente a complexidade do mundo imediato e configurá-lo em enredos minimamente coerentes, colocá-los a prova, instituir verdades efêmeras que serão continuamente refeitas, constituindo a instável atualidade [...]. A narrativa é constitutiva da experiência, estabelece uma visão integrada do mundo, determina conexões, põe em marcha a ligação entre eventos e organiza o sentido reunindo elementos dispersos.²⁵³

A narrativa midiática, como a memória, está intrinsicamente ligada à experiência. No caso da imprensa, ao inscrever um acontecimento em forma de notícia, representa um determinado fato, dando sentidos e construindo memórias. O leitor, a partir das representações textuais, imagéticas e sonoras, proporcionadas pela mídia, passa a participar dessas memórias, formando sua identidade. Retomando Michel Pollak, é a memória vivida por tabela, em que não chegamos a presenciar um fenômeno, mas a memória é transmitida de tal forma que temos a sensação de o termos vivenciado. Os meios de comunicação são capazes de construir essa memória, em que atribuem símbolos, formas, códigos a um acontecimento, ou seja, constroem um real.

Não poderíamos trabalhar com a memória dos jornais sem abordarmos a teoria do jornalismo. Ambas, a mídia e a memória, são construídas socialmente e culturalmente, a partir de interesses institucionais e individuais, que determinam o que precisa ser lembrado e esquecido, nessa dialética constante. No caso dos meios de comunicação, ao escolherem noticiar sobre a Zuzu Angel, obviamente deixou-se de falar sobre outras pessoas que participaram da luta contra a ditadura militar, fez-se uma seleção.

²⁵³ ALSINA, 2009 , p. 233 e 235.

Capítulo 4. O lugar de fala dos jornais e as representações de Zuzu Angel

Os jornais impressos, ao representarem um fato social e cultural, constroem memórias e as enquadram, além disso contribuem para a formação identitária, seja individual ou coletiva. No caso da pesquisa, ao abordarem a vida de Zuzu Angel nas publicações, seja como a estilista “genuinamente brasileira” ou a “mãe-coragem”, que lutou contra as Forças Armadas para ter o direito de enterrar seu filho, fazem uma seleção do que deve ser lembrado e memorializado. A partir de um lugar de fala constituído e sedimentado na sociedade brasileira, eles legitimam, ou não, memórias coletivas e individuais.

Essas memórias são legitimadas pelos discursos jornalísticos, que a partir do papel atribuído à mídia, como um veículo de comunicação social responsável pela opinião pública, é autorizado a produzir determinados discursos, definidos como verdadeiros. Quer dizer, os jornais, por cumprirem a função de noticiarem os fatos cotidianos, tem seus discursos considerados pela sociedade como representações autênticas de uma realidade, como se fossem um “espelho”. É justamente nesse lugar de fala, como instituição “porta voz” das relações cotidianas, “que o jornalismo tem a sua credibilidade enraizada na possibilidade de ser fiel na reprodução dos fatos”²⁵⁴.

Assim, a prática jornalística é compreendida como um “cão de guarda” da sociedade, tendo a missão de relatar todas as informações relevantes do cotidiano, voltadas para as questões sociais, culturais, políticas, econômicas, de bem-estar, dentre outras. A mídia, na concepção popular, tem a responsabilidade social de apurar os acontecimentos, questionar o sistema político de uma época ou da atualidade. E por concebê-lo em uma visão objetiva, o discurso jornalístico ao ser publicado é considerado como verdadeiro. Como destacado por Guedes, o jornalista pode deturpar um determinado acontecimento, no entanto, para os leitores a notícia é interpretada com um status de verdade.

Se numa reportagem, o repórter deturpar os dados e depoimentos apurados, é provável que apenas suas fontes saberão que a história narrada não corresponde à verdade, mas para os demais leitores é bem possível que aquelas informações assumam o *status* de verdade, sejam atribuídas ao real e se instalem como parâmetros sociais. Nesse raciocínio, a verdade se encontra intrinsecamente ligada à credibilidade e à função social de que é revestida a imprensa pela sociedade, como fiscalizadora dos seus direitos e do poder público.²⁵⁵

²⁵⁴ GUEDES, Nicoli Glória de Tassis. Jornalismo e Construção Social da Realidade: uma reflexão sobre os desafios da produção jornalística contemporânea. **Anais do XXXII do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

²⁵⁵ Ibid., p. 5.

Nesse sentido, as matérias sobre Zuzu Angel são legitimadas pela função social e atribuição de papel à mídia. Em seu lugar de fala, como Instituição responsável em representar os interesses sociais, os jornais Folha de São Paulo e O Globo constroem memórias e possibilitam ao leitor fazer leituras sobre o acontecimento ou período histórico. Essas leituras, por sua vez, não ocorrem livremente, os discursos jornalísticos influenciam sobre como a ditadura ou a imagem de Zuzu Angel deve ser compreendida. Além disso, ao falarem da vida de Zuzu Angel, seja como estilista, ou como a mãe-coragem, fez-se uma escolha de qual pessoa que vivenciou o regime ditatorial deve ser lembrada, silenciando outros indivíduos, outras mães que não receberam tanta notoriedade.

No recorte temporal selecionado para a realização da pesquisa, de 1985 a 1998, percebemos que diversos setores da sociedade brasileira questionaram as práticas cometidas pelos militares ao longo dos 21 anos do regime militar. O retorno ao Estado de Direito, possibilitou que a mídia, com base na concepção de que ela é a porta voz da sociedade, também tecesse opiniões e contestações a respeito dos crimes cometidos, autorizando publicações sobre essa temática. Como abordado por Baczko²⁵⁶, existem disputas e a busca por uma legitimação do poder, uma vez que tendo o controle do imaginário social, a Instituição ou o grupo detentor, consegue influenciar nas atividades e nas práticas sociais. Em tempo, o autor destacou:

Uma das funções dos imaginários sociais consiste na organização e controle do tempo colectivo no plano simbólico. Esses imaginários intervêm ativamente na memória colectiva, para a qual, como dissemos, os acontecimentos contam muitas vezes menos do que as representações a que dão origem e que os enquadram. Os imaginários sociais operam ainda mais vigorosamente, talvez, na produção de visões futuras, designadamente na projecção das angústias, esperanças e sonhos colectivos sobre o futuro.²⁵⁷

Dessa forma, ao legitimar um imaginário social, é possível construir memórias, estabelecer representações de acontecimentos ou de personagens, enquadrar essas memórias e influenciar no que deve ser lembrado ou esquecido. Os meios de comunicação, no intuito de atender aos interesses do Estado, do mercado e do seu público, controlam e constroem o imaginário social. Para Baczko, a mídia consegue por meio de um único emiteente alcançar um número considerável de receptores, bem como prestar-se às manipulações, que impõe a sua transmissão “inevitavelmente uma seleção e uma hierarquização por parte dos emissores”²⁵⁸.

²⁵⁶ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In.: **Enciclopédia Einaudi**. V. 5. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

²⁵⁷ Ibid., p. 312.

²⁵⁸ Ibid., p. 313.

Ter o controle dos meios de comunicação, permite ser o detentor do poder e conseqüentemente dos imaginários sociais.

No caso do Estado, por meio da censura, ele consegue controlar a emissão das palavras, seleciona as imagens e conseqüentemente intervém no comportamento da sociedade. Mas, como observou Baczko, a censura não é a única forma de controlar os meios de comunicação. No período de redemocratização, por exemplo, os jornais estavam inseridos em um mercado, voltados para alcançarem um número maior de leitores e de empresas interessadas em investir nas propagandas. Essa foi uma das justificativas utilizadas por diversos estudiosos desse período para compreender porque os jornais, como a Folha de São Paulo, incentivaram o movimento das *Diretas Já*.

Apesar das publicações que questionaram, sobretudo na década de 1990, o acidente que levou ao falecimento da estilista, não quer dizer que os periódicos não publicaram outras matérias que interrogavam o andamento do processo da Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos, por exemplo, no qual discutiu se o acidente foi provocado pelos militares. Em uma matéria do jornal Folha de São Paulo, de 23 de outubro de 1998, escrita por Oswaldo Pereira Gomes, membro da Ordem dos Advogados do Brasil e único representante das Forças Armadas na Comissão, salientou as divergências dos processos de Lamarca, Marighella e Zuzu Angel, considerados por ele como meramente políticos, uma vez que a morte não ocorreu nas dependências militares.

Quanto aos trabalhos da comissão, tivemos graves distorções, que irei expressar no relatório final; julgo ter cumprido o meu dever como membro da Ordem dos Advogados do Brasil, protestando contra os abusos ali praticados pelo rolo compressor da maioria.

A imprensa noticiou essas divergências – duras, mas que jamais deixaram de ser civilizadas. As decisões nos casos Marighella, Lamarca e Zuzu Angel foram lamentáveis, fruto de interpretações que chamei de cabalísticas, pois, evidentemente, eles não foram mortos em dependências policiais ou assemelhadas; nem chegaram a ser presos.

Essas decisões tinham claros objetivos políticos contra os governos militares, que assumiram a responsabilidade de dirigir o país para evitar fosse uma vergonhosa intervenção direta dos EUA no Brasil, fosse uma ditadura ‘guevarista’ – que, certamente estaria no poder até hoje, como Fidel Castro em Cuba (este, inexplicavelmente bajulado por políticos brasileiros ditos de esquerda e de direita).²⁵⁹

Outro ponto relevante, é que as publicações que questionaram ou isentaram os militares de qualquer intervenção no acidente automobilístico que levou à óbito Zuzu Angel, não foram assinadas por jornalistas do corpo editorial da Folha de São Paulo e de O Globo. Essas matérias

²⁵⁹ GOMES, Oswaldo Pereira. Os militares e a Comissão dos Desaparecidos. **Folha de São Paulo**, Primeiro Caderno, Opinião, 23 de out. 1993, p. 3.

foram publicadas principalmente no caderno de Opinião ou na Carta dos Leitores. No caso de O Globo, nas matérias de 1997 sobre o novo laudo de morte da estilista apresentada pela Comissão²⁶⁰, foi criada uma pequena publicação intitulada de Repercussão, onde apresentou-se opiniões de pessoas influentes, como escritores, jornalistas, estilistas, a respeito do processo em andamento. Na publicação do dia 15 de maio de 1997 de O Globo foram apresentadas seis opiniões, cinco que afirmaram a culpabilidade dos militares na morte de Zuzu Angel. Somente a última opinião, da estilista Marília Vals, ausentou a culpa da União no acidente: “A família dela foi massacrada. Acho que pelo fato de ter sofrido a perda do filho, merecia receber uma indenização. Mas acidentes acontecem. A união não pode ser responsabilizada por tudo o que aconteceu na época”.

Em outra publicação de O Globo, de 18 de agosto de 1997, os peritos legistas aposentados que assinaram o laudo da morte de Zuzu Angel em 1976; Hygino de Carvalho Hercules e Ivan Nogueira Bastos, escreveram uma carta de crítica a uma matéria do dia 11 de agosto de 1997, assinada por Franklin Martins, que para tais, alegou a participação dos peritos na falsificação de laudos a pedido dos militares. Os peritos afirmaram que não houve alterações no laudo, mas apenas má sorte por terem sido escalados para trabalharem no dia da análise da morte da estilista. Destacaram também, que os oprimidos da ditadura militar são os mesmos que oprimem na década de 1990, ao caluniarem a imagem daqueles que trabalharam durante a ditadura.

A propósito do noticiário Zuzu Angel (O GLOBO DE 7 e 11/08), queremos manifestar nossa repulsa ao modo como se atinge a honra e a reputação de dois profissionais cuja folha foi a pouca sorte de, por escala de serviço, ter que realizar a necropsia da infeliz senhora. Nada como o tempo para revelar a natureza humana. Os oprimidos de ontem transformaram-se nos opressores de hoje. Alguns dos que eram violentados nas prisões do regime militar, assim como os que com eles sofriam por afinidade ou parentesco, agora se valem da violência moral para indiscriminada retaliação. E de modo tão covarde como foram atingidos. Se os torturados de outrora violentavam suas vítimas na busca de informações e de confissões, de fatos reais ou apenas supostos, os algozes atuais enlameiam a honra alheia impiedosamente baseados única e exclusivamente em denúncias ainda não comprovadas, com se houvessem esquecido o sentido da justiça por que clamavam.

A fala dos peritos busca demonstra as disputas pela memória da ditadura militar, inclusive a afirmação de grupos/indivíduos de que não existiram alterações em laudos, mas uma perseguição na década de 1990 aos que trabalharam durante a ditadura militar. Percebemos essas afirmações atualmente, no intuito de legitimar de que no regime de exceção não houveram

²⁶⁰ Esse laudo foi publicado pelo jornal O Globo em 1997 e foi apresentado à Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos. Nele apresentou-se que a causa da morte de Zuzu Angel não foi por ter dormido no volante, mas possivelmente por algum impacto no veículo.

alterações em laudos ou acidentes ocasionados e planejados pelos militares, mas apenas “exceções” no intuito de manter uma ordem. Eles afirmaram que os reprimidos de antes, são os opressores de hoje. Nesse sentido, quando são realizados os questionamentos e a busca por informações sobre as mortes, o paradeiro dos desaparecidos político e de acidentes como o da estilista, para os peritos ocorreu uma repressão, uma vez que são questionados os laudos e a postura de médicos e peritos. Sabemos que os militares torturaram e reprimiram inúmeros militantes políticos e civis que discordavam da política empregada, isso causou o desaparecimento e a morte de várias pessoas. Estudar, problematizar, analisar fontes sobre esse período e o trabalho das Comissões torna-se imprescindível. Os que questionam a ditadura não fazem uma repressão, mas buscam por justiça e sobre informações dos desaparecidos, que até hoje é uma incógnita o paradeiro de vários militantes, como por exemplo Stuart.

Ambas as matérias apresentadas, principalmente a carta dos peritos legistas e de Oswaldo Pereira Gomes, criticam a forma como a memória da ditadura estava sendo tratada pelos meios de comunicação, uma vez que a maioria dos editoriais sobre o andamento do processo do caso Zuzu Angel na Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos, apresentavam provas que constatavam a responsabilidade dos militares no acidente. Isso evidencia também, que os jornais estão inseridos em um campo de disputas, tanto para alcançarem lucros econômicos, uma vez que pertence a uma sociedade capitalista, quanto para atender as demandas de outros grupos hegemônicos.

Quando adentramos nesse campo de disputas pelas memórias, no intuito de legitimar uma verdade, verificamos que ao noticiar a vida de Zuzu Angel, os jornais estão discutindo a memória da ditadura. A carta escrita pelos peritos legistas e do militar Oswaldo Pereira Gomes é uma resposta às investigações das mortes e desaparecidos políticos, visto que os jornais afirmaram em diversas publicações que houve tortura e acidentes propositais nos 21 anos do regime e reivindica do Estado respostas e justiça pelos crimes cometidos. São conflitos para representar a ditadura, e construir uma realidade a esse período, como destacou Chatier, “uma ‘imagem’ capaz de repô-lo em memória e de ‘pintá-lo’ tal como é”²⁶¹.

Como lugar de fala, entendemos o contexto cultural e histórico, coletivo e subjetivo, da produção dos discursos, bem como o processo de legitimidade que esses discursos recebem. No caso dos jornais, o espaço que eles ocupam na sociedade, permite que evidenciem determinados acontecimentos, em detrimento de outros, além disso, constroem as memórias e influenciam no comportamento da sociedade. Ao abordar a vida de Zuzu Angel, as questões

²⁶¹ CHATIER. 1991, 1984.

culturais e sociais do jornalista, influenciam como a representação deve ser construída. No caso do jornal enquanto uma Instituição, ele sofrerá inúmeras interdições, tanto pelo Estado, quanto por setores hegemônicos da sociedade, que visam dominar a produção dos imaginários sociais. Ou melhor, os jornais ocupam um lugar de fala que possibilita a legitimação de discursos, no intuito de informar e apresentar a verdade, mas que sofre intervenções culturais e sociais do tempo em que os discursos foram produzidos.

Os discursos construídos, dessa forma, são legitimados pelo lugar de fala dos jornais, no sentido de que por terem o papel de serem o porta-voz da sociedade e por noticiarem apenas “aquilo que realmente aconteceu”, as representações são dadas como verdadeiras. A produção discursiva, como salientou Foucault²⁶², em todas as sociedades é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos [...]”²⁶³. No caso dos jornais, ao produzirem as notícias, a partir de um acontecimento, selecionam e organizam o que deve ser proferido, em uma relação constante com o poder.

Na pesquisa em tela busquei analisar o lugar de fala dos jornais a partir das relações sociais e culturais construídas entre a Folha de São Paulo e O Globo com o seu meio coletivo e subjetivo, uma vez que procurei analisá-los enquanto instituições ligadas ao Estado ou a um mercado, que na maioria das situações, respondem ou são autorizados a publicarem matérias que correspondem aos interesses mercadológicos ou do grupo político e econômico que exerce o poder. Além disso, há ainda os jornalistas, que ao abordarem determinado tema o relacionam aos seus interesses individuais, mas ao mesmo tempo precisam ser autorizados para redigirem e publicarem as notícias, isto é, a mídia vai publicar aquilo que a Instituição permite e que as questões sociais e culturais influenciam. Como Bakhtin²⁶⁴ abordou, a linguagem é construída em uma relação dialógica, ou seja, a partir da coletividade e subjetividade, recebendo influências culturais.

Os jornais Folha de São Paulo e O Globo foram fundados na segunda década do século XX, o primeiro em 1921, enquanto o segundo em 1925. Nesse período a mídia impressa ainda não estava voltada para a grande massa ou não respondia, principalmente, aos interesses do mercado, eram empresas pequenas, ligadas as famílias influentes. A Folha de São Paulo, surgiu em 19 de fevereiro de 1921, fundada por Olival Costa e Pedro Cunha, na época existia somente o folhetim Folha da Noite, em julho surge a Folha da Manhã e em 1945 a Folha da Tarde. A

²⁶² FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

²⁶³ Ibid., p. 9.

²⁶⁴ BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

fusão dos três periódicos, que deu origem à Folha de São Paulo, ocorreu em 1960. Já em 1962, Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho assumem o controle da empresa. Para Dias, ao assumirem o jornal e por serem do ramo empresariado, Frias e Carlos Caldeira buscaram modernizá-lo enquanto uma empresa capitalista, o que para tal, fez com que o golpe militar de 1964 fosse bem recebido pelo jornal, na busca por capital externo.

Como Frias e Caldeira eram do ramo do empresariado, adotaram uma postura mais profissional frente ao jornal e se preocuparam, em um primeiro momento, em reorganizar e modernizar o jornal enquanto uma empresa capitalista. Neste sentido, o golpe foi bem recebido nas páginas da *Folha* visto que o jornal dependia ainda, e muito, de capital externo para se estabilizar. Ideologicamente, também não havia muita discordância entre o empresariado e o governo militar que tomou posse em 1964. Não foi apenas a *Folha*, mas praticamente toda a grande imprensa no país apoiou o regime. Este apoio da imprensa se consolidou pelo constante combate à “radicalização” dos ideais comunistas que, obviamente, não interessavam a uma empresa capitalista.

O jornal O Globo, o primeiro meio de comunicação do Grupo Globo, foi fundado por Irineu Marinho, com duas edições diárias, sua primeira circulação ocorreu em 29 de julho de 1925. Segundo consta no site Memória O Globo²⁶⁵, dedicado exclusivamente aos eventos que deram origem ao jornal, Irineu já havia sido proprietário de outro periódico, fundado em 1911, com o nome de A Noite, mas por questões comerciais o vendeu e não conseguiu adquirir as ações novamente. Quase um mês após a primeira circulação, ele faleceu, em 21 de agosto de 1925, assumindo o comando Eurycles de Mato. Roberto Marinho tornou-se diretor do jornal somente em 08 de maio de 1931, quando Eurycles faleceu.

Ambos os jornais, Folha de São Paulo e O Globo tornaram-se os de maior circulação do país apenas na segunda metade do século XX, após a modernização promovida pelos governos militares. Um dos fatores que justificam o crescimento desses meios de comunicação refere-se ao apoio que deram ao Golpe de 1964 e aos primeiros anos do regime, o que garantiu crédito para a inserção de investimentos comerciais e tecnológicos.

Na pesquisa foi fundamental compreender a relação estabelecida entre os jornais O Globo e Folha de São Paulo com a ditadura militar, haja vista as representações sobre Zuzu Angel, principalmente na década de 1990, reivindicarem um novo olhar sobre a ditadura, no intuito de comprovar que os militares causaram o acidente que a matou, bem como desenvolveu práticas repressivas e autoritárias que levaram ao assassinato de militantes, inclusive Stuart Angel Jones. Essa relação entre a imprensa e a ditadura militar, em um âmbito geral, foi

²⁶⁵Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/linha-do-tempo/o-globo-eacute-lancedilado-9196292>
Acessado em 28 de dez. 2017.

conflituosa durante o regime militar e o período de redemocratização. Assim, tiveram meios de comunicação que apoiaram os governos militares, mas ao mesmo tempo, movido pelos ideais, interesses políticos e econômicos dos editores, dos jornais como instituições, apresentaram notícias que davam conta da opressão sofrida na ditadura militar e das questões em aberto referente aos desaparecidos políticos ou de acidentes ainda não solucionados.

Para Motta²⁶⁶, os jornais apoiaram o Golpe de 1964, pois, conforme outros setores da sociedade, preferiram os riscos de uma intervenção militar, do que às ameaças de uma esquerdização por parte do Estado. No entanto, com a promulgação do AI-5 e o cerceamento da liberdade de expressão, os grandes meios de comunicação começaram a reagir contra a censura promovida pelos governos militares. Como exemplo, o jornal Folha de São Paulo, em 1979, publicou uma matéria sobre Zuzu Angel, em que foi destacada a sua luta em prol de seu filho e o suspeito acidente que a matou.

Ao longo das décadas de 1980 e 1990, principalmente ao final dos anos 80, a memória dessa ditadura, quando relacionada à Zuzu Angel, não estava definida ou enquadrada como conhecemos hoje, no sentido, de que ela representou uma mãe-coragem durante o regime de exceção. Em 1986, por exemplo, as representações dos jornais, devido ao lançamento do livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho*, ressaltaram as práticas de oposição realizadas por ela no intuito de encontrar respostas do paradeiro de Stuart. No entanto, entre 1987 a 1995, os discursos jornalísticos a representaram enquanto uma importante *designer* brasileira e com a institucionalização do Instituto Zuzu Angel, a criação do primeiro curso de moda da cidade do Rio de Janeiro e com diversas homenagens realizadas, sua memória foi associada ao campo da moda. E entre 1996 a 1998, por causa da Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos, ela é consagrada pelos meios de comunicação, como a mãe-coragem.

Outro fator importante durante a pesquisa foi compreender a nomeação utilizada pelos discursos ao citar o período vivenciado por Zuzu entre 1971-1976. Termos como ditadura e militante aparecem somente em 1993 no *O Globo*, e na *Folha de São Paulo* em 1996²⁶⁷. Ao escreverem sobre o regime ditatorial, os respectivos jornais o nomearam como governos militares, regime militar, o comando das Forças Armadas. Os militantes são considerados presos políticos ou ativistas. É importante notarmos porque somente na década de 1990, os jornais utilizam a palavra ditadura para designar os governos militares. Por que isso ocorreu?

²⁶⁶ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. *Topoi*, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 62-85.

²⁶⁷ Constatamos esses dados nos jornais que mencionam o nome de Zuzu Angel.

O lugar de fala dos jornais implica no modo como a Zuzu Angel, e conseqüentemente a ditadura militar, foram representados?

Nas matérias analisadas, percebemos que a construção das representações ocorreu a partir de seleções e hierarquizações, bem como os eventos que ocorreram durante o período de redemocratização. Como por exemplo, uma pequena publicação de 26 de abril de 1986, Ibrahim Sued²⁶⁸ abordou o Congresso de Serigrafia, a ser então realizado no Hotel Nacional em maio. O autor ressalta que além de uma feira, os participantes do evento poderiam verificar uma retrospectiva de Zuzu Angel, pioneira nessa área.

Os técnicos em serigrafia Peter Prezail, dos States, e Mark Ehrenzeller, da Suíça, farão ‘speeches’ sobre sua especialidade, juntamente com brasileiros, durante o Congresso de Serigrafia em maio, no Hotel Nacional. Além de uma feira, poderá ser apresentada uma retrospectiva de Zuzu Angel, pioneira na introdução dessa técnica de impressão na moda brasileira.²⁶⁹

Zuzu Angel é mencionada na matéria por estar relacionada à moda, ainda não é dito sobre o seu papel desempenhado na década de 1970, a procura do corpo do filho. Em 15 de abril, também de 1985, Hildegard Angel, na coluna Por dentro da TV²⁷⁰, fala que foram escolhidos os protagonistas que estreariam o filme sobre a vida da figurinista Zuzu Angel, sua mãe, contando com Fernanda Montenegro e Edson Celulari no elenco, com direção de Walter Salles Jr. Essa pequena citação sobre o filme, não discorreu sobre quais características e período da vida da estilista seriam representados na peça fílmica, abaixo a descrição completa:

Os três protagonistas do filme que contará a vida da figurinista Zuzu Angel, minha mãe, já estão escolhidos: Fernanda Montenegro, Edson Celulari e o norte-americano Denis Hopper. A direção será de Walter Salles Jr., com o escript de Jorge Duran e diálogos de Manoel Carlos. Trata-se de uma co-produção envolvendo a BBC de Londres e produtores brasileiros.²⁷¹

Em 1986, por sua vez, foram publicadas 16 matérias que mencionaram ou falaram sobre a estilista. Nesse ano houve a publicação do livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho*, organizado e escrito por Virginia Valli, por isso, tanto Hildegard Angel, quanto outros jornalistas, falaram sobre o lançamento da obra e a sua contribuição para a história recente do Brasil. Na matéria de 21 de outubro de 1986, com o título *Ao filho morto de Zuzu Angel*²⁷²,

²⁶⁸ SUED, Ibrahim. *O Globo*, Matutina, Segundo Caderno, 26 de abr. 1985, p. 2.

²⁶⁹ *Ibid.*, p. 2.

²⁷⁰ ANGEL, Hildegard. *Por Dentro da TV*, *O Globo*, Matutina, Segundo Caderno, 15 de abr. 1985, p. 8.

²⁷¹ *Ibid.*, p. 8.

²⁷² *AO FILHO MORTO DE ZUZU*. *O Globo*, Matutina, Segundo Caderno, 21 de out. 1986, p. 3.

destacou-se a produção do livro por Virginia Valli, atriz, escritora e irmã da estilista, que na ocasião da publicação da primeira edição, completou-se 10 anos de sua morte. Sobre a descrição do livro, de forma resumida, cita que trata da luta de Zuleika Angel Jones, figurinista de fama mundial, que procurou pelo corpo de seu filho, cuja morte e prisão nunca foram admitidas pelos órgãos de segurança. Também destaca que Zuzu morreu em um acidente misterioso. Sobre o período de escrita, menciona que Valli teve dificuldades em encontrar uma editora, seguida da seguinte frase dita: “apesar da época de abertura em que vivemos”²⁷³. Obviamente, nesse trecho, fazem referência às limitações de publicações de textos que expõem o regime militar, principalmente quando se trata das torturas cometidas.

A atriz e escritora Virgínia Valli lança hoje, às 20h, o livro ‘Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho’, no Teatro Casa Grande, no Leblon, lembrando os dez anos de morte da irmã, a estilista Zuzu Angel.

O livro conta a história da mineira Zuleika Angel Jones, figurinista de fama mundial, e a sua obstinada tentativa de encontrar o corpo do filho, Stuart, cuja prisão e morte nunca foram admitidas pelos órgãos de segurança, embora pelo menos um preso político – Alex Polari de Alverga – diga que Stuart morreu torturado na Base Aérea do Galeão. Zuzu usou a moda para divulgar seu drama pessoal no exterior e morreu aos 56 anos, na noite de 13 de abril de 1976, num acidente de carro até hoje misterioso. Uma semana antes, entregara ao amigo Chico Buarque – que compôs ‘Angélica’ em sua homenagem – documento para ser publicado, caso lhe acontecesse algo ‘como um desastre de automóvel’. Nesse caso, acusou, os responsáveis são as mesmas pessoas que mataram Stuart. [...]

Em seu apartamento no Jardim Botânico, entre fotos da irmã e os bonecos de vara polonesa que ela mesma faz, Virgínia conta que começou a trabalhar no livro em abril do ano passado, terminando-o seis meses depois. Só agora conseguiu lançá-lo, devido aos problemas com alguns editores, ‘apesar da época de abertura em que vivemos’. O livro sairá pela Philibliblion, com tiragem inicial de três mil exemplares.[...]²⁷⁴

Nessa publicação, ao se referir aos responsáveis pelas torturas e morte de Stuart, utilizou-se “os órgãos de segurança nacional”, e o militante Alex Polari, que escreveu a carta descrevendo a tortura e a morte de Stuart, é nomeado como um preso político. Inclusive ao tratar da dificuldade de conseguir a editora para a publicação do livro, o autor da matéria, colocou aspas e mencionou o período de transição, que de certa forma, devido a nova consolidação de um cenário político democrático, não deveria rejeitar obras que expõem indivíduos que vivenciaram a repressão militar.

Ainda sobre o livro, em 21 de setembro de 1986, Chico Júnior, assinou a matéria Zuzu Angel, a memória de uma busca²⁷⁵, no jornal O Globo, em que destaca justamente a busca da *fashionista* pelo corpo do filho. Ele inicia dizendo:

²⁷³ O GLOBO, 21 de out 1986, p. 3.

²⁷⁴ Ibid., p. 3

²⁷⁵ JÚNIOR, CHICO. Zuzu Angel, memória de uma busca, **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 21 de set. 1986, p. 9.

Quantas mães passaram anos procurando seus filhos nos chamdos ‘porões da repressão’? Uma razoável quantidade delas, certamente. Uma, em especial, chamou a atenção da opinião pública, não só brasileira como americana: Zuzu Angel, mãe de Stuart Angel Jones que, segundo o testemunho de pelo menos um preso político – Alex Polari de Alverga – morreu na madrugada de 14 para 15 de maio de 1971, em consequência de torturas sofridas na Base Aérea do Galeão.²⁷⁶

Devido ao lançamento do livro, que ressaltou sobretudo a angústia vivida por Zuzu na procura de Stuart, a imagem da estilista está relacionada às suas práticas desempenhadas como mãe. Só que, por conta das relações existentes entre o governo Sarney e a não ruptura definitiva com a ditadura militar, no texto jornalístico nos anos finais da década de 80, existem cuidados ao nomear esse período, principalmente pela grande mídia. No caso da matéria de Chico Júnior, há um caráter de denúncia, e o livro, apesar de ter para ele ressalvas editoriais, é importante por retratar mais um dos lados da repressão militar. Novamente não se utilizou a palavra ditadura, mas repressão militar, e sobre a moda política de Zuzu, a considerou como um tema polêmico, o símbolo do horror, especificamente da repressão.

Zuzu passou alguns anos de sua vida à procura do corpo do filho, de uma explicação oficial, de uma resposta. Fez o possível e o impossível, falou com militares, denunciou o desaparecimento do filho na imprensa dos Estados Unidos, para onde ia com uma certa frequência apresentar as suas famosas coleções de moda, conhecidas e consumidas internacionalmente. Estilista das mais competentes, Zuzu chegou até a apresentar em Nova York uma coleção polêmica, diferente das que fazia com símbolos ecológicos e de paz. Nesta, o símbolo era o horror, o terror da repressão. Por isso foi notícia, seu filho foi notícia.²⁷⁷

Na última publicação de 1986, que aborda Zuzu Angel, datada de 25 de outubro, assinada por Perla Sigaud, pseudônimo de Hildegard Angel, intitulada *Em memória de Zuzu*, curiosa mistura²⁷⁸. Novamente fala-se sobre a publicação do livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho*, no entanto, dessa vez, Perla Sigaud faz uma crítica a uma colunista social ao dizer que o evento do lançamento reuniu a direita e a esquerda para uma confraternização. Para a autora, as pessoas se reuniram não em prol de uma ideologia política, mas para combater a violência, além disso, ela diz que não há como não se solidarizar com a dor de uma mãe.

Uma colunista social, no dia seguinte ao evento, fez a piada: ‘A direita e a esquerda, presentes, confraternizavam-se’. Na verdade, não foi bem assim. O acontecimento, isto sim reuniu pessoas de diferentes ideologias, pensamentos, credos. Mas unidas em torno de uma idéia comum: ‘Violência, não!’. Como não se solidarizar com a dor de

²⁷⁶ JÚNIOR, 1986., p. 9.

²⁷⁷ *Ibid.*, p. 9.

²⁷⁸ SIGAUD, PERLA. Em memória de Zuzu Angel, curiosa mistura, **O Globo**, Matutina, Ela, 25 de out. 1986, p. 2.

uma mãe que, durante tanto tempo e (talvez) com o sacrifício de sua própria vida, lutou para encontrar o corpo do filho morto e só depois disso julgado e, em todas as vezes, absolvido –‘então meu filho foi aquele que foi assassinato antes de ser absolvido’, ela declarou. Esta mulher de que Perla fala é Zuzu Angel, cuja via foi contada pela irmã, Virginia Valli, no livro ‘Eu, Zuzu Angel, procuro meu filho’, lançado em uma noite até meia-noite e só não prosseguindo pela madrugada porque se esgotou o estoque dos livros. [...] Num ponto do salão, o armador José Carlos Leal, o banqueiro Theophilo de Azevedo Santos, os socialites Jorge e Maria Helena Guinle, Paulino e Fernando Basto, Helio e Silvia Fraga, Ricardo e Suely Stambowsky, Perla Mattison, Zilda Novis, Miriam Atalla, Vanja Chermont, Glorinha Sued. Em outro, Lusaneas Maciel, Capital Sergio (Parsar), Heleninha Bocayuva, Stepan Nercessian, Carlos Vereza, Mario Lago. Num canto mais além, Elke Maravilha. E mais adiante Chico Buarque e Marieta, que curiosa mistura. Que sentimento unânime: que o Brasil nunca mais volte a viver páginas como aquelas daquele livro, de capa sangrenta e conteúdo triste.²⁷⁹

A partir dessas matérias apresentadas, percebemos que em 1985, primeiro ano do recorte temporal selecionado para a pesquisa, que Zuzu Angel, mencionada duas vezes no jornal O Globo, não teve sua memória ligada ao seu caráter de mãe-coragem. Porém em 1986, com a publicação do livro memorialístico, constrói-se uma memória em torno de sua luta como mãe. Os jornalistas não falam diretamente sobre a ditadura militar ou reivindicam justiça a Stuart e Zuzu Angel, mas deixam questões em aberto, como a tortura, os embates entre a esquerda e a direita, as leituras e interpretações sobre os 21 anos de ditadura.

Em 1987 não foi publicado nenhum editorial da Folha de São Paulo que mencionou o nome de Zuzu Angel. Em O Globo, foram cinco matérias, quatro delas relacionadas às produções culturais em homenagem à estilista, como a encenação de uma peça²⁸⁰, realização de uma homenagem pela Secretaria de Cultura de Minas Gerais²⁸¹ e a impressão de uma nova edição do livro de Virginia Valli pela editora Record²⁸². A matéria de 23 de setembro de 1987²⁸³ é a única que relacionou a vida da estilista à repressão militar nesse ano. Cita que o Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH), do Ministério da Justiça, estaria aberto durante trinta dias para receber denúncias e informações de pessoas políticas desaparecidas no início da década de 1970. Informa ao final da notícia, que no ano anterior, a Comissão havia desarquivado um processo aberto em 1979, que listava o desaparecimento de 87 ativistas políticos, como Rubens Paiva, Honestino Guimarães, Eduardo Collier Filho, Aloísio

²⁷⁹ PERLA, 1986, p. 2.

²⁸⁰ MAGALHÃES, Mário. Em dia com a cena, **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 01 de ago. 1987, p. 3. E ANGEL, Hildegard. Bibi é Zuzu, Coluno Por Dentro da TV, **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 19 de out. 1987, p. 8.

²⁸¹ SIGAUD, Perla. Os Valladolid festejam Yara. **O Globo**, Matutina, Ela, 29 de ago. 1987, p. 2.

²⁸² SIGAUD, Perla.. Borbulhantes, Borbulhantes, Borbulhantes, **O Globo**, Matutina, Ela, 13 de jul. 1987, p. 3.

²⁸³ CONSELHO QUER DADOS SOBRE OS DESAPARECIDOS, **O Globo**, Matutina, O País, 23 de set. 1987, p. 6.

Palhano²⁸⁴. Também é mencionado o nome de Stuart Angel Jones, seguido de um parêntese: “[...] Stuart Angel (filho da figurinista Zuzu Angel, que morreu sob circunstâncias até hoje não esclarecidas) [...]”²⁸⁵.

Em 1988 Zuzu não apareceu em O Globo. Na Folha de São Paulo foi mencionada apenas uma vez em um texto sobre o fim da novela *Mandala*²⁸⁶, onde foi destacada a possibilidade do autor Marcílio Moraes retomar a escrita de uma peça a respeito da vida da estilista: “além disso, o autor recomeça a escrever uma peça de teatro sobre a estilista Zuzu Angel, um projeto interrompido no início do ano por causa da novela”. Nesse período foi criada a Constituição de 1988, segundo a bibliografia, um dos princípios da nova Carta brasileira correspondia em atender as questões democráticas, ocorrendo inúmeras discussões, tanto no plenário, quanto no campo da mídia. No entanto, não foi abordado, por exemplo, Zuzu Angel, que transformou-se ao longo da década de 1990 em um dos principais personagens de resistência à ditadura em prol de um governo democrático. A memória construída pelos jornais não é algo simples, é repleta de linearidades e rupturas, sendo reconstruída a partir do meio social e cultural, além dos eventos factuais, como a exemplo do lançamento do livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho*, em 1986, período com o maior número de matérias sobre a estilista na década de 1980.

Dessa forma, no decorrer dos anos 1985-1990 a forma como o governo militar foi abordado pela mídia era realizado com cautela, sem usar a expressão ditadura, às vezes recorrendo a palavra “Revolução”, como nomeado pela mídia e pelos militares o novo regime implantado em 1964. Lembrando que trabalhamos com a grande mídia, esta que esteve aliada à ditadura no intuito de combater um governo comunista e em busca de crédito para sua modernização e, que durante o período de transição democrática procurou construir uma memória desassociada da ditadura. Essa reconstrução de uma nova memória começa a se desenvolver ao final da década de 1980 e ganha densidade na década de 1990, inclusive nessa década há uma produção jornalística, em âmbito de quantidade, maior. Nas duas tabelas abaixo é possível verificar a quantidade de matérias publicadas sobre a estilista nos jornais Folha de São Paulo e O Globo, tanto em 1980, quanto em 1990.

Tabela 3 – Quantidade de Matérias Jornalísticas do Jornal Folha de São Paulo que citaram a Zuzu Angel entre 1985 a 1998

²⁸⁴ Essa matéria demonstra que os jornais não questionaram apenas o desaparecimento de Stuart ou o acidente de Zuzu Angel, mas outros casos foram noticiados pela mídia, no intuito de descobrir o que aconteceu com os presos políticos.

²⁸⁵ O GLOBO, 1987, 6.

²⁸⁶ MANDALA ACABA E TONY CARRADO DEVE VIRAR FILME, *Folha de São Paulo*, Primeiro Caderno, 07 de mai. 1988, p. 28.

Ano	Quantidade
1985	4
1986	1
1988	1
1992	1
1994	1
1995	2
1996	3
1997	8
1998	29
Total: 50	

Tabela 4 – Quantidade de Matérias Jornalísticas do Jornal O Globo que citaram a Zuzu Angel entre 1985 a 1998

Ano	Quantidade
1985	2
1986	16
1987	5
1989	4
1990	2
1991	10
1992	5
1993	34
1994	40
1995	32
1996	40
1997	57
1998	72
Total: 319	

Especificamente após a posse de Fernando Henrique Cardoso à Presidência da República, houve uma quantidade maior de publicações sobre Zuzu Angel. O governo Fernando Henrique, comparado aos seus antecessores, rompeu com algumas alianças que ainda mantinha com as Forças Armadas, questionando os crimes cometidos pelos órgãos de segurança. Foi o

momento em que a mídia também reivindicou uma “verdade”, na qual cobrava do Estado brasileiro explicações sobre os desaparecidos e maiores esclarecimentos sobre os acidentes sem grandes explicações, a exemplo do que causou a morte de Zuzu.

Podemos verificar a construção dessa memória, na busca de apresentar-se como uma mídia democrática que visava à liberdade de expressão, em uma publicação assinada por Hildegard Angel, do jornal O Globo ²⁸⁷. Nela discutiu-se sobre a atuação dos jovens, que cantavam Caetano Veloso e Chico Buarque e lutavam por seus ideais em prol do *impeachment* de Collor e não corriam o risco de serem presos, torturados ou mortos, como acontecia nos anos 60/70. Segundo Hildegard esse entusiasmo da juventude deu-se através da série Anos Rebeldes, escrito por Gilberto Braga e televisionado pela Rede Globo, que apresentou aos mais jovens o período obscuro da história recente brasileira.

O que vemos acontecer: jovens na rua, caminhando contra o vento, assumindo suas responsabilidades sociais, com aquela euforia e o destemor que só tem os de pouca idade. Revivem, no seu entusiasmo, os anos 60/70 da rebeldia. Com uma fundamental diferença: sem risco de prisão, tortura, morte. Como então acontecia. Passeata de 68 lá estávamos, coração apertado, misto de valentia com medo, admirando os mais destemidos que das escadarias da Câmara dos Vereadores, na Cinelândia, discursavam. Entre eles, localizei meu irmão, Stuart. E eu, ali, diluída naquela massa humana de emoção. Foram anos, não rebeldes, mas negros, trágicos, fulminando ideais, projetos de vida, aniquilando e desestruturando famílias inteiras – pois não eram apenas irmãos torturados, os mortos. Quantos pais de família não resistiram no bater de seus corações angustiados? Quantos ressentimentos. Quantas decepções... Mas Deus faz tudo tão bonitinho, rege sua orquestra de maneira tão harmoniosa e afinada que, justamente agora, inspirou Gilberto Braga a reviver aqueles anos, de maneira dramatizada e romântica, servidos **au dessert** da programação televisiva, ao final das noites. [...] ²⁸⁸

A crítica feita pela jornalista pautou-se em uma publicação do jornal Folha de São Paulo, que Leonel Brizola criticou o Roberto Marinho por apresentar a série, uma vez que apoiou a “Revolução” ²⁸⁹. Assim, Hildegard reconheceu o apoio do jornal carioca aos militares, que segunda ela, Roberto Marinho ainda tem amizades estabelecidas nesse período, no entanto, ressalta que foi em O Globo que conseguiu “espaço” para falar de sua mãe e em algumas situações colocar notas sobre o desaparecimento de Stuart, bem como deu espaço a outros jornalistas de esquerda, como Dias Gomes e Mario Lago.

²⁸⁷ ANGEL, Hildegard. Voltam os ‘anos rebeldes’ sem risco de ir a prisão, **O Globo**, Matutina, Ela, 29 de ago. 1992, p. 7.

²⁸⁸ Ibid, p. 7.

²⁸⁹ Termo utilizado pelos militares e os seus aliados para designar a instauração de um regime de exceção em 31 de março de 1964.

Em 68, aos 18 anos – já trabalhava aqui. Irmã de subversivo, filha de mãe considerada idem. E mais idem minha cunhada. Posso ter até outras queixas sobre relacionamentos no trabalho, mas numa época em que muitos atravessavam a rua para não ter que dar bom dia, O GLOBO nunca fez isso. Fez-me atuante e – por que negar? – poderosa. Jamais sonogou publicidade – mesmo que de maneira discreta, num canto de página – noticiário sobre meu irmão desaparecido (torturado e morto nos porões do Galeão, julgado à revelia, como vivo, depois de morto, e absolvido pelos tribunais militares). E não porque eu trabalhasse aqui. [...] Se o povo jovem está nas ruas, pulsando, saiba Brizola, grande – a maioria, talvez – responsabilidade por tal inspiração é justo de Roberto Marinho, que veiculou, através do talento de Gilberto, o fascinante exemplo dos ‘Anos Rebeldes’.²⁹⁰

É interessante a comparação feita pela jornalista entre a ditadura militar e o Movimento Cara-Pintadas, uma vez que nesse segundo momento, os manifestantes não precisaram ser torturados, mortos ou terem seus direitos cassados. Nesse novo cenário, a Rede Globo conseguiu influenciar por meio da novela *Anos Rebeldes* a sede por liberdade de expressão e dos brasileiros lutarem por seus direitos. Diferente do que aconteceu no regime militar, o grupo de comunicação social não precisou estabelecer parcerias, ou formar amizades, mas protegeu os interesses da sociedade. Outro fator presente nessa publicação, é o de quebrar a concepção de que O Globo somente apoiou o regime. Para Hildegard, foi na redação desse jornal que ela conseguiu apresentar a vida de sua mãe e publicar notas do desaparecimento de Stuart, bem como foi o berço para receber inúmeros militantes de esquerda, que tiveram nesse local o poder de voz.

Mas, por que houve a necessidade de dizer que O Globo “acolheu” em sua redação pessoas de oposição à ditadura militar? Por que Hildegard defendeu Roberto Marinho? De acordo com a crítica da Folha de São Paulo, o grupo de mídia carioca não tinha legitimidade para produzir uma novela ou discursos de crítica sobre a ditadura militar, uma vez que a apoiou. O seu lugar de fala, como Instituição que não burlou a censura e que desde o início esteve ao lado dos militares, fragilizou na década de 1990, em termos de legitimidade, a possibilidade da rede Globo representar a tortura, os desaparecimentos e de cobrar do Estado uma investigação e reparação social. Então, foi necessário desconstruir esse imaginário social, produzir discursos que apresentassem o jornal como um espaço que recebeu os intelectuais e deu a eles a possibilidade para que falassem, a exemplo de Hildegard.

Ainda a partir dessa matéria de Hildegard, é importante refletirmos de como a mídia muda seus discursos conforme os interesses sociais e culturais. Durante a ditadura militar, por causa dos investimentos e da intervenção do Estado por meio da Censura, os jornais,

²⁹⁰ ANGEL, 1992, p. 7.

principalmente O Globo, não questionavam o regime. Mas, quando esse regime deixou de atender os seus interesses, principalmente no campo econômico e de desenvolvimento, buscou-se a criação de novos símbolos e discursos. Dias, em sua pesquisa de Mestrado, mostrou como a Folha de São Paulo, por exemplo, produziu obras literárias, matérias jornalísticas que buscavam distanciá-la do imaginário de um regime ditatorial, no intuito de construir uma memória que evidenciasse o seu caráter democrático, de que sempre lutou em prol de assuntos que visavam a democracia e a liberdade de expressão.

No caso dos dois jornais analisados, falar sobre Zuzu Angel significou o reconhecimento das torturas e dos assassinatos durante a ditadura militar. Além disso, possibilitou que a imagem no jornal estivesse pautada na busca pela “verdade”, por aquilo que realmente aconteceu nos anos de chumbo. Nas publicações sobre a cobertura da Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos em 1998, no jornal O Globo, antes do título da matéria, foi empregada a seguinte frase: “Em busca da Verdade”. Ou seja, as informações apresentadas objetivavam descobrir e noticiar o que realmente aconteceu com a estilista. Caberia ao jornal, dessa forma, apresentar essa verdade ao seu leitor.

Inclusive, em uma matéria de 1997 sobre o andamento do processo de Zuzu Angel na Comissão, O Globo, “com exclusividade”, publicou o novo laudo sobre o acidente de 1976. A partir dessas informações, o jornal comprovou, em “primeira mão”, que provavelmente o acidente foi forjado, tendo os militares como mentores.

Um novo laudo, entregue ontem aos setes integrantes da Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos Políticos do Ministério da Justiça, pode mudar os rumos do processo que avalia o pedido de indenização da família da estilista Zuleika Angel Jones, a Zuzu Angel. O documento contesta a versão oficial da morte de Zuzu, que sustenta que ela dormiu ao volante, e reforça a tese da família de que a estilista foi vítima de um atentado. O laudo, contudo, é cauteloso: indica que Zuzu muito provavelmente estava acordada, mas não aponta o que teria provocado o acidente. Zuzu Angel morreu na madrugada de 14 de abril de 1976, num acidente de carro na auto-estrada Lagoa-Barra.²⁹¹

Para legitimar o discurso como verdadeiro, o jornal utilizou de um discurso autorizado para justificar se o acidente foi ocasionado ou não. Como Foucault salientou, o discurso será autorizado a partir de um lugar ou do posicionamento de uma pessoa autorizada a pronunciar o discurso.

²⁹¹ MIRANDA, Ricardo. Laudo contesta a versão oficial da morte de Zuzu: peritos desarmam inquérito e explicam que, se ela tivesse dormido ao volante, teria lesões na região superior da cabeça. **O Globo**, Matutina, O País, 14 de mai. 1997, p. 10.

A indenização, no primeiro julgamento foi negada pelos representantes da Comissão, e ao noticiar essa informação, Rodrigo França Taves, iniciou a matéria da seguinte forma:

De nada adiantou o novo laudo policial que desmontou a versão oficial sobre a morte da estilista Zuzu Angel, em abril de 1976, e reforçou a tese de que ela foi assassinada no auge da sua luta contra o regime militar. A Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos Políticos, a mesma que aprovou indenizações polêmicas como as dos líderes guerrilheiros Carlos Lamarca e Carlos Marighella, negou ontem por cinco votos a dois a concessão de indenização à família de Zuzu. Prevaleceu a tese do relator da matéria, o advogado paulista Luiz Francisco Carvalho Filho, de que, apesar das evidências de que o acidente de trânsito que matou Zuzu, na auto-estrada Lagoa-Barra, tivesse sido provocado por um atentado oficial.²⁹²

Nessa matéria ficou evidente de que nada adiantou em publicar o novo laudo, pois a Comissão preferiu acreditar na versão de que Zuzu Angel dormiu ao volante. Ou seja, a versão apresentada pelo O Globo, foi rejeitada pela Comissão, mas mesmo assim, o jornal continuava defendendo suas posições e questionou a decisão tomada. Assim, no final de 1997, apesar do pedido negado, as representações de Zuzu continuaram. Foi destacado pelo jornal o tema enredo da escola de samba carioca Em Cima da Hora, que homenageou a luta de Zuzu Angel por seu filho. Apesar da escola pertencer, na época, ao Grupo de Acesso A, o jornal O Globo destacou a organização do próximo carnaval, que contaria com a presença de socialites e atrizes importantes, como Taís Araújo. Ao total foram oito matérias sobre o tema enredo da escola de samba em 1997 e em 1998 foram 23 matérias.

Um dos principais pontos dessas publicações era a dramaticidade que seria abordada na avenida pela primeira vez, pois a Em Cima da Hora não optou por representar Zuzu enquanto uma estilista genuinamente brasileira, que produziu roupas alegres, mas representou a sua luta por Stuart. Podemos verificar a questão do drama em uma matéria de Alessandro Porro Swann²⁹³, ao noticiar sobre a realização da feijoada que antecipou o desfile da escola.

Algo como 1.200 convidados enfrentaram uma farta feijoada e assistiram deliciosos e surpresos ao show imaginado pelos carnavalescos. Foi como num primeiro ensaio de quadra, quando a escola se apresenta para dizer a que veio. A ditadura, as torturas, os desaparecidos... Músicas e gestos criavam o clima. Para começar, postos de lado pratos e garfos, foi cantado o Hino Nacional. Em seguida, já com a feijoada de novo liberada, o Scala foi invadido pelas notas tenebrosas do “Also Sprach Zarathustra” de Strauss (lembram-se da ‘Odisséia no espaço’) e pela dolente ‘Vá pensiero sull’ali dorate’ de Verdi, muito tocada no ‘Rei do gado’.

²⁹² TAVES, Rodrigo França. Comissão de desaparecidos rejeita indenização à família de Zuzu Angel: relator alega falta de provas, apesar do laudo que reforçou a tese de assassinato. **O Globo**, Matutina, O País, 08 de ago. 1997, p. 12.

²⁹³ SWANN, Alessandro Porro; ORSINI, Elisabeth; FRÓES, Luciana. As confissões de Swann: a festa. **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 26 de jan. 1998, p. 3.

Uma extraordinária mulatona de dois metros, voluptuosa, mais do que belíssima, e nua, amantada numa Bandeira brasileira, que a perfeita coreografia fazia voar o tempo todo para revelar tudo o que era justo que se mostrasse, foi ovacionada. [...] Ainda para marcar a época do enredo, outro hino, outro hino ('Para não dizer que não falei de flores', de Vandrê) e músicas das décadas de 60 e 70 lembravam que a história de Zuzu tinha tido os capítulos cruciais durante os 'Anos dourados'. O exercício de combinar carnaval e drama jamais tinha sido tentado nesta forma. Quando Joãozinho Trinta quis lembrar fome e pobreza conseguiu, sim, provocar calafrios de tristeza, mas com o tom de quem pede desculpas por estar quebrando o ritmo da festa grande.²⁹⁴

O desfile, nesse sentido, demonstraria a força de uma mãe que foi silenciada pelos militares. O interessante é que o enredo surgiu após o processo de indenização na Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos ser negado e antes do desfile, o processo foi reaberto, pois encontrou-se uma nova testemunha²⁹⁵. O pedido de indenização foi votado e aprovado na reunião da comissão no dia 25 de fevereiro, dois dias depois do desfile ocorrido no dia 23 de fevereiro de 1998. As notícias veiculadas pelos jornais, além dos interesses da família de Zuzu, influenciaram novas homenagens e novas representações por outros grupos, como a escola de samba, que criaram discursos semelhantes. Mas, a questão é: foram as representações desses grupos que induziram a produção jornalísticas ou foram os meios de comunicação que influenciaram naquilo que deveria ser lembrado e homenageado?

Entre 1985 a 1998 Zuzu recebeu inúmeras homenagens e os jornais noticiaram inúmeras delas. O Jornal O Globo, por estar localizado no Rio de Janeiro, local onde a estilista residiu e no qual recebeu a maioria das homenagens, as matérias se fizeram mais presentes. Essas homenagens também podem ser consideradas como marcos, em que a vida de Zuzu é relembrada pelos meios de comunicação. Os principais deles foram: o lançamento do livro *Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho*, em 1986; a realização da Mostra Modo da Moda 1890/1990, realizada em 1992; a inauguração do Instituto Zuzu Angel, em 08 de dezembro de 1993; a criação do primeiro curso superior em moda do Rio de Janeiro, em 1995; o desfile da Escola de Samba *Em Cima da Hora*, em 1998. Muitas dessas homenagens transformaram lugares comuns em lugares de memórias²⁹⁶, em que relembram a vida da estilista, como a exemplo, do Túnel Zuzu Angel, local onde ela morreu e que em 1998 recebeu o seu nome.

As representações de Zuzu, assim, não se desassociaram da ditadura militar, da concepção de uma mãe-coragem e muito menos deixaram de lado a sua profissão. Nos jornais, vimos presente, a estilista, homenageada em amostras, citada em eventos de moda, seu nome

²⁹⁴ SWANN; ORSINI; FRÓES; 1998, p. 3.

²⁹⁵ A reabertura do processo foi noticiada no O Globo no dia 10 de fevereiro de 1998. O desfile ocorreu no dia 21 de fevereiro. E o pedido de indenização foi aprovado em 25 de fevereiro de 1998.

²⁹⁶ NORA, Pierre. Entre História e Memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, nº 10, São Paulo, EDUC/PUC-SP, 1981.

estava nas matérias sobre os principais estilistas do país. Mas, como o próprio o jornal O Globo, questionou em 1993 durante a inauguração do Instituto Zuzu Angel, era preciso abordar o lado político dela, que vinha sendo silenciado.

Com uma festa black tie no próximo dia 8 de dezembro, no Palácio da Cidade, a Prefeitura do Rio vai anunciar a criação do Instituto de Moda Zuzu Angel da Cidade do Rio de Janeiro. Zuzu é admirada não apenas por ter revolucionado a moda brasileira, mas principalmente por sua coragem na procura do filho Stuart Angel. Vinte e dois anos depois, ainda se fala com discrição sobre as circunstâncias da morte de Stuart, militante do MR-8: um companheiro de prisão testemunhou que ele foi arrastado por um jipe, obrigado a aspirar os gases tóxicos do cano de descarga, na Base Aérea do Galeão, em 1971.

Sete estilistas, que vão participar do desfile de lançamento do instituto, exaltaram o talento de Zuzu, que inovou a moda brasileira, mas trataram superficialmente a participação política da estilista, a sua intensa busca pelo filho desaparecido, citada quase sempre apenas de passagem.²⁹⁷

Dessa forma, nos anos subsequentes, como podemos verificar nas tabelas 3 e 4 (página 135) teve-se um número maior de publicações, que não deixaram de mencionar a profissão de Zuzu, mas destacaram com maior ênfase a sua luta em prol de Stuart e questionaram as causas de sua morte. Nesse período foi importante criar uma memória não apenas da Zuzu que conseguiu alcançar o auge profissional e levar para o exterior uma moda autêntica brasileira, mas a mãe, corajosa, destemida, que enfrentou um regime autoritário em prol de seu filho.

Analisar essas representações possibilitou compreender que sua produção esteve associada a um lugar de fala, a uma Instituição, que por demandas internas, externas, culturais, sociais e da subjetividade dos jornalistas, influenciaram em como a vida da estilista devia ser lembrada. Os jornais selecionaram, evidenciaram e ocultaram determinados acontecimentos, legitimaram memórias de Zuzu Angel e inspiraram em novas representações, em outras áreas, como a exemplo da presente dissertação.

²⁹⁷ LENCASTRE, Carla; BRUM, Angélica. Zuzu é homenageada com Instituto de moda, mas estilistas evitam falar de sua atuação política. **O Globo**, Matutina, Ela, 30 de out. 1993, p. 8.

Considerações Finais

Ao me deparar pela primeira vez com as representações de Zuzu fiquei intrigada com a linearidade da sua vida. Foi criada a concepção de uma mãe heroína, que por questões individuais, especificamente pela busca do corpo de seu filho, lutou contra um Estado autoritário. E apesar de todo o sofrimento e angústia, ela não teve as respostas que desejava, foi morta em um acidente misterioso. Eu queria entender como construiu-se essa memória. Ao analisar os jornais e conforme foi apresentado, percebemos que essa construção não foi algo simples, que se deu rapidamente, mas foi um processo.

Escolher os jornais como fonte de pesquisa, significou reconhecer que eles constroem memórias por meio de suas representações, fazem seleções, evidenciam determinados acontecimentos em detrimento de outros. No caso da vida de Zuzu, eles noticiaram inúmeros acontecimentos relacionados a ela, como homenagens, a possibilidade da escrita de peças de teatro, a inauguração do Instituto e em algumas publicações que simplesmente citavam o seu nome por ser uma grande estilista nacional, ou porque ao falarem dos presos políticos a colocaram como a mãe do militante Stuart Angel Jones. Nem todas as publicações dedicaram uma página inteira a Zuzu, mas contribuíram para a construção da sua memória.

Como verificamos ao longo da dissertação, e a partir das contribuições de Benjamin, a memória é como fragmentos, estilhaços, de um passado imaginado e construído no presente. Os jornais não representaram uma totalidade da vida de Zuzu, muito menos a presente pesquisa, mas discorreram sobre sua vida, apresentaram uma realidade. Essa construção partiu de um agora, das permissões e possibilidades do seu tempo. Isso quer dizer, que os discursos jornalísticos foram produzidos em uma relação com o tempo e um lugar.

A questão do tempo refere-se ao momento ou período que essas representações foram elaboradas. No nosso recorte temporal, 1985 a 1998, período de redemocratização, principalmente nos seus primeiros anos, falar sobre torturas ou o desaparecimento de presos políticos ainda não era tão explícito na mídia, até porque os meios de comunicação continuavam sofrendo intervenções, o governo, em um âmbito geral, ainda não havia se desvinculado das Forças Armadas. Inclusive o termo ditadura, quando relacionado as matérias sobre Zuzu, só apareceu na década de 1990 no O Globo e na Folha de São Paulo. E nos últimos anos selecionados para compor a pesquisa, verificamos que devido a inserção de políticas públicas voltadas para a reparação às famílias das vítimas, as representações da mãe-coragem tornaram-se mais evidentes. Assim, a memória de Zuzu Angel, no período analisado, não foi algo definido, mas que mudou conforme as demandas do presente.

Além disso, a subjetividade do jornalista implicou na construção dessa memória, por relacionar suas experiências, convicções e interesses com os da estilista. Percebemos isto de forma clara nas matérias assinadas por Hildegard Angel, que não deixou de dizer que Zuzu era sua mãe e apresentou o seu interesse em lembrar a luta dela e de seu irmão Stuart. A escrita dos discursos jornalísticos ocorreu de forma dialógica, como salientado por Bakhtin, a partir da coletividade, do contexto social e cultural, e das relações dos indivíduos que as redigiram.

Outro fator importante foi compreender os jornais como Instituições, que fazem parte de um mercado, dispostos a atenderem o interesse de seu público leitor e das empresas que mantêm a sua estabilidade econômica. Por um lado, denunciar os casos de tortura na ditadura militar ou de acidentes propositais, como os de Zuzu, demonstrou que os jornais estavam preocupados com o esclarecimento dos crimes cometidos pelos militares. Por outro lado, falar sobre essa temática também significou que era algo vendável, de interesse do público dos jornais. Isso atesta que os discursos jornalísticos são voltados para um propósito e na maioria das vezes para atender aos interesses do próprio jornal.

Escrever sobre a estilista e cobrar, por exemplo, maiores explicações de sua morte, também contribuiu para a construção da memória da Folha de São Paulo e O Globo, que na década de 1990 não queriam a sua memória associada à concepção de apoiadores do Golpe de 1964. Apoiar um regime que vedou a liberdade de expressão ia contra o próprio princípio da mídia. Assim, eles noticiaram os desaparecimentos, as torturas, a censura, no ideal de que estavam na busca pela verdade.

A memória de Zuzu Angel, nesse sentido, ao longo de 1985 a 1998, em decorrência dos eventos que estavam sendo noticiados, foi enquadrada. Como Pollak destacou o enquadramento de uma memória é um trabalho árduo, que não ocorre rapidamente, mas demanda tempo. Enquadrar significa colocar essas memórias em uma ordem, com uma sequência e uma linearidade. Percebemos essa memória “encaixada” entre 1996 a 1998, em que nos discursos jornalísticos Zuzu é representada como a mãe-coragem que lutou por seu filho. Nesse período, ela foi definida como uma estilista importante para a moda brasileira, que em 1971 precisou reivindicar ao governo explicações sobre o desaparecimento de Stuart, utilizando inclusive da sua profissão como protesto, mas foi silenciada pelos mesmos que assassinaram seu filho em 1976.

Os jornais assim, a partir de eventos ou datas específicas publicaram matérias sobre Zuzu Angel. Com os 10 anos de sua morte, publicou-se a matéria de Ruth Joffily Bezerra em 1986 na Folha de São Paulo, em que foi feita uma biografia da estilista, com destaque para as suas produções consideradas genuinamente brasileiras. Nos 20 anos de sua morte, em 1996,

teve-se uma publicação de Letícia Helena em O Globo, intitulada: Zuzu: o que aconteceu a essa mulher?. Em 1998, em decorrência da aprovação da indenização à família, foi lembrado os 22 anos de sua morte, com a realização da inauguração de uma estátua próxima ao Túnel Zuzu Angel, o evento foi noticiado pelo jornal carioca. Essas datas comemorativas contribuíram para o enquadramento da memória.

Os jornais, também associaram a vida de Zuzu ao dia das mães, como verificamos no editorial do dia 11 de maio de 1996, onde uma matéria que citou o seu nome, assinada por Carlos Heitor Cony, que definiu a estilista como mãe-coragem, teve uma outra matéria, ao lado, sobre o dia das mães. Ou seja, as representações de Zuzu, ao falarem da ditadura, também evidenciaram a maternidade, motivo pelo qual ela teria assumido uma postura contra o regime. Nos discursos jornalísticos, a estilista não recebeu a nomeação de militante, até porque seria militante aquele que se filiou a um partido político de esquerda e que participou da luta armada. Zuzu não se envolveu com a luta armada e não se filiou a um partido. Nas representações Zuzu é definida como mãe, uma mãe coragem.

Como observamos, essa definição de mãe-coragem também surgiu nos jornais, como a exemplo da palavra ditadura, apenas na década de 1990. Essa memória de uma mãe que lutou contra o regime militar só foi possível ser dita e construída quando as demandas do presente questionaram e autorizaram a divulgação de notícias voltadas para as práticas de cerceamento da liberdade durante a ditadura.

Além da questão do tempo da produção dos discursos jornalísticos, têm-se também o lugar no qual foram elaborados. O jornal por ser concebido como o porta voz da sociedade, responsável em informar sobre os acontecimentos importantes de um determinado grupo, tem seus discursos considerados como verdadeiros. Nesse sentido, as representações elaboradas sobre Zuzu, foram concebidas pelos leitores como verídicas, construindo imaginários sociais.

O lugar de fala dos jornais possibilitou construir um imaginário de quem foi Zuzu e de como era o período da ditadura militar, marcado por torturas, exclusão dos direitos humanos, cerceamento da liberdade de expressão, tendo até uma mãe na luta contra a repressão. Esse lugar de fala é repleto de disputas, de grupos que buscam alcançar o seu controle e conseqüentemente de dominar o imaginário social. Como Baczko destacou, os meios de comunicação possibilitam que um único emissor atinja inúmeros receptores, por isso, instituições e indivíduos anseiam por seu controle.

Outro ponto importante, apontado por Baczko, é a forma como a mídia consegue influenciar a sociedade ver um personagem ou um evento;

Daremos um exemplo apenas: ao longo da história, o poder carismático assenta em imaginários sociais que o grupo social projectava sobre o chefe carismático; este último amplificava-os e redistribuía-os, oferecendo ao grupo uma certa identidade colectiva, orientando e canalizando as suas esperanças e angústias, etc. Ora, a propaganda moderna goza de possibilidades técnicas, culturais e políticas que permitem fabricar e manipular as emoções e imaginários colectivos em que assenta o carisma.²⁹⁸

Assim, a mídia influenciou na construção de uma imagem de Zuzu Angel. Os discursos jornalísticos foram produzidos de maneira que as pessoas se sensibilizassem com a estilista, que sofreu e morreu devido ao seu amor materno. Também, ficou evidente a ideia de que a ditadura suprimiu todos os direitos humanos, não poupando uma mãe. Foi essencial durante a pesquisa entender como os jornais Folha de São Paulo e O Globo construíram esse imaginário social.

Ao pesquisar sobre as representações jornalísticas dos jornais Folha de São Paulo e O Globo sobre Zuzu Angel, percebemos o quanto a sua produção parte de várias questões culturais, sociais e políticas. Ao selecionarmos o período de 1985 a 1998 tínhamos a convicção de essas representações não estariam, desde a década de 1980, organizadas em uma sequência ou linearidade, mas que foram construídas em conflitos, relações de poder e na busca por uma legitimação da memória da ditadura militar.

As publicações sobre Zuzu Angel, que conseqüentemente trataram da ditadura militar, são extremamente importantes. Ao publicarem sobre os crimes cometidos pela ditadura e questionarem o acidente automobilístico que tirou a vida da estilista, contribuíram para que um momento de forte repressão da história brasileira não fosse silenciado, mas que os repressores, apesar de estarem protegidos pela Lei da Anistia, não ficassem impunes e serem esquecidos. Por meio dessas matérias, dos questionamentos de vários brasileiros, Comissões foram criadas, livros e filmes produzidos, no intuito de que práticas como as vivenciadas na ditadura não sejam repetidas.

Na pesquisa compreendemos esses jornais como uma fonte riquíssima para estudar e analisar o passado, sem é claro esquecer que a produção dos discursos jornalísticos ocorre em influência de várias questões culturais, sociais e políticas. Entendemos que a produção da memória é uma construção, que seleciona, silencia e hierarquiza determinados eventos. Nos casos dos jornais, eles contribuíram para a construção da memória da vida de Zuzu Angel, na representação de uma mãe-coragem, mas como constatamos no decorrer da pesquisa, essas

²⁹⁸ BACZKO, 1985, p. 291.

representações, até adquirirem a forma como conhecemos atualmente, passaram por diferentes demandas e mudanças, decorrentes do tempo de sua produção.

Na pesquisa levantamos o total de 369 matérias jornalísticas da Folha de São Paulo e de O Globo que citaram o nome da estilista entre 1985 a 1998. Obviamente não conseguimos apresentar todas elas no decorrer do texto e esse não foi o nosso objetivo. A principal ideia foi trabalhar com matérias importantes que puderam demonstrar a construção dessa memória, que foi trabalhada de maneiras diferentes no período do recorte temporal. Foi desenvolver a concepção de a memória são fragmentos, estilhaços, construídos no presente.

Acreditamos que a dissertação possa contribuir com os estudos sobre a vida de Zuzu e da ditadura militar. Um momento tão recente da história brasileira, que possui inúmeras lacunas. Não pretendemos fechar com um ponto final, mas deixamos as reticências, para que a partir desse estudo ou tendo ele como fonte, possam surgir novas hipóteses e problematizações.

Referências Bibliográficas

Fontes de Jornais

A DANÇA ENCONTRA A POLÍTICA NOS PASSOS DE ZUZU ANGEL. **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 23 de out. 1997, p. 8.

ALBUQUERQUE, Patrícia. O ‘debut’ da renda nordestina e da roupa protesto: ternas de mostra no MNBA, a inovação nos materiais e o tom político de Zuzu Angel ainda influenciam a moda brasileira. **O Globo**, Matutina, Ela, 23 de nov. 1996, p. 3.

ANGEL, Hildegard. Eleitos do Itamar. **O Globo**, Matutina, Ela, 29 de ago. 1992, p. 6.

ANGEL, Hildegard. Zulema, mais uma das “locas” argentinas: mãe não descansou na busca da verdade. **O Globo**, Matutina, O Mundo, 04 de jul. 1997, p. 33.

ANGEL, Hildegard. Por Dentro da TV, **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 26 de abr. 1985, p. 8.

ANGEL, Hildegard. Bibi é Zuzu, Coluno Por Dentro da TV, **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 19 de out. 1987, p. 8.

ANGEL, Hildegard. Voltam os ‘anos rebeldes’ sem risco de ir a prisão, **O Globo**, Matutina, Ela, 29 de ago. 1992, p. 7.

AO FILHO MORTO DE ZUZU. **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 21 de out. 1986, p. 3.

BARROS, José D’Assunção. Memória e História: uma discussão conceitual. In: **Revista Tempos Históricos**. Ano I, volume nº 1 – 1999 ao Ano VII – v.7 – 2005.

BEZERRA, Ruth Joffily. Zuzu Angel: entre bordados e moda política. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 mar. 1996. Casa e Companhia, p. 5.

CASO ZUZU ANGEL TEM INDENIZAÇÃO REJEITADA. **Folha de São Paulo**, Primeiro Caderno, 08 de ago. de 1997, p. 8.

CASTRO, Tamar de. “Seu filho está sendo morto agora”. **Folha de São Paulo**, Primeiro Caderno, Nacional, 2 de set. 1979, p. 1, 8, 9.

CEM MIL NA RUA, AI-5 NA CONTRAMÃO, **O Globo**, 13 de nov. de 1989, p. 11.

CONSELHO quer dados sobre os desaparecidos, **O Globo**, Matutina, O País, 23 de set. 1987, p. 6.

CONY, Carlos Heitor. Zuzu Angel. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 11 maio. 1996. Primeiro Caderno. p. 2.

EMBALAR O FILHO, OBSESSÃO DE MÃE FERIDA PELA DOR: NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS DE VIDA, ZUZU SÓ PENSAVA EM DENUNCIAR A TORTURA E O ASSASSINATO DE STUART E RECUPERAR O CORPO. **O Globo**, Matutina, O País, 14 de mai. 1997, p. 12.

GOMES, Oswaldo Pereira. Os militares e a Comissão dos Desaparecidos. **Folha de São Paulo**, Primeiro Caderno, Opinião, 23 de out. 1993, p. 3.

GONDIN, Abnor. Novas testemunhas serão ouvidas no caso Zuzu Angel. In: **Folha de São Paulo**, Primeiro Caderno, 10 de fev. de 1998, p. 7.

JOSÉ LOUZEIRO CONTA 'O CASO JANU'. **O Globo**, Matutina, Jornais de Bairro, Madureira, 2 de jul. 1991, p. 36.

JÚNIOR, CHICO. Zuzu Angel, memória de uma busca, **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 21 de set. 1986, p. 9.

LETICIA HELENA. Zuzu: o que aconteceu a essa mulher. **O Globo**. Rio de Janeiro. 05 abril. 1996. Matutina. p. 3.

LENCASTRE, Carla; BRUM, Angélica. Zuzu é homenageada com Instituto de moda, mas estilistas evitam falar de sua atuação política. **O Globo**, Matutina, Ela, 30 de out. 1993, p. 8.

MAGALHÃES, Mário. Em dia com a cena, **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 01 de ago. 1987, p. 3.

MANDALA ACABA E TONY CARRADO DEVE VIRAR FILME, **Folha de São Paulo**, Primeiro Caderno, 07 de mai. 1988, p. 28.

MARRA, Heloísa. Show de estilo na passarela dos anos 60. **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 08 de dez. 1993, p. 4.

MOSTRA REVÊ CEM ANOS DE MODA NO BRASIL. **Folha de São Paulo**, Ilustrada, 13 de out. 1992, p. 6.

MIRANDA, Ricardo. Laudo contesta a versão oficial da morte de Zuzu: péritos desarquivam inquérito e explicam que, se ela tivesse dormido ao volante, teria lesões na região superior da cabeça. **O Globo**, Matutina, O País, 14 de mai. 1997, p. 10.

QUEM DISSE QUE ANDORINHA NÃO FAZ VERÃO? **O Globo**, Matutina, Geral, 14 de set. 1971, p. 4.

REPERCUSSÃO. **Folha de São Paulo**, Matutina, O País, 15 de mai. 1997, p. 13

REZENDE, Otto Lara. A cordialidade apunhalada. **O Globo**, Matutina, O País, 19 de out. 1986, p. 6.

SIGAUD, Perla. Zuzu Angel. **O Globo**, Matutina, Ela, 14 de abr. 1976, p. 28.

SIGAUD, Perla. Sóbria, elegante e com lista postura, a Princesa deu uma lição de elegância, **O Globo**, Ela, 29 de mar. 1986.

SIGAUD, Perla. Os Valladolid festejam Yara, **O Globo**, Ela, 29 de ago. 1987.

SIGAUD, PERLA. Em memória de Zuzu Angel, curiosa mistura, **O Globo**, Matutina, Ela, 25 de out. 1986, p. 2.

SIGAUD, Perla.. Borbulhantes, Borbulhantes, Borbulhantes, **O Globo**, Matutina, Ela, 13 de jul. 1987, p. 3.

SUED, Ibrahim. **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 15 de abr. 1985, p. 2.

SWANN, Alessandro Porro; ORSINI, Elisabeth; FRÓES, Luciana. As confissões de Swann: a festa. **O Globo**, Matutina, Segundo Caderno, 26 de jan. 1998, p. 3.

TARTAGLIA, César; NEVES, Tânia. Pessoas. **O Globo**, Matutina, Rio, 31 de mar. 1995, p. 12.

TAVES, Rodrigo França. Comissão de desaparecidos rejeita indenização à família de Zuzu Angel: relator alega falta de provas, apesar do laudo que reforçou a tese de assassinato. **O Globo**, Matutina, O País, 08 de ago. 1997, p. 12.

Fontes de Livros

ANGEL, Ana Cristina J. Carta a minha mãe. In: VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

ANGEL, Hildegard J. Seu objetivo se sobrepunha a tudo. In: VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

BAPTISTA, Nilo. Sabia que estava defendendo um morto. In: VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

SODRÉ, Nelson W. Os fatos e as palavras. In: VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

VALLI, Virgínia. **Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

VASCONCELLOS, Antonio M. Como conheci Zuzu Angel. In: VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

VENTURA, Zuenir. Quem é essa mulher?. In: VALLI, Virginia. **Eu, Zuzu Angel, Procuro Meu Filho**. Rio de Janeiro: Philobiblion, 1986.

Fontes Audiovisuais

ANGEL, Hildegard. Depoimento cedido à Comissão Verdade.

ZUZU ANGEL, Arquivo N, **Globo News**, 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lbc8qmYPav0> Acessado em 11 de fev. 2018, às 09h.

Obras acadêmicas

ABREU, Alzira Alves de. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Trad. Jacob A. Pierce. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

ALVES, Maria Helena Moreira. **O Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)**. Trad. Clóvis Marques. Petrópolis: Vozes, 1987.

ARAUJO, Denise. PUHL, Paula. SCHEMES, Cláudia. As manifestações femininas na tela: Zuzu Angel e a moda-protesto. **Revista Labore**. Volume 11, nº 2, abril-junho, 2012.

AZEVEDO, Fernando Antônio. Mídia e Democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 12, nº 1, Abril/Maio, 2006, p. 88-113.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In.: **Enciclopedia Einaudi**. V. 5. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221. (Obras Escolhidas, v. 1).

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-234. (Obras Escolhidas, v. 1).

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

CHATIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 5, nº 11, p. 184.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CONTE, Adriana. VENZON, Bernadete Lenita S. Narrativas poéticas de uma moda brasileira. In: **3º Colóquio de Moda**, Minas Gerais, 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. A campanha das Diretas Já: narrativas e memórias. Associação Nacional de História – **Anais do XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 2007.

DIAS, André Bonsato. O presente da memória: uso do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S. Paulo, entre o ‘golpe de 1964’ e a ‘ditabranda’. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual do Paraná. Curitiba, 2012, 204p.

DINIZ, Eli. A transição política no Brasil: uma reavaliação da dinâmica de abertura. In: SZWAKO, José; MOURA, Rafael; FILHO, Paulo D’Avila (orgs.). **Estado e Sociedade no Brasil: a obra de Renato Boschi e Eli Diniz**. Rio de Janeiro: CNPq, FAPERJ, INCT/PPED, Ideia D, 2016.

ENNE, Ana Lúcia S. Memória, identidade e imprensa em uma perspectiva relacional. **Revista Fronteiras**. Volume VI, número 2, julho/dezembro 2004. p. 105.

FERREIRA, Jorge. GOMES, Angela de Castro. **1964: o golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

FICO, Carlos. Versões e Controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**. Volume 24, nº 47, p.29-60, 2004.

FICO, Carlos. **Além do Golpe: a tomada do poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 18ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREDERICO, Celso. 40 anos depois, *in*: **O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois**. Bauru-SP: EDUSC, 2004.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história e testemunho. In: **Memória e (Res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004, p. 37-58.

GERMANO, Matheus Nascimento. **Neoliberalismo e o Conflito Capital e Trabalho no Brasil (1990-1996)**. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2013.

GUEDES, Nicoli Glória de Tassis. Jornalismo e Construção Social da Realidade: uma reflexão sobre os desafios da produção jornalística contemporânea. **Anais do XXXII do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

HALL, Stuart. O papel da representação. In.: HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO, 2016, 31-113p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002.

JÚNIOR, José Carlos Martines Balieiro. Notas de Análises sobre a Era FHC (1994-2002). **Revista Tópos**, Volume 1, nº01, 2007.

KINZO, Maria D'Alva G. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. **Revista São Paulo em Perspectiva**, número 15, 2001.

KORNIS, Mônica A. As “revelações” do melodrama, a Rede Globo e a construção de uma memória do regime militar. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**. Volume 28, nº 36, 2011.

LACERDA, Carla Cristina D. **Moda como forma de protesto em desfile de Zuzu Angel**: Nova York, setembro de 1971. 2011. Monografia (Especialização) Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes e Design. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: **10º Encontro Nacional de História e Mídia**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCA, Tania Regina. A grande imprensa da metade do século XX. In.: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MACIEL, David. **De Sarney a Collor**: reformas políticas, democratização e crise (1985-1990). Tese. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2008, p. 387.

MACHADO, Vanderlei. Lembranças do pai: por uma história da paternidade nas memórias dos que lutaram contra a ditadura civil militar brasileira. **XI Encontro de História Oral: memória, democracia e justiça**. Rio de Janeiro, 2012.

MAGNO, Maria Ignês Carlos. Sérgio Rezende. Zuzu Angel. Chico Buarque de Hollanda. Lamarca. Charles Dickens. Saberes interligados na narrativa cinematográfica. **Revista Eca**. Volume 12, nº 2, 2007.

MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em Tempos de Império. In.: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MARTUSCELLI, Danilo Enrico. **A crise do governo Collor e a tática do PT**. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2005.

MASTUSCELLI, Danilo. Enrico. Crise política e capitalismo neoliberal no Brasil: a crise do governo Collor (1992), **Anais do V Congresso Latinoamericano de Ciencia Política. Asociación Latinoamericana de Ciencia Política**, Buenos Aires, 2010. p. 4.

MATOS, Olgária. **Discretas Esperanças**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2006.

MENDES, Antônio Manuel; VENTURI, Gustavo. Eleição Presidencial: o Plano Real na sucessão de Itamar Franco. **Revista Opinião Pública**, Volume II, nº 2, dezembro, 1994, p. 60.

MENDONÇA, Daniel de. A vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral e a posição política dos semanários *Veja* e *Isto É*. **Revista Alceu**, Volume 5, nº 10 - p. 164 a 185 - jan./jun. 2005.

MODREI, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In.: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. (orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Do direito à reparação. In: TELES, Janaína (org.). Mortos e desaparecidos políticos: reparação ou impunidade. São Paulo: **Humanistas** / FFLCH / USP, 2001. p. 105.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso**: análise das características substantivas das notícias dos jornais Folha de São Paulo e O Globo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006, 157p.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A ditadura nas representações verbais e visuais da grande imprensa: 1964-1969. **Topoi**, v. 14, n. 26, jan./jul. 2013, p. 62-85.

NETTO, José Paulo. **Pequena História da Ditadura Brasileira** (1964-1985). São Paulo: Cortez, 2014.

NEUMANN, Jaqueline. RISSI, Tais. A moda brasileira: uma avaliação sobre a busca pela essência nas criações internacionais. **4º Colóquio de Moda**, Rio Grande do Sul, 2008.

NORA, Pierre. Entre História e Memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, nº 10, São Paulo, EDUC/PUC-SP, 1981.

PEREIRA; Alfredo Eurico Vizeu Júnior; ROCHA, Heitor Costa Lima da. Jornalismo construtivista: algumas considerações epistemológicas. **Revista Famecos**, v. 18, n. 3, Porto Alegre, set./dez. 2011, p. 752.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p. 39.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, Esquerdas e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Pg. 33-34.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SADER, Emir. **A transição no Brasil**: da ditadura à democracia. São Paulo: Atual, 1990.

SALUM, Brasílio. Governo Collor: Reformismo Liberal e a Nova Orientação da Política Externa Brasileira. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Volume 54, nº 2, 2011, pp. 259-288.

SANTI, Marcos Evandro Cardoso. **Comissões Parlamentares de Inquérito e Democracia no Brasil do Tempo Presente** (1985-2010). Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2012. p. 59.

SEIXAS, Jacy A. Percursos de Memórias em Terras de História: Problemáticas atuais. In: **Memória e (Res) Sentimentos**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2004, p. 37-58.

SELLIGMANN-SILVA, Márcio. Catástrofe, história e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **História, memória, literatura na Era das Catástrofes**. Campinas (SP): Editora Unicamp, 2003. p. 397.

SILVA, Priscila A. **A moda de Zuzu e o campo do design**. Dissertação (Programa de Mestrado em Design) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O tempo da ditadura**: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. p. 242-282.

SILVA, Vanderli Maria. **A construção da política cultural no regime militar**: concepções, diretrizes e programas (1974-1978). Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia. São Paulo, 2001.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUZA, Eliezer Felix. A imprensa como fontes para a pesquisa em história e educação. In: **VII Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas**: História, Sociedade e Educação no Brasil. Unicamp, Campinas, 2009.

SIMILI, Ivana Guilherme. Memórias da dor e do luto: as indumentárias político-religiosas de Zuzu Angel. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano VI, volume 06, nº 18, Janeiro de 2014.

STEFFEN, Lauren. Zuzu Angel, o filme. **Revista Anagrama**. Ano 5, Edição 4, Junho-Agosto, 2012.

TILIO, Rogério. Reflexões acerca do conceito de identidade. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. Volume VIII, Número XXIX, Abr-Jun, 2009. p. 111.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 5 ed. Lisboa: Presença, 1999.

ZANETTE, Paola Flores. **Zuzu Angel e Ronaldo Fraga**: Uma relação entre a moda, política, protestos e atualidade. Monografia. Departamento de Design de Moda e Tecnologia, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2011.

Anexos

Anexo I – Matérias Jornalísticas Publicadas no Jornal Folha de São Paulo que citaram Zuzu Angel entre 1985 a 1998

Ano	Mês	Dia	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Assunto
1985	fevereiro	5	ilustrada	p. 32	Tarso de Castro	Pornopress	Questionou sobre os "mortos" da ditadura militar.
1985	fevereiro	22	primeiro caderno	p. 33	não identificado	Escândalos chegam a TV, em minissérie	Casos de escândalos da ditadura na minissérie Tudo em Cima - TV Manchete.
1985	abril	9	ilustrada	p. 8	não identificado	Wagner Tiso lança hoje o seu "Coração de Estudante"	Lançamento de Wagner Tiso - Coração de Estudante
1985	maio	7	ilustrada	p. 1	Sérgio Augusto	O papel mais difícil de Fernanda	Falou sobre papel mais difícil de Fernanda Montenegro, que precisava decidir se seria Ministra da Cultura ou não. Foi mencionado que faria o filme sobre Zuzu Angel.
1986	março	16	casa e companhia	p. 5	Ruth Joffily Bezerra	Zuzu Angel, entre bordados e moda política	Apresentou a biografia de Zuzu e a sua produção de roupas.
1988	maio	7	primeiro caderno	p. 28	da Surcusal do Rio	Mandala acaba e Tony Carrado deve virar filme	Sobre a escrita de uma peça sobre Zuzu Angel.
1992	outubro	13	ilustrada	p. 6	da reportagem local	Mostra revê cem anos de moda no Brasil	Sobre a realização da mostra Modos de Moda 1890/1990, onde seriam expostas produções de Zuzu Angel.
1994	agosto	28	Mais	4961815	não identificado	Entrelinhas	Prêmio <i>Designer</i>
1995	junho	3	primeiro caderno	p. 12	Emmanuel Neri	Ex-delegado omitiu dados sobre desaparecidos	Ressaltou a morte de Sônia Angel Jones, nora de Zuzu Angel, que foi morta durante o regime militar.
1995	dezembro	12	ilustrada	p. 11	da reportagem local	Rio encerra 1º Congresso sobre moda	Falou sobre o Congresso sobre moda, organizado pelo Instituto Zuzu Angel.

Ano	Mês	Dia	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Assunto
1996	maio	11	primeiro caderno	p. 2	Carlos Heitor Cony	Zuzu Angel	Ressaltou as práticas de Zuzu Angel em busca de seu filho. Apareceu pela primeira vez o conceito de mãe-coragem
1996	julho	6	primeiro caderno	p. 2	Carlos Heitor Cony	A morte de JK	Sobre pessoas influentes que foram mortas durante a ditadura, como JK, Carlos Lacerda, João Goulart e Zuzu Angel.
1996	dezembro	22	revista da Folha	GR13	Geraldo Mello Brandão	Boas de briga	Mulheres Boas de briga - Zuzu como a mãe coragem
1997	abril	18	ilustrada	p. 4881277	não identificado	"Megafone"	Amostra da retrospectiva da moda brasileira com exposição de dois vestidos da Zuzu Angel utilizados como propesto pelo desaparecimento de Stuart.
1997	junho	27	primeiro caderno	p. 268908	Surcusal do Rio	"Brasileira vai expor vestido que comprou"	Sobre a compra de um vestido da Princesa Daiana pelo Instituto Zuzu Angel.
1997	agosto	8	primeiro caderno	p. 252078	não identificado	Família de Zuzu Angel não terá indenização	Sobre a idenização da Comissão Especial de Mortos e desaparecidos Políticos à família de Zuzu Angel.
1997	agosto	8	primeiro caderno	p. 252082	Janio de Freitas	sem título	Sobre a morte de Zuzu Angel e a indenização à família pela Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos.
1997	agosto	8	primeiro caderno	p.252084	da Surcusal de Brasília	Caso Zuzu Angel tem indenização rejeitada	Destacou que a indenização foi rejeitada à família de Zuzu Angel pela Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos.
1997	agosto	8	primeiro caderno	p.252084	da Surcusal de Brasília	Filha de estilista afirma que irá a justiça	Ressaltou que Hidelgard continuaria lutando para receber indenização da morte de Zuzu Angel.
1997	agosto	16	ilustrada	p. 19	Alberto Dines	Fantasmas: Zuzu Angel e a Biblioteca	Sobre o silêncio do caso Zuzu Angel e a inquisição no Brasil
1997	agosto	17	primeiro caderno	p. 4878611	Luiz Francisco Carvalho Fº	Zuzu Angel, a lei e a comissão	Fala o por que da Comissão não aprovar o pedido de indenização à família de Zuzu Angel.
1998	fevereiro	10	primeiro caderno	p. 7	Abnor Gondim (da Sucursal de Brasília)	Regime militar Família de etilista quer ver decisão contrária a indenização Novas	Sobre o pedido de indenização a Comissão Especial de Mortos e desaparecidos políticos

Ano	Mês	Dia	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Assunto
						testemunhas serão ouvidas no caso Zuzu Angel	
1998	fevereiro	12	primeiro caderno	p. 1	não identificado	Advogado diz que viu acidente de Zuzu Angel	Capa - advogado que presenciou o acidente e disse com exclusivade a Folha SP
1998	fevereiro	12	primeiro caderno	p. 8	Luiz Caversan	Carro de estilista foi atingido, diz advogado	Sobre a morte de Zuzu Angel e o acidente automobilístico
1998	fevereiro	12	primeiro caderno	p. 8	Luiz Caversan e Mário Magalhães	Acidente deixa sequelas em testemunha	Sobre a morte de Zuzu Angel e uma nova testemunha que poderia trazer revelações ao caso.
1998	fevereiro	13	primeiro caderno	p. 600035	Luiz Caversan	Mistérios	Ressaltou Zuzu Angel como uma das mais comoventes personagens da ditadura militar.
1998	fevereiro	13	primeiro caderno	p. 600076	da Sucursal do Rio	Testemunham não viram corpo de Zuzu	Sobre o caso Zuzu Angel na Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos.
1998	fevereiro	14	primeiro caderno	p. 9	Mário Magalhães	Comissão vai realizar nova votação sobre caso Zuzu Angel	Mencionou que a Comissão vai votar novamente sobre o pedido de indenização.
1998	fevereiro	20	primeiro caderno	p. 603446	Mário Magalhães	Fotos de peritos reforçam versão de testemunhas	Sobre o acidente automobilístico e as novas versões.
1998	fevereiro	20	primeiro caderno	p. 603446	da Sucursal do Rio	Zuzu é tema de samba	Falou sobre o enredo de samba da Escola Em Cima da Hora de 2018.
1998	fevereiro	21	Carnaval	p. 2	não identificado	sem título	Escola Em Cima da Hora homenageou Zuzu Angel no Carnaval do Rio de Janeiro.
1998	fevereiro	21	Ilustrada	p. 4	José Simão	Carnaval do Rio terá barco alegórico!	Crítica ao Carnaval do Rio de Janeiro.
1998	fevereiro	23	primeiro caderno	p. 5	Mário Magalhães	Foto contradiz laudo do caso Zuzu Angel	Sobre a investigação da morte de Zuzu Angel.

Ano	Mês	Dia	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Assunto
1998	fevereiro	23	primeiro caderno	p. 5	Mário Magalhães	Testemunhos têm lacunas	Mencionou a contradição dos testemunhos sobre o acidente automobilístico da Zuzu Angel.
1998	fevereiro	23	primeiro caderno	p. 5	Mário Magalhães	Nova decisão sai no dia 25	Ressaltou que com as testemunhas o "caso" foi revisto e no dia 25 uma nova decisão seria tomada.
1998	fevereiro	23	primeiro caderno	p.5	Mário Magalhães	Périto defende investigação realizada na época	Entrevista com o périto que assinou o laudo do acidente de Zuzu.
1998	fevereiro	25	ilustrada	p. 4	José Simão	Faça como Chico, levante a Mangueira!	Sobre o carnaval de 1998, edição que teve muitas "cabeças".
1998	março	23	primeiro caderno	p. 9	Mário Magalhães	Parecer derruba laudo do caso Zuzu Angel	Sobre o novo laudo que derrubou o laudo técnico da Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos.
1998	março	23	primeiro caderno	p. 9	Mário Magalhães	Perito diz que pode haver erro	Falou sobre a possibilidade do laudo do acidente ser errôneo.
1998	março	23	primeiro caderno	p. 9	Mário Magalhães	Envolvidos preferem silenciar	Ressaltou que as pessoas que presenciaram o acidente preferem não testemunhar.
1998	março	23	primeiro caderno	p. 9	Mário Magalhães	General faz crítica à atual investigação	General afirma que não se deve investigar o caso Zuzu Angel, uma vez que todos foram perdoados pela anistia
1998	março	26	primeiro caderno	p. 1	não identificado	União vai indenizar família de Zuzu Angel	Sobre a aprovação do pedido de indenização pela Comissão.
1998	março	26	primeiro caderno	p. 13	Abnor Gondim (da Sucursal de Brasília)	Zuzu Angel foi assassinada, diz comissão	Sobre a aprovação do pedido de indenização pela Comissão.
1998	março	26	primeiro caderno	p. 13	Sucursal do Rio (colaboração Abnor Gondim)	Indenização vai custear filme	Ressaltou que Hildegard, com o dinheiro da indenização, produziria um documentário sobre Zuzu com o intuito de ser transmitido nas escolas.
1998	abril	2	ilustrada	p. 10	Pedro Alexandre Sanches	"Filme é coração e mente", diz Fernanda	A Folha perguntou a Fernanda Montenegro sobre os motivos que não levaram a gravação do filme sobre Zuzu Angel

Ano	Mês	Dia	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Assunto
					(Reportagem Local)		
1998	abril	15	primeiro caderno	p. 9	não identificado	Zuzu Angel ganha estátua no Rio	Falou sobre a escultura feita por Mazeredo em homenagem a Zuzu Angel, instalada próxima ao túnel Dois Irmãos, que passou a se chamar Zuzu Angel.
1998	abril	23	Primeiro Caderno	p. 3	xxxxxx	Painel do Leitor	Carta de Dilermando Nonato Cruz, questiona se Zuzu Angel era uma guerrilheira.
1998	outubro	23	Primeiro Caderno - Opinião	p. 3	Oswaldo Pereira Gomes	Os militares e a comissão dos desaparecidos	Falou sobre sua atuação na Comissão dos Mortos e Desaparecidos como representante das Forças Armadas. Ressalta que o julgamento de Zuzu Angel, Carlos Lamarca e Marighela foram políticos, já que não morreram nas dependências dos militares.
1998	novembro	28	Ilustrada	p. 8	Da equipe de articulistas	Gervitz leva Cortázar a metrô argentino	Ressaltou as produções do cineasta Roberto Gervitz, que tem por objetivo produzir um filme sobre a estilista Zuzu Angel.
1998	dezembro	12	Acontece	p. 7	Alberto Dines	Memórias da violência 2	Questionou o AI-5, principalmente a violência cometida pelos governos militares, acidentes como os de Zuzu Angel.

Tabela 5 - Matérias Jornalísticas Publicadas no Jornal Folha de São Paulo que citaram Zuzu Angel entre 1985 a 1998.

Anexo II – Matérias Jornalísticas Publicadas no Jornal O Globo que citaram Zuzu Angel entre 1985 a 1998

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1985	abril	15	Matutina - Segundo Caderno	8	Hildegard Angel	Sem título	Sobre os atores escolhidos para a gravação do filme Zuzu Angel
1985	abril	26	Matutina - Segundo Caderno	2	Ibrahim Sued	Sem título	Sobre o Congresso de Serigrafia e a apresentação de uma retrospectiva da vida de Zuzu durante o evento, por ela ser pioneira nessa prática no Brasil
1986	março	29	Matutina - Ela	3	Perla Sigaud (Hildegard)	Sóbria, elegante e com lista postura, a Princesa deu uma lição de elegância	Sobre a visita da Princesa no Brasil e uma convidada que falou a Perla que já utilizou um vestido assinado por Zuzu
1986	abril	13	Matutina - Rio	26	xxxx	Zuzu Angel (10 anos)	Missa de 10 anos da morte de Zuzu Angel
1986	abril	17	Matutina - O País	7	sem identificação	Albagli pede uma solução para o caso Rubens Paiva	Solicitação de Albagli para a reabertura do caso Rubens Paiva e a relação entre o seu desaparecimento e o de Zuzu.
1986	agosto	21	Matutina - Segundo Caderno	10	Hildegard Angel	Zuzu Angel: novela faz homenagem	Hildegard agradeceu à Manoel Carlos homenagem feita à Zuzu na novela
1986	setembro	6	Matutina - Segundo Caderno	6	Carlos Menezes	Sem título	Sobre o Livro Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho.
1986	setembro	13	Matutina - Ela	3	Perla Sigaud (Hildegard)	Sob uma tenda florida, o amor cósmico	Mencionou o lançamento do Livro Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho.
1986	setembro	19	Matutina - Segundo Caderno	7	Carlos Menezes	Livros	Aviso sobre a publicação de resenhas na próxima edição, entre elas, do livro Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho
1986	setembro	21	Matutina - Segundo Caderno	9	Chico Júnior	Zuzu Angel, memória de uma busca	Sobre a luta de Zuzu e a publicação do livro, que preserva a memória de sua luta

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1986	outubro	4	Matutina - Ela	3	Perla Sigaud	Borbulhinhos	Sobre o lançamento do livro Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho
1986	outubro	14	Matutina - Rio	10	Carlos Swann	Sem título	Sobre o lançamento do livro Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho no dia 21 de outubro.
1986	outubro	19	Matutina - O País	6	Otto Lara Resende	A Cordialidade apunhalada	Sobre os crimes contra a humanidade, casos que ainda precisam ser revistos.
1986	outubro	20	Matutina - Segundo Caderno	6	Carlos Menezes	Livros	Sobre o lançamento do livro Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho no dia 21 de outubro.
1986	outubro	21	Matutina - Segundo Caderno	3	não identificado	Ao filho morto de Zuzu Angel	Explicou a luta de Zuzu Angel e porque sua irmã quis escrever o livro.
1986	outubro	21	Matutina - Segundo Caderno	8	Hildegard Angel	Sem título	Sobre o lançamento do livro Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho no dia 21 de outubro
1986	outubro	23	Matutina - Segundo Caderno	10	Hildegard Angel	"Eu Zuzu" esgotou logo	Sobre o lançamento do livro, a presença de famosos e o esgotamento do livro.
1986	outubro	25	Matutina - Ela	2	Perla Sigaud (Hildegard)	Em memória de Zuzu, curiosa mistura	Responde à crítica de que o lançamento do livro "Eu Zuzu" juntou direita e esquerda. Perla defendeu que o evento ocorreu com a presença de inúmeras pessoas de diferentes ideologias, mas teve como objetivo combater a violência, lembrando Zuzu Angel, uma mãe que lutou por seu filho.
1987	julho	13	Matutina - Ela	2	Perla Sigaud (Hildegard)	Borbulhantes	Sobre o contrato de Virginia Valli com a editora Record para o lançamento de uma nova edição do Livro "Eu Zuzu"
1987	agosto	1	Matutina - Segundo Caderno	3	Mário Magalhães	Em dia com a cena	Marcílio Moraes, escritor do especial A grande Família e da peça sobre a vida de Zuzu Angel
1987	agosto	29	Matutina - Ela	2	Perla Sigaud (Hildegard)	Os Valladão festejam Yara	Perla fala que encontrou com a Secretaria de Cultura de Minas Gerais durante o evento e essa falou sobre

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
							uma exposição que faria uma homenagem a Zuzu Angel.
1987	setembro	23	Matutina - O País	6	não identificado	Conselho quer dados sobre os desaparecidos	Sobre a abertura de processo que solicitou a investigação dos desaparecidos políticos da década de 1970, incluindo Stuart, filho da "figurinista Zuzu Angel. Não se utiliza a palavra ditadura.
1987	outubro	19	Matutina - Segundo Caderno	8	Hildegard Angel (Coluna por dentro da TV)	Bibi é Zuzu	Sobre uma peça que seria produzida por Marcílio de Moraes, que retrataria a vida de Zuzu. A protagonista seria Bibi Ferreira, que ficou entusiasmada por interpretar Zuzu, a quem admira.
1989	julho	11	Matutina - Jornais de Barro	46	não identificado	Um estilista nascido na faculdade	Matéria sobre a profissão de Evandro Araújo Júnior, que buscava criar uma moda brasileira. É admirador de Zuzu Angel.
1989	julho	17	Matutina - Jornais de Barro	32	não identificado	Novo Núcleo de Moda em Ipanema	Sobre a criação do Núcleo de Moda em Ipanema, onde foi exibido, em sua inauguração, um documentário de personalidades importantes, dentre elas, Zuzu Angel.
1989	outubro	7	Matutina - Ela	5	Heloísa Marra	Traços que criam moda	Destacou os principais estilistas nacionais. O nome de Zuzu está relacionado ao de Daniel Maia, que começou a trabalhar nessa profissão ao lado dela
1989	novembro	13	Matutina - O País	11	não identificado	Cem Mil na Rua, AI-5 na Contra-mão - Chuteiras e Metralhadores no Brasil do "Milagre"	Abordou os anos de 1960 a 1989. Citou o nome de Zuzu Angel, como a mãe de Stuart, desaparecido político. Não apareceu a palavra ditadura.
1990	junho	11	Matutina - Jornais de Bairros	32	Elisabeth Marins	A moda das primeiras damas	Sobre a exposição das vestimentas das primeiras damas no Museu da República, além de peças de estilistas brasileiros, inclusive de Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1990	setembro	5	Matutina - Primeira Página	1	não identificado (capa)	Descoberto Cemitério de presos políticos	Encontrado um suposto cemitérios com aproximadamente mil e quinhentos corpos. Mesmo local onde se encontrou o corpo de Sônia, esposa de Stuart e nora de Zuzu Angel.
1990	setembro	5	Matutina - O País	10	Marcelo Faria de Barros	Paulistas acham cemitério de presos políticos	Encontrado um suposto cemitérios com aproximadamente mil e quinhentos corpos. Mesmo local onde se encontrou o corpo de Sônia, esposa de Stuart e nora de Zuzu Angel. Não foi utilizada a palavra ditadura, somente: regime militar e repressão. Falou sobre a possibilidade da Polícia Federal investigar o crime.
1991	maio	28	Matutina - Jornais de Bairros	43	não identificado	Violência e miséria como pano de fundo para as suas histórias	Falou sobre as obras literárias de José Louzeiro, dentre elas, "Carne Viva", inspirada em Stuart e Zuzu Angel.
1991	maio	29	Matutina - Jornais de Bairros	29	não identificado	Temas políticos em outras obras do ator	Falou sobre as obras literárias de José Louzeiro, dentre elas, "Carne Viva", inspirada em Stuart e Zuzu Angel. (Obs.: mesmo texto do dia 28 de maio de 1991)
1991	maio	30	Matutina - Jornais de Bairros	83	não identificado	Violência e miséria como pano de fundo para as suas histórias	Falou sobre as obras literárias de José Louzeiro, dentre elas, "Carne Viva", inspirada em Stuart e Zuzu Angel. (Obs.: mesmo texto do dia 28 de maio de 1991)
1991	junho	2	Matutina - Jornais de Bairros	36	não identificado	Violência e miséria como pano de fundo para as suas histórias	Falou sobre as obras literárias de José Louzeiro, dentre elas, "Carne Viva", inspirada em Stuart e Zuzu Angel. (Obs.: mesmo texto do dia 28 de maio de 1991). Na legenda da foto de Louzeiro, fala-se que ele está escrevendo duas minisséries para a Globo.
1991	maio	30	Matutina - Jornais de Bairros	54	não identificado	Violência e miséria como pano de fundo para as suas histórias	Falou sobre as obras literárias de José Louzeiro, dentre elas, "Carne Viva", inspirada em Stuart e Zuzu

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
							Angel. (Obs.: mesmo texto do dia 28 de maio de 1991)
1991	junho	2	Matutina - Jornais de Bairros	36	não identificado	Violência e miséria como pano de fundo para as suas histórias	Falou sobre as obras literárias de José Louzeiro, dentre elas, "Carne Viva", inspirada em Stuart e Zuzu Angel. (Obs.: mesmo texto do dia 28 de maio de 1991)
1991	junho	2	Matutina - Jornais de Bairros (Zona Oeste)	54	não identificado	Violência e miséria como pano de fundo para as suas histórias	Falou sobre as obras literárias de José Louzeiro, dentre elas, "Carne Viva", inspirada em Stuart e Zuzu Angel. (Obs.: mesmo texto do dia 28 de maio de 1991)
1991	junho	2	Matutina - Jornais de Bairros (Niterói)	68	não identificado	O autor mistura fatos de realidade com a ficção	Falou sobre as obras literárias de José Louzeiro, dentre elas, "Carne Viva", inspirada em Stuart e Zuzu Angel. (Obs.: mesmo texto do dia 28 de maio de 1991)
1991	junho	3	Matutina - Jornais de Bairros (Copacabana)	43	não identificado	Stuart Angel também foi tema de um livro, "Em Carne Viva"	Falou sobre as obras literárias de José Louzeiro, dentre elas, "Carne Viva", inspirada em Stuart e Zuzu Angel. (Obs.: mesmo texto do dia 28 de maio de 1991)
1991	junho	11	Matutina - Jornais de Bairros (Tijuca)	59	não identificado	Temática Social e realismo são paixões do escritor	Falou sobre as obras literárias de José Louzeiro, dentre elas, "Carne Viva", inspirada em Stuart e Zuzu Angel. (Obs.: mesmo texto do dia 28 de maio de 1991)
1992	janeiro	25	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Intelectualidade feminina reunida em Niterói em torno da primeira-dama de Cuba, Vilma Spin	Falou sobre o almoço oferecido pela primeira-dama de Niterói a então primeira-dama de Cuba, Vilma Spin. Na ocasião Hildegard encontrou-se com "a lider feminista Rosemaire Muraro" que anunciou um "projeto de vida: 'fazer um livro sobre minha amiga Zuzu Angel'".

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1992	agosto	29	Matutina - Ela	6	Hildegard Angel	Eleitos de Itamar	Hildegard mencionou as pessoas que foram eleitas por Itamar Franco para compor o seu governo e rapidamente pediu as pessoas que possuíam roupas da <i>griffe</i> Zuzu Angel, para entrar em contato com ela, no intuito de compor a Casa de Cultura Zuzu Angel.
1992	agosto	29	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Voltam os "anos rebeldes" sem risco de ir a prisão	Fez uma crítica ao editorial da Folha de São Paulo que questionou a postura de Roberto Marinho, uma vez que apoiou a "revolução" (Hildegard menciona que na sua casa sempre compreenderam como um golpe"). Argumentou que Roberto Marinho apoiou a instauração do regime, mas durante os 21 anos não negou apoio à esquerda, contratando inclusive a jornalista, que publicou matérias sobre a moda de Zuzu Angel e notas sobre o desaparecimento de Stuart.
1992	setembro	12	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	sem título	Sobre a mostra "Modo das Moda 1890/1990", onde seriam expostas peças de artistas brasileiros renomados, inclusive de Zuzu Angel.
1992	outubro	10	Matutina - Ela	3	Jussara Maturo	O país troca de roupa na capital paulista	Sobre a mostra "Modo da Moda 1890/1990", onde seriam expostas peças "engajadas" da Zuzu Angel. Não relacionou as roupas de Zuzu ao regime militar, as definiu como vanguarda.
1993	janeiro	25	Matutina - Segundo Caderno	3	Mauro Ferreira	Cida Moreyra regrava Chico com olhar teatral	Sobre a gravação de um CD de Cida Moreyra com músicas de Chico Buarque. Dentre as músicas está Angélica, composta por Chico em 1977 em homenagem à Zuzu Angel.
1993	maio	1	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Tudo sobre o apê do Siqueira	Mencionou em três linhas, sem grandes explicações, a entrega do Troféu "Zuzu Angel", promovida pelo colunista Bob III.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1993	maio	8	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	xxxxxx	página não está disponível
1993	setembro	10	Matutina - Rio	8	Ricardo Boechat	Angel	Sobre o lançamento de uma peça sobre Zuzu Angel, no seu 18º aniversário de morte. Ressaltou a morte de Zuzu, que continua obscura. Mencionou que ela denunciou no exterior "assassinatos cometidos pela ditadura militar no Brasil". Primeira matéria que utilizou a palavra ditadura.
1993	setembro	25	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Sonho Antigo	Lançamento do projeto do Instituto Internacional de Moda Zuzu Angel. Hildegard, o descreveu como um local onde seria possível expor peças produzidas por Zuzu, realização de mostras e cursos.
1993	outubro	9	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	A história de Tania, a musa caminhoneira	Mencionou a prisão de Tania Drumond. Ao final apresenta os nomes das personalidades, como Lucilia Lopes e Glorinha Pires, que participarão da inauguração do Instituto Zuzu Angel, o primeiro museu de moda da América Latina.
1993	outubro	16	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Lambert na Festa do Palácio	Sobre a roupa que Liliane Sirkes encomendou a Casa Collete para usar no jantar de gala do dia 8 de dezembro, ocasião que se comemoria a inauguração do Instituto Zuzu Angel.
1993	outubro	23	Matutina - Ela	6	não identificado	E até o fim do ano ainda tem mais	Sobre a inauguração do Instituto Zuzu Angel no Palácio da Cidade no dia 08 de dezembro, onde se realizaria um desfile com a retrospectiva dos trabalhos da estilista. Em uma matéria anterior foi mencionado o investimento, em plena crise, no campo da moda, com mais de 46 desfiles no decorrer do ano.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1993	outubro	29	Matutina - Segunda Página	2	não identificado	Instituto de moda vai homenagear Zuzu Angel	Abordou a inauguração do Instituto de Moda Zuzu Angel no dia 8 de dezembro. Ressaltou que os estilistas elogiaram as criações de Zuzu Angel, no entanto não falaram sobre sua figura política.
1993	outubro	30	Matutina - Ela	8	Carla Lencastre com colaboração de Angélica Brum	Zuzu é homenageada com Instituto de moda, mas estilistas evitam falar de sua atuação política	As autoras abordaram a criação do Instituto Zuzu Angel e questionaram a ausência de referência a atuação política da estilista, principalmente na fala dos estilistas que criaram roupas para o desfile de inauguração do Instituto.
1993	outubro	30	Matutina - Ela	8	Hildegard Angel	O povo brasileiro não é pacífico	Hildegard salientou que a moda de Zuzu Angel representou o drama da morte de Stuart pela ditadura militar e destaca o primeiro desfile do moda política feito por ela em Nova York.
1993	outubro	30	Matutina	1 (capa)	sem identificação		Criação do Instituto de Moda para homenagear Zuzu Angel.
1993	outubro	31	Matutina - Rio	18	Mena Fiala	Em memória de Zuzu	Mencionou que o Instituto será presidido por Mena Fiala, sua inauguração ocorreria no dia 08 de dezembro, com um jantar a 600 pessoas, show musical de Bibi Ferreira e outras atrações que lembrariam a vida de Zuzu Angel.
1993	novembro	24	Matutina - Segundo Caderno	3	Zózimo	Roda Viva	Coquetel de lançamento do concurso Vitrines do Natal, que homenageou Zuzu Angel.
1993	novembro	27	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Na guerra da moda, venceu o "glamour"	Sobre a concurso Vitrines do Natal e a inauguração do Instituto no dia 08 de dezembro.
1993	dezembro	4	Matutina - Rio	23	não identificado	A vitrine que vale uma passagem para a Londres	Concurso das vitrines Zuzu Angel, vitrines que destacaram a figura política durante a ditadura.
1993	dezembro	4	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Com meia dúzia de Angelas, o Rio seria outro	Sobre o concurso de vitrines, a participação de grande parte dos lojistas do Rio de Janeiro.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1993	dezembro	5	Matutina - Rio	24	Ricardo Boechat	Expert	Sobre a chegada da jornalista estadunidense Eleanor Lambert, que participaria da inauguração do Instituto Zuzu Angel
1993	dezembro	7	Matutina - Rio	14	não identificado	Loja da Lagoa vence concurso de vitrines	Sobre o resultado do concurso Vitrines, promovido pelo Instituto Zuzu Angel. A loja da estilista Celina Balonna, que representou os anjos, segundo a notícia, a vitrine emocionou Hildegard. O segundo lugar ficou para Renato Amorim que representou Stuart.
1993	dezembro	8	Matutina - Rio	12	Ricardo Boechat	Estilista	Sobre os desenhos feitos por Mariangeles, primeira dama do Rio de Janeiro, das lingerie que seriam exibidas na inauguração do Instituto Zuzu Angel.
1993	dezembro	8	Matutina - Segundo Caderno	3	Heloísa Marra	Lambert: Madonna é 'sans-culotte'	Sobre a presença da crítica de moda estadunidense Lambert na inauguração do Instituto Zuzu Angel.
1993	dezembro	10	Matutina - Segundo Caderno	3	Zózimo e Mauricio Dias	Roda Viva	Mencionou o jantar oferecido a 800 convidados para a inauguração do Instituto Zuzu Angel.
1993	dezembro	10	Matutina - Segundo Caderno	4	Heloísa Marra	Show de estilo na passarela dos anos 60	Sobre a inauguração do Instituto Zuzu Angel. Foi representado um espetáculo que destacou "o protesto" contra a morte de Stuart.
1993	dezembro	11	Matutina - Primeira Página	1 (capa)	não identificado	Ela	"Feliz com o lançamento do Instituto Zuzu Angel de Moda da Cidade do Rio de Janeiro, Hildegard Angel desabafa sobre a sua vida."
1993	dezembro	11	Matutina - Ela	3	Heloísa Marra	Lições de uma PHD em estilo	Entrevista com Lambert. É mencionado que ela estava no Brasil devido a inauguração do Instituto Zuzu Angel, no qual é Presidente do Conselho.
1993	dezembro	11	Matutina - Ela	7	Mara Carvalho (FRONT)	Papo da cidade	Sobre as vestimentas dos convidados da inauguração do Instituto Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1993	dezembro	11	Matutina - Ela	8	Hildegard Angel	Meu jeito de dizer I love you	Hildegard descreveu o desfile/show ocorrido na inauguração do Instituto Zuzu Angel de Moda da Cidade do Rio de Janeiro. Relata que durante anos esteve engasgada, com pessoas olhando torto, que não poderia ser impessoal, uma vez que o Instituto foi um projeto de sua vida.
1993	dezembro	12	Matutina - Segundo Caderno	4	Ibrahim Sued	"From" Brasília e a Fundação do Museu da Moda	Mencionou rapidamente sobre a festa promovida para a inauguração do Museu da Moda em homenagem a Zuzu Angel.
1993	dezembro	13	Matutina - O País	5	Ricardo Amaral	Forças Armadas reconhecem morte de 144 desaparecidos	O reconhecimento, por parte das Forças Armadas, da morte de 144 presos políticos durante o regime militar. Dentre eles, a morte de Stuart, filho de Zuzu e irmão de Hildegard.
1993	dezembro	13	Matutina - O País	5	Wilson Tosta	Na carta confiscada, sofrimento de mãe	Sobre a carta escrita por Zuzu Angel ao general estadunidense Mark Clark, que no entanto foi confiscada. Ressaltou a sua coragem para encontrar o corpo do filho.
1993	dezembro	13	Matutina - O País	5	não identificado	A agonia de Stuart vista por Alexi	Mencionou a carta escrita por Alex Polari, que descreveu a morte de Stuart pelo regime militar.
1993	dezembro	18	Matutina - Ela	8	Angélica Brum	Euforia de uma vovó enxuta: Veluma ainda arranca aplausos numa passarela	Mencionou a jovialidade da manequim Veluma, que desfilou na inauguração do Instituto Zuzu Angel.
1993	dezembro	18	Matutina - Ela	9	Hildegard Angel	Sem título	Fotos da inauguração do Instituto Zuzu Angel .
1993	dezembro	25	Matutina -Ela	3	Lula Rodrigues dos Santos	O que vai passar para 1994	Sobre a criação do Instituto Zuzu Angel, a "primeira <i>fashionista</i> designer do Brasil"

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1994	janeiro	22	Matutina - Ela	8	Hildegard Angel	Sociedade brasileira adere ao celular e reage ao fax	No Carnaval o Prefeito do Rio de Janeiro César Maia, em sua camarote, distribuiria aos convidados "tshirts" com fotografia de Carmem Miranda na frente e menção ao Instituto Zuzu Angel atrás.
1994	abril	17	Matutina - Rio	12	não identificado	Nas butiques, a mania de fazer história	Mencionou Ipanema como a "vitrine do país". Citou Ethel Moura Costa, dona da Bijou Box que dividia vitrines com Zuzu Angel.
1994	maio	21	Matutina - Ela	6	Hildegard Angel	Sem título	Sobre a ida da primeira-dama Mariangeles Maia a Tóquio, onde representaria o Instituto Zuzu Angel e estabeleceria ligações com o Instituto de Moda Dunka Funkoso Gakuin.
1994	junho	9	Matutina - Segundo Caderno	3	Zózimo e Valéria Blanc	Sem título	Legenda de uma foto sobre a exposição "Vestido para amar" promovida pelo Instituto Zuzu Angel.
1994	junho	11	Matutina - Ela	6	Hildegard Angel	Sem título	Sobre a entrega do Prêmio Zuzu Angel por Bob III.
1994	julho	17	Matutina - Rio	20	Cesar Tartaglia e Tânia Neves	Sem título	Sobre a exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onasis", criada por Hildegard e promovida pelo Instituto Zuzu Angel.
1994	julho	17	Matutina - Esportes	12	Heloísa Marra	A corrente que põe a moda para frente	Discutiu sobre a moda da década de 1970, inclusive os bordados e as rendas de Zuzu Angel, que são aceitos atualmente. Abordou uma moda do futebol, que estava presente no Brasil e em outros países. Em outras matérias, na mesma página, abordou-se a ditadura e as diferenças entre as décadas de 1970 e 1990.
1994	julho	23	Matutina - Ela	2	não identificado	O verão nos lançamentos de Rio e SP	Anúncio de um desfile no Instituto Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1994	julho	26	Matutina - Rio	16	não identificado	Sem título	Sobre a desapropriação do prédio da Rua Candelária pelo Prefeito César Maia, onde funcionaria o Instituto Zuzu Angel.
1994	agosto	4	Matutina - Jornais de Bairro	10	não identificado	Aposte na versão 94 do GP	Sobre a corrida de cavalos e exibição dos chapéus participantes do concurso promovido pelo Instituto Zuzu Angel.
1994	agosto	6	Matutina - Ela	5	Lula Rodrigues dos Santos	Amanhã é dia de Jockey	Sobre o Grande Prêmio Brasil. O autor mencionou que os cariocas poderiam reviver com o evento os velhos tempos e os chapéus do concurso promovido pelo Instituto Zuzu Angel.
1994	agosto	10	Matutina - Rio	16	Cesar Tartaglia e Tânia Neves	Sem título	Fala sobre a exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onasis", promovida pelo Instituto Zuzu Angel.
1994	agosto	13	Matutina - Ela	2	Angélica Brum e Lula Rodrigues dos Santos	Babes e Ninfas na moda	Mencionou a exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onasis", promovida pelo Instituto Zuzu Angel, que mantém vivo o prédio histórico do Museu das Belas Artes.
1994	agosto	13	Matutina - Ela	3	Angela Regina Cunha	Hildegard muda as regras do jogo: depois de criar um instituto com o nome da mãe, a estilista Zuzu Angel, a colunista volta a ser notícia com sua reestréia como atriz, em peça de Noel Coward, após 18 anos fora do palco. Mas seu filho deixou porque no texto não há beijos.	Fala sobre a atuação de Hildegard Angel na peça de Noel Coward. Explica que estreou aos 15 anos como atriz, porque escolheu o jornalismo e a sua relação com a história de sua mãe.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1994	agosto	13	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Um gostinho de Acost	Sobre a competição de chapéus promovida pelo Instituto Zuzu Angel.
1994	agosto	25	Matutina - Jornais de Bairro (Zona Sul)	21	não identificado	Rio Design Center no estilo da última moda	Sobre o Prêmio Rio Design de Moda, que premiou a vitrine mais bonita do Shopping Rio Design Center, os jurados pertenciam ao Instituto Zuzu Angel.
1994	agosto	27	Matutina - Ela	2	Angélica Brum	Na contagem regressiva: moda carioca aguarda a chegada da Semana de Estilo promovendo mostras, desfiles e homenagens aos seus mitos	Mencionou os principais eventos de moda realizados durante esse período no Rio de Janeiro. Destacou as vitrines do Shopping Rio Design Center, destacando que não consiste em apenas expor as tendências, mas homenageiar os principais personagens da moda brasileira, inclusive Zuzu Angel. Destacou que a avaliação do Prêmio foi feita pelo Instituto Zuzu Angel.
1994	agosto	27	Matutina - Ela	6	Hildegard Angel	o porquê de Jacqueline K	Destacou a exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onasis", promovida pelo Instituto Zuzu Angel. Destacou que teve a supervisão do Instituto.
1994	setembro	8	Matutina - Jornais de Bairro (Tijuca)	12	Andréa Magalhães	A Tijuca vai dar	Sobre a criação de uma faculdade de moda na Tijuca. Foi utilizada uma fala de Hildegard, mencionada como a vice-presidente do Instituto Zuzu Angel, que concordou que no bairro tem-se uma moda peculiar, que ousaria mais com a construção da universidade (Matéria incompleta).
1994	setembro	8	Matutina - Jornais de Bairro (Tijuca)	a	não identificado	Bairro terá a primeira faculdade	Destacou que a Universidade Veiga de Almeida criaria pela primeira vez um curso superior destinado à moda. Mencionou que o interesse nessa formação surgiu após a criação do Instituto Zuzu Angel, com quem mantém uma parceria. Foi inserida uma fotografia de Hildegard Angel e uma fala dela que

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
							discorre sobre a importância da moda no Rio de Janeiro.
1994	setembro	20	Matutina - Rio	16	César Tartaglia e Tânia Neves	Sem título	Diz que a mãe de Hildegard Angel se sentiria orgulhosa dela, uma vez que nos CIEP Zuzu Angel, inaugurado em 1994 em São Gonçalo, e nas outras unidades, contaria com uma sala de costura.
1994	setembro	21	Matutina - Rio	15	não identificado	Zuzu Angel dá nome a Ciep em São Gonçalo: filha de estilista propoe criação de oficina de costura	Mencionou a inauguração do Ciep, que recebeu o nome de Zuzu Angel e a ideia de criar-se uma sala de costura. Ressaltou que Zuzu era mãe de Stuart, que foi assassinado pela ditadura militar. O governador Nilo, ressaltou a luta de Zuzu em busca de esclarecimentos pela morte do filho.
1994	setembro	24	Matutina - Ela	9	Hildegard Angel	Tucanos arripam em almoço no Glória e Socialites revoam com Gisa para NY	Mencionou a apresentação das manequins mirins durante a inauguração do Ciep Zuzu Angel.
1994	setembro	26	Matutina - Rio	10	César Tartaglia e Tânia Neves	Um modelo para Jackie	Sobre o escutor Paulo Formaggine, responsável por esculpir o rosto da primeira-dama Jacqueline Kennedy, que seria exposto no "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onasis", promovida pelo Instituto Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1994	outubro	1	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Marco Rica: os "hors concours " de todos os prêmios de moda. É nosso Givenchy	Disse que a primeira-dama do Rio de Janeiro, Mariangeles, juntamente com o Instituto Zuzu Angel, convidam para a exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onasis".
1994	outubro	5	Matutina - Segundo Caderno	5	Adriana Pavlova	Palácio da Cidade abre exposição sobre Jackie O.	Sobre a exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onasis", organizada pelo Instituto Zuzu Angel.
1994	outubro	7	Matutina - Segundo Caderno	5	Daniela Name	Rio volta à década de 60 para celebrar Jackie O.	Sobre a exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onasis", organizada pelo Instituto Zuzu Angel.
1994	outubro	8	Matutina - Ela	11	Hildegard Angel	O palácio da Jackie	Sobre a exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onasis", organizada pelo Instituto Zuzu Angel.
1994	outubro	15	Matutina - Ela	4	Angela Regina Cunha	O sonho de virar Jackie	Sobre a exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onasis", organizada pelo Instituto Zuzu Angel.
1994	outubro	15	Matutina - Ela	8	Hildegard Angel	Os points que fazem o Rio borbulhar	Sobre a exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onasis", organizada pelo Instituto Zuzu Angel. Foi mencionado o Prêmio oferecido ao estudante de moda que fizer um trabalho de expressão artística a partir da exposição, o vencedor ganharia uma passagem à Paris.
1994	novembro	3	Matutina - Jornais de Bairro (Zona Sul)	35	não identificado	Um centro de variados eventos	Falou sobre o uso do Palácio da Cidade para eventos, que iniciaram-se em 1993 no jantar de inauguração do Instituto Zuzu Angel.
1994	novembro	3	Matutina - Segundo Caderno	3	Zózimo Barroso do Amaral e Valéria Blanc	Eles e Elas	Sobre a abertura do Clube Americano às mulheres, feita a partir do acordo estabelecido com o Instituto Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1994	novembro	10	Matutina - Economia	22	Míriam Leitão	Corte e Costura	Governador Nilo assinou o decreto de incentivo fiscais a micro-empresas de confecção do Rio de Janeiro. O projeto foi elaborado pelo Instituto Zuzu Angel.
1994	novembro	10	Matutina - Segundo Caderno	3	Zózimo Barrozo do Amaral e Valéria Blanc	Moda no Rio	Sobre os incentivos fiscais promovidos pelo Governador Nilo no campo da moda. Os autores ressaltaram que os incentivos partiram do Instituto Zuzu Angel.
1994	novembro	11	Matutina - Rio	11	não identificado	Indústria da moda ganha incentivo fiscal no Rio	Sobre os incentivos fiscais promovidos pelo Governador Nilo no campo da moda. Os autores ressaltaram que os incentivos partiram do Instituto Zuzu Angel.
1994	dezembro	9	Matutina - Rio Show	14	não identificado	Anjos inspiram mostra no Museu de Belas Artes	Mencionou que as dez vitrines premiadas pelo Instituto Zuzu Angel foram expostas no Museu de Belas Artes, tendo como principal personagem o anjo, que simboliza o natal. Não relacionou a exposição a questão da luta de Zuzu Angel em busca pelo filho assassinado pelo regime militar.
1994	dezembro	15	Matutina - Economia	43	não identificado	Rio investe para ser o maior produtor de roupas do país	Comentou sobre o Rio de Janeiro não ser mais o maior produtor de roupas do país. Mencionou que representantes do setor se reuniram no intuito de homenagear o Instituto Zuzu Angel e discutir estratégias para fortalecer a produção de roupas no Rio de Janeiro.
1994	dezembro	17	Matutina - Ela	8	Hildegard Angel	Sem título	Sobre o aniversário de Tônia Carrera, que ao comemorar seu aniversário fez um texto "comovente" sobre Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1994	dezembro	24	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Tônia comemora 45 anos de palco. No mais novo Teatro do Rio, o do Sesi.	Sobre o aniversário de Tônia Carrera, que ao comemorar seu aniversário fez um texto "comovente" sobre Zuzu Angel. Mesmo texto publicado no dia 17 de dezembro.
1994	dezembro	31	Matutina - Ela	3	Lula Rodrigues dos Santos	O Brasil entrou no glamour em 94	Ressaltou que a moda no Rio de Janeiro invadiu os museus, principalmente com a exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onassis", organizada pelo Instituto Zuzu Angel.
1995	janeiro	7	Segundo Caderno	3	Zózimo Barrozo do Amaral e Vanessa Bueno	Pavor	Mencionou que a camiseta da seleção brasileira de futebol seria renovada, sendo responsável pelo novo desenho o Instituto Zuzu Angel.
1995	fevereiro	4	Matutina - Ela	3	Angélica Brum	Jornalistas à procura da moda brasileira	Sobre a visita de duas jornalistas, Silvana Fanti (revista italiana Collezioni) e Charlotte Deffe (revista francesa L'Officiel), que estavam no Rio de Janeiro afim de escreverem a respeito da moda carioca. Se encontram com Hildegard Angel, que as apresentou algumas roupas produzidas por Zuzu. Segundo Angélica Brum, as jornalistas ficaram encantadas com as produções, pois Zuzu misturava panos finos com rendas do nordeste.
1995	fevereiro	4	Matutina - Ela	4	Heloísa Marra e João Ximenes	Sem título	Sobre o ganhador do prêmio que fizesse uma expressão artística a partir da exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onassis", organizada pelo Instituto Zuzu Angel.
1995	fevereiro	10	Matutina - Rio	12	Cesar Tartaglia e Tânia Neves	Sem título	Falou que a jornalista Hildegard Angel voltou aos bancos escolares. Fez vestibular para o curso de moda da Universidade Veiga de Almeida, que organizou o curso em parceria com o Instituto Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1995	fevereiro	11	Matutina - Ela	2	não identificado	Joãozinho Trinta dará aula de moda	Sobre a mudança de prédio do Instituto Zuzu Angel para o campus da Universidade Veiga de Almeida, onde coordenaria o curso de moda. Ressaltou a importância do curso para transformar o Rio de Janeiro como a sede da moda brasileira.
1995	fevereiro	11	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Estilistas fazem mágica no copa	Hildegard ressaltou a agenda de eventos do Instituto Zuzu Angel para o primeiro semestre de 1995. Ressaltou que os eventos chamariam a atenção inclusive da mídia internacional.
1995	fevereiro	18	Matutina - Rio	18	não identificado	Duas feijoadas pré-carnavalescas	Falou sobre dois eventos pré-carnaval, em que estilistas do Instituto Zuzu Angel foram selecionados para confeccionar as fantasias.
1995	fevereiro	18	Matutina - Segundo Caderno	18	Adriana Pavlova	"Happening" mistura feijão e lingerie: Copacabana Palace reabre feijoada com modelos da elite	Falou sobre dois eventos pré-carnaval, em que estilistas do Instituto Zuzu Angel foram selecionados para confeccionar as fantasias.
1995	fevereiro	19	Matutina - Rio	38	não identificado	Primeira rodada de feijoadas pré-carnavalescas: Moda criada na hora e pérgula: atrações da copa	Falou sobre a feijoada realizada no Copacabana Palace, evento de pré-carnaval, promovido pelo Instituto Zuzu Angel. Mencionou que o evento relembrou os bailes de carnaval, sendo uma ideia de Hildegard Angel.
1995	fevereiro	25	Matutina - Ela		Hildegard Angel	Na pérgula do Copa, estilistas fazem fantasias mágicas para o Magic Ball	Falou sobre a feijoada realizada no Copacabana Palace, evento de pré-carnaval, promovido pelo Instituto Zuzu Angel.
1995	fevereiro	26	Matutina - Segundo Caderno	3	Zózimo Barrozo do Amaral e	Renúncia	Informou sobre a renúncia da primeira-dama do Rio de Janeiro, Mariangeles do cargo de Presidente do Instituto Zuzu Angel. Afirma, que ela criaria uma Comissão da Moda.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
					Valéria Blanc		
1995	fevereiro	27	Matutina - Rio	12	Cesar Tartaglia e Tânia Neves		Ressaltou que o coreógrafo Fábio de Mello, a pedido da diretora Adélia Sampaio, estaria pesquisando uma personalidade da moda para realizar um musical. Referia-se a Zuzu Angel. Inclusive o coreógrafo iria para os Estados Unidos conversar com pessoas que conviveram com Zuzu durante o seu "exílio".
1995	março	4	Matutina - Rio	10	Cesar Tartaglia e Tânia Neves	Sem título	Falou sobre a aula inaugural do curso de moda da Universidade Veiga de Almeida, que seria ministrada por Joãozinho Trinta a pedido do Instituto Zuzu Angel.
1995	março	6	Matutina - Rio	3	Zózimo Barrozo do Amaral e Valéria Blanc	Sem título	Falou sobre a aula inaugural do curso de moda da Universidade Veiga de Almeida, que seria ministrada por Joãozinho Trinta a pedido do Instituto Zuzu Angel.
1995	março	11	Matutina - Ela	2	Angela Regina Cunha	Sem título	Falou sobre a aula inaugural do curso de moda da Universidade Veiga de Almeida, que seria ministrada por Joãozinho Trinta a pedido do Instituto Zuzu Angel.
1995	março	18	Matutina - Rio	14	Cesar Tartaglia e Tânia Neves	Sem título	Ressaltou que o coreógrafo Fábio de Mello, após receber o Estandarte de Ouro irá para o aeroporto. Ele viajaria para Nova York onde concluiria sua pesquisa sobre Zuzu Angel para a elaboração de uma coreografia de balé.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1995	março	31	Matutina - Rio	12	Cesar Tartaglia e Tânia Neves	Sem título	Ressaltou que os 20 anos de morte de Zuzu Angel a ser comemorado no próximo ano (1996) seriam lembrados na Avenida. Informou que ela seria tema de enredo de uma pequena escola de samba, Independentes de Cordovil. Ressaltou que a filha de Zuzu, Hildegard Angel, vibrou com a notícia e mencionou que sua mãe não se importaria em ser tema de enredo de uma escola pequena.
1995	abril	1	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Expo de moda homenageando Jacqueline une Brasil e Estados Unidos no Palácio do Itamaraty	Sobre a exposição "Tributo à elegância de Jacqueline Kennedy Onasis", organizada pelo Instituto Zuzu Angel, que também foi exposta no Palácio do Itamaraty, em Brasília.
1995	abril	2	Matutina - Rio	30	Leticia Helena	A moda está na moda no Rio	Cita as iniciativas públicas e privadas voltadas para o fortalecimento da moda no Rio de Janeiro. Destacou o papel de Hildegard Angel, que criou um Instituto em homenagem a sua mãe e além disso, buscou incentivos para fortalecer o mercado de moda.
1995	abril	2	Matutina - Rio	30	não identificado	Curso superior ensaia os primeiros passos	Sobre o curso de moda da Universidade Veiga de Almeida, o primeiro superior referente a essa área. Ressaltou que foi o curso foi um projeto e seria coordenado pelo Instituto Zuzu Angel.
1995	abril	30	Matutina - Rio	22	não identificado	Doar imóvel para quem quer cuidar é uma boa saída	Discorreu sobre os prédios históricos do Rio de Janeiro, que precisavam ser preservados. Destacou que uma boa maneira de preservá-los seria doá-los para entidades que desejam conservá-los, como o caso do Instituto Zuzu Angel, que cuidaria do Solar do Visconde do Rio Seco, local onde funcionaria o Palácio Internacional da Moda.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1995	maio	14	Matutina - Rio	34	não identificado	Praça Tiradentes está prestes a recuperar o antigo brilho	Sobre a revitalização da Praça Tiradentes, incluindo a restauração do Solar do Visconde do Rio Seco, pelo Instituto Zuzu Angel.
1995	junho	28	Matutina - Segundo Caderno	3	Zózimo Barrozo do Amaral e Valéria Blanc	Roda Viva	Informou que o Instituto Zuzu Angel juntamente com a fábrica Wener e a estilista Lucilia Lopes estão promovendo o Concurso Talento Universitário entre os alunos do curso de moda da Universidade Veiga de Almeida.
1995	julho	22	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Sem título	Mencionou rapidamente o I Congresso Brasileiro de Moda, organizado pelo Instituto Zuzu Angel.
1995	agosto	7	Matutina - Esportes	4	Heloisa Marra	A vingança do chapeleiro maluco	Falou sobre o 2º Prêmio Fly da Chapelaria Nacional, organizado pelo Instituto Zuzu Angel.
1995	setembro	11	Matutina - Segundo Caderno	3	Zózimo Barrozo do Amaral e Valéria Blanc	Sem título	Sobre o I Congresso Brasileiro de Moda, organizado pelo Instituto Zuzu Angel.
1995	setembro	18	Matutina - Rio	9	Evandro Eboli	Alta Costura	Sobre a vinda do estilista Oscar de la Renta para o I Congresso Brasileiro de Moda, organizado pelo Instituto Zuzu Angel.
1995	outubro	7	Matutina - Ela	3	Angela Regina Cunha	A arte de Mena Fiala: exposição vai mostrar os vestidos da criadora da alta costura no Brasil	Sobre a exposição "A arte de Mena Fiala", iniciativa do Instituto Zuzu Angel.
1995	outubro	14	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Borbulhantes	Sobre a Academia Brasileira de Moda, cuja sessão inaugural ocorreria durante o I Congresso Brasileiro de Moda. Participarão da Academia estilistas brasileiros consagradas, como a exemplo de Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1995	novembro	4	Matutina - Ela	1	Edney Silvestre	Brilho de la Renta no Rio	Sobre a vinda do estilista Oscar de la Renta para o I Congresso Brasileiro de Moda, organizado pelo Instituto Zuzu Angel e a Universidade Veiga de Almeida.
1995	novembro	23	Matutina - Jornais de Bairro	24	Andréa Magalhães	Mais uma "moda" da Veiga: a Universidade do Maracanã sediará o I Congresso Brasileiro da Moda	Mencionou a realização do I Congresso Brasileiro de Moda e a concretização da Academia Brasileira de Moda, ambos organizados pelo Instituto Zuzu Angel.
1995	novembro	28	Matutina - Segundo Caderno	2	Paula Miller	A moda na Academia	Discorreu a respeito da abertura do I Congresso Brasileiro de Moda, aberto por Hildegard Angel e a entrega das cadeiras aos membros da Academia Brasileira de Moda.
1996	Janeiro	13	Matutina, Ela	7	Não identificado	Borbulhantes Borbulhantes	Falou sobre o livro da Virgínia Valle, entre eles, o livro eu Zuzu, Angel, procuro meu filho.
1996	Janeiro	20	Matutina, Opinião	7	Eunice Paiva	O martírio dos 'desaparecidos'	Houve uma citação envolvendo o Stuart e a Zuzu Angel, ressaltando o desaparecimento do Stuart e a luta da Zuzu.
1996	Abril	5	Matutina, Primeira Página	1 capa	não identificado	Família quer pôr Zuzu entre desaparecidos	Falou sobre a família, que deseja que coloque o nome da Zuzu na lista oficial das vítimas do regime militar
1996	Abril	5	Matutina, O País	3	Letícia Helena	Zuzu: o que aconteceu a essa mulher	Foi ressaltado a morte da Zuzu, a família que tem o interesse de colocar o nome da estilista na lista oficial de vitimas do regime militar, foi abordado as cartas que a Zuzu deixou para amigos, o modo que o Stuart ficou no Centro de informações e Segurança da Aeronáutica.
1996	Abril	10	Matutinas, Opinião	6	Heloneida Stuart	Cartas dos Leitores	Foi comentado sobre a ida ao restaurante e a conversa que a Heloneida teve com a Zuzu. No caminhar da conversa, Zuzu diz que "eu não sou uma mulher política, sou só uma mãe desesperada".

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1996	Abril	24	Matutinas, Segunda Página	2	Tereza Cruvinel	Sem título	Falou sobre a morte da Zuzu Angel, que completaria vinte anos e convida para uma missa na igreja do Carmo.
1996	Maio	4	Matutinas, Ela	4	não identificado	Zapping	Falou o horário da missa pelos os 20 anos da morte de Zuzu Angel e 25 da morte do Stuart.
1996	Maio	6	Matutina, Rio	14	Não identificado	Sem título	Horário da Missa da Zuzu e do Stuart.
1996	Maio	7	Matutina, o País	5	Não identificado	Notas	Citou previamente a missa da Zuzu e relata o emoção da Hildegard ao ouvir a musica Angélica de Chico Buarque.
1996	Maio	25	Matutina, Rio	14	Não identificado	UNE: Homenagem a Hildegard	Hildegard recebeu uma placa em lembrança às mortes de Stuart e Zuzu Angel.
1996	Junho	6	Matutina, Jornais de Bairro	8	Ana Cecília Santos	Instituto Zuzu Angel faz roupas e arte	A criação do primeiro curso superior de moda do Rio De Janeiro.
1996	Julho	11	Matutina, Jornais de Bairro	20	Não identificado	Vestibular para a moda: inscrições no Zuzu Angel	A abertura do vestibular do curso de moda.
1996	Julho	27	Matutina, Ela	2	Cristina Ramalho e Patrícia Albuquerque	Corisco e Dadá no século XXI	Falou sobre o estilista Eduardo Ferreira, onde ele brincou com formas das roupas e que ele desejava investir na brasilidade assim como a Zuzu Angel.
1996	Agosto	10	Matutina, Ela	7	Hildegard Angel	No Rio, a mais famosa roupa de Christian Dior	Na parte que cita o Instituto Zuzu Angel, relatou que o Dior veio para o Brasil trazido pelo o Instituto.
1996	Agosto	15	Matutino, Rio	17	Não identificado	Zefferino, estilista mineiro, aos 46 anos	Citou a participação do Zefferino no evento que marcou a inauguração do Instituto Zuzu Angel de Moda do Rio de Janeiro.
1996	Agosto	31	Matutina, Ela	8	Patrícia Albuquerque	O 'New look' faz 50 anos	Foi relatado que o Christian Dior foi a estrela da exposição, onde o Instituído Zuzu Angel organizou na universidade Veiga de Almeida

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1996	Setembro	1	Matutina, Boa Chance	4	Marcia Folheto	Corte, costura e imaginação: estilistas faturam alto	Citou o Instituto Zuzu Angel e a criação da faculdade de Moda.
1996	Setembro	7	Matutina, Ela	7	Hildegard Angel	Sem título	Citou a abertura da mostra de Christian Dior, que o Instituto Zuzu Angel realizou.
1996	Setembro	17	Matutina, vestibular	8	Patrícia Faria	Vagas para quem pretende ditar a moda	Falou sobre a valorização do curso de moda no Brasil e que foi graça a uma parceria com o Instituto Zuzu Angel e com a Universidade Veiga de Almeida (UVA).
1996	Setembro	29	Matutina, O País	27	Leandro Fortes e Letícia Helena	Governo poderá indenizar a família de Zuzu Angel	Relatou a importância da indenização pela a morte da Zuzu Angel, que estaria oficialmente na lista de vítimas do regime militar. Na reportagem foi dito a luta que a Zuzu teve que passar para poder recuperar o corpo de Stuart.
1996	Setembro	29	Matutina, O País	27	Leandro Fortes e Letícia Helena	Acidente de carro é contestado por amigos e parentes	Demonstrou a desconfiança da causa da morte da Zuzu e a persistência da família em comprovar que Zuzu Angel foi uma vítima do regime militar.
1996	Outubro	21	Matutina, Rio	12	Cesar Tartaglia e Tania Neves	Pessoas	Relatou que Hildegard Angel inauguraria no Museu Nacional de Belas Artes uma exposição, com objetos da Zuzu Angel Jones
1996	Outubro	26	Matutina, Ela	7	Hildegard Angel	Sem título	Falou sobre a exposição no Museu Nacional de Belas Artes, que iria se realizar no dia 27 de novembro.
1996	Novembro	16	Matutina, Ela	7	Hildegard Angel	Novo cônsul geral da França é uma Brastemp	Relembrou a exposição no Museu Nacional de Belas Artes e citou que haveria documentos importantes para Zuzu, como um mapa que ela utilizou como 'estratégia'.
1996	Novembro	17	Matutina, Segundo Caderno	1 (capa)	Carla Lencastre	As vidas de Zuzu	Relatou a luta pela a busca do corpo do filho Stuart e ressaltou a exposição que ocorreria no Museu Nacional de Belas Artes.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1996	Novembro	17	Matutina, Segundo Caderno	2	Carla Lencastre	Anjos caídos vão povoar as cúpulas do MNBA	Falou sobre a busca que a Zuzu percorreu em busca do corpo do Stuart. Ressaltou também a morte do Stuart e as torturas que ele sofreu durante o período que ele se encontrava na custódia da Força Aérea Brasileira. Por fim foi citado a exposição no Museu Nacional de Belas Artes.
1996	Novembro	17	Matutina, Segundo Caderno	2	Chico Buarque	Uma mulher ferida de morte e rindo'	Contou como Chico Buarque fez em relação a carta que Zuzu Angel deixou para ele, esclarecendo se acontecesse algo com ela, seria o mesmo assassino do Stuart.
1996	Novembro	23	Matutina, Ela	1 capa	Não identificado	Sem título	Só há uma frase "A revolução de Zuzu Angel na moda".
1996	Novembro	23	Matutina, Ela	3	Patrícia Albuquerque	O 'debut' da renda nordestina e da roupa- protesto	Na reportagem Zuzu é lembrada como uma estilística autêntica e que usou a moda como forma de denunciar o regime militar.
1996	Novembro	23	Matutina, Ela	6	Hildegard Angel	Seiler, Muller, Basto, Pinheiro e Junqueira: quinteto maravilha da sociedade, na Galeria Séc. XIX	Falou sobre a exposição no Museu Nacional de Belas Artes.
1996	Novembro	26	Matutina, vestibular	2	João Carlos Leal	A ditadura e os anjos	Falou sobre a ditadura e ressaltou a luta da Zuzu a procura do filho Stuart. A reportagem explicou o porque de Zuzu usar anjos atrás de grades nas estampas. Por fim, lembrou a exposição.
1996	Novembro	27	Matutina, Rio	18	Cesar Tartaglia e Tania Neves	Um anjo para lembrar a amiga /Pessoas	Relatou que Bette Kalache criou um bordado, onde havia um anjo, Zuzu gostou da ideia e usou como logomarca A matéria também citou a exposição no Museu Nacional de Belas Artes.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1996	Novembro	27	Matutina, Segundo Caderno	2	Não identificado	Jantar beneficente antecipa exposição sobre Zuzu Angel	Falou sobre o jantar, que o dinheiro recardado seria revertida para a instalação do museu. Além disso foi citado a forma autêntica de Zuzu, que trazia brasilidade em suas roupas e denunciava o regime militar.
1996	Novembro	29	Matutina, Segundo Caderno	3	Cristina Granato	Zózimo	Relatou quem foi no jantar de abertura do museu onde teria a exposição de Zuzu Angel.
1996	Novembro	29	Matutina, Segundo Caderno	4	Leonardo Alves	Mostra Zuzu Angel tem noite de gala	Falou sobre o jantar beneficente e a luta que a Zuzu passou. Citou a criação do Museu Zuzu Angel de Moda.
1996	Novembro	29	Matutina, Rio Show	6	Carla Lencastre	A trajetória de um anjo torturado	Relembrou a busca de Zuzu por seu filho Stuart, a forma que ela utilizou da moda para denunciar o regime militar e levando esse material para Nova York. Foi citado também a abertura da exposição no Museu Nacional de Belas Artes.
1996	Novembro	30	Matutina, Ela	6	Hildegard Angel	Sem título	Falou sobre a exposição da Zuzu Angel, as pessoas que foram no museu e anunciou o convênio entre o museu e o Instituto Zuzu Angel para a criação do Museu Zuzu Angel de Moda.
1996	Novembro	30	Matutina, Ela	7	Hildegard Angel	Sem título	A exposição da Zuzu Angel e as pessoas que foram visitar o evento.
1996	Dezembro	1	Matutina, Segundo Caderno	3	Não identificado	Zózimo	Ressaltou uma foto onde de Hildegard Angel com Silvinha e Helio Fraga Jr., na inauguração do Museu Zuzu Angel.
1996	Dezembro	28	Matutina, Ela	7	Hildegard Angel	Country requebra e Carmen dá aula magna	Mencionou que Carmen Mayrink Veiga, a convite do Instituto Zuzu Angel, abriu o curso de moda da Universidade Veiga de Almeida

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1997	janeiro	4	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Sem título	Na legenda da foto, Hildegard falou sobre o evento realizado na abertura da exposição "Zuzu Angel - a força do Anjo".
1997	janeiro	11	Matutina - Segundo Caderno	12	Mànya Millen	Um museu à espera de Monet: MNBA inaugura painel de Djanira e um jardim de Burle Max e investe em novas reformas	Falou sobre o painel e o jardim inseridos no Museu Nacional de Belas Artes, que também organizaria um Museu da Moda, onde seria exposto o acervo da estilista Zuzu Angel.
1997	março	24	Matutina - Rio	12	(Coluna Swann)	Lenta defesa	Sobre o adiamento da decisão sobre a morte de Zuzu Angel pela Comissão dos Mortos e Desaparecidos, pois o advogado da família de Zuzu ainda não havia entregado os documentos que agilizaria o processo.
1997	maio	14	Matutina - Primeira Página	1 (capa)	não identificado	Novo laudo reforça a tese de que Zuzu Angel foi assassinada: reexame de inquérito e exumação contestam versão oficial de que estilista dormiu ao volante	Informou que novo laudo contestava a versão oficial de que Zuzu Angel dormiu ao volante, deixando claro de que ela foi assassinada.
1997	maio	14	Matutina - O País	10	Ricardo Miranda	Laudo contesta a versão oficial da morte de Zuzu: peritos desarquivam inquérito e explicam que, se ela tivesse dormido ao volante, teria lesões na região superior da cabeça	Sobre o novo laudo, que apontou que Zuzu Angel não dormiu ao volante, o que contradiz a versão oficial. Foi inserido na página uma reprodução do acidente conforme o novo laudo, explicando a diferença se a causa do acidente fosse a estilista ter dormido ao volante.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1997	maio	14	Matutina - O País	10	Leticia Helena	Análise do inquérito revela um acidente diferente: conclusões de laudo se baseiam também na exumação dos restos mortais da estilista, há 4 meses	Discorreu sobre o laudo realizado a partir da exumação dos restos mortais de Zuzu, que demonstrou que as fraturas no crânio foram do lado esquerdo, sendo que se ele tivesse dormido ao volante, as fraturas deveriam ser na parte frontal. Leticia Helena também questionou o horário da morte da estilista e a presença de uma viatura do 2º BPM no local.
1997	maio	14	Matutina - O País	11	não identificado	Para família, laudo é reviravolta técnica: na opinião do perito que fez agora novo laudo, o inquérito policial feito na época tem várias lacunas	Sobre o laudo realizado em 1976 e suas lacunas. Ressaltou a possibilidade de Zuzu ter sido assassinada.
1997	maio	14	Matutina - O País	11	Carter Anderson	Filha diz que lavou a alma após 21 anos: jornalista acha que versão de acidente do inquérito policial foi sepultada de vez	Referiu-se a uma entrevista com Hildegard Angel, que diz que lavou a alma com novo laudo, comprovando que sua mãe foi assassinada. Ela disse que Zuzu representou a luta de todas as mães, que buscaram pelos filhos mortos e desaparecidos pela ditadura militar.
1997	maio	14	Matutina - O País	12	não identificado	Embalar o filho, obsessão de mãe ferida pela dor: nos últimos cinco anos de vida, Zuzu só pensava em denunciar a tortura e o assassinato de Stuart e recuperar o corpo	Fez uma biografia de Zuzu Angel, destacando a sua busca pelo filho, como primeiro desfile de moda política do mundo. Citou a música Angélica, de autoria de Chico Buarque e Miltoninho, e a publicação do livro Eu, Zuzu Angel, Procuo Meu Filho.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1997	maio	14	Matutina - O País	12	não identificado	Stuart foi obrigada a aspirar gases tóxicos: torturado na base aérea do Galeão, prese teve boca colada a cano de descarga	Falou sobre a morte de Stuart Angel Jones, a carta escrita por Alex Polari, que denunciou o seu assassinato. Tem-se a foto de Zuzu Angel, juntamente com os três filhos, ainda crianças. Ao lado da matéria, foram inseridas frases de Zuzu Angel, como a exemplo: "Eu não tenho coragem. Coragem tinha meu filho. Eu tenho legitimidade".
1997	maio	14	Matutina - O País	12	Heloísa Marra	História estampadas em anjos coloridos e tanques de guerra: estilo Lampião e Maria Bonita em Nova York	Sobre as roupas de Zuzu vendidas nos Estados Unidos, com características brasileiras, a exemplo das rendas nordestinas. Ao final, Marra destacou que as roupas coloridas de Zuzu foram substituídas por tanques, soldados, transformando-se em uma moda política. Diz que a estilista tornou-se uma "costureira intelectual", "especialista em contar em tecidos e cores um triste período de nossa história".
1997	maio	15	Matutina - Primeira Página	1 (capa)	não identificado	Relatório prova que Zuzu era perseguida: agente do DOPS tomaram documento que estilista entregara a general americano sobre morte de filho	Documentos oficiais dos DOPS foram obtidos pelo GLOBO, o que comprovava que Zuzu Angel era seguida pelos agentes de segurança por pelo menos um ano. Segundo o jornal, os documentos foram anexados ao novo laudo e entregues à Comissão dos Mortos e Desaparecidos.
1997	maio	15	Matutina - O País	12	Ricardo Miranda	Relatório prova que Zuzu era vigiada: agente descreve encontro da estilista com general americano, a quem entregou foto do filho Stuart e descreveu sua morte	Mencionou o relatório escrito por agente do DOPS, que comprovava que Zuzu Angel foi vigiada pelos militares. Miranda, descreveu quais eram os documentos entregues a esposa do general estadunidense Mark Clark.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1997	maio	15	Matutina - O País	13	Ricardo Miranda	General aposta que família será idenizada: militar voltará contra, mas acha que prevelacerá a 'lógica política que beneficiou Lamarca e Marighela'	Miranda disse que, o General Oswaldo Pereira Gomes, membro da Comissão Especial, votaria contra a idenização à família de Zuzu, pois não existiam provas suficientes de que ela foi assassinada, além disso a sua morte não ocorreu nas dependências dos militares, o que contradiz a própria lei.
1997	maio	15	Matutina - O País	13	Leticia Helena	Périto afirma que Governo Francês pressionou Brasil: repercussão do caso no exterior forçou a polícia a apressar a investigação	Em entrevista com o périto Élson Rangel Lopes, que assinou o laudo de acidente de trafégo do inquérito policial 118/76, afirmou-se que a investigação da causa do acidente ocorreu de forma apressada, pois teve-se uma pressão por parte da França. Ao final da matéria, Leticia Helena apontou que os legistas, Ivan Nogueira Bastos e Higino de Carvalho Hércules, que fizeram a necropsia, foram acusados pelo grupo Tortura Nunca Mais, por assinarem laudos falsos.
1997	maio	15	Matutina - O País	13	não identificado	As divergências entre o inquérito e o novo parecer	Relacionou as diferenças entre o inquérito de 1976 sobre o acidente e o novo laudo, demonstrando que provavelmente o acidente foi provocado.
1997	maio	15	Matutina - O País	13	vários depoimentos	Repercussão	Depoimentos de pessoas sobre o novo laudo e a possível decisão favorável a idenização à família. Foram 6 depoimentos, apenas um deles diz que o Estado não deve-se responsabilizar pelo acidente.
1997	maio	15	Matutina - O País	14	Isabel de Paula	Comissão abre campanha para localizar corpos: Ministro da Justiça, Milton Seligman, receberá hoje o pedido de que o Governo abra os arquivos da ditadura	Mencionou que os familiares dos desaparecidos políticos da ditadura militar exigiria do governo uma investigação sobre a localização dos corpos dos desaparecidos, dentre eles o de Stuart Angel, filho de Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1997	maio	15	Matutina - O País	14	não identificado	Sem título	Entrevistas com Celso Nenevê, responsável pelo novo laudo da causa do acidente que matou Zuzu Angel. E, com o militante de esquerda Nilmário Miranda, que ressaltou a influência de Zuzu Angel, em relação as outras mães, pois frequentava grandes círculos e tinha acesso aos meios de informação, o que incomodou o regime. Para ele, Zuzu foi uma militante das mães.
1997	maio	15	Matutina - O País	14	não identificado	Idenização para família de Stuart já foi aprovada: no caso de Zuzu, será preciso provar que o acidente foi forjado	Ressaltou que a Comissão dos Desaparecidos havia aprovado o pagamento da idenização à família de Stuart, no caso de Zuzu, era preciso provar que o acidente foi forjado, sendo o primeiro analisado com essa característica pela Comissão.
1997	maio	16	Matutina - O País	12	Hugo Marques	Relator: família de Zuzu poderá ser idenizada	Afirmou que o relator do processo de idenização à família de Zuzu Angel, Luiz Francisco Carvalho, disse que o pedido poderia ser aprovado pela Comissão. Na matéria fez-se um breve relato das causas da morte de Zuzu e explicou-se a trajetória de Stuart Angel, que foi torturado e morto pelas Forças Armadas. Também foi mencionada a fala do General Oswaldo Pereira Gomes, que reconheceria o assassinato apenas se encontrasse no crânio de Zuzu uma bala, para ele o julgamento tornou-se um palanque de questões políticas e para denegrir a imagem das Forças Armadas.
1997	maio	16	Matutina - O País	12	não identificado	Sem título	Entrevista com o advogado e relator Luiz Francisco Carvalho.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1997	maio	17	Matutina - O País	10	não identificado	Advogado de Zuzu usará como prova inquérito arquivado: ele vai apontar as falhas de investigação policial sobre o acidente	Mencionou que o advogado de Zuzu Angel, Luiz Roberto Nascimento Filho, usaria como prova de que o acidente que a matou foi ocasionado pelo regime por meio do inquérito de 1976, que apontava falhas. Novamente fez-se referência ao novo laudo, que desmentiu a versão de que Zuzu dormiu ao volante.
1997	maio	20	Matutina - Opinião	6	não identificado	Carta dos Leitores	Carta escrita pelo relator do caso Zuzu Angel, Luiz Francisco Carvalho, apontou que a entrevista publicada no dia 16 de maio de 1997 não estaria de acordo com a entrevista cedida ao jornalista, pois ainda não deu sua opinião sobre o caso.
1997	junho	26	Matutina - O Mundo	37	não identificado	Instituto Zuzu Angel arremata um dos 79 vestidos de Diana leiloados nos EUA	Hildegard Angel, por meio de uma ligação telefônica, conseguiu arrematar em um leilão um dos vestidos da Princesa Diana, que faria parte do acervo do Museu da Moda.
1997	junho	28	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Frisson sem precedentes na Christie's NY	Falou sobre o leilão das roupas da Princesa Diana e a peça que foi rematada pelo Instituto Zuzu Angel.
1997	julho	4	Matutina - O Mundo	33	Hildegard Angel	Zulema, mais uma das 'locas' argentinas	Sobre o laudo da morte do filho do então presidente da Argentina, Carlos Menem, que comprovava que ele recebeu cinco tiros. No último parágrafo falou sobre Zulema, então esposa de Carlos Menem, que lutou para ter a exumação do corpo do filho, sendo considerada como louca. Hildegard mencionou que o Brasil estava cheio de Zulemas, de Zus e Zuzus, assim como a mãe dela, que lutou para reaver o corpo do filho.
1997	julho	19	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Kim Poor se despede do MAM	Mencionou que a arquiteta Marcia Muller foi convidada a assinar o projeto do Museu Zuzu Angel de Moda, que ocuparia três cúpulas do Museu Nacional de Belas Artes.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1997	julho	27	Matutina - Rio	32	Cesar Tartaglia e Tânia Neves	Sem título	Ressaltou que a Escola de Samba Em Cima da Hora contratou os carnavalescos Ernesto Nascimento e Aclir Gonçalves para tocarem o enredo do próximo ano, sobre Zuzu Angel. Informa que a jornalista Hildegard teria uma reunião com a diretoria e se prontificaria para atrair famosos ao evento.
1997	agosto	7	Matutina - O País	11	Leandro Fortes	Carta de Zuzu Angel descrevia fechada de carro igual à que a matou um ano depois: representante do Exército admite que poderá votar pela indenização à família	Diz que duas surpresas surgiram no caso Zuzu Angel. Primeiro, uma suposta carta sob a posse do jornalista Carlos Castelo Branco, que Zuzu relatou ter sofrido uma fechada no túnel Dois Irmãos, igual a que causou a sua morte. A segunda, referiu-se à mudança de opinião do General Oswaldo Pereira Gomes, que provavelmente votaria a favor do pagamento da indenização.
1997	agosto	8	Matutina - O País	12	Rodrigo França Taves	Comissão de desaparecidos rejeita indenização à família de Zuzu Angel: relator alega falta de provas, apesar do laudo que reforçou a tese de assassinato	Disse que o pedido de pagamento da indenização à família de Zuzu Angel foi negado, pois, para o relator Luiz Francisco Carvalho Filho, faltavam provas para comprovaria o assassinato por autoridades do Estado.
1997	agosto	8	Matutina - O País	12	não identificado	As lágrimas da surpresa: jornalista chora e volta ao Rio com ânimo redobrado	Ressaltou que ao receber a notícia, Hildegard Angel, ficou surpresa e chorou pela decisão da Comissão. Na entrevista, ela disse, que o Instituto Zuzu Angel faria livros, produções de filmes e peças de história que possam manter a história da estilista, principalmente de que ela foi assassinada pela ditadura.
1997	agosto	9	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Consuelo na "Em Cima da Hora"	Mencionou que Consuelo Pereira de Almeida desfilaria no Carnaval, com a Escola Em Cima da Hora, que teria como enredo Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1997	agosto	11	Matutina - O País	4	Franklin Martins	Zuzu Angel	Fez uma crítica à decisão da Comissão dos Mortos e Desaparecidos. Ressaltou que ao não aprovar o novo laudo, aceitou como legítima a versão de que Zuzu Angel morreu ao dormir no volante, desconsiderando as ameaças sofridas pelos militares.
1997	agosto	18	Matutina - Opinião	6	xxxxxxx	Cartas dos Leitores	Carta escrita pelos péricitos Hygino de Carvalho Hercules e Ivan Nogueira Bastos, que criticaram a matéria assinada por Franklin Martins, publicada em 11 de agosto. Para eles, a matéria caluniou a imagem dos péricitos que trabalharam no IML do Rio de Janeiro durante o regime militar, acusando-os de falsificar os laudos.
1997	agosto	22	Matutina - Rio	12	Ricardo Boechet	Justa Homenagem	Mudança no nome do túnel Dois Irmãos para Zuzu Angel. Ressaltou que a estilista morreu no local em 1976, acidente provocado supostamente por grupos ligados à repressão.
1997	agosto	22	Matutina - Rio	17	Cesar Tartaglia e Tânia Neves	Sem título	Ressaltou que o cineasta Daniel Gomez gravou uma contribuição para o evento que aconteceria na Argentina, em comemoração aos 20 anos das mães da Praça de Mayo. No vídeo juntou Miltoninho e Chico Buarque para interpretarem a música Angélica, que foi composta em homenagem a Zuzu Angel.
1997	agosto	29	Matutina - Rio	18	não identificado	Dois irmãos passa a ser chamado Túnel Zuzu Angel: aprovado na Câmara Municipal projeto que homenageia estilista	Citou que por unanimidade a Câmara de Vereadores votou a favor da mudança do túnel Dois Irmãos para Zuzu Angel. Para o vereador Antônio Pitanga (PT), criador do projeto de Lei, a mudança não significou apenas uma homenagem, mas reconheceu a luta da estilista à procura do corpo do filho.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1997	setembro	1	Matutina - O Mundo	11	não identificado	Instituto Zuzu Angel mostrará vestido de Diana em baile: peça foi comprada em junho por US\$ 45 mil num leilão da Christie's	Mencionou que o vestido adquirido pelo Instituto Zuzu Angel em um leilão em junho seria mostrado em um baile, no dia 18 de outubro, no Palácio São Clemente.
1997	setembro	3	Matutina - O Mundo	34	Adriana Blak	Vestido da Princesa já está no Rio: o modelo, arrematado em junho, foi segurado em R\$ 100 mil	Sobre o vestido adquirido pelo Instituto Zuzu Angel. Ressaltou que a peça foi enviada ao Brasil no mesmo dia do falecimento de Diana.
1997	setembro	4	Matutina - O Mundo	38	não identificado	Vestidos viram um negócio lucrativo: roupas de Diana leiloadas por Christie's em junho agora valem duas vezes mais	Ressaltou que os vestidos adquiridos no leilão da Christie's em junho transformaram-se em um negócio, valendo muito mais após sua morte. Foi inserida na matéria uma foto de Hildegard com o vestido arrematado no leilão, pertencente ao acervo do Instituto Zuzu Angel.
1997	setembro	16	Matutina - Rio	12	Ricardo Boechet	Dia de Di	Informa que a Fundação Zuzu Angel incomendou uma réplica do vestido adquirido de Diana. A Xuxa, segundo a matéria, usaria a réplica para pousar à revista Manchete como a princesa de Gales.
1997	setembro	18	Matutina - Jornais de Bairro - Barra	18	não identificado	Zuzu Angel dará nome aos Dois Irmãos: manequins da Rocinha vão desfilar modelos da estilista durante a inauguração das placas	Sobre a mudança do nome do túnel Dois Irmãos para Zuzu Angel. Falou a respeito do interesse do vereador Antônio Pitanga (PT) em realizar um desfile no túnel com roupas produzidas por Zuzu, tendo como manequins moradores da Rocinha. Na matéria, pela primeira vez, a luta de Zuzu foi nomeada como feminista.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1997	setembro	18	Matutina - Segunda Página	2	não identificado	Informa que a ALERJ concedeu a Zuzu Angel	Informa que a ALERJ concedeu a Zuzu Angel o título de cidadã fluminense, <i>post mortem</i> . Ressaltou que o processo que qualificaria a sua morte como atentado político foi arquivado.
1997	setembro	21	Matutina - Rio	22	Ricardo Boechet	Dores Gêmeas	Sobre a vinda das argentinas Carmem Ramiro e Juana de Pargament, que representariam as mães da Praça de Maio na entrega do <i>post mortem</i> a Zuzu Angel.
1997	setembro	23	Matutina - O País	9	não identificado	Notas: Homenagem a Zuzu	Informou que a Assembléia Legislativa concederia no dia 23 de setembro de 1997 duas homenagens a Zuzu Angel, sendo: o de Cidadão do Estado do Rio de Janeiro e o de Bemérito do Estado do Rio.
1997	setembro	27	Matutina - Ela	8	Hildegard Angel	Assembléia Legislativa vive noite única, fundindo a cultura popular à cultura das elites	Sobre a entrega do <i>post mortem</i> à Zuzu Angel. Hildegard ressalta que o evento contou com a presença de intelectuais, políticos, militantes, das mães da Praça de Maio e da Bateria da Escola de Samba Em Cima da Hora.
1997	outubro	16	Matutina - Jornais de Bairro - Barra	24	Elizabete Atunes	Diploma tirado entre agulhas e tesouras: Universidades Veiga de Almeida e Estácio de Sá traçam um novo perfil dos profissionais de moda	Sobre as Universidades Veiga de Almeida e Estácio de Sá que ofereceriam no Rio de Janeiro o curso de moda, sendo que a primeira abriga o Instituto Zuzu Angel.
1997	outubro	20	Matutina - Rio	14	não identificado	Os mais bem vestidos caem no samba: baile arrecada dinheiro para projeto do Museu Zuzu Angel	Falou sobre o Baile dos Mais Bem Vestidos do Brasil, que contou com a presença de 800 convidados. O dinheiro arrecado seria utilizado para a criação do Museu Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1997	outubro	23	Matutina - Segundo Caderno	8	não identificado	A dança encontra a política nos passos de Zuzu Angel: balé tem músicas de Chico Buarque	Diz que a Cia. Moderna de Dança prestaria uma homenagem a Zuzu Angel, nomeada de "Balé Zuzu Angel", em que ressaltaria, conforme a matéria, a trajetória política e profissional da estilista.
1997	outubro	25	Matutina - Ela	4	Hildegard Angel	Nem emergentes, nem tradicionais : a sociedade que prestigiou o 'Baile dos Mais Bem Vestidos", na antiga embaixada em Portugal, foi a sociedade produtiva	Falou sobre o Baile dos Mais Bem Vestidos do Brasil.
1997	novembro	11	Matutina - Vestibular	11	Alba Valéria Medonça	Primeiro curso de moda acaba em samba: formandos da Veiga de Almeida desenham fantasias para o desfile da escola Em Cima da Hora	Sobre o enredo da Escola de samba Em Cima da Hora, que homenagearia Zuzu Angel. Mencionou que os alunos do curso de moda da Universidade Veiga de Almeida desenhariam modelitos para o desfile, sendo este o trabalho de conclusão de curso.
1997	novembro	20	Matutina - Jornais de Bairro - Zona Norte	16	não identificado	Escola homenageia busca de Zuzu Angel pelo filho: Em Cima da Hora, de Calvacanti, lembra luta da figurinista pelo corpo de Stuart Angel Jones	Falou que a escola de samba terá uma missão espinhosa ao retratar a luta de Zuzu Angel em busca de seu filho, Stuart. Além da vida de Zuzu, a escola mostraria questões referentes a ditadura, principalmente dos desaparecidos.
1997	novembro	27	Matutina - Jornais de Bairro - Barra	24	não identificado	Alunos da Barra vencem concurso sobre o natal: os criadores da decoração da mesa 'Terra Brasilis' vão ganhar uma viagem a Nova York	Sobre o concurso da mostra "Que beleza de mesa de Natal", realizada pelo São Conrado <i>Fashion</i> . Venceram o concurso seis alunos do curso superior de moda do Instituto Zuzu Angel e Universidade Veiga de Almeida.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1997	dezembro	9	Matutina - Rio	20	Cesar Tartaglia e Tânia Neves	Sem título	Mencionou o jantar promovido por Regina Rique para cem senhoras. Seria enviada ao jantar, pelo Instituto Zuzu Angel, uma carnavalesca, que venderia camisetas da feijoada da escola Em Cima Da Hora.
1997	dezembro	12	Matutina - Rio	16	Ricardo Bochet	Zona Franca	Informou que no dia 20, no Scala, a Em Cima da Hora, apresentaria as fantasias do próximo enredo em homenagem a Zuzu Angel.
1997	dezembro	25	Matutina - Segundo Caderno	3	Alessandro Porro, Elisabeth Orsini e Luciana Fróes	Pirulitos	Informou que a decoradora Maria Cora Bória seria o anjo principal do carro da escola de samba Em Cima da Hora, que teria como enredo Zuzu Angel.
1998	janeiro	13	Matutina - Rio	14	Cesar Tartaglia e Tânia Neves	Sem título	Disse que a escola Em Cima da Hora fisgou Taís Araújo para desfilar como sua rainha de bateria. Ressaltou que seria uma das poucas atrizes em uma escola que iria para a avenida salpicada de socialites, todas rendendo tributo a Zuzu Angel.
1998	janeiro	17	Matutina - Ela	6	Hildegard Angel	Borbulhantes	Falou sobre a feijoada da Em Cima da Hora, com uma foto das socialites vestidas com a camiseta do evento (Amigos da Zuzu). Ressaltou que a escola, na ala Mães dos Desaparecidos, a embaixatriz Glorinha Paranaguá, que teve seu filho desaparecido, mas conseguiu encontrá-lo.
1998	janeiro	23	Matutina - Segundo Caderno	3	Alessandro Porro, Elisabeth Orsini e Luciana Fróes	Pirulitos	A embaixatriz Ana Silos participaria do desfile da escola Em Cima da Hora, que teria como enredo Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1998	janeiro	24	Matutina - Segundo Caderno	3	Alessandro Porro, Elisabeth Orsini e Luciana Fróes	Hoje é dia de Mulatona no Scala	Sobre a feijoada promovida pela Em Cima da Hora e organizada por Hildegard Angel, que abriu oficialmente o carnaval do Rio de Janeiro.
1998	janeiro	26	Matutina - Rio	13	Leticia Helena	Em Cima da Hora tempera sua feijoada com uma polêmica homenagem a Zuzu: ala das baianas vai desfilar de luto para lembrar as mães dos desaparecidos	Sobre a feijoada realizada pela escola de samba Em Cima da Hora, que apresentou as fantasias do desfile de 98. Para a jornalista, a escola tinha a missão de apresentar "duas Zuzu", a estilista e a militante, sobressaindo a segunda, com baianas vestidas de preto, carro alegórico com escultura de Stuart, escrito que não entenderam que sua luta era para ter um Brasil melhor. Destacou o tema polêmico do enredo da escola, que falaria sobre a ditadura.
1998	janeiro	26	Matutina - Segundo Caderno	3	Alessandro Porro, Elisabeth Orsini e Luciana Fróes	Carnaval: Primeiro ato	Falou sobre a feijoada da Em Cima da Hora e as pessoas que participaram, como o embaixador francês Philippe Lecourtier e a embaixatriz Catherine, a socialite Vera Loyola, dentre outras pessoas.
1998	janeiro	26	Matutina - Segundo Caderno	3	Alessandro Porro, Elisabeth Orsini e Luciana Fróes	As confissões de Swann: A festa	Discorreu sobre a feijoada, principalmente pela escola de samba tratar pela primeira vez de um tema dramático, em que buscava representar a luta de uma mãe a procura de seu filho desaparecido pela ditadura militar. Ressaltou, que se o julgamento das escolas fosse pela emoção, Em Cima da Hora, já teria ganhado.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1998	janeiro	29	Matutina - Jornais de Bairro - Zona Sul	17	Claudia Silva	Estilistas na Sapucaí	Informou que os alunos da Universidade Veiga de Almeida confeccionariam sua própria roupa para o desfile da escola de samba Em Cima da Hora, que homenagearia Zuzu Angel.
1998	janeiro	29	Matutina - Jornais de Bairro - Zona Norte	16	Claudia Silva	Estilistas na Sapucaí	Informou que os alunos da Universidade Veiga de Almeida confeccionariam sua própria roupa para o desfile da escola de samba Em Cima da Hora, que homenagearia Zuzu Angel.
1998	fevereiro	1	Matutina - Jornais de Bairro - Ilha	12	Claudia Silva	Estilistas na Sapucaí	Informou que os alunos da Universidade Veiga de Almeida confeccionariam sua própria roupa para o desfile da escola de samba Em Cima da Hora, que homenagearia Zuzu Angel.
1998	fevereiro	1	Matutina - Jornais de Bairro - Niterói	26	Claudia Silva	Moda na Sapucaí	Informou que os alunos da Universidade Veiga de Almeida confeccionariam sua própria roupa para o desfile da escola de samba Em Cima da Hora, que homenagearia Zuzu Angel.
1998	fevereiro	1	Matutina - Jornais de Bairro - Baixada	12	Claudia Silva	Estilistas na Sapucaí	Informou que os alunos da Universidade Veiga de Almeida confeccionariam sua própria roupa para o desfile da escola de samba Em Cima da Hora, que homenagearia Zuzu Angel.
1998	fevereiro	6	Matutina - Segundo Caderno	3	Alessandro Porro, Elisabeth Orsini e Luciana Fróes	Crônicas de Carnavália	Falou sobre a participação da embaixatriz francesa, Catherine Lecourtier, no desfile da Em Cima da Hora que homenagearia Zuzu Angel.
1998	fevereiro	10	Matutina - Primeira Página	1 (capa)	não identificado	Comissão vai reabrir Caso Zuzu Angel	Informou que o pedido de indenização da família pela morte de Zuzu Angel, pelo Estado, seria reaberto, pois uma testemunha alega ter visto o carro da estilista ser fechado por dois outros.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1998	fevereiro	10	Matutina - O País	10	Hugo Marques	Revelação de testemunha reabre caso Zuzu: deputado depõe em comissão e diz ouviu de um amigo, há 22 anos, que carro da estilista foi fechado	Caso Zuzu Angel foi reaberto, pois uma testemunha afirma ter visto carro da estilista ser fechado por dois outros.
1998	fevereiro	10	Matutina - O País	10	não identificado	Estilista recebia ameaça	Explicou porque Zuzu Angel recebia ameaças do regime militar após o desaparecimento de Stuart.
1998	fevereiro	10	Matutina - Rio	15	Foto: Mariza Lima	Sem título	Foto de Gilda Reis Neto, no Barracão Em Cima da Hora, decorando o carro alegórico "Um anjo feito mulher", homenagem a Zuzu Angel.
1998	fevereiro	11	Matutina - O País	10	Leandro Fortes	Testemunhas do Caso Zuzu deporão semana que vem: nomes de quem pode esclarecer episódio são mantidos em sigilo	Falou sobre a nova testemunha, que viu o carro de Zuzu Angel ser fechado no Túnel Dois Irmãos, além de uma outra testemunha, que afirmou que os policiais chegaram rapidamente ao local.
1998	fevereiro	12	Matutina - Segunda Página	2	não identificado	Advogado diz ter visto Zuzu Angel sofrer atentado em 1976	Sobre o depoimento do advogado Marcos Pires, que poderia mudar o caso Zuzu Angel.
1998	fevereiro	12	Matutina - O País	10	Leandro Fortes	Testemunho de morador muda o caso Zuzu Angel: advogado afirma ter assistido a capotagem da janela de seu apartamento, provocada segundo ele por uma fechada proposital	Sobre o testemunho do advogado Marcos Pires, que viu de um prédio, próximo ao túnel Dois Irmãos, o momento em que Zuzu Angel sofreu uma fechada, o que ocasionou o acidente.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1998	fevereiro	12	Matutina - O País	11	não identificado	Comissão vai ouvir os 03 amigos que presenciaram a caopotagem: Rabello e Josafá estranham rapidez com que polícia chegou	Falou sobre o advogado Marcos Pires, na época estudante de Direito, que disse ter visto o carro de Zuzu ser perseguido por dois outros veículos.
1998	fevereiro	12	Matutina - O País	11	não identificado	Marcos Pires: "vou mostrar como aconteceu"	Entrevista com Marcos Pires, nova testemunha do caso Zuzu Angel.
1998	fevereiro	12	Matutina - Jornais de Bairro - Zona Norte	8	Viviane Marques	Anjos invadem a Avenida para lembrar os anos de chumbo:	Sobre o desfile da escola de samba Em Cima da Hora, que homenagearia Zuzu Angel. Menciona que haveria uma ala com as mães que perderam seus filhos de forma trágica, como as mães da Cinelândia. Citou que Hildegard estava emocionada ao visitar o barracão da escola, para ela: "minha mãe virou um símbolo e o enredo vai além da sua luta pessoal".
1998	fevereiro	13	Matutina - O País	9	Leandro Fortes	Deputado vai pedir a Comissão que reconstitua batida de Zuzu: Nilmário ouve em João Pessoa depoimento de testemunha	Sobre o depoimento do advogado Marcos Pires ao deputado Nilmário Miranda (PT-MG), membro da Comissão. Informou que o deputado pediria ao relator do caso, o advogado Luiz Francisco Carvalho Filho, que o acidente seja reconstituído, pois segundo relato da testemunha, o carro vinha pela esquerda e não pela direita, conforme o laudo de 1997.
1998	fevereiro	13	Matutina - O País	9	não identificado	Amigo confirma versão de advogado que viu acidente: Pires contou o caso para parlamentares, escreveu artigo e falou com o MPB-4, que fez uma canção	Sobre o depoimento de Humberto Rabelo a Nilmário Miranda, que confirmou a versão do advogado Marcos Pires, uma vez que estavam no mesmo apartamento no dia do acidente.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1998	fevereiro	14	Matutina - Segundo Caderno	3	não identificado	Nota: a moda do Carnaval	Sobre o desfile no Carioca Palace, com apresentações de fantasias criadas por alunos do Instituto Zuzu Angel.
1998	fevereiro	15	Matutina - Revista da TV	4	Patrícia Kogut e Rosângela Honor	Na passarela	Informa que Cássia Kiss estréiaria na avenida, pela escola Em Cima da Hora, na ala da justiça.
1998	fevereiro	16	Matutina - Segundo Caderno	3	Alessandro Porro, Elisabeth Orsini e Luciana Fróes	As confissões de Swann: mais uma	Falou sobre a ida, a convite de Hildegard, ao barracão da Salgueiro. Ressaltou que a Em Cima da Hora, que homenagearia Zuzu Angel, não tem nenhuma richa com a Salgueiro e quando as duas entrarem para o mesmo Grupo, com certeza não haveriam brigas.
1998	fevereiro	17	Matutina - Rio	21	Leticia Helena e Solange Duart	Caçula do grupo de acesso A é favorita: Acadêmicos do Cubango promete surpreender na disputa com nove veteranas	Falou sobre a preferência para ganhar o carnaval a escola Acadêmicos do Cubango. Posteriormente, mencionou que as algumas escolas homenageariam grandes figuras, como o caso da Em Cima Hora, que prestaria homenagem a Zuzu Angel e contaria com vários artistas televisivos, como Taís Araújo e Marcos Frota.
1998	fevereiro	18	Matutina - Segundo Caderno	3	Alessandro Porro, Elisabeth Orsini e Luciana Fróes	Crônicas de Carnavália	Falou sobre o ensaio da Em Cima da Hora, que prestaria homenagem a Zuzu Angel. Ressaltou que nos camarotes da Revista Rio, Samba e Carnaval, ficaria entregue ao grupo seletíssimo de convidados da Hildegard Angel.
1998	fevereiro	21	Matutina - Rio	17	Cesar Tartaglia e Tânia Neves	Transformista Zuzu Angel na avenida	Falou que a jornalista Hildegard Angel encontrou a transformista Zuzu Angel, que há 30 anos se apresenta caracterizada de Zuzu. Ela desfilaria pela a Em Cima da Hora.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1998	fevereiro	21	Matutina - Ela	7	Hildegard Angel	Borbulhantes	Sobre o carnaval de 98, o desfile da escola Em Cima da Hora, em que homenagearia Zuzu Angel.
1998	fevereiro	22	Matutina - O País	5	Aziz Filho	No Rio, folia sem distinção partitória: agenda de deputada, lotada, inclui desfile em quatro escolas no Sambódromo	Falou que a senadora Benedita da Silva, promoveu um almoço e recebeu Hildegard Angel, que estava muito contente com o enredo da Em Cima da Hora, em homenagem a sua mãe.
1998	fevereiro	23	Matutina - Rio	14	não identificado	Três mães desfilam sua dor na avenida: no enredo sobre Zuzu Angel, destaque para mulheres cujo filhos sumiram	Sobre a presença de mães que tiveram seus filhos desaparecidos na ditadura e em outros períodos, principalmente na década de 1990. Ressaltou a fala de Hildegard, que disse que foi como um desabafo o desfile.
1998	fevereiro	23	Matutina - Rio	14	Alba Valéria Mendonça e Cláudia Silva	Sapucaí é palco de disputa acirrada no Grupo A: apresentações equilibradas marcam desfile da maioria das escolas que estão de olho nas 2 vagas do Grupo Especial	Discorreu sobre os desfiles do Grupo A, inclusive da Em Cima da Hora, que segundo a matéria, ficou com um cheiro de perfume francês no ar, com políticos, socialites, políticos, artistas que homenagearam Zuzu Angel.
1998	março	25	Matutina - O País	9	Leandro Fortes	Novo pedido de indenização pela morte de Zuzu Angel em 76 será julgado hoje: caso da morte de Iara Lavelberg, mulher de Lamarca, também será apreciado	Falou que o caso de Zuzu Angel seria julgado novamente e no dia da nova decisão a Comissão dos Mortos e Desaparecidos encerraria suas atividades. Ressaltou que foi feito um novo laudo do acidente, que comprovava que Zuzu Angel fez uma freada brusca.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1998	março	26	Matutina - Primeira Página	1 (capa)	não identificado	Governo indenizará os parentes de Zuzu Angel: Comissão reconhece que o acidente que matou estilista foi causado por agentes do regime militar	Informou que a Comissão reconheceu o assassinato de Zuzu Angel pelos órgãos militares, de quatro votos favoráveis e três contra.
1998	março	26	Matutina - O País	11	Leandro Fortes	Governo reconhece que Zuzu Angel foi assassinada: Comissão aprova por quatro votos a três indenização para família de estilista morta em 76 por agentes do regime militar	Sobre a nova decisão da Comissão, que aprovou a indenização à família e reconheceu que os agentes do Estado estavam envolvidos com o acidente que culminou na morte da estilista.
1998	março	26	Matutina - O País	11	não identificado	O fio da meada: mãe em busca de justiça	Sobre os motivos que levaram a Zuzu Angel combater o regime militar.
1998	março	26	Matutina - O País	11	Chico Otavio	"Quero fazer um filme com a história da minha mãe"	Entrevista com Hildegard Angel e sua opinião sobre a nova decisão da Comissão.
1998	abril	4	Matutina - Rio	20	não identificado	Túnel Dois Irmãos vai passar a se chamar Zuzu Angel: estilista também será homenageada com uma escultura na pedra	Ressaltou que após a decisão da Comissão, que reconheceu a morte da estilista por agentes da repressão do governo militar, o túnel onde ela sofreu o acidente receberia seu nome e, além disso, teria uma escultura, do lado de São Conrado, em homenagem a estilista que lutou pela cidadania brasileira.
1998	abril	5	Matutina - Jornais de Bairro - Niterói	6	não identificado	Mulheres de São Gonçalo ganham atenção especial: Centro de Orientação Zuzu Angel já atendeu a	Sobre a atuação do Centro de Orientação Zuzu Angel, que atende mulheres a procura de registro de nascimento ou que sofreram violência doméstica.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
						cerca de 2.600 novos casos em sete meses	
1998	abril	11	Matutina - Rio	15	Cesar Tartaglia e Tânia Neves	Um monumento à persistência (Colunas Pessoas)	Falou sobre a escultura, encomendada por Hildegard Angel a escultora Mazeredo, que seria colocada nas proximidades do Túnel Dois Irmãos, que passaria a ser chamado de Túnel Zuzu Angel.
1998	abril	13	Matutina - Rio	16	xxxxxxx	Zuzu Angel 22 anos (Orbituário)	O Instituto Zuzu Angel convidou para a solenidade da mudança de placas do Túnel Dois Irmãos, que receberia o nome de Zuzu Angel em 14 de abril de 1998. Também ressaltou a realização da missa em lembrança aos 22 anos de morte da estilista.
1998	abril	15	Matutina - Rio	21	não identificado	Túnel Dois Irmãos vai passar a se chamar Zuzu Angel: estilista ganha escultura na Gávea	Falou sobre a cerimônia para a nova nomeação do túnel e sobre a escultura feita em homenagem a Zuzu.
1998	abril	23	Matutina Jornais de Bairro - Barra	12	não identificado	Tramas costuradas na rede da moda: internet é um ótimo canal para quem gosta do mundo 'fashion' e quer entrar na profissão	Salientou que o Instituto Zuzu Angel fez um site, onde poderia encontrar informações de moda, a história do instituto.
1998	abril	27	Matutina - Rio	14	Ricardo Boechat	Zona Franca	Aviso sobre a homenagem póstuma da OAB à estilista Zuzu Angel.
1998	abril	30	Matutina - Jornais de Bairro - Zona Sul	26	Flávia Lopes Caldeira	Mais um brilho para o Brasil na Copa: a artista plástica Mazeredo se	Falou sobre uma exposição da artista plástica Mazeredo em Paris. Ressaltou que suas principais

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
						prepara para expor suas peças em Paris	obras são em homenagem a Ayrton Senna e Zuzu Angel.
1998	abril	30	Matutina - Jornais de Bairro - Tijuca	8	Flávia Lopes Caldeira	Mais um brilho para o Brasil na Copa: a artista plástica Mazeredo se prepara para expor suas peças em Paris	Falou sobre uma exposição da artista plástica Mazeredo em Paris. Ressaltou que suas principais obras são em homenagem a Ayrton Senna e Zuzu Angel.
1998	abril	30	Matutina - Jornais de Bairro - Tijuca	9	não identificado	Talento guardado por 30 anos	Sobre a artista Mazeredo. Na legenda da foto fez referência a escultura feita pela artista em tributo a Zuzu Angel.
1998	maio	4	Matutina - Segundo Caderno	3	Alessandro Porro, Elisabeth Orsini e Luciana Fróes	Sem título	Legenda de uma foto: Hildegard Angel e Helisabeth Accuso durante a homenagem promovida pela OAB a Zuzu Angel.
1998	maio	9	Matutina - O Mundo	2	Berenice Seara	A normalista que ajudou a seqüestrar Elbrick: Iramaya Benjamin, mãe de dois presos políticos, era uma dona de casa comportada até se tornar uma ativista	Sobre Iramaya Benjamin, considerada pela matéria como uma militante. Relatou que ela era uma mãe, que por causa de seus filhos militantes e desaparecidos pela ditadura, tornou-se uma militante, ajudando inclusive no sequestro do embaixador estadunidense. Citou que ela foi a responsável por avisar Zuzu Angel que seu filho havia sido preso.
1998	junho	27	Matutina - Ela	5	não identificado	Papo da Cidade: UVA/IZA	Sobre o desfile dos alunos de moda da Universidade Veiga de Almeida / Instituto Zuzu Angel
1998	julho	7	Matutina - Rio	12	Ricardo Boechat	Zona Franca	Sobre as inscrições de estilistas para desenhar o novo uniforme dos dez mil empregados da CSN. Foi promovido pelo Instituto Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1998	julho	25	Matutina - O País	9	Não identificado	Notas: Indenização de Zuzu	Informou que o decreto de indenização a Hildegard Angel pela morte de Zuzu Angel foi assinado no dia anterior.
1998	julho	31	Matutina - Segundo Caderno	1	Carla Lencastre	Crônicas da emoção: Hildegard Angel prepara a estréia, amanhã, de sua coluna diária no Segundo Caderno	Ressaltou que Hildegard Angel não assinaria mais sua coluna no caderno Ela, uma vez que agora teria uma coluna diária no Segundo Caderno, onde falaria sobre futebol e 'raves'. Ressaltou que ela era filha de Zuzu e irmã de Stuart, ambos vítimas do regime militar.
1998	julho	31	Matutina - Segundo Caderno	4	Carla Lencastre	Hildegard quer glamourizar a vida dos leitores cariocas: colunista também vai falar sobre os problemas da cidade	Falou sobre como Hildegard iniciou sua profissão de colunista social. Informou, que devido a novo coluna diária, abandonaria o cargo de Presidente do Instituto Zuzu Angel. Continuação da página 1.
1998	agosto	15	Matutina - Ela	6	Toni Marques	vis-à-vis	Sobre os talentos do curso de Moda da Universidade Veiga de Almeida em parceria com o Instituto Zuzu Angel.
1998	agosto	20	Matutina - Jornais de Bairro - Zona Sul	40	não identificado	Jovens estilistas buscam inspiração no cinema: alunos formados pelo curso de moda da Veiga de Almeida apresentam seus trabalhos	Sobre o desfile realizado pelos formandos do curso da Universidade Veiga de Almeida em parceria com o Instituto Zuzu Angel.
1998	agosto	20	Matutina - Jornais de Bairro - Barra	23	não identificado	Cinema nacional serve de inspiração para estilistas: alunos formados pelo curso de moda da Veiga de Almeida apresentam seus trabalhos	Sobre o desfile realizado pelos formandos do curso da Universidade Veiga de Almeida em parceria com o Instituto Zuzu Angel.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1998	Agosto	23	Matutina, Economia	40	Gilberto Scofield Jr.	Escolha de novos uniformes da CSN mobiliza a cidade de Volta Redonda	Foi relato que havia um concurso para escolher o uniforme da siderúrgica, onde o Instituto Zuzu Angel de Moda organizou.
1998	Setembro	6	Matutina, O País	15	Rodrigo França e Taves e Paulo Marqueiro	Sem título	Foi relato sobre a violência doméstica e como o Centro Zuzu Angel se posicionou para ajudar uma mãe com quatro crianças pequenas.
1998	Setembro	12	Matutina, Ela	6	Não identificado	Papo da cidade	Houve uma sugestão para reunir todas as academias de moda do Rio para a próxima edição.
1998	Setembro	19	Matutina, Ela	6	Heloisa Marra	Troca de turno	Que as roupas inspiradas no estilos militares estavam mais presentes na vida das pessoas. Quem explicou essa febre foi o estilista vencedor do concurso de uniformes para funcionários da Companhia Siderúrgica Nacional, organizado pelo o Instituto Zuzu Angel de Moda.
1998	Novembro	5	Matutina, Jornais de Bairro	15	Não identificado	Doze candidatas em campanha natalina	Há uma competição com o título de mesa de Natal mais bonita, onde no ano de 1997, a mesa vencedora foi a "Teraa Brasilis", com participação dos alunos do Instituto Zuzu Angel da Universidade Veiga de Almeida.
1998	Novembro	10	Matutina, Segundo Caderno	2	Não identificado	Notas	Foi organizado no Teatro Tereza Rachel um baile, onde relatou o envolvimento político até o trabalho de moda de Zuzu Angel
1998	Novembro	14	Matutina, Ela	6	Não identificado	Papo da cidade	Um grupo de alunos do Curso Superior de Moda da Universidade Veiga de Almeida e o Instituto Zuzu Angel iriam ao <i>Biennale della Moda Firenze</i> .
1998	Novembro	24	Matutina, Segundo Caderno	3	Hildegard Angel	Borbulhantes	Foi relatado sobre o balé Zuzu Angel, os dias que estão em cartaz e o esforço dos integrantes do teatro.

Ano	Mês	Data	Caderno	Página	Autor	Título da Matéria	Principal Assunto
1998	Dezembro	12	Matutina, Ela	6	Toni Marques	Vitrine/ Famosas	Falou o desfile de formatura dos alunos do Curso Superior de Moda da Universidade Veiga de Almeida com o Instituto Zuzu Angel.
1998	Dezembro	19	Matutina, Ela	6	Toni Marques	Vitrine/Vitoriosas	Falou sobre quem ganhou no desfile de formatura do Curso Superior de Moda de Almeida/ Instituto Zuzu Angel.
1998	Dezembro	22	Matutina, Segundo Caderno	3	Hildegard Angel	Borbulhantes	Que o Natal do Baixo Bebê teria o tema inspirado em Zuzu Angel.
1998	Dezembro	31	Matutina, O País	8	Não identificado	Direitos Humanos	Falou sobre a lei 91.401/95, que reconheceu como mortas pessoas que foram desaparecidas e tinham ligações com a política durante o regime militar. Com isso, além dos benefícios jurídicos, dentre essas famílias estão a família de Zuzu Angel, que receberam indenização.

Tabela 6 - Matérias Jornalísticas Publicadas no Jornal O Globo que citaram Zuzu Angel entre 1985 a 1998